

Caroline Soares de Almeida

**DO SONHO AO POSSÍVEL:  
PROJETO E CAMPO DE POSSIBILIDADES NAS CARREIRAS  
PROFISSIONAIS DE FUTEBOLISTAS BRASILEIRAS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Antropologia Social.  
Orientador: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial.

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Almeida, Caroline Soares de  
Do sonho ao possível : projeto e campo de  
possibilidade nas carreiras profissionais de  
futebolistas brasileira / Caroline Soares de  
Almeida ; orientadora, Carmen Silvia de Moraes  
Rial, 2018.  
254 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social,  
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Futebol Feminino. 3.  
Carreira. 4. Relações de Poder. 5. Globalização. I.  
Rial, Carmen Silvia de Moraes. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação  
em Antropologia Social. III. Título.

CAROLINE SOARES DE ALMEIDA

**Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas  
carreiras profissionais de futebolistas brasileiras.**

Esta Tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de “Doutora em antropologia Social” e aprovada em sua forma final Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vânia Zikan Cardoso

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Silvia Rial. (PPGAS/UFSC – Orientadora)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Luiz Carlos Rigo (UFPel)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Paulo Jorge Pinto Raposo (PPGAS/UFSC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simoni Lahud Guedes (PPGA/UFRJ)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> Fernando Gonçalves Bitencourt (Suplente – IFSC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alícia Norma Gonzalez de Castells (Suplente –  
PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 02 de abril de 2018.



*Ao meu querido Tiago, por estar sempre comigo e tornar tudo isso possível.*



## **A GRADECIMENTOS**

Uma pesquisa é fruto de um processo coletivo no qual procuramos atribuir palavras quando sentamos para escrevê-lo. Esse processo envolveu diversos encontros realizados durante minha trajetória e intensificados nos quatro anos que compuseram o doutoramento. Os agradecimentos são muitos, tantos quanto os afetos, carinhos e aprendizados condensados nas linhas que seguirão.

Primeiro, gostaria de agradecer às minhas interlocutoras – e interlocutores – que partilharam suas experiências e momentos comigo. São pessoas incríveis, de grande talento e histórias excepcionais. A luta travada por essas futebolistas representa a luta das mulheres. Luta pelo espaço que não nos é permitido, contra o desprezo sobre nossas produções e a favor da pluralidade.

À Carmen Rial, minha orientadora, por toda a dedicação, confiança, generosidade, sabedoria e paciência desde a realização da pesquisa de mestrado. Seus ensinamentos no decorrer do curso foram não só imprescindíveis, mas também extremamente aprazíveis ao meu desafio de tornar-se antropóloga. Muito obrigada por tudo!

Gostaria também de agradecer às/aos demais professoras/es do PPGAS/UFSC pelas belas palestras e aulas ministradas no decorrer dos semestres e que certamente contribuíram muito para meu desenvolvimento acadêmico. Agradeço, principalmente, a Teóphilos Rifiotis, Miriam Grossi, Ilka Boaventura Leite e Jean Langdon pelo aprendizado durante as disciplinas oferecidas. Também às/aos professoras/es coordenadoras/es que estiveram à frente do PPGAS durante o período – Edviges Ioris, Evelyn Schuler, Vânia Cardoso, Rafael Devos e Letícia Cesarino – e às/aos secretárias/os que passaram pelo departamento: Zé Carlos, Janaína, João Sol, Mariana, Éder e Ana Corina.

Agradeço ao querido Professor Hélio Silva, etnógrafo fantástico, que transformou parte de seu tempo em aulas preciosas.

Também agradeço às/aos professoras/es Paulo Raposo, Nina Tiesler, Mario Bick, Diane Brown, Luiz Rigo, Fernando Bitencourt, Alícia Castells e Simone Guedes pelas gentis leituras e ótimas considerações sobre meu texto.

À professora Cristiana Bastos e à Maria Goretti Matias pela orientação e acolhida no Instituto de Ciências Sociais da ULisboa.

As/aos queridos colegas da turma de doutorado que dividiram esse período de aprendizagem, debatendo, auxiliando e

confraternizando: Hanna, Luciano, Billie, Anahi, Rocio, Charles, Ricardo, Diógenes, Tati, Edu, Lucas e Felipe. Além de outras/os talentosos colegas que estiveram presentes nesse processo: Hélder, Marcelo, Lorena, Djina, Lino, Alê, Naná, Anna, Marina, Jao, João, Fernando, Virgínia, Edilma, Janaína, Marcela, Felipe, Marinês, Lia, Sati, Matilde, Letícia, Lucas, Rodrigo, Nathália, Lari, Ju, Joca, Lays, Talita, Gabi, Isadora e Beatriz.

Aos colegas do Grupo de Estudos Futebol e Sociedade: Daniel, Cris e Breno.

Também a Lu Castro, Léo, Wagner, Mathias, Leda, Rojo, Enrico, Giancarlo, Martin, Verónica, e Araripe, companheiras/os de pesquisa no esporte com quem muito dialoguei e aprendi.

Às/aos queridas/os Jeff, Carlinha, Matte, Francis e Nelinha, por tornarem Portugal mais doce.

As/aos minhas/meus amigas/os navistas e irmãos de orientação: Cris, Alex, Yuri, Juliano, Lu, Luceni, Damaris, Julinha, Rafa e Silmara.

Às/aos grandes amigas/os, Carlinha, Gui, Drika, Kamilinha, Silvinha, Chiara, Jai, Natan e Fabi, presentes que a antropologia trouxe para minha vida.

Faço um agradecimento especial à Mari, parceira de escrita e amiga do coração, que construiu esta tese junto comigo.

À querida Vera, por todo apoio, amizade e carinho compartilhados.

À CAPES, agência de fomento que financiou esses quatro anos de pesquisa no Brasil e em Portugal.

A minha família, em especial aos meus pais, pelo apoio, conversas e paciência. Também a Carla e David por atender aos meus pedidos de correções dos em inglês.

Ao Tiago, guri que me tornou possível e a quem amo profundamente.

## **RESUMO**

O contexto no qual se desenvolveu o Futebol Feminino no Brasil perpassa por momentos de proibições, restrições e lutas. A primeira regulamentação dessa categoria foi assinada apenas em 1983. De lá para cá, a modalidade tornou-se bastante praticada por mulheres no país. Surgiram clubes, campeonatos, mas o fantasma da proibição ainda permanece travestido na ideia de rejeição, sendo necessário grande empenho dessas atletas para que a categoria não permaneça invisibilizada. Nos últimos anos, no entanto, foram observadas grandes mudanças nos regulamentos da FIFA – tais como a introdução da igualdade de gênero no estatuto da instituição e as novas regras para intermediárias/os – que refletiram diretamente na perspectiva sobre a carreira de futebolistas mulheres. Esta tese tem como objetivo fazer uma análise dessas mudanças, bem como do próprio Futebol Feminino no país. Para tanto, levo em conta a inserção dessas futebolistas em grandes redes de relações sociais, dentro das quais são organizadas e concluídas as etapas referentes ao projeto de carreira. Desenvolvo o argumento de que mudanças as ações de controle e poder influenciam diretamente na delimitação dessa rede e, por conseguinte, na (re)formulação das trajetórias nas carreiras dessas atletas. São elementos importantes na constituição dessa rede, as agências/agentes de gerenciamento de carreiras, as entidades regulamentadoras do futebol, o mediascape, os clubes e os movimentos feministas de futebolistas. Além disso, traço um panorama da movimentação de jogadoras de futebol, tendo em vista os fluxos que levam as futebolistas brasileiras a diferentes gramados ao redor do mundo, com ênfase nos anos de 2016/2017.

**Palavras-chave:** Futebol Feminino; Carreira; Relações de Poder; Corpo; Globalização.



## **ABSTRACT**

The context of Brazilian women's football has developed through moments of banishment, restrictions and struggles. The first regulation of this category was signed only in 1983. Since then, the women's football has become a sport practiced by women all over the country. Clubs and championships have emerged, but the sense of worry of the ban still remains inserted into idea of rejection, needing necessary great commitment of these athletes, so this category do not remain invisible. In recent years, however, big changes have been observed in FIFA regulations - such the introduction of gender equality in the FIFA Statutes and the creation of the Regulations on Working with Intermediaries - which was directly reflected in the careers concept of the women footballers. This work aims to make an analysis of these changes, as well as of Women's Football in Brazil. Thus, I take into account the insertion of these footballers in a large networks of social relations, in which their careers are produced. I develop an argument about which changes the actions of control and power relations directly influence in the delimitation of this network and, consequently, in the (re) formulation of the career projects of these athletes. Therefore, sports management agencies / agents, football regulations, mediascape, clubs and the feminist movements of footballers are important elements in the disposition of this network. In addition, I present a landscape of the women soccer players mobility, in view of the flows that Brazilian players take abroad, with emphasis on the years 2016/2017.

**Keywords:** Women's Football; Career; Power Relations; Globalization; Body;



## **LISTA DE FIGURAS**

- Figura 1 - Ilustração Henfil (Revista Mulherio1981)
- Figura 2 - Primeira Casa.
- Figura 3 - Vista lateral do alojamento atual da equipe.
- Figura 4 - Vista da região norte/nordeste de Araraquara.
- Figura 5 - Boxes do vestiário na Arena da Fonte.
- Figura 6 - Fotografias de "bola parada" (Falta e Lateral) tiradas durante o jogo contra o Foz Cataratas pelo Campeonato Brasileiro (06/04/2016).
- Figura 7 - Última partida jogada pela Ferroviária na *Libertadores Feminina*: início de jogo e coletiva de imprensa.
- Figura 8 - Aquecimento pré-jogo às margens do Rio da Prata.
- Figura 9 - Um dos estádios utilizados na *Taça Allianz*.
- Figura 10 - Revista Placar - Edições das décadas de 1980-90 que abordaram a temática de mulheres atuantes no futebol.
- Figura 11 - Revista *Placar* de Maio de 1997.
- Figura 12 - Capas da *Placar* nos últimos dez anos.
- Figura 13 - Demonstrativo institucional de investimento para o Futebol Feminino do Ministério do Esporte.
- Figura 14 - Memes criados durante os Jogos Olímpicos de 2016.
- Figura 15 - Memes pós desclassificação da Seleção Feminina.
- Figura 16 - Meme postado o *Instagram* da futebolista.
- Figura 17 - Carta das atletas da Seleção à Marco Polo Del Nero.
- Figura 18 - Publicações no *Instagram* de Marta.
- Figura 19 - Exemplos de postagens de amizade e família.
- Figura 20 - Exemplos de *selfies* relativas à profissão.
- Figura 21 - Jogo pela Taça Portugal Futebol Feminino Allianz 2016/17.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Planejamento da semana.

Tabela 2 - Reconhecimento no futebol praticado por mulheres no Brasil.

Tabela 3 - Categorias do *Instagram*.

Tabela 4 - Categorias de migrantes no esporte/futebol.

Tabela 5 - Futebolistas que aturam nos Jogos Rio 2016.

Tabelas 6 - Estrangeiras que atuaram pelo Campeonato Paulista (2013 - 2017).



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Intermediários CBF

Gráfico 2 – UEFA

Gráfico 3 – *Champions League* 2017/2018

Gráfico 4 – Confederação Asiática de Futebol

Gráfico 5 – CONMEBOL e CONCACAF

Gráfico 6 – Estrangeiras em clubes brasileiros

Gráfico 7 – Campeonatos Brasileiro de Futebol Feminino



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AFC – *Asian Football Confederation*

AFE – Associação Ferroviária de Esporte

BID – Boletim Informativo Diário

CAF – *Confederation Africaine de Football*

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CBJD – Código Brasileiro de Justiça Desportiva

CPF – Cadastro de Pessoa Física

CND – Conselho Nacional de Desporto

CNRD – Câmara Nacional de Resolução de Disputas

COCACAF – *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football*

CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol

CTI – Certificado de Transferência Internacional

DBU – *Dansk Boldspil Union*

DRT – Diretoria de Registro, Transferência e Licenciamento de Clubes

FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

FUNDESPORT – Secretaria de Esportes da Prefeitura Municipal

NCAA – *National Collegiate Athletic Association*

NFF – *Norges Fotballforbund*

NWSL – *National Women's Soccer League*

RNI – Regulamento Nacional de Intermediários

RNRTAF – Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol

STJD – Superior Tribunal de Justiça Desportiva

TMS – *Transfer Matching System*

UEFA – *Union of European Football Associations*

WPS – *Women's Professional Soccer*

WUSA – *Women's United Soccer Association*

YMCA - *Young Men's Christian Association*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	25
Sobre o trabalho de campo, a escrita etnográfica e os conceitos levantados.....	29
Característica do Futebol Feminino no Brasil .....	31
Traçando as redes do Futebol Feminino: os caminhos percorridos pela pesquisa.....	33
1. CAPÍTULO UM: A FARRA DOS CONCEITOS ABORDADOS OU CONCEBENDO UM MÉTODO DE PESQUISA .....	39
1.1. Globalização:.....	41
1.2. Relações de poder.....	46
1.3. O Corpo.....	51
1.4. A ideia de carreira no Futebol Feminino brasileiro: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação .....	56
1.5. Métodos etnográficos em mídias sociais como fonte de análise	60
1.6. Considerações finais sobre o capítulo .....	63
2. CAPÍTULO DOIS – O CHEIRO DE LARANJAS, O APITO DO TREM E OS DOIS RIOS: TRÊS DIFERENTES PAISAGENS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO.....	65
2.1. Araraquara: as fotos, o mate e a etnografia na “morada do sol”....	67
2.1.1. A Casa, os treinos e a rotina.....	71
2.1.2. Sendo pesquisadora em campo.....	79
2.1.3. Os jogos da Ferroviária .....	85

2.1.4. A presença de estrangeiras no grupo .....	88
<b>2.2. O Rio da Prata e a Copa Libertadores da América Feminina.....</b>	<b>90</b>
2.2.1. Particularidades do trabalho de campo numa dupla situação de viagem: ou de como correr com os balineses.....	91
<b>2.3. Futebolistas brasileiras em Portugal: o Tejo enquanto um sonho.</b>	<b>93</b>
2.3.1. O Futebol Feminino em Portugal durante a temporada 2016/2017	
95	
<b>2.4. Considerações sobre o final do capítulo:.....</b>	<b>96</b>
<b>3. CAPÍTULO TRÊS: DA LUTA PELA ANISTIA AO “RODAR”: CORPO E AUTONOMIA NA CARREIRA DE FUTEBOLISTAS MULHERES .....</b>	<b>103</b>
3.1. Da violência simbólica ao despertar <i>ciborgue</i> .....	105
3.2. Por um futebol feminino .....	113
3.3. “Marta é melhor que Neymar”: os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e o legado para o Futebol Feminino. ....	130
<b>3.4. Considerações finais sobre o capítulo .....</b>	<b>141</b>
<b>4. CAPÍTULO QUATRO – PROFISSIONALIZAÇÃO, AGÊNCIAS DE PLANEJAMENTO DE CARREIRAS E MÍDIAS SOCIAIS: COMO AS ATLETAS OPERAM A TRANSFORMAÇÃO DO CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO ATUALMENTE. ....</b>	<b>145</b>
4.1. Existe um caminho que leva à profissionalização do Futebol Feminino no Brasil? .....	147
4.1.1. Profissionalismo é igualdade entre as Categorias Feminina e Masculina? .....	155
4.2. As agências de gerenciamento de carreiras.....	167

4.2.1. Quem são essas/es “agentes” que atuam no Brasil? .....	174
4.2.2. Agenciamento de futebolista: as diferenças de operação entre as categorias Feminina e Masculina e a constituição da atividade no Brasil.	
176	
4.3. “Me segue lá no <i>Insta</i> ”: a profissionalização também está na rede.	
184	
4.3.1. Instagram de “boleiras” .....	187
4.4. Considerações finais sobre o capítulo. ....	196
5. CAPÍTULO CINCO: A MOBILIDADE/CIRCULAÇÃO DE FUTEBOLISTAS BRASILEIRAS PARA O EXTERIOR E A TRANSFORMAÇÃO NO PARONAMA DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO .....	201
5.1. Características da circulação de futebolistas .....	202
5.2. As agências de gerenciamento de carreiras esportivas e os fluxos migratórios .....	207
5.2.1. “Se for para melhorar a técnica, nos Estados Unidos; se for para ganhar dinheiro na Coreia ou na China”: a circulação de futebolistas brasileiras em 2016 e 2017.....	214
5.2.2. Jogadoras transnacionais: o estar fora do Brasil.....	222
5.3. O contrário também acontece? O Brasil para além de um <i>talent exporter</i> . ....	225
5.3.1. Entrando em campos brasileiros.....	227
5.4. Considerações finais sobre o capítulo .....	232
6. CONCLUSÃO.....	237
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	241
ANEXOS.....	251



## INTRODUÇÃO

Para as/os brasileiras/os, 2016 não foi um ano qualquer. Podemos pensar em diferentes formas para designá-lo: “o ano que não acabou”, como diria Zuenir Ventura sobre 1968; ou, adaptando o que o historiador Eric Hobsbawm disse sobre o século XX, “2016 foi muito longo para caber em doze meses”. Do processo de deposição de uma Presidenta eleita democraticamente à aprovação de um Projeto de Emenda Constitucional que congela os gastos públicos por vinte anos, assistimos à consumação de um golpe de Estado. Vimos o desmantelamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTI), demissões no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e os cortes à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que atingiu diretamente as pesquisas na Academia brasileira. Mas o ano também foi de Jogos Olímpicos e realizados no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, com a participação de 206 países – além de uma delegação composta apenas por atletas refugiados.

Longe de tentar reproduzir uma retrospectiva televisiva do ano de 2016, intencionei apenas contextualizar o local e o período onde meu campo está inserido. Quando formulei o projeto de tese, em 2014, pretendia realizar uma etnografia de futebolistas brasileiras que jogam por temporada, intercalando equipes brasileiras e estrangeiras. Logo a problemática do projeto girava em torno de questões como: o que essas futebolistas brasileiras buscam para suas carreiras ao jogar por temporada<sup>1</sup>? Faria parte de um projeto de vida? Estariam dentro da categoria de *moving for love* discutida por Aggergaard e Botelho<sup>2</sup>? Ou estariam procurando uma maior visibilidade dentro do futebol? De que forma são estabelecidas as redes de relações que unem essas jogadoras e as equipes estrangeiras? Trata-se de uma rede criada por afetividade/amizade/solidariedade?

---

<sup>1</sup> O jogar por temporada envolve a ideia de competir num país/clube por uma temporada, o que, dependendo da temporada, pode fazer com que a futebolista possa defender vários clubes no espaço de um ano.

<sup>2</sup> Sine Aggergaard e Vera Botelho partiram de categorias utilizadas para classificar a migração de futebolistas homens para pensar a migração de mulheres que atuam no futebol. Para além de todas as categorias existentes, identificaram a ideia de *moving for love*, a qual sobrepõe os benefícios financeiros, técnicos e culturais.

Uma vez em trabalho de campo, percebi que nem todos os questionamentos eram ainda passíveis de análise em função de dois aspectos principais. O primeiro refere-se a ideia de jogar por temporada. Com o fortalecimento dos campeonatos de Futebol Feminino<sup>3</sup> nos últimos anos, a temporada acaba por abranger o ano todo. Em 2016, por exemplo, o clube no qual realizei trabalho de campo, a Associação Ferroviária de Esportes (AFE), iniciou os trabalhos de treinamento em janeiro. O Campeonato Brasileiro daquele ano teve os primeiros jogos no final do mesmo mês. Depois, seguiram-se Campeonato Paulista, Jogos Regionais, Jogos Abertos e Libertadores da América<sup>4</sup>. Entre os campeonatos, as atletas tiveram curtos períodos de folga – o mais longo foi durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. A Copa Libertadores da América realizou-se apenas em dezembro, estando as atletas dispensadas para o período de natal e ano novo.

O segundo aspecto está vinculado ao aparecimento de empresas de gerenciamento de carreiras. As/os agentes, figuras já bastantes conhecidas no cenário do Futebol Masculino desde a década de 1990 (GIULIANOTTI; ROBERTSON 2009), surgiram como intermediadoras/es entre as futebolistas e as equipes (brasileiras e estrangeiras). Desde então, esse tipo de mobilidade tornou-se mais dinâmica, uma vez que as transferências<sup>5</sup> necessariamente, não obedecem às temporadas, nem mesmo às janelas de transferências das associações nacionais. Acontecem de acordo com as negociações de tais agentes em qualquer período do ano.

Assim, mesmo ocorrendo um fortalecimento dos campeonatos, os clubes continuam oferecendo baixos salários<sup>6</sup>. Em 2016, o Estado permanecia – e ainda permanece – como principal patrocinador através da Caixa Econômica Federal: pagamento de bolsas e do custeio das viagens e jogos dos campeonatos nacionais. A iniciativa privada investia, na maioria das vezes, por meio de permutas: assistência médica, roupas, bolsas de estudo em instituições universitárias,

<sup>3</sup> Utilizo o termo Futebol Feminino quando trato da modalidade em termos institucionais. Do contrário tratarei como futebol praticado por mulheres, pretendendo não fixar o gênero como característica central da prática.

<sup>4</sup> A equipe não jogou a Copa do Brasil em 2016 porque não conseguiu a classificação no campeonato estadual do ano anterior.

<sup>5</sup> Torna-se importante salientar que essa característica não está restrita às transferências internacionais.

<sup>6</sup> Em 2016, o salário mais alto da Associação Ferroviária girava em torno de R\$ 2800. O clube também garantia moradia, alimentação e assistência médica ao grupo.

supermercados, etc. Dificilmente, os contratos entre atletas e clubes possuíam amparo legal. Desse modo, grande parte dos clubes brasileiros – assim como a própria Seleção Permanente<sup>7</sup> – não tinha controle sobre a permanência das atletas. Somente na Ferroviária, nesse ano, foram registradas 45 jogadoras pela equipe principal na Federação Paulista de Futebol.

Ao mesmo tempo, jogar numa equipe competitiva brasileira – ou mesmo na Seleção Permanente – poderia representar maior visibilidade à atleta e a possibilidade de contratos com as tais agências de gerenciamento de carreiras. Essa cena toda fez com que as transferências de atletas brasileiras sofressem aceleração. Além disso, ampliou-se consideravelmente a variedade de países de destino. Nos últimos anos, por exemplo, não é difícil encontrarmos futebolistas brasileiras em equipes de Israel, Portugal, Coreia do Sul e China – esses dois últimos em maior escala. Aliás, podemos incluir o próprio Brasil como um desses países receptores, uma vez que os campeonatos nacionais têm contado com um crescente número de estrangeiras provenientes, principalmente, da América do Sul. Diante dos pressupostos aqui apresentados, percebi a necessidade de reestruturar a problemática da tese para: de que forma estão configuradas as carreiras de futebolistas mulheres no Brasil após os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e qual o papel das agências de planejamento de carreiras esportivas no processo de circulação dessas atletas?

De fato, ninguém ficou imune a 2016 no Brasil, tampouco no cenário do Futebol Feminino. Inclusive, muitos têm chamado a atenção para o que se convencionou chamar de “Primavera das Mulheres”: manifestações sócio-políticas protagonizadas por mulheres<sup>8</sup>, tendo como lema “não passarão”<sup>9</sup>. O próprio Futebol Feminino, enquanto entidade da sociedade civil – ou mesmo, através de aparatos institucionais – também tem assumido esse papel. Ações como a #visibilidadeparaasmulheresnofutebol, encabeçada pelo Museu do

<sup>7</sup> A Seleção Permanente de Futebol Feminino foi criada em 2015 pela Confederação Brasileira de Futebol, a partir de recursos federais, tendo em vista os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> No Brasil, os protestos aconteceram tanto nas ruas, quanto nas mídias sociais. Uma das primeiras manifestações foram as campanhas #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, que incentivou várias mulheres a denunciar casos de abusos sexuais e assédios sofridos, bem como de relações abusivas que mantiveram.

<sup>9</sup> Lema utilizado na Primeira Guerra Mundial que se opunha a propagação do fascismo na Europa Ocidental. Movimentos feministas utilizam na atualidade como forma de repúdio às violências pelas quais as mulheres estão sujeitas.

Futebol, o *Guerreiras Project* e o Centro de Memória do Esporte (CEMES/UFRGS), que promoveram uma série de debates, vídeos e exposições, são bastante representativas e acabam por influir em algumas das mudanças dos últimos anos. Também podemos incluir à lista, a escolha de Emily Lima para o comando da Seleção Feminina e as novas regras da *Confederação Sul-Americana de Futebol CONMEBOL*<sup>10</sup> para os clubes de Futebol Masculino que participarão da Libertadores da América podem ser consideradas como reflexo dessas ações. Essa última acarretará em outras consequências que transformarão novamente configuração do Futebol Feminino no Brasil.

Essa realidade é produto da aceleração do processo de globalização das últimas décadas (FETHEARSTONE, 2006; HARVEY, 2008; LINS RIBEIRO, 2011), onde tempo e espaço não estão apenas comprimidos, mas desconexos, o que, muitas vezes, transcende a ideia de cronologia. Mais do que uma antropologia da mobilidade (AUGÉ, 2007) e da globalização, seria importante também pensar numa antropologia da prática. Diante dessa mudança de paradigmas – ou mesmo da sensação de fora da ordem que o mundo atual globalizado nos impõe – tentarei intercalar teorias convencionadas enquanto pós-modernas às antigas formas estruturais e funcionais, de ordem mais fenomenológica, para tratar as categorias encontradas em campo, de forma a refletir sobre o profundo impacto cultural (e político) causado pela dimensão de um mundo hiperconectado.

Isso posto, um dos desafios presentes nesta tese consiste em pensar a antropologia diante de situações contextuais diversificadas e efêmeras, em que os valores sociais se desconstroem e reconstroem rapidamente, tendo como objetivo geral realizar uma análise das mudanças ocorridas no cenário envolvendo carreiras de futebolistas brasileiras, bem como do próprio Futebol Feminino no país. Para tanto, levo em conta o importante papel das agências de gerenciamento de carreira e das mídias sociais nesse processo. Além disso, também proponho:

- Contextualizar o Futebol Feminino no Brasil desde a sua “Anistia” em 1983;
- Identificar as relações e fronteiras entre corpo e poder refletidas na prática do futebol de mulheres durante esses quase 35 anos;
- Realizar um panorama da circulação de futebolistas – entrada

---

<sup>10</sup> Até 2019, os clubes de Futebol Masculino que tiverem a intenção de participar da Libertadores da América terão de incluir equipes de Futebol Feminino - também para as categorias de base.

de estrangeiras e saída de brasileiras – durante o ano de 2016 e 2017 no Brasil,

- Identificar as principais rotas de transferências de futebolistas brasileiras;
- Refletir sobre o papel das agências esportivas no planejamento de carreiras de futebolistas brasileiras;
- Refletir sobre o papel do Instagram no processo de circulação dessas atletas: redes formadas; relações entre amigos e familiares; construção e promoção da imagem; estilos de vida.

Nesse sentido, acredito que a proposta poderá contribuir com diferentes áreas, particularmente àquelas relacionadas a esporte (ou *sport studies*, conforme está sendo chamado nos países da América do Norte), bem como à globalização e mobilidade humanas.

### **Sobre o trabalho de campo, a escrita etnográfica e os conceitos levantados.**

Em Naven, Gregory Bateson (2006) resume a escrita etnográfica enquanto uma experimentação diante do material antropológico coletado em campo. Segundo o autor, a não predefinição de métodos – ou a ausência deles – no trabalho de campo também pode ser bastante benéfica, uma vez que impede que a/o antropóloga/o fique determinada/o a um ponto de vista pré-estabelecido. Muitas vezes, a/o antropóloga/o só irá pensar nos métodos no decorrer do trabalho de campo ou mesmo durante o processo de escrita. É por esse motivo, que Mariza Peirano (1995) irá chamar a atenção para a característica artesanal da antropologia, uma vez que se procura primeiro dissecar e analisar à experiência dos contextos experimentados, para então pensar na adequação, ou não, dos conceitos imaginados. Desse modo, o que pode ser transformado não é a realidade em si, mas a perspectiva que se obtém através dela.

É evidente que o que proponho aqui é uma espécie de antropologia *at home*, o que faz com que esteja familiarizada com boa parte das estruturas que aparecem pinceladas do campo. O desafio consiste, não somente na máxima de Gilberto Velho (2004) de estranhar o familiar, mas também pensar um método etnográfico que acolha um mesmo campo em diferentes espaços. A emergência de etnografias realizadas em diferentes locais tem se intensificado nas últimas décadas, não somente devido ao desenvolvimento de novas tecnologias de

comunicação, mas seguindo o princípio que um mundo hiperconectado exige que a/o antropóloga/o também realize observações nos diferentes contextos. Ao criar um problema de tese que tenta pensar a ideia de carreira de futebolistas mulheres no Brasil e, sendo a ideia de carreira fortemente ligada a uma noção de estar circulando – sempre jogando – em diferentes clubes no mundo, é incontestável – e tranquilizador – que o “eu estive aqui” também se movimente. Assim, o trabalho de campo ficou dividido em:

- Associação Ferroviária de Esportes (Araraquara/SP): uma das equipes mais influentes do Futebol Feminino no Brasil durante o ano de 2016, representava um dos pontos de fluxo de circulação de futebolistas nesse processo do “rodar” (RIAL, 2008). Quando os contratos em clubes estrangeiros são findados, muitas jogadoras, por contato direto ou através de seus agentes, procuram essa equipe para jogar.
- Copa Libertadores da América Feminina 2016 (Uruguai): acompanhei o grupo da Ferroviária, assistindo os jogos, treinos e em alguns momentos no hotel onde estavam hospedadas na cidade de Colônia do Sacramento. Os campeonatos funcionam também como vitrines, assim as equipes técnicas trocam contato com futebolistas sul-americanas.
- Lisboa (2017): durante o período de Doutorado Sanduíche (PDSE/CAPES) realizei trabalho de campo em duas equipes portuguesas que continham futebolistas brasileiras no plantel.
- Mídias Sociais: a pesquisa em mídias sociais, sobretudo no *Facebook* e *Instagram*, foi muito produtiva tanto para a aproximação com o campo, quanto para obter um maior entendimento de fluxos, redes e rotinas de atletas que atuam fora do país.
- Aplicativos para *chatting*: como o tempo de futebolistas é bastante controlado e restrito em função dos jogos, treinos e períodos de descanso, o contato deve ser por meio desses aplicativos é bastante importante para que se possa manter uma conversação, bem como criar um vínculo maior. É através dos *chattings* também que pude ter contato com as/os agentes de carreiras.
- Agências de planejamento de carreiras esportivas (São Paulo/SP): entrevista com o assessor de imprensa de uma das agências atuantes no Brasil; conversas informais com diferentes agentes.

Por fim, trago Marilyn Strathern (2006) para pensar a etnografia, partindo do princípio que o futuro da sociedade ocidental está relacionado a capacidade desta de “criar formas sociais que tornem explícitas as distinções entre as classes e segmentos da sociedade, de modo que essas distinções não resultem por si mesmas em racismo implícito, discriminação, corrupção, crises, tumultos, ‘fraudes’ e ‘trapaças’”. No esporte, as relações entre o sexo e gênero são postas em evidência, ressaltando tal característica. O futuro da antropologia, segundo a autora, estaria na capacidade que a ciência possui “de exorcizar a ‘diferença’ e torná-la consciente e explícita”. E é esse papel da antropologia que se procura lembrar e explorar no decorrer da pesquisa.

## **Característica do Futebol Feminino no Brasil**

Proibido por décadas no Brasil, o Futebol Feminino acumulou nesses últimos trinta e cinco anos tanto características próprias, locais, como também aquelas que são também encontradas em diferentes países. No entanto, um aspecto bastante importante que acomete essa modalidade no Brasil, e talvez também em outros países na América do Sul, é que ela se encontra em transição. O principal fator responsável pela mudança está presente no novo estatuto da CONMEBOL, aprovado em setembro de 2016. Os clubes de Futebol Masculino que quiserem obter a licença da confederação para disputar a *Copa Sul-Americana* ou a *Libertadores da América* deverão manter uma equipe de mulheres ou se associar a outro clube que possua essa categoria atuante em campeonatos oficiais<sup>11</sup>. Com essa medida, a CONMEBOL está adequando-se ao artigo 23 do Estatuto da FIFA que obriga as confederações a promoverem ações que visem a igualdade de gênero. Os clubes sul-americanos terão até 2019 para se adaptar à nova regra. Isso mudará um pouco a configuração das equipes vencedoras, uma vez que será difícil concorrer contra a *infraestrutura*<sup>12</sup> dos grandes clubes de Futebol Masculino. Procurro, no entanto, levantar algumas características que contemplavam o Futebol Feminino no Brasil durante o período em que estive em trabalho de campo, entre as quais destaco:

---

<sup>11</sup> Regulamentados por federações ou associações nacionais.

<sup>12</sup> Utilizo infraestrutura de acordo co Nina Tiesler (2011) que caracteriza os clubes/associações nacionais enquanto forte, mediana e fraca.

## A. Interiorização

A constituição do Futebol Feminino no Brasil leva em conta vários aspectos que diferem bastante do Futebol Masculino. Um desses aspectos é referente à interiorização dos principais clubes no país. Até 2017, a maioria dos clubes brasileiros de maior destaque no Futebol Feminino encontra-se em cidades do interior. Muitos no estado de São Paulo, onde ocorre o campeonato estadual mais equilibrado do país. Para se ter uma ideia, o ranking da CBF em 2017, os cinco primeiros clubes estão situados fora de capitais: São José (São José dos Campos/SP); Vitória da Tabocas (Vitória de Santo Antônio/PE); São Francisco (São Francisco do Conde/BA); Foz Cataratas (Foz do Iguaçu/PR); Ferroviária (Araraquara/SP).

Uma das grandes discussões que envolvem diferentes setores do Futebol Feminino no Brasil diz respeito ao público presente nos jogos. Entre o fim da década de 1990 e início de 2000, apor exemplo, Federação Paulista de Futebol chegou a encaixar os jogos do Paulistão Feminino como preliminar dos jogos do Masculino. Nesse sentido, talvez o “fenômeno” da interiorização dos clubes contemple a busca por maior público e patrocínio, que não competissem diretamente com outras modalidades de futebol.

No entanto, saliento que essa característica deve sofrer mudanças nos próximos anos em função do novo regulamento da CONMEBOL, já mencionado anteriormente, levando em conta que tal medida já está sendo cumprida por grande parte dos clubes.

## B. Comissões técnicas formadas por maioria de homens:

A existência de mulheres em cargos de direção – e técnicos – ainda são bem raros no Futebol Feminino brasileiro. Apenas dois dos vinte clubes que disputaram o *Campeonato Brasileiro* em 2016 tiveram, em algum momento do ano, mulheres como treinadoras: Associação Ferroviária de Esportes (SP) e São José (SP). A Ferroviária, por exemplo, diante da exigência de haver pelo menos duas mulheres no corpo técnico, descrita no regulamento da Libertadores Feminina, teve que procurar às pressas outra profissional para compor o quadro.

Além disso, o caso envolvendo a treinadora da Seleção Brasileira, Emily Lima, no ano passado, deu destaque à existência de um “telhado de vidro” às mulheres brasileiras no futebol, mesmo no que se refere à

própria modalidade Feminina. Emily foi demitida sem motivo aparente e, em seu lugar foi readmitido o antigo técnico. Além disso, a própria coordenação do Futebol Feminino brasileiro é dirigida por um homem.

### C. Futebolistas de camadas médias:

Dirigentes de clubes, sobretudo das regiões sul e sudeste do país, dão preferência a jogadoras provenientes de camadas médias. O discurso que sustenta essa preferência recai sobre o estigma de que jogadoras de camadas mais baixas causam muitos problemas ao grupo. Ouvi comentários no sentido: “preferimos que nossas atletas sejam universitárias e de classe média”. Quando perguntava o porquê, a resposta sempre incorria na ideia de experiências anteriores ruins. Diante disso, podemos supor que, em virtude dos baixos salários oferecidos e da localização interiorana de grande parte dos clubes, torna-se difícil para as jogadoras de camadas mais baixas manterem-se fora de casa – mesmo que o clube forneça alojamento e alimentação. Os “problemas” pareciam estar relacionados às reivindicações por melhorias nos salários e nas condições da casa, uma vez que essas jogadoras acabavam por depender mais dos clubes. Entre futebolistas mulheres, a carreira dificilmente é parte de um projeto familiar, como é o caso dos futebolistas homens (DAMO, 2007; RIAL, 2008; SPAGGIARI, 2015).

\*\*\*

Características semelhantes são encontradas também em outros países. Em Portugal, por exemplo, a quantidade de mulheres ocupando cargos de diretoria e de corpo técnico supera os números brasileiros, mas ainda são considerados baixos. Na Suécia pode-se também observar a interiorização das equipes de Futebol Feminino. Os contextos, obviamente diferem. Todas essas questões serão abordadas com mais ênfase e problematizadas no decorrer dos capítulos desta tese.

### **Traçando as redes do Futebol Feminino: os caminhos percorridos pela pesquisa**

Grande parte das discussões em torno da escrita do texto etnográfico aponta para a problemática defendida por Clifford Geertz

(1978) no que se refere à fixação escrita daquilo que foi fruto de uma interação social. Aliás, a antropologia hermenêutica de Geertz sugere a condicionalidade contextual da/o autora/autor, das/os interlocutoras/es e do próprio momento de interação em si como determinantes na interpretação das culturas. A interpretação deste trabalho é pensada a partir da rede de relações na qual as futebolistas brasileiras estão inseridas.

A tradição antropológica do século XX, desde os primeiros trabalhos etnográficos, privilegiou a descrição das relações sociais estabelecidas entre pessoas observadas durante o trabalho de campo<sup>13</sup>. Somente a partir da segunda metade desse século, autoras/es passaram a utilizar a ideia de rede como método de análise. Assim, destaco o trabalho de Elizabeth Boot (1976) sobre os casamentos num subúrbio de Londres durante a década de 1950. Bott observou que os papéis atribuídos ao gênero influenciavam diretamente o círculo de pessoas com as quais o casal matinha relações. Nesse estudo, a antropóloga identificou que as relações de poder determinavam a constituição das redes de relações: centradas nas decisões do marido, em casais caracterizados em assimetria de poder. Levando em conta essa perspectiva, Michel Agier (2001) vai nos ensinar que as redes se diferenciam de acordo com a natureza da relação social que está na base de sua existência. Dentro das quais a ancoragem social – tais como famílias e instituições – irá definir o grau de cooperação dos membros, determinado pelas “cabeças das redes”, e, por conseguinte, a existência de um conjunto de relações que compartilharão de códigos, gostos e fronteiras próprias.

Na década de 1990, Manuel Castells (2000) introduziu a globalização como objeto de análise das redes de relações. Para o sociólogo as circulações de produtos e capitais possuem dimensão global, articulando diferentes redes locais no mundo inteiro. Castells estava interessado nos efeitos das mudanças político-econômicas ocorridas após a queda do Muro de Berlim, em 1989, bem como na integração social advinda pelo desenvolvimento tecnológico.

Enquanto atletas transnacionais, as “cabeças das redes” deste estudo dialogam com os trabalhos dessas/es três pesquisadoras/es: são mulheres dentro de um contexto que leva em conta o futebol enquanto um *manly sport* (WILLIAMS, 2007) e possuem como ideia de carreira a própria noção de circulação (RIAL, 2008), seja através dos clubes que

<sup>13</sup> Levando ao extremo, podemos também pensar os estudos de genealogia de parentesco enquanto matriz dos próprios estudos de rede.

defendem ou pelos campeonatos que participam. Cabe, no entanto, especificar que a teoria de rede da qual estou me referindo, é pensada a partir das reflexões que Marilyn Strathern realiza no artigo *Cortando a Rede* (2014). Strathern irá chamar a atenção para o caráter simétrico atribuído às redes híbridas pela teoria *ator-rede* de Latour. A antropóloga não contesta a hibridização em si, mas adverte para a forma na qual essas redes são pensadas. Para tanto, recorre à linguagem da propriedade. A antropóloga irá mostrar como a reivindicação da posse constitui uma delimitação da rede. É uma forma de dominação, de certa forma, semelhante àquela observada há mais de cinquenta anos por Elizabeth Bott. O que aproxima esta pesquisa com a perspectiva de rede de Strathern – e, consequentemente, de Bott – está embutida na reflexão de que o deslocamento da ideia de posse configura as relações de poder.

Não é difícil pensar as futebolistas enquanto híbridos – entre humanos e não-humanos. Essa hibridização, muitas vezes, objetifica as atletas, a quem os demais sujeitos dessa pesquisa irão se referir enquanto “peças<sup>14</sup>”. As “peças” são utilizadas na construção de uma equipe, a partir de sua característica principal: se finaliza bem; se é destra ou canhota; se é rápida; se é alta. As “peças” tem sua posse reivindicada por alguém, seja pelo clube ou por alguma/um agente. São condicionadas a partir de um objetivo, que no futebol está ligado aos bons resultados, à vitória. No entanto, como futebolistas também são agentes na construção de seu projeto que, para Gilberto Velho (2003), é sempre uma escolha individual em função da *trajetória de vida e do campo de possibilidades* que possam existir. São ciborgues (HARAWAY, 2013): híbridos sujeitos a uma *informática de dominação*, mas também conscientes de seus potenciais.

Tendo em vista as formas como ocorreram essas interações durante meu trabalho de campo, proponho apresentar a pesquisa em cinco capítulos disponíveis numa sequência lógica que denota a forma como a rede de relações que envolve o Futebol Feminino está disposta. Assim, o primeiro capítulo – *A farra dos conceitos abordados ou concebendo um método* – procura pensar os três eixos principais do estudo: globalização, relações de poder e corpo. Além disso, aborda outros conceitos que perpassam esta tese e que formam as ligações nas quais essa rede se mantém coesa.

---

<sup>14</sup> Categoria êmica utilizada como referência a futebolistas: são peças que constituem um time. Abordo essa questão com mais detalhe no primeiro capítulo.

O segundo capítulo, de ordem mais etnográfica, apresenta as “cabeças de redes”: as futebolistas brasileiras. Assim, busca narrar os aspectos do meu trabalho de campo no Brasil, em Portugal e no meio virtual, buscando sustentar os conceitos que foram levantados na pesquisa, sobretudo, aqueles relativos à inserção das agências de gerenciamento de carreiras. Quem são as pessoas que fizeram parte do campo. Jogadoras? Técnicas/os? Dirigentes? Empresárias/os? Qual o papel de cada uma/um dessas/es no sistema do Futebol Feminino brasileiro? Por fim, quem são as pessoas escolhidas para responder a pergunta da tese?

O terceiro capítulo, chamado *Da luta pela anistia ao “rodar”: corpo e autonomia na carreira de futebolistas mulheres*, tem um propósito mais ensaístico. Busca apontar algumas relações entre Futebol Feminino, construção histórico-social do corpo e das relações de poder, tendo em vista os domínios nos quais essa rede está inserida. Desenvolvo o argumento de que mudanças nas ações de controle e poder tornaram possíveis os processos de legalização, regulamentações e desenvolvimento de campeonatos no decorrer desses 35 anos. Para tanto, busco no diálogo entre as concepções de domínio masculino, de Bourdieu, e de *ciborgue*, de Haraway, um caminho para as mudanças no que é entendido como “corpo feminino” no Brasil e que foram fundamentais ao desenvolvimento desse esporte. Embora eu já tenha discutido um pouco da temática durante a pesquisa de mestrado, acredito ser de extrema importância a retomada. Agora, sobre outro ponto de vista, de forma a contextualizar o período no qual o Futebol Feminino está passando. Assim, utilizo matérias da revista esportiva *Placar* para discutir o processo de feminização pelo qual o futebol passou. Termino o capítulo descrevendo um pouco do legado deixado pelos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro ao Futebol Feminino.

Os dois últimos capítulos tratam de outros elementos que constituem a rede de relações do Futebol Feminino brasileiro. Tendo em vista o projeto de carreiras e as possibilidades encontradas nas trajetórias dessas mulheres. Assim, o penúltimo capítulo – *Profissionalização, agências de planejamento de carreiras e mídias sociais: como as atletas operam a transformação do cenário futebolístico atualmente* – é uma tentativa de refletir sobre as mudanças ocorridas nos últimos anos no universo do Futebol Feminino brasileiro e que reconfiguram a própria ideia de profissionalização da categoria. Entre os elementos responsáveis para essa mudança estão: reorganização de movimentos feministas em diferentes contextos com indexação do esporte nas pautas de luta, as novas resoluções da FIFA, CONMEBOL e CBF e a entrada

de agentes de gerenciamento de carreiras. Além disso, apresento as mídias sociais, mais propriamente o *Instagram*, como uma ferramenta multipla utilizada tanto pelas futebolistas, quanto na própria etnografia. Assim, o curso online *Why we post*, promovido pelo professor Daniel Miller e sua equipe de pesquisadoras/es em 2015, assume um aspecto metodológico importante para a constituição da escrita de forma a pensar a utilização imagética de mídias sociais por essas jogadoras: sociabilidades; *likes* e popularidade; de que maneira se formam as redes de amizade/solidariedade entre futebolistas e como elas se mantêm. A pesquisa em mídias sociais pode adquirir um aspecto bastante interessante à antropologia, uma vez que a proliferação de conteúdos visuais, conforme observa Daniel Miller, representam códigos morais, gostos, valores e atitudes de determinados grupos. Trata-se de um capítulo bastante denso, onde o propósito principal consiste em refletir sobre uma reconfiguração das relações de poder no Futebol Feminino.

Por fim, o capítulo cinco chama-se *A circulação de futebolistas brasileiras para o exterior e transformação no panorama do futebol feminino brasileiro*. Enfoca nos aspectos da circulação dessas futebolistas dentro do processo globalização. As contratações e acordos são feitos a partir de redes informais existentes entre as jogadoras que atuam dentro e as que atuam fora do país. A variedade de campeonatos/destinos, dentro do processo de globalização do esporte, tem acarretado na aceleração desses deslocamentos que podem fazer com que, no espaço de um ano, a futebolista possa atuar em pelo menos duas equipes/países diferentes. Essas mulheres mantêm multiplas relações que envolvem dependência de regulamentações em diferentes países. Desse, são caracterizadas como “transmigrantes”. Por atuarem em contextos nacionais e estrangeiros, são sujeitos híbridos, que estão de acordo com o que Homi Bhabha irá chamar de indivíduos *in-between*. Possuem percepções multiplas sobre diferentes signos, podendo ser pensadas também dentro de uma dimensão de viagem. Este capítulo tem por objetivo traçar um panorama da movimentação de jogadoras de futebol, tendo em vista os fluxos migratórios que levam as futebolistas brasileiras a diferentes gramados ao redor do mundo, com ênfase nos anos de 2016/2017. Apresento os principais fluxos, bem como as transformações ocorridas à medida que as agências de planejamento de carreiras esportivas foram assumindo as transações entre clubes e futebolistas. Além disso, apresento o Brasil enquanto um país receptor de futebolistas sul-americanas.



## 1. CAPÍTULO UM: A FARRA DOS CONCEITOS ABORDADOS OU CONCEBENDO UM MÉTODO DE PESQUISA.

O esporte – tanto enquanto prática, quanto como espetáculo – é descrito por diversas/os autoras/es como um fenômeno da globalização. Atribuem-se a essa afirmativa alguns marcos dentro da constituição daquilo que ficou conhecido como “esporte moderno”: regulamentação de algumas práticas lúdicas na Inglaterra – como rúgbi e futebol – durante a segunda metade do século XIX; criação do basquetebol (em 1891) e do voleibol (em 1895) pela *Young Men's Christian Association* de Springfield (MA/EUA); a propagação da ideia de *sportsman* (coletivos, individuais e da ginástica) como um projeto higienista de civilização das condutas (ELIAS; DUNNING, 1992); o ressurgimento das Olímpiadas idealizado pelo Barão de Coubertin e a espetacularização de embates/competições esportivas no final do século XIX. Esse último aparece como grande incentivador de migrações de atletas, uma vez que a exibição em arenas esportivas – também via rádio e, mais tarde, via televisão – produzia toda uma circulação financeira que foi se especializando no decorrer do século XX. As primeiras movimentações de pessoas em função de suas práticas esportivas começaram a ser notadas já no século XIX, sobretudo entre os pugilistas.

A aceleração do processo de globalização a partir da década de 1970, também foi responsável por mudanças nas relações produzidas pela prática esportiva de alto rendimento: enfraquecimento da ideia de nacionalismo entre atletas; maior movimentação de esportistas no globo; crescimento de praticantes, de competições e de patrocinadores, entre outras. Podemos pensar todas essas mudanças de acordo com cinco panoramas da globalização – que mantêm relações disjuntivas entre si –, tomado como referência as teorias de Appadurai (2008).

1. Etnopanorama: A movimentação de atletas através de diferentes clubes/países por si só já torna mais complexa a paisagem étnica. A aquisição de outra nacionalidade por desportistas com finalidade competitiva é um bom exemplo, dentro do qual se pode citar o grande número de futebolistas brasileiras/os que se naturalizaram equato-guineenses<sup>15</sup> para

---

<sup>15</sup> Existe um grupo de futebolistas brasileiras que se naturalizaram equato-guineenses e defenderam o país na Copa das Nações Africanas Feminina de

- atuar junto as seleções nacionais em campeonatos internacionais.
2. Finançopanorama: A movimentação de grandes valores é uma característica que envolve os altos financiamentos em torno dos megaeventos como Copa do Mundo de Futebol, *Super Bowl*, NBA.
  3. Tecnopanorama: A cada edição dos jogos olímpicos percebemos a quantidade novas tecnologias criadas em função de uma melhora no desempenho esportivo, seja através das vestimentas, dos equipamentos, técnicas, testes físicos, etc. Estas circulam entre diferentes atletas e comissões técnicas ao redor do mundo, sendo também observadas em todas as competições internacionais de grande porte.
  4. Midiapanorama: eventos esportivos estão entre as atrações mais assistidas pela televisão (RIAL, 2002), gerando enormes quantias sobre as transmissões. Destacam-se a Copa do Mundo de Futebol Masculino, os Jogos Olímpicos de Verão e o *Super Bowl*. Além disso, uma grande quantidade de informações relativas a acontecimentos esportivos circula em meios eletrônicos e impressos.
  5. Ideopanorama: princípios relativos à prática desportiva são incentivados e enaltecidos, dentro de valores positivos, a partir do que ficou conhecido como *fair play* – o “jogo limpo”, sem trapaças, sem violência, privilegiando o respeito entre competidores/etnias. No entanto, esse ideal, assim como outros, apresenta-se vinculado às lógicas do mercado e, por conseguinte, criando/consolidando modelos, em geral ocidentalizados, que abrangem espaços cada vez maiores/mais distantes. Como exemplo estão as campanhas publicitárias de marcas esportivas – Nike, Adidas, etc. –, além dos Jogos Mundiais Indígenas (que apresentam um formato semelhante às Olimpíadas).

Os panoramas nos ajudam a pensar a globalização no seu momento atual, a qual enfraquece a ideia de nação e produz sujeitos transnacionais. A circulação de atletas por diferentes continentes é um bom exemplo. Sua aceleração nas últimas décadas gerou polos de exportação e recepção. Essa qualidade de migração laboral de pessoas

altamente especializadas ganha particularidades que podem ser pensadas a partir do significado atribuído ao esporte de alto rendimento hoje.

Joseph Maguire (1999) divide o que chama de imigrantes laborais do esporte nas categorias: pioneira/o; *settlers* (interessados em ficar no país de acolhimento); mercenárias/os (motivados por ganhos em curto prazo); cosmopolitas nômades (quer experimentar outras culturas e cidades); e repatriadas/os (pretendem voltar para a casa). A antropóloga brasileira Carmen Rial analisa as especificidades da permanência de futebolistas brasileiros em clubes europeus de forma a definir esse tipo de movimentação como “circulação”. O principal argumento está na efemeridade dessas situações traduzido na expressão “rodar”, utilizadas pelos futebolistas. O tempo de permanência, na maioria das vezes, é bastante reduzido, não chegando a mais de dois anos. Esse aspecto descaracterizaria a ideia de migração, bem como as categorias de Maguire.

Diante dessas particularidades que envolvem a ideia de “esportização” em escala global, tanto pela difusão, sobretudo durante a primeira metade do século XX, bem como produto do capitalismo ocidental (Maguire, 2005; Giulianotti; Robertson 2009), o futebol apresenta-se como um dos esportes mais rentáveis e mais populares do mundo.

Dito isso, podemos levantar algumas categorias que foram analisadas durante os processos de trabalho de campo e escrita da tese, destacando que as noções de globalização cultural e relações de poder acabam orientando a percepção sobre a ideia de corpo. Escolhi por não realizar um estado da arte propriamente dito, assim, os conceitos foram levantados a partir das observações em campo, apareceram diluídos nos capítulos da tese. No entanto, detengo-me à explicação dos três eixos fundamentais para o entendimento da/o leitora/or e que são compreendidos nas ideias de globalização, poder e corpo, definidos a seguir.

## **1.1. Globalização:**

A Globalização é aqui abordada seguindo a ideia de Harvey (2008) sobre a “compressão do tempo-espacó”, estando esse processo dividido a partir do que ficou conhecido como “modernidade” e “pós-modernidade<sup>16</sup>”. O autor atribui que o momento vivido pelo capitalismo

---

<sup>16</sup> A ideia de “pós-moderno” aqui segue a mesma inquietude – e aspas – Harvey

durante a década de 1970 foi responsável por mudanças extremamente significativas na política e na economia, refletindo diretamente na estética cultural.

Todavia enquanto um processo, a globalização não se restringe a esse período específico. Gustavo Lins Ribeiro (2011) atribui ainda, a essas características já faladas, o aumento em escala global de pessoas, informações e produtos, além de uma redefinição das relações entre lugares, no sentido do incremento da influência do que não está aqui. Assim, podemos influir que o futebol, enquanto um dos esportes mais populares no mundo, tem sua difusão amparada diretamente nesse processo. Tendo em vista essa perspectiva, Giulianotti e Robertson (2009) constroem uma periodização do futebol estruturada nas cinco fases históricas do processo de globalização definidas anteriormente por Robertson em 1992 no livro *Social Theory and Global Culture*. De acordo com os autores, existem quatro pontos de referências elementares da globalização – *individual selves, nation states, international relations e humankind* – que também sustentam as características de cada uma das fases da história do futebol:

- *Germinal* e *Incipient* (até 1870): esse período incorpora duas fases da periodização de Robertson. A fase *germinal* está ligada às “viagens de descobrimento” durante o século XV e ao processo de colonização das rotas mercantilistas. A *incipient* refere-se ao aparecimento dos ideais humanizadores oriundos das revoluções francesa e industrial. Além disso, é durante essa fase que acontece a primeira exposição mundial, na Inglaterra em 1851.

No futebol, contempla desde os jogos com bola advindos da China *tsu-chu*, do Japão *kemari*, o *calcio* fiorentino e demais jogos da Europa feudal, até os jogos de futebol folclóricos e os entrecruzamentos que resultaram nas divisões das regras entre futebol e rúgbi nas *public schools* inglesas. A ideia de um novo modelo normativo de masculinidade centrado em valores como liderança, obediência, higiene e cristandade incorporaram a formação do futebol moderno.

- *Take-off* (1870 – 1920): diz respeito à “eletrificação da globalização”, quando a utilização da eletricidade como

quanto a esse termo. Para o autor, o que se entende como “pós-moderno” é alguma reação, uma descontinuidade, ao “moderno”. Como a ideia de “moderno” também é bastante confusa, o “pós-moderno” seria algo duplamente confuso.

principal fonte de energia foi popularizada. Também é o período no qual os quatro pontos de referência da globalização estão cristalizados. As formas de diferentes culturas internacionais começaram a ser mais difundidas, tais como as artes e os esportes em museus nacionais, exposições internacionais e os Jogos Olímpicos. Os princípios imperialistas e nacionalistas acentuam-se, levando à Primeira Guerra Mundial.

O futebol chega e é embebido à cultura de diferentes países da América do Sul, Europa e partes da África, Ásia e América do Norte. No Brasil, o futebol adentra por três vias diferentes: pelo retorno de jovens das camadas altas<sup>17</sup> após a conclusão dos estudos nos países do oeste europeu, sobretudo no Reino Unido; pelos marinheiros e demais viajantes ingleses; e pelas diretorias das fábricas, como forma de normatizar um padrão de comportamento dos operários e diminuir as adesões às greves. Dessa forma, o modelo tanto de jogo, quanto de conduta dentro de campo ainda está bastante baseado no estilo inglês. Entretanto com a criação de ligas internacionais, os jogos passam a ser locais de disputas nacionalistas e as relações internacionais do futebol começam a ser regidas por entidades como *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e a *Confederação Sul-Americana de Futebol* (CONMEBOL). Além disso, os gramados também se apresentam como palco de disputa por marcadores de diferenças sociais: raça, classe e gênero – o último, foco dessa pesquisa, deve-se as divergências entre o futebol enquanto reprodutor de valores sociais patriarcais e a participação de mulheres em jogos com grande público e em equipes nas fábricas.

- *Struggle-for-hegemony* (1920 – 1960): o intervalo é marcado pela estruturação de rivalidades político-ideológicas – fascismo, capitalismo e socialismo – de forma a fundamentar grandes conflitos mundiais, tais como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. A criação das Nações Unidas (ONU) reflete os movimentos que surgiram como forma de governança global, ao mesmo tempo em que acabam por concretizar a todo o mundo valores e normas da Europa

---

<sup>17</sup> Os mais conhecidos são Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro.

Ocidental.

A FIFA organiza a primeira Copa do Mundo de futebol no Uruguai, em 1930, tendo a participação de treze países. Esse período também marca o início da valorização das habilidades individuais e surgem os primeiros craques. Derivam disso as movimentações de futebolistas – principalmente, da América do Sul para o sul da Europa – e a popularização desse esporte. No Brasil, como em outros países, passa a ser considerado como um dos símbolos nacionais. A televisão assume grande papel nesse processo, uma vez que, os campeonatos passam a ter enormes audiências. É no decorrer dessa fase que o futebol para mulheres se torna marginalizado, sendo criadas leis proibitivas à prática em diferentes federações ou até mesmo, em esfera estatal, como é o caso do Brasil, em 1941 e 1965. Por outro lado, é durante a década de 1960 que se observa o surgimento das primeiras associações nacionais ou ligas relativas ao Futebol Feminino em países como a Suécia, Alemanha e Inglaterra.

- *Uncertainty* (1960 – 2000): representa uma fase de aumento no acúmulo de riquezas, crises econômicas e, ao mesmo tempo, a chegada de valores “pós-materialistas” ao Ocidente. A ideia de sociedade mundial torna-se muito mais fluida e complexa. Assiste-se ao fim da guerra fria e à emergência do islamismo em oposição ao Ocidente, numa espécie de outro radicalizado. Além disso, observa-se um crescimento exponencial de outras formas de instituições sociais, organizações governamentais ou não, corporações transnacionais e movimentos sociais. As noções de sociedade civil global e de cidadania global passaram a ser mais problematizadas e politizadas, tendo atenção maior às questões relativas a gênero, etnicidade, sexualidade, consumismo e direitos humanos.

Observa-se uma grande influência das associações de futebol de países não-europeus, culminando com João Havelange na presidência da FIFA, que chega, em 2000, a 204 países membros, portanto, mais do que os países membros das Nações Unidas. O caso *Bosman*<sup>18</sup>, em 1995, representou um

---

<sup>18</sup> Refere-se ao processo judicial envolvendo o jogador belga Jean-Marc Bosman e a UEFA. O futebolista questionava os altos valores das multas por quebras contratuais, o que era conhecido no Brasil como “passe”. Ao obter

grande ganho na autonomia da carreira de futebolistas, sendo acompanhada pela proliferação de agentes esportivos com inúmeros contatos globais. A Europa emerge enquanto mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que também emerge diferentes formas de torcer, como o *hooliganismo*. Consequentemente a esse último, existe o investimento em tecnologias de controle cada vez mais avançadas. Segundo a tendência mundial, a marginalização de mulheres e minorias étnicas no futebol ganha significante foco político. Campeonatos nacionais de Futebol Feminino são organizados em diferentes países, seguindo a tendência *mainstream* de promoção de shows. A FIFA finalmente realiza a primeira edição da Copa do Mundo Feminina em 1991 e, em 1996, a categoria passa a fazer parte do calendário olímpico.

- *Millennial* (início de 2000 em diante): essa última fase da globalização foi indexada por Robertson mais de dez anos após as outras. Considerada a partir do 11 de setembro, é marcada por longos momentos de tensão e incertezas (para além da fase anterior). Além disso, as noções de público e privado são colocadas em questão com a popularização de programas de reality shows e das mídias sociais. O último tornando as redes de relações sociais cada vez maiores e globais. A eminência de uma catástrofe ecológica ganha pontos relevantes, chegando a criar uma agenda específica. O pensamento *millennial* também reflete as consequências do estabelecimento do conceito de *global civil society* crescimento de movimentos fundamentalistas religiosos e étnico-nacionalistas, promovendo debates que buscam soluções aos problemas e dilemas transnacionais.  
A fase *millennial* caracteriza um futebol muito controlado por autoridades governamentais e pelas federações, de forma a normatizar um padrão de torcedor e de futebolistas, dentro do que ficou conhecido como *fair play*. A decisão deve-se aos casos de racismo, homofobia e violência física assistidos durante os jogos. As comemorações dos gols são coreografadas. As relações entre futebol e religião tornam-se bem mais próximas e transnacionais, sendo o maior exemplo

---

ganho de causa, o caso Bosman abriu precedentes e obrigou a UEFA a revogar essa norma. No Brasil, foi criada em 1998 a Lei-Pelé, que entre outras questões, extinguia a detenção do passe pelo clube.

as cenas de cristianismo evangélico protagonizadas por futebolistas brasileiros. Clubes de futebol tornam-se engajados em questões tematizadas pela ONU. Por fim, o entendimento de nação passa a ser questionado em função do grande número de imigrantes nas seleções nacionais.

Nessa periodização, Giulanotti e Robertson (2009) evidentemente incorporaram o futebol como um componente significante do processo de globalização. Os jogos passaram a ter uma relevância significativa a partir das duas últimas fases, uma vez que se observa uma resposta dos países periféricos à Europa Ocidental, sobretudo, à Inglaterra. É evidente que a forma com que essa corrente de fluxo se apresentou – do ocidente hegemônico, mais propriamente, da Inglaterra, para, literalmente, todo o resto do mundo – possibilitou fluxos entrecruzados e contrafluxos a ponto de, muitas vezes, ser difícil fazer a distinção entre os centros e as periferias (HANNERZ, 1997). Exemplos dessa simetria podem ser descritos pelos sistemas de jogos, técnicas de treinamento, modas, equipamentos e até mesmo no comportamento das torcidas: *hooliganismo*; músicas; *olas*, etc. O Futebol Feminino também pode ser visto enquanto uma dessas células. Além disso, a circulação de futebolistas e as diferenças entre as modalidades feminina e masculina também criam constantes que influenciam diretamente na formulação de como o futebol é entendido atualmente. Desse modo, trabalho nesta tese com a ideia contrária a homogeneidade mundial, no sentido mais da *glocalização* (ROBERTSON, 1995), de forma que a cultura local é (re)adaptada a uma nova realidade global.

## 1.2. Relações de poder

Outro conceito intrínseco na construção dessa tese refere-se à ideia de poder: de como são construídas as relações de poder e de que formas se movem entre diferentes esferas da sociedade no decorrer do tempo, tendo em vista o controle exercido sobre elas. No decorrer da história do futebol e do processo de globalização, essa mobilidade torna-se bastante perceptível, uma vez que tem início em jogos populares, com o tempo passa para o controle das instituições escolares, depois para clubes, federações e órgãos governamentais. O processo pelo qual se ocorreu a mudança de concepção para uma lógica de mercado, camouflada na ideia de uma “pós-modernidade” (HARVEY, 2008), apresentou consequências diretas no futebol, sob uma modalidade de governança,

através do controle dos corpos (FOUCAULT, 2009). Público, clubes e futebolistas apresentam-se como agentes que estão a todo o momento em negociação dentro dessa cadeia, por vezes atingindo êxito como nos casos brasileiros de regulamentação: Estatuto do Torcedor, Lei Zico, Lei Pelé, etc. A legalização e regulamentação do Futebol Feminino<sup>19</sup>, bem como as transformações ocorridas nos últimos trinta e cinco anos em relação a carreiras, campeonatos e reconhecimento social, fazem parte desse plantel de conquistas.

Antes de continuar, acredito ser necessária uma explicação mais detalhada de como a ideia de poder será abordada no decorrer deste trabalho. Para tanto, levanta-se quatro autoras/es essenciais – Foucault, Honneth, Bourdieu e Haraway – e de que forma suas teorias auxiliam na análise desses espaços em disputa no Futebol Feminino. No entanto a discussão sobre poder e dominação das/os últimas/os duas/dois autoras/es estão incorporadas no primeiro capítulo da tese, tendo em vista um diálogo sobre as questões de dominação. Salienta-se ainda que, embora não traga para essa discussão os conceitos de poder e dominação de Marx e Weber, ambos se encontram diluídos, incorporados, ou mesmo, criticados pelas/os autoras/es citadas/os. Não pretendo, portanto, realizar uma genealogia do poder, apenas lanço desses dois argumentos centrais para depois propor um diálogo mais diversificado em termos teóricos.

- **Michael Foucault e a constituição histórica da ideia de poder:**

Em *O Nascimento da Biopolítica* (2009), Michael Foucault inicia o argumento afirmando que durante séculos, no *ancient régime*, uma ordem dualista surgiu tendo em vista a exclusão, em que dividia as ações entre normal e anormal. Dentro dessa perspectiva, as proibições entrariam como *dispositivos disciplinares* desempenhados diretamente pelos *mecanismos de poder* na tentativa de medir, controlar e corrigir os que não se encaixavam ao padrão. O autor fala de como a lepra, tratada como peste, suscitou, ao mesmo tempo, uma forma real e imaginada da própria desordem, tendo o *biopoder* como relação direta com a medicina e a política: “atrás dos *dispositivos disciplinares* se lê o terror dos ‘contágios’, da peste, das revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem

---

<sup>19</sup> Respectivamente em 1979 e 1983. Assunto que tratarei detalhadamente no primeiro capítulo.

na desordem” (Idem: 188). Esse papel médico-político do *biopoder* acaba por agir de maneiras diversas sobre cada indivíduo e é no corpo que irão influir as forças de controle, repressão e disciplina. Desse jogo, entre imaginários, simbolismos e realidades, deriva um mercado regulatório, onde são construídos os valores e as noções de justiça. No Brasil, as leis que proibiram a prática de futebol por mulheres, em 1941 e em 1965, trazem introjetadas essa ideia do controle e correção de um comportamento reprovado, valorizado negativamente pela economia moral vigente.

Para Foucault, o espaço encontra-se constantemente em disputa, podendo alterar-se conforme a situação. Mesmo atribuindo caráter histórico à sua análise, a noção de poder de Foucault irá surgir sob a ideia marxiana, uma vez que atribui uma dimensão específica de classe em seu pensamento. Além disso, Foucault estava mais interessado em como o poder estava disperso em estruturas cotidianas de regulação e controle pelos quais se tem influência nos significados culturais. Tal ponto de vista de poder defendida pelo autor apresenta uma estrutura que, de certa forma, é centralizada e opera em função de um conjunto de interesses, porém, essas mesmas estruturas, e suas instituições, contêm espaços que permitem possibilidades de transformações (ou liberações).

Esses dois pontos são muito importantes para a análise do contexto relativo ao Futebol Feminino no Brasil. Primeiro, uma ordem disciplinar que age diretamente sobre o corpo – traduzido a partir do controle de dietas, suplementação, treinamento, exames *antidoping*, horas de sono e lazer - visam uma hierarquização em que o saber-poder biomédico cria normas que, por algum motivo, fundem-se a outras normas que regulamentam os padrões de gênero de forma binária. É função desse biopoder intervir para que uma ordem disciplinar permaneça estabelecida, para a manutenção desses regimes de verdade, o que irá influenciar diretamente tanto nos discursos, quanto nas práticas das instituições jurídicas (FOUCAULT, 2002).

Em segundo lugar, ao abrir caminho para formas de resistência e transformação dentro dos próprios mecanismos de poder, faz com que se possam explicar os avanços – e, também, retrocessos – no decorrer desses trinta e cinco anos e até, de repente, lançar a hipótese de que com o surgimento e a popularização das mídias sociais tornaram mais permeáveis esses processos. Dentro dessa perspectiva, podemos pensar em diferentes forças e discursos que atuam sobre o futebol feminino e de que forma os padrões outrora defendidos foram transformando-se no Brasil:

1 – Biopoder: o discurso biomédico que durante o século XX influenciou nas leis de restrição à prática de esportes que, segundo afirmavam, pudessem atentar à natureza e à moral das mulheres. Os corpos, pensados apenas enquanto femininos, apresentavam como função estrita a maternidade. A partir da década de 1970, esse discurso passa a ser confrontado pela própria biomedicina, uma vez que as práticas médicas de controle de natalidade priorizaram (e popularizaram) o uso de métodos contraceptivos como a pílula anticoncepcional, os preservativos, os dispositivos intrauterinos, entre outros. Além disso, algumas décadas mais tarde, a própria ideia de beleza e saúde de um corpo feminino frágil dá lugar ao corpo “sarado”, moldado pelos exercícios físicos (DEL PRIORI, 2000; BERGER, 2006).

2 – Estado: confunde-se muitas vezes com a própria ideia de biopoder, atuando na criação de leis que regulamentam e incentivam as atividades esportivas.

3 – Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Federações Estaduais: tais instituições regulamentam tanto a modalidade Futebol Feminino, quanto campeonatos. Além de estarem submetidas ao discurso do biopoder, muitas vezes, atuam em conjunto ao poder do Estado, formando um aparato jurídico de controle político e moral.

4 – Mídias esportivas: atuam enquanto mediadores entre os demais poderes e a sociedade. Os discursos que, na maioria das vezes, carregavam valores morais hegemônicos têm assumido diferentes posições em função da proliferação e popularização de mídias alternativas.

5 – Clubes: montam o grupo e têm o controle sobre as rotinas das “peças”, como são chamadas as futebolistas pela comissão técnica e direção dos clubes. São eles que determinam dietas, suplementações, dias de folga, horas de sono, escalam o time, salários (no caso das mulheres), entre outras coisas. Todavia como os contratos não apresentam valor legal, por não estarem de acordo com as leis trabalhistas vigentes. Dessa forma, os clubes não conseguem manter uma jogadora que esteja descontente – e que tenha recebido uma proposta melhor.

6 – Agentes de planejamento de carreiras esportivo: o ator mais novo nessa hierarquia. No Futebol Masculino, intensificou durante a década de 1990 após o caso Bosman. Mas é apenas na metade da década de 2010 que ganham força no planejamento de carreiras de futebolistas brasileiras. São responsáveis pela intermediação entre os clubes e jogadoras.

7 - Futebolistas: parte sobre a qual recai o resultado dessa economia moral. Entretanto ao analisar a trajetória do Futebol Feminino, neste caso, no Brasil, percebe-se que a ideia de resistência e a constante luta pelo reconhecimento enquanto profissionais sempre esteve presente.

Dentro dessa hierarquia, extraída de um emaranhado de discursos constitutivos da trajetória dessa modalidade esportiva no país, temos que o que tem o domínio é aquele relativo a biomedicina. Os demais poderes acabam por ter suas ações mediadas pelas transformações, criando dispositivos dentro de um jogo de disputas de espaços: onde se apresentam como segunda força, uma vez que são eles a garantirem a formulação das leis; a seguir, estão em mesmo grau a CBF e Federações Estaduais, bem como as mídias esportivas (uma pode exercer poder sobre a outra); o próximo nível é composto pelos clubes e agentes de representação esportiva, todavia, é importante salientar que, no caso do Futebol Feminino, os agentes possuem mais força que os clubes<sup>20</sup>; e por último encontram-se as futebolistas que conseguem mantêm-se em constante negociação junto aos clubes, agentes e parte da mídia esportiva. Contudo sendo esse modelo baseado no pensamento foucaultiano, cabe salientar que dentro dessa hierarquia do poder, existem outras formas que possibilitam que forças menores possam agir sobre as maiores. Isso é que dá a característica de “jogos de poder” permitindo com que as futebolistas, por exemplo, possam alterar normas mediante o auxílio das mídias esportivas.

- **Axel Honneth: reconhecimento e conflitos sociais**

Axel Honneth (2003), em sua tese de livre docência intitulada *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, apresenta um modelo no qual defende, à luz da teoria crítica, que os conflitos sociais se manifestam através do não-reconhecimento dos signos culturais de etnias, de gênero e de orientação sexual. A reprodução da vida social efetua-se sob o imperativo de um reconhecimento recíproco porque os sujeitos só podem chegar a uma autorrelação prática quando aprendem a se conceber, da perspectiva

---

<sup>20</sup> As relações que os agentes mantêm com as futebolistas, na maioria das vezes é mais sólida do que a relação futebolistas e clubes. Além disso, os agentes relacionam-se também com diversos clubes, federações de futebol, empresários, jornalistas, entre outros, fazendo com que o alcance das influências vá, muitas vezes, além daquelas exercidas pelos clubes.

normativa de seus parceiros de interação, como de seus destinatários sociais. O autor identifica três formas de reconhecimento que estão baseadas no amor, nas relações jurídicas e na solidariedade (comunidade de valores). O reconhecimento recusado gera situações de rebaixamentos e desrespeitos.

O processo pelo qual restringiu a prática do futebol por mulheres e que levou à construção das diversas estereotipias pode ser lido a partir das duas últimas formas de reconhecimento. Na esfera jurídica, esse ponto é representado pela privação de direitos. Representa, não somente a limitação violenta da autonomia pessoal, mas também sua associação com o sentimento de não-pertencimento dentro de uma coletividade, de um sistema de leis, no sentido de não estar moralmente em mesmo pé de igualdade.

Quando o não-reconhecimento alcança o nível da solidariedade, em que os dois lados não compartilham dos mesmos códigos de valores, o rebaixamento - ou o desrespeito – converte-se em ofensas à “honra” e à “dignidade”, tirando dos sujeitos atingidos qualquer possibilidade de atribuir um valor social às suas próprias capacidades. A degradação valorativa infere ao que é conhecido como ofensa ou degradação, em que o sujeito atingido não poderá referir a si mesmo de uma forma que coubesse um significado positivo no interior de uma coletividade.

Foram praticamente quarenta anos de proibições à espera da regulamentação da modalidade no país. Isso faz com que as mulheres a todo o momento tenham que se reafirmar enquanto futebolistas. O reconhecimento é visto a partir do signo de luta (ALMEIDA, 2013), em ações tanto individuais (em entrevistas e mídias sociais), quanto na coletividade: a exemplo de iniciativas que incluem futebolistas na organização.

### **1.3. O Corpo**

Proponho começar essa discussão sobre a categoria de corpo no Futebol Feminino brasileiro a partir da análise do sentido do termo “peças”: denominação utilizada pelas equipes técnicas para definir as futebolistas<sup>21</sup>. No dicionário, o termo exprime algo genérico que constitui uma parte de um todo. Na falta – ou problema – de alguma delas, esse todo pode até funcionar, mas não da maneira ideal. O termo

---

<sup>21</sup> Essa denominação faz parte do vocabulário utilizado no futebol brasileiro, sendo também referente aos homens.

também era utilizado para designar a venda de escravos no comércio negreiro brasileiro.

As peças do futebol, apesar de trazerem essa concepção generalizada e objetificada, também são contratadas em função de suas individualidades tanto em campo, quanto fora dele. Durante meu trabalho de campo, percebi que entre os membros da comissão técnica da Ferroviária, o significado de uma boa contratação deveria ser dotado de técnica, criatividade, velocidade, liderança, mas principalmente, disciplina. No decorrer desse tópico, buscarei pensar um pouco o significado de peças, tendo em vista a compreensão de alguns teóricos sobre o corpo.

Retomando um pouco do que já foi dito anteriormente, o corpo é visto a partir de Foucault (1987; 2006) enquanto um espaço de disputas, portanto não está livre. Pelo contrário, está disciplinado, docilizado, por determinados organismos que constituem o universo do Futebol Feminino. Somente através das falhas existentes nesse organismo é que o corpo dócil pode vir a oferecer resistências. No entanto, gostaria de me ater às “falhas”, não como algo raro, mas como espaços que são frequentes e nem sempre corrigidos pelo poder constitutivo. Desse modo, realizam-se as negociações, ou “jogos”, onde o corpo, nesse caso, o de mulheres, é visto a partir de uma ideia de feminino hegemonicamente: além de dócil, é frágil, recluso e delicado. Seguindo esses princípios, Judith Butler (2003:211) irá definir o corpo não como um “ser” sólido, mas como uma superfície permeável e politicamente regulada. Assim, os corpos sofreriam mudanças de acordo com as limitações e condições impostas pela história. Dito isso, podemos pensar que as mulheres futebolistas, ou “peças”, têm seus corpos regulamentados tanto por questões de gênero, quanto pela própria *mise-en-scène* do esporte em si. Ambos estão fortemente atrelados à noção de biopoder. Entretanto, neste primeiro momento, trato mais da definição do corpo esportivo em si. No decorrer do primeiro capítulo, proponho um recorte histórico do Futebol Feminino, tendo em vista as mudanças pela qual o corpo das futebolistas, e a própria ideia de corpo feminino, sofreu nas últimas três décadas – de frágil a sarado. Sobre o corpo de atletas, proponho a discussão entre três autores específicos: Marcel Mauss, Lôic Wacquant e Fernando Bitencourt.

Marcel Mauss (2003) irá definir técnicas corporais como as maneiras pelas quais os indivíduos, tendo em vista a sua origem sociocultural, sabem se servir de seus corpos. O autor irá debruçar-se sobre a análise dos fenômenos sociais que compreendem as mudanças pelas quais as técnicas corporais passam através do tempo e do espaço,

levando em conta perspectivas fisiológicas, sociológicas e psicológicas. Para tanto, traz o exemplo de como as técnicas de natação desenvolveram-se de forma que o estilo *crawl* (Tarzan)<sup>22</sup> passasse a ser considerado como sinônimo de nado livre. Dentro dessa perspectiva e tendo em vista uma ideia de eficácia que acompanha o esporte de alto rendimento, o aprendizado desses movimentos através de repetitivos treinamentos reproduz – e aprimora – as técnicas que buscam a perfeição em pódios e medalhas. Mesmo que tais técnicas possam ser aprendidas através de uma educação física, existem aspectos culturais, geracionais e de gênero que também influenciam no aprendizado/destreza da técnica: seja por diferenças na flexibilidade, composição corporal, ou mesmo, por práticas culturais ou por aspectos que regulamentam os comportamentos de gênero. Mauss utiliza o conceito latino de *habitus* para definir algo que se sobrepõe à repetição em função do aprendizado: “esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas sobretudo com as sociedades, as educação, as conveniências e as modas, com os prestígios” (MAUSS, 2003:404). A busca por melhores resultados nas provas acompanha o processo de globalização também – no esporte, acelerado pelos megaeventos –, o que padroniza movimentos, partindo de uma ideia de eficácia e perfeição. No entanto essa padronização não é ubíqua.

Essa noção de *habitus*, refinada a partir da teoria de Bourdieu, também irá compor o trabalho de Lôic Wacquant em *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Nessa pesquisa, o autor compromete-se a compreender e dominar de forma plena a experiência do boxe, de forma a utilizar o próprio corpo como instrumento metodológico de investigação:

Se é verdade, como afirma Pierre Bourdieu, que nós “aprendemos pelo corpo”, e que “a ordem social inscreve-se no corpo por meio desse confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre abre um grande espaço de afetividade”, então impõe-se que o sociólogo submeta-se ao fogo da ação *in situ*, que ele

---

<sup>22</sup> O estilo *crawl* consiste numa forma de nada em que o indivíduo permanece com o corpo na posição horizontal, na linha d’água, a cabeça permanece submersa e em respiração bilateral). A impulsão é realizada pelas pernas, em movimento de tesouras, e braços, em movimentos circulares de impulsão pelo atrito das palmas da mão e a água na fase submersa.

coloque, em toda a medida do possível, seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar, que ele se arvore a adquirir as apetências e as competências que tornam o agente diligente no universo considerado para melhor penetrar no âmago dessa “relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual ne o agente nem o objeto estão postos como tal”, e que, no entanto, os define, aos dois, como tais e ata-os com mil laços de cumplicidade, mais fortes ainda porque são invisíveis (WACQUANT, 2002: 12).

Não proponho aqui um método semelhante ao de Wacquant, *in situ*<sup>23</sup>. Quero chamar a atenção para a ideia do sujeito social que, ao mesmo tempo, aprende com o corpo e é fruto desse mesmo aprendizado. Assim, lançando mão do etnógrafo, o que me interessa nesse contexto é o boxeador no aprendizado da técnica e nas situações de competição. O corpo desse atleta é também seu instrumento de trabalho. Assim o sucesso na carreira é obtido através de uma “gestão rigorosa do corpo”: um regramento que leva em conta treinamento técnico e de força, nutrição, de maneira a considerar o corpo enquanto uma forma de capital – o *capital-corpo* (WACQUANT, 1995). O corpo é preparado, cuidado e mantido através do equilíbrio, dentro dos princípios de sobriedade e economia. Esse rigor é perpassado por uma atmosfera de sacrifício, onde qualquer desvio pode arruinar um treinamento de longo prazo.

No futebol, assim como no boxe ou como em qualquer outro esporte de alto rendimento, o atleta também precisa gerir esse *capital-corpo*. É ele que irá definir de a carreira de futebolistas, uma vez que denota uma espécie de portfólio de habilidades técnicas, táticas e comportamentais. Segundo uma perspectiva semelhante, Fernando Bitencourt (2009) debruça-se na perspectiva da relação entre o corpo e a máquina, tendo em vista a compreensão do sistema prático-simbólico de tal encontro e os significados produzidos. Para tanto, busca como horizonte de análise as categorias de *ciborgue* – por Donna Haraway – e de ser-no-mundo – por Merleau-Ponty – sob a vista foucaultiana de

---

<sup>23</sup> Wacquant se tornou um boxeador para melhor apreender o universo do box em um gueto norte americano.

*anatomopoder* e *biopoder*. O autor considera toda a estrutura do clube – diretoria, centro de treinamento (CTs), profissionais envolvidos, clínicas, estádio, etc. – como uma instituição total, onde a ordem disciplinar do corpo, traduzido dentro da estrutura do CT por uma *anatomopolítica*, uma política de controles nos treinamentos, nos testes físicos, na alimentação, no acompanhamento psicológico visam uma hierarquização em que o saber-poder biomédico cria normas cujo produto não poderia ser outro além do corpo-máquina sugerido pelo escopo do ciborgue. O biopoder deve intervir para que a ordem disciplinar permaneça estabelecida, para a manutenção dessa verdade do corpo-máquina.

Da mesma forma, se há intervenção é porque também existe uma resistência que é trabalhada pelo autor através da ideia de Bourdieu da *illusio*, sob o pressuposto do ser-no-mundo fenomenológico. Nessa perspectiva, além de ciborgue, o atleta possui uma noção de corporeidade, tendo em vista as experiências vividas tanto na relação com os espaços – CT, estádios, casa – quanto com diferentes pessoas. Assim, escolhe uma passagem onde os preceitos teóricos de Haraway encontram o de Merlau-Ponty:

Nossos corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade. Os ciborgues não constituem exceção a isso. O corpo ciborgue não é inocente; ele não nasceu num Paraíso; ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim (ou até quando tenha fim). Ele assume a ironia como natural. Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade. O intenso prazer na habilidade – na habilidade da máquina – deixa de ser um pecado para constituir um aspecto do processo de corporificação. A máquina não é uma coisa a ser animada, idolatrada e dominada. A máquina coincide conosco, com nossos processos; ela é um aspecto de nossa corporificação. Podemos ser responsáveis pelas máquinas; elas não nos dominam ou nos ameaçam. Nós somos responsáveis pelas fronteiras; nós somos essas fronteiras (HARAWAY, 2000:105-6).

No entanto esse ser-no-mundo encontra sua principal fronteira entre as quatro linhas do campo. É durante o jogo - quando se espera

que se repitam os gestos técnicos e táticos treinados e que os corpos suportem os esforços calculados por preparadores e fisiologistas – que o imponderável aparece. Não há mais o controle, tudo pode acontecer e é o atleta, tendo em vista seu *background*, que irá decidir ou, como bem nos fala Fernando, “quando o apito soa (talvez já antes), se entra verdadeiramente em jogo, ou *in lusio*” (BITENCOURT, 2009:290).

No futebol, as “peças” incorporaram todas essas características. São, ao mesmo tempo, fruto de suas origens sociais, de suas constituições corporais, do aprendizado/treinamento físico e técnico, das intervenções de ordem biomédica, bem como de sua forma de lidar com mundo. Sustentam um paradoxo, onde a coletividade e a individualidade, em diferentes níveis, constituem aspectos determinantes na relação entre as forças – os poderes – que envolvem todo o universo do futebol, mais especificamente, do Futebol Feminino.

#### **1.4. A ideia de carreira no Futebol Feminino brasileiro: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação**

No dicionário<sup>24</sup>, o vocábulo “carreira” é resumido como:

Série de ajustamentos porque passa o indivíduo para adaptar-se às instituições, às organizações formas e às relações informais em que sua ocupação o envolve; [...] a sequência de ocupações que constituem o histórico profissional de uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Buscar um conceito que englobe a ideia de carreira no Futebol Feminino remete a uma gama de outras categorias, tais como trabalho, circulação de pessoas e aprendizado. Em seu artigo intitulado *Rodar: a circulação de jogadores de futebol brasileiro no exterior* (2008), Carmen Rial irá chamar a atenção para a coexistência dos conceitos de força de trabalho e mercadoria na concepção de carreira no Futebol Masculino: “eles concentram em si trabalho de outros e circulam como mercadorias, auferindo lucros a terceiros quando dessa circulação (2008, p. 29)”. Assim, a circulação acaba por estar anexada na simbologia de

---

<sup>24</sup> FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. p. 154).

carreira nessa qualidade de profissionais. Como sugerem suas narrativas e o próprio título do artigo, os futebolistas “rodam”.

Outro ponto importante que incluiria nessas duas perspectivas sobre carreira de futebolistas, diz respeito ao aprendizado. Ao rodar por diferentes clubes, jogadoras e jogadores aumentam seu capital-futebolístico (RIAL, 2008; 2014), além do capital-cultural – o capital econômico entre as mulheres, e semelhante ao que acontece entre outras categorias de futebolistas homens, não sofre, necessariamente, acréscimo. O aprendizado consiste no aperfeiçoamento/otimização de suas habilidades técnicas e corpóreas. No próprio vocabulário do futebol brasileiro, a palavra “professor” é utilizada para designar treinadores e outros membros equipe técnica, o que os transforma, em agentes do processo de ensino-aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva, “rodar” representa um componente de profissionalismo no futebol. Quando se trata de Futebol Feminino, assim como entre divisões mais baixas do Futebol Masculino, a antropóloga observou que os contratos assinados no Brasil possuem prazos mais curtos, durando o período correspondente ao campeonato a ser jogado (RIAL, 2014). Por isso, a futebolista acaba circulando por mais clubes em menos tempo, o que constitui jogar “por temporada”. Entretanto, nos últimos anos observa-se uma mudança nesse sentido. Clubes menores, e/ou com posicionamento baixo no ranking da CBF, continuam mantendo essa característica de montar a equipe conforme os campeonatos. Afinal, o orçamento é bastante baixo, o que torna inviável a administração de uma folha de pagamento por um período superior. Outra opção encontrada por esses clubes é o que se conhece como “montar um time de camisa”: “contratar” uma equipe já existente e que jogue “campeonatos de várzea” (SPPAGIARI, 2015; PISANI, 2018) para montar o grupo. Clubes mais estruturados do Futebol Masculino mantinham essa prática durante os campeonatos nacionais de Futebol Feminino. Pode-se utilizar como exemplo a equipe do *Avaí FC* que disputou o Campeonato Brasileiro em 2014: o clube contratou a equipe do *Canto do Rio* que atuava na várzea de Florianópolis (SC). Essa prática, no entanto, tende a terminar em função da nova regulamentação da CONMEBOL.

Entre os clubes mais atuantes do Futebol Feminino, os contratos passaram a ter prazos maiores<sup>25</sup> nos últimos anos. O que faz com que algumas futebolistas continuem circulando por diversos clubes em curto tempo é a fragilidade legal dos contratos. Além disso, o surgimento e

---

<sup>25</sup> Em torno de um ano.

proliferação de agentes também têm determinado essa mudança. A visibilidade internacional, adquirida a partir da circulação em diferentes clubes no exterior, representa uma grande importância para estabelecer uma carreira bem-sucedida no futebol (RIAL, 2008; 2012; 2014; BOTELHO; SKOGVANG, 2014).

O conceito de carreira que busco para explicar as futebolistas desta pesquisa também apresenta como componente as perspectivas de trajetória de vida, projeto e campo de possibilidades. Penso essas categorias a partir dos conceitos de Gilberto Velho (2003), ressaltando que a noção de *campo de possibilidades* insere-se no título desta tese. Gilberto Velho (2003) relaciona *tal categoria* a um espaço sociocultural o qual permite a consciente formulação e reformulação de *projetos*:

Relaciono projeto, como uma dimensão mais racional e consciente, com as circunstâncias expressas no *campo de possibilidades*, inarredável dimensão sociocultural, constitutiva de modelos, paradigmas e mapas. Nessa dialética os indivíduos se fazem, são constituídos, feitos e refeitos, através de suas trajetórias existenciais (VELHO, 2003, p. 9).

Dessa maneira, atribui à sociedade urbana moderno-contemporânea a tendência de constituição do *self* a partir de um intenso jogo de papéis sociais que são adaptados a experiências e a níveis de realidade diversificados, podendo, ou não, apresentar conflitos ou contradições. Essa problemática, constituída pela complexidade na intensa mobilidade material e simbólica do mundo globalizado, que define a *trajetória de vida* do indivíduo: “o que está em jogo é um processo histórico abrangente, e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares” (VELHO, 2003. p. 39).

O *campo de possibilidades*, nas palavras de Velho, apresenta-se como:

Campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sóciohistórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura. O projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade.

Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de longue durée (VELHO, 2003, p. 28).

A viabilidade de realização dos *projeto* depende da capacidade de negociação do indivíduo com outros *projetos* individuais (ou coletivos), bem como da natureza e da dinâmica presentes no *campo de possibilidades*: “os projetos, como as pessoas, mudam; ou as pessoas mudam através de seus projetos; a transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente” (VELHO, 2003, p. 48).

Posto isso, apresento o relato de duas futebolistas com as quais tive contato durante meu trabalho de campo e que as chamarei de Necá e Betina<sup>26</sup>.

Necá e Betina saíram do mesmo clube na Argentina para defender a mesma equipe no Estado de São Paulo. Jogavam em posições diferentes: Necá era meia e Betina, atacante. Ambas assinaram contrato com o mesmo agente, que passou a representá-las pelo período de seis meses. Na equipe paulista, mantinham relação de amizade com o técnico: eram amigas de sua esposa e frequentavam a casa do casal. Betina começou a destacar-se no time e virou uma das artilheiras do campeonato. Nas conversas, as argentinas manifestavam o desejo de jogar fora da América do Sul. Inclusive, mantinham bastante esperança no contrato com a empresa de gerenciamento de carreiras. Betina havia recebido algumas propostas via o agente, mas aguardava outras que pudessem trazer maiores benefício. Com a saída do técnico da equipe, Betina resolveu aceitar a proposta. Necá, não queria permanecer na equipe sem a companheira e no mesmo dia anunciou também a saída. Dizia sentir muita a falta da família na Argentina e, sem Betina, não conseguiria permanecer longe de casa. Passados um ano e meio, Betina já jogou em dois países diferentes e Necá voltou a defender o antigo clube em seu país de origem.

O relato trata de duas pessoas com projetos de carreira semelhantes, provenientes do mesmo país, mas que tiveram trajetórias diferentes durante a vida profissional. A saída de Betina da Argentina e do Brasil fez com que adquirisse maior capital-futebolístico, atraindo

---

<sup>26</sup> Necá e Betina foram duas futebolistas que defenderam o Esporte Clube Radar no início da década de 1980.

maior visibilidade para sua carreira, o que proporcionou outro contrato noutro país. Quanto mais roda, mais experiência ela adquire e, assim, atinge estágios mais avançados de sua carreira. Necá possui um apego a família muito grande, o que faz com que tenha dificuldades de adaptação quando se encontra sem o apporte emocional de alguma pessoa conhecida. Isso, dentro do futebol, muitas vezes é interpretado enquanto um caso de insucesso na carreira profissional.

### **1.5. Métodos etnográficos em mídias sociais como fonte de análise**

Como lidamos com essas novas tecnologias e de que forma as incorporamos nos métodos tradicionais de etnografia?

Do ponto de vista antropológico, as redes que compõe as relações entre pessoas, não representam na história, da humanidade algo recente. Ao contrário, como já vimos anteriormente, o estudo se redes de relações constitui historicamente um objeto de estudo teórico-metodológico central para o estudo organizacional das sociedades.

Existem muitas formas de utilização de mídias sociais. Parece ser óbvio uma vez que quase todos possuem perfil próprio em diferentes mídias sociais. Ao contrário da universalização, anexada à ideia de mundo globalizado e prontamente atribuída às mídias sociais, cada unidade social, cada comunidade, cada grupo irá manipula-las de maneira particular. As próprias plataformas são utilizadas de diferentes formas para diferentes fins. Assim, o livro *How the world changed social medias*, publicado pelo professor Daniel Miller e sua equipe de pesquisadoras/es em 2015, assume um aspecto metodológico importante para a constituição da escrita desta tese, uma vez que auxilia a pensar como as futebolistas operam a utilização de mídias sociais – sociabilidades; *likes* e popularidade; de que maneira se formam as redes de amizade/solidariedade entre futebolistas e como elas se mantém. A pesquisa em mídias sociais pode adquirir uma contribuição bastante interessante à antropologia, uma vez que, conforme observa essas/es pesquisadoras/es, a proliferação de conteúdos visuais, de maneira que a comunicação pela imagem sobrepuja às orais e escritas que. Assim, representam códigos morais, gostos, valores e atitudes de determinados grupos. Esse livro é inteiramente escrito por um grupo de nove pesquisadoras/es, não sendo atribuída única autoria a qualquer um dos capítulos. Essa postura, de certa forma, joga com a própria ideia de autoria a partir das mídias sociais que são fluídas e podem ser reconfiguradas a qualquer momento. Haja vista a forma com que as

informações são transmitidas, interpretadas e ressignificadas em diferentes contextos. Assim, um mesmo tipo de foto (*selfie*, paisagem, comida, animal, etc.), uma mesma pose, uma mesma *hashtag*, são postadas tendo em vista significados completamente diferentes.

São plataformas digitais de socialização. Acabam por ser um prolongamento da pessoa. Por isso, um dos conceitos mais importantes para pensar esse estudo é o de representação do *self* (GOFFMAN, 2009). O próprio conceito aproxima-se a popularmente conhecida *selfie* – autorretrato. Torna-se também importante abordar nessa etnografia o conceito de redes sociais, da forma já aqui abordada. A ideia do que é público e do que é privado é constantemente negociada entre os diferentes *selves*:

They must be seen as relative to each other, since today people use the range of available possibilities to select specific platforms or media for particular genres of interaction. We reject a notion of the virtual that separates online spaces as a different world. We view social media as integral to everyday life in the same way that we now understand the place of the telephone conversation as part of offline life and not as a separate sphere. We propose a theory of attainment to oppose the idea that with new digital technologies we have either lost some essential element of being human or become post-human. We have simply attained a new set of capacities that, like the skills involved in driving a car, are quickly accepted as ordinarily human (MILLER et, Al., p. 2016).

Em 2016, além do *Facebook* e *Instagram*, o *Snapchat* também era considerado bastante popular, sobretudo entre as pessoas mais jovens. Os dois últimos são pensados a partir da junção de plataformas de *chatting*s e o *Facebook*, mas o que sobrepõe são os conteúdos visuais – fotos e pequenos vídeos. O *Snapchat* possui características muito semelhantes o *Instagram*. Seu diferencial estava na proposta da postagem ser apagada da *timeline* de quem se compartilha. Só pode ser visto uma única vez. Isso faz com que as pessoas com as quais se compartilha o perfil sejam mais bem selecionadas, entrando, talvez, numa esfera, num grau de maior intimidade. Em 2017, porém, o *Instagram* também passou a oferecer esse mesmo serviço.

Além de criar uma versão idealizada, as imagens também falam muito do contexto no qual o indivíduo está inserido (Miller et al, 2016). Ao submeter uma postagem, além da expectativa individual, existe toda uma expectativa de aceitação social. Existe a necessidade de sentir-se, de certa forma, dentro dos parâmetros associados ao grupo no qual se pretende atingir. Dessa forma, procuro analisar de que maneira as futebolistas brasileiras utilizam o *Instagram*, tendo em vista a dualidade entre as ideias de trabalho e lazer.

Levando em conta as particularidades na qual esse universo está inserido, encaixa-se neste trabalho com duas perspectivas etnográficas relacionadas à pesquisa em mídias sociais. A primeira diz respeito à um tipo de etnografia de tela (RIAL, 2012) – em que as atrizes deste estudo são analisadas a distância muito mais amplamente – de mulheres, brasileiras, que atuam em diferentes clubes no mundo. Dentro desse princípio, enquanto antropóloga em trabalho de campo, compartilhar os perfis com essas pessoas influí compartilhar também a rotina que se pretende ser mostrada. Como querem mostrar esse self é tanto uma forma de distinção social pelos gostos (BOURDIEU, 2003) desse indivíduo, tendo em vistas os capitais sociais, culturais, econômicos e corporais. Assim, somos transportadas/os para suas casas: conhecemos suas famílias e locais que frequentam; ficamos sabendo o que gostam de comer, de consumir, vícios, *hobbys*, humor; enfim, existe uma gama enorme de informações. Em 2017 Cristiano Ronaldo, jogador de futebol do Real Madrid, eleito cinco vezes enquanto melhor do mundo, é a personalidade mais seguida no *Facebook* e segunda mais seguida no *Instagram*. No começo deste ano uma fotografia postada na sua página do *Instagram* em que está acompanhado de seu filho mais velho e de sua companheira num quarto de hospital, logo após ela ter dado a luz do recém-nascido, tornou-se a postagem de maior número de curtidas até hoje - 11,2 milhões de *likes*.

A segunda forma de análise inclui a perspectiva de Miller *et. al.* (2016), em que a etnografia da mídia é acompanhada e vista pela perspectiva de um trabalho de campo *in loco*. A diferença com o método anterior, leva em conta dois espaços de um mesmo trabalho de campo: o local e o virtual. As pesquisas realizadas pela equipe de Miller levaram em conta os códigos morais e lógicas de cada comunidade descrita. Essas pesquisas revelaram que, muitas vezes, se podem encontrar diferentes formas de exibir o *self* nos dois espaços.

A perspectiva de etnografia em ciberespaços adotada por Jean Segata (2016), de que a/o pesquisadora/o deve dialogar com os *sites* e plataformas virtuais acabam por não encaixar no método aqui adotado.

Por mais que eu estivesse, de certa forma, ativa no *Instagram*, curtindo fotos, comentando e postando, esse papel acaba não sendo trabalhado como foco. Não me coloco em diálogo diretamente com as futebolistas no ambiente virtual. Sempre estive na posição de seguidora. A escolha, nesse sentido, acaba por contemplar mais as imagens e comentários desse grupo.

## 1.6. Considerações finais sobre o capítulo

Este capítulo procurou dar um aporte teórico à pesquisa. Assim, busquei pensar quais categorias moviam as perspectivas observadas durante o campo. Quando falamos de um esporte que é reconhecidamente parte do patrimônio nacional, em que a própria simbologia se confunde à ideia de nação, estamos falando também de um território de disputas, em que as mulheres permaneceram fora até o final da década de 1970. A análise recaiu sobre a relação de poder existente no contexto do Futebol Feminino. O principal motivo para a manutenção dessa forma de pensamento encontrava-se baseado na naturalização e sacralização do corpo da mulher: um corpo descrito por parte da biomedicina da primeira metade do século XX como destinado à maternidade.

Corpo e poder são colocados sob as perspectivas de: Michael Foucault e a constituição histórica da ideia de poder; reconhecimento e conflitos sociais por Axel Honneth; a categoria de ciborgue de Donna Haraway, bem como a de dominação de Pierre Bourdieu; as técnicas do corpo de Marcel Mauss; a categoria de capital-corpo de Lôic Wacquant; e a relação entre corpo e máquina; ciborgue (Haraway)/ser-no-mundo (Merleau-Ponty) trabalhadas por Fernando Bitencourt (2009).

Ao atribuir a construção contextual do Futebol Feminino, o colocamos dentro de uma escala global em que os eventos esportivos se apresentam enquanto elementos fundamentais: são eventos assistidos e consumidos no mundo todo. Da mesma forma, enquanto mercadorias e mãos-de-obra altamente especializadas (RIAL, 2008), as/os próprias/os atletas circulam por diferentes lugares no mundo. Tendo em vista essa perspectiva, a globalização é pensada a partir de autores como: David Harvey e “compressão do tempo-espaco”; Gustavo Lins Ribeiro sobre o aumento em escala global de pessoas, informações e produtos, além de uma redefinição das relações entre lugares, no sentido do incremento da influência do que não está aqui; e Robertson e o conceito de

*glocalização* no sentido que a cultura local é (re)adaptada a uma nova realidade global.

Por fim, apresento a noção de carreira refletido a partir do conceito de “rodar” de Carmen Rial, atribuindo às atrizes dessa pesquisa a condição de viagem.

## 2. CAPÍTULO DOIS – O CHEIRO DE LARANJAS, O APITO DO TREM E OS DOIS RIOS: TRÊS DIFERENTES PAISAGENS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO.

Fazia um lindo fim de tarde quando cheguei. Daqueles que só é possível depois de um dia ensolarado de céu muito claro. O apito do trem e o cheiro de bolo de laranja já anunciaavam: estava de volta à Araraquara<sup>27</sup>.

A entrada em campo é sempre acompanhada de bastante ansiedade. O primeiro contato, a postura como te apresentas, tudo é repassado em todos os detalhes, como um filme, na cabeça pela/o etnógrafo/o. Esse momento é acompanhado por todas as leituras teóricas e discussões entre nossos professores e colegas feitas durante os anos de estudo. Além, claro, do dilema ético do que levaremos do campo para a escrita. Como bem nos lembra a antropóloga Ilka Boaventura Leite (1998), o campo é visto sob a perspectiva da viagem, de forma que o texto etnográfico também assume o aspecto de deslocamento. Portanto a/o etnógrafo/o deve sempre partir do princípio que a totalidade implícita em sua pesquisa também acaba por estar submersa nessa mesma condição, descrita pela autora como “cada vez mais efêmera e provisória” (p. 41). O contexto no qual se insere esta pesquisa é um bom exemplo disso. Hoje, passados um ano desde o final do trabalho de campo com a Ferroviária, tanto o quadro de futebolistas quanto o técnico e o direcional já é completamente outro. Se abrirmos para o cenário nacional do Futebol Feminino, essas mudanças apresentam-se mais patentes.

Tudo isso, faz com que a ideia de viagem atribuída ao campo seja vista mais como um componente situacional. Porém, neste caso, a viagem não é pensada apenas enquanto metáfora. No total, foram cinco à Araraquara, uma para o Uruguai – Com a finalidade de acompanhar a equipe na *Copa Libertadores Feminina*, realizada nas cidades de Colônia do Sacramento e Montevidéu, em dezembro de 2016 – e um período sanduíche em Lisboa – onde tive contato com futebolistas brasileiras que jogaram o primeiro semestre de 2017 em clubes de Portugal e Espanha.

No decorrer deste capítulo trarei um pouco dessa experiência

---

<sup>27</sup> Nota extraída do diário de campo.

vivida num trabalho de campo realizado em diferentes contextos. Tem como objetivo circunscrever diferentes componentes que participam do contexto no qual as futebolistas brasileiras estão inseridas. Dessa forma, grande parte dessa etnografia que irei apresentar realizou-se dentro do ciberespaço, entre conversas em *chats* – como *Messenger* e *Whatsapp* – e acompanhamentos de perfis no *Facebook* e *Instagram*.

Também entrei em contato com cinco gentes de gerenciamento de carreira, entre brasileiros e portugueses. Apenas uma das empresas trabalha exclusivamente com futebolistas mulheres, sendo sediada em Portugal. Existem mulheres que atuam nesta área, tanto na abordagem – como “olheiras” – quanto acionando contatos nos clubes. Até então desconhecia tal atividade voltada para o Futebol Feminino. Estima-se que desde 2015 essas empresas/agentes estejam atuando nessa modalidade, a qual já está bastante desenvolvida no Futebol Masculino. A primeira indicação surgiu de uma conversa com as jogadoras argentinas da equipe da *Ferroviária*. Conforme contaram, foram abordadas por uma dessas empresas e assinaram um contrato de seis meses para que suas carreiras passassem a ser geridas, tendo como foco transferências para clubes estrangeiros. No entanto, não entrarei em maiores detalhes nesse momento. Desenvolvo melhor a questão no quarto capítulo.

Outro ponto importante a ser salientado, diz respeito a essas/es atrizes/atores que compõem o enredo. Identifico apenas a equipe de Futebol Feminino da *Ferroviária* enquanto membro da Fundação de Amparo ao Esporte do Município de Araraquara – *Fundesport/Prefeitura de Araraquara*. Futebolistas, diretorias, comissão técnica, clubes ibéricos, agentes, entre outras/os, não têm os nomes revelados. Por mais que pessoas que façam parte desse meio possam facilmente reconhecer os, a medida torna-se importante uma vez que procura solucionar vários problemas de ordem ética e, por conseguinte, metodológica:

1 – As futebolistas brasileiras com quem tive contato em Portugal e na Espanha não tinham autorização dos clubes e/ou agentes para participar da pesquisa;

2 – Na AFE, assim como em muitos clubes, a rotatividade de atletas e corpo técnico é bastante alta, o que atribui um caráter transitório ao momento da etnografia;

3 – Existem algumas questões que ainda são tratadas enquanto segredo. Grande parte delas não irei mencionar, pois abarcam um grande sistema no qual o Futebol Feminino brasileiro está inserido.

Dessa forma, utilizarei nome de futebolistas aposentadas/os para designar minhas/meus interlocutoras/es que fizeram parte dessa pesquisa. As jogadoras, por outro, são tratadas de forma mais genérica, de modo a embaralhar mais as informações. A única exceção é feita à capitã, uma vez que essa posição é extremamente importante na identificação de hierarquia no grupo. As informações aqui contidas estão baseadas, sobretudo, no diário de campo e nos arquivos de voz, fotográfico e audiovisual colhidos durante o período da pesquisa. Por fim, divido o capítulo nos três momentos/locais já mencionados e dedico uma reflexão final sobre os aspectos que permeiam esta tese: globalização, relações de poder e corpo.

## **2.1. Araraquara: as fotos, o mate e a etnografia na “morada do sol”.**

Iniciei o trabalho de campo em janeiro de 2016, em um clube de Araraquara, cidade do interior do estado de São Paulo, chamado *Associação Ferroviária de Esporte* (AFE). O clube existe desde 1950, mas a equipe de Futebol Feminino foi criada apenas em 2007 pela *Secretaria de Esportes da Prefeitura Municipal* (FUNDESPORT), motivada por uma ideia de promoção da modalidade e tendo em vista os bons resultados obtidos pelas mulheres da equipe de futsal. De lá para cá, a equipe foi campeã do *Paulista*, da *Copa do Brasil* e da *Libertadores Feminina*. Diante desses resultados, o clube tornou-se referência no Brasil, o que fez com que muitas futebolistas quisessem entrar na equipe a fim de alavancar suas carreiras. Também iria trabalhar com uma equipe do interior de Santa Catarina que havia se tornado campeão da *Copa do Brasil* em 2015, mas o clube encerrou suas atividades em função de um atentado sofrido na sede<sup>28</sup>.

O topônimo Araraquara é traduzido por Pio Lourenço Corrêa<sup>29</sup> enquanto “buraco da luz nascente”, o que poeticamente chamou de “morada do sol”. O sol também estampa a bandeira e o brasão. A cidade possui cerca de 233 mil habitantes, sendo a trigésima sexta mais populosa do estado de São Paulo. Localiza-se na região central do

<sup>28</sup> Em dezembro de 2015, um ex-técnico da equipe de futsal do Kindermann invadiu a sede do clube com a intenção de matar dirigentes e comissão técnica da equipe. Nessa ação, morreu o técnico que o substituirá e o presidente, Salézio Kindermann, resolveu encerrar as atividades do clube. Em janeiro de 2017, o Kindermann retornou às disputas.

<sup>29</sup> Intelectual bastante conhecido na cidade, tio do escritor Mário de Andrade e dono na Chácara Sapucaia.

estado, fazendo parte da mesorregião que compreende 21 municípios, entre eles, Araraquara e São Carlos. Assim, existe um grande fluxo de estudantes universitários, uma vez que essas cidades são sedes de *campi* de grandes centros universitários, como UNESP, USP e UFSCar. A economia está baseada na plantação de cana e na produção de suco de laranja – nessa última atividade é responsável por 96% da produção nacional.

Entrei em contato com a assessoria de imprensa e com o diretor da equipe de Futebol Feminino da AFE nos primeiros dias do ano, tendo em vista a apresentação das futebolistas ao clube e a retomada das atividades. A resposta positiva aos meus anseios veio em seguida:

Boa tarde Caroline

O clube está à disposição para colaborar em seu estudo. As atletas já se apresentaram, inclusive contamos com duas atletas estrangeiras no elenco.

Att

De início não dei muita importância à presença de estrangeiras na equipe. Estava focada na carreira de futebolistas brasileiras. Com o passar do tempo, fui percebendo que a existência de futebolistas de outras nacionalidades jogando nos clubes brasileiros representa muito do papel que o Futebol Feminino brasileiro protagoniza no cenário mundial.

Entre Florianópolis e Araraquara, foram mais de novecentos quilômetros percorridos de carro. Deixei a ilha nas primeiras horas da manhã em direção à cidade, até então, desconhecida. Nunca havia dirigido tantos quilômetros num mesmo dia. Uma amiga, também antropóloga, acompanhou-me até Campinas, o que por um certo tempo diminuiu aquela sensação de solidão tão bem descrita por Malinowski na introdução de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* no momento da entrada em campo. Após deixa-la no destino, segui ao meu, agora completamente só. Cheguei ao hotel na cidade do interior paulista às onze horas da noite, exausta. Mesmo que metaforicamente, me senti de certa forma como o antropólogo polonês àquela época: era uma novata. Não tinha mais nada a fazer, a não ser iniciar imediatamente meu trabalho etnográfico.

Em Araraquara, dirigi-me ao endereço enviado, situado no Ginásio Municipal de Esportes – conhecido popularmente como Gigantão – situado no complexo esportivo municipal. Dele fazem parte a arena de futebol Fonte Luminosa e o complexo aquático. Anunciei

minha chegada à recepcionista que me encaminhou a uma sala de espera, onde se encontravam duas meninas com o uniforme da AFE. Sentada, com meu diário de campo em mãos, ficava imaginando em assuntos que poderiam iniciar minha inserção na cena a ponto da minha presença poder ser notada e, de certa forma, compreendida de forma favorável a mim:

Percebi que conversavam sobre marcas/machucados decorrentes do futebol. Perguntei à menina que estava ao meu lado se a cicatriz no joelho decorria de uma cirurgia. Ela respondeu que sim. Eu: quanto tempo faz? Ela: Cinco meses. Eu: Foi uma lesão de jogo? Ela: Sim, rompi o ligamento. Fez-se silêncio. Achei que precisava engatar algum outro assunto para a conversa não morrer. Perguntei então se eram da equipe de futebol de campo. Vinda a afirmativa, perguntei como estava o calendário para o Campeonato Brasileiro, pois não havia encontrado online. Uma delas respondeu que na primeira fase, os jogos são mais regionais. Tive impressão de estar causando certo desconforto, embora ambas estivessem sendo bastante simpática. Fiquei mais tranquila quando as duas, ao ir embora, se despediram de mim<sup>30</sup>.

Essa sensação de causar desconforto entre meus interlocutores acompanhou-me durante as primeiras viagens à Araraquara. Assim como descreveu Clifford Geertz (2008), era uma invasora. Restava saber se, assim como os balineses tratavam o antropólogo estadunidense, seria também trada como não-pessoa, como criatura invisível.

Em meio a todo esse enredo e receio, fui recebida pelo Diretor do Futebol Feminino da Ferroviária (quem chamarei de Carlos Alberto<sup>31</sup>), ligado à *Fundesport*<sup>32</sup>, que designou um coordenador para acompanhar meu trabalho de campo entre as futebolistas: “Você avalia o que ela pode ou não pode fazer”, disse-lhe. Pronto, estava dentro. Dali para frente tudo dependia de mim – e do coordenador. O responsável apresentou-se de forma bastante amistosa. Como estava de carro,

<sup>30</sup> Notas do diário de campo.

<sup>31</sup> Carlos Alberto Torres foi o capitão do tricampeonato em 1970. Além da Seleção Brasileira, também defendeu o Flamengo, o Fluminense, o Botafogo e o Santos.

<sup>32</sup> Fundação de Amparo Ao Esporte do Município de Araraquara.

ofereci-me para auxiliar em algumas atividades. Lembrei-me logo dos ensinamentos do professor Hélio Silva<sup>33</sup>, quando nos dizia, em sala de aula, privilegiar as interações no campo, de forma que nunca precisou entrevistar de fato suas/seus interlocutoras/es. Procurei mostrar contrapartida: enquanto antropóloga, pesquisando a equipe, estava à disposição do grupo. Assim, oferecia caronas, ajudava a recolher o material nos treinos e no vestiário depois dos jogos, preenchia formulários, gravava os jogos, entre outros.

No entanto, ao contrário do professor Hélio, a entrevista no meu campo seria indubitavelmente necessária. Tratava-se de um grupo de mulheres atletas num clube campeão que, embora não movimentasse nem perto as somas de um equivalente na modalidade masculina, incorpora estruturalmente o *ethos* dos clubes-empresas do Futebol Masculino brasileiro<sup>34</sup>. Dessa forma, teria que justificar minha presença e apresentar métodos de pesquisa acadêmica que fossem admissíveis naquele contexto. Enquanto antropólogas/os, sabemos das dificuldades de compreensão dos métodos etnográficos a pessoas de outras áreas, inclusive das Ciências Humanas. A solução, por mim encontrada, foi de enviar um plano de trabalho no qual estavam previstas entrevistas. A ideia surtiu efeito e, tanto o diretor quanto o coordenado, afirmaram que eu estaria livre para entrevista-las na casa ou na sala de reunião da Fundesport.

Da sede fomos – o coordenador, que chamarei daqui para a frente de Zenon<sup>35</sup>, e eu – até a casa que servia de alojamento ao grupo. Tinha noção que ele seria peça-chave para o sucesso/progresso do trabalho de campo, uma vez que iria me inserir no campo com minhas interlocutoras futebolistas. Evidentemente que, ao mesmo tempo, estaria me observando e relatando tudo o que fizesse ao diretor-chefe.

Ao todo, acompanhei quatro campeonatos, três treinadoras/es e diferentes formações de times, uma vez que 45 atletas – entre 15 e 31 anos – jogaram na Ferroviária em 2016. Acompanhei jogos, treinos,

<sup>33</sup> O professor Hélio Silva esteve enquanto professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina entre 2014 e 2016, quando ministrou as disciplinas de Antropologia Urbana, Etnografia e Periferias Urbanas, as quais participei enquanto aluna.

<sup>34</sup> Trarei mais detalhes nos capítulos seguintes.

<sup>35</sup> Zenon (1954 - ) foi um grande futebolista catarinense que atuou pelo Avaí FC. Também jogou na Arábia Saudita, Atlético Mineiro e Corinthians – Nesse último, foi um dos articuladores da Democracia Corinthiana, ao lado de Sócrates, Casagrande e Wladimir.

algumas viagens em cidades próximas, campeonatos, rotina nas casas, rotina no trabalho, pré-jogos no vestiário, culto em igreja evangélica, entre outros.

### **2.1.1. A Casa, os treinos e a rotina.**

Durante o trabalho de campo em Araraquara, acompanhei a mudança de alojamento do grupo. Ambos eram bastante próximos da arena da Fonte Luminosa e da sede do clube, na zona norte do município. Essa região diferencia de outras partes da cidade por ser uma área onde se encontra predominantemente, camadas médias e médias altas. A troca de moradia deu-se em função da premiação em dinheiro recebida pelo título na *Libertadores da América* em 2015. Segundo Zenon, a Ferroviária merecia uma casa a altura de uma equipe campeã.

A moradia antiga não era ruim, apenas pequena para as 22 mulheres<sup>36</sup> que moravam no local. Tinha três quartos, mais uma edícula com um cômodo no qual também era usado como dormitório. Neles, estavam dispostos beliches, e guarda-roupas, ocupando quase que por completo o espaço. O grande problema era o banheiro: havia apenas dois para todo o grupo, o que causava bastante conflito. A sala e uma ampla cozinha completavam o ambiente. A primeira que estive na casa foi num dia logo após o almoço. Na entrada estava um grupo de quatro jogadoras bastante novas: uma delas tocava violão enquanto as outras acompanhavam em cantorias. Na mesa da cozinha algumas futebolistas jogavam *truco*. No entanto, a maioria aproveitava o tempo livre, antes do treino físico de força, para descansar. Zenon foi apresentando-me à medida que as encontrava pela casa: “a Carol é antropóloga da Universidade Federal de Santa Catarina, vai acompanhar vocês para a pesquisa de Doutorado”. Aguardamos no local até que viesse a capitã da equipe. Queria que fosse apresentada pessoalmente, já que, conforme afirmou-me em seguida, ela era o “termômetro da casa”: se me aceitasse, as outras também aceitariam. Era uma figura bastante séria e de poucas palavras na presença de estranhos. Enquanto Zenon falava, ressaltava que o trabalho seria bastante importante para a categoria. Além disso, adiantou que todas deveriam estar acessíveis, pois aplicaria

---

<sup>36</sup> Algumas jogadoras, menores de idade, moravam em outra casa no mesmo bairro, onde também estavam alocadas atletas mulheres do futsal e do atletismo. As refeições, entretanto, eram sempre feitas no alojamento da equipe de futebol de campo.

eu pretendia entrevista-las. Após prestar atenção, respondeu afirmativamente como se estivesse recebendo uma instrução em campo.



Figura 1 - Primeira Casa (Google Street View)

Havia acertado, para o dia seguinte, que iria acompanhar o treino técnico em campo pela manhã e à tarde levaria as argentinas para retirarem CPF, para então serem inscritas na Federação Paulista de Futebol. Cheguei no horário combinado, as meninas ainda tomavam café da manhã. Essa primeira refeição é preparada por elas com os ingredientes trazidos por Zenon logo cedo: pão, frios. Café e achocolato são alimentos comprados no rancho semanal<sup>37</sup>. A feira é feita duas vezes na semana. Assim que terminam a alimentação, já têm que sair. A equipe feminina da Ferroviária não possui um Centro de Treinamento, sendo parte dos treinos realizados em campos de futebol pertencentes à Prefeitura de Araraquara e outros numa academia de musculação de propriedade do fisiologista – voluntário – da equipe<sup>38</sup>. Esse primeiro percurso é realizado com um ônibus da prefeitura. Nem todas as jogadoras da Ferroviária utilizam esse ônibus para ir aos treinos. Aquelas que possuem automóveis dão preferência ao veículo, criando um sistema de caronas em função de suas afinidades na casa.

Fui apresentada pela capitã ao técnico na época, assim como os demais auxiliares (todos homens). Todos permitiram que eu utilizasse

---

<sup>37</sup> Acompanhei uma compra de supermercado com Zenon. São basicamente arroz, feijão/lentilha, massa, molho de tomate, ovos, farinhas, leite, achocolatado, açúcar, café, azeite, margarina e produtos para a limpeza da casa. As carnes são compradas de acordo com o cardápio, quase que diariamente.

<sup>38</sup> O retorno é realizado em forma de patrocínio na camisa.

câmera fotográfica e filmadora. Os treinamentos são divididos em quatro partes: físico de resistência, técnico e tático pela manhã e físico de força à tarde – realizado numa academia de ginástica. Abaixo, para melhor compreensão, presento um quadro de atividades do grupo referente ao mês de abril de 2016, levando em consideração um suposto jogo na quarta-feira às 14:00, em casa:

Tabela 1 - Planejamento da semana.

	<b>DOM</b>	<b>SEG</b>	<b>TER</b>	<b>QUA</b>	<b>QUI</b>	<b>SEX</b>	<b>SAB</b>
<b>Café da Manhã</b>	De 7:30 até 8:30	De 7:30 até 8:30	De 7:30 até 8:30	De 7:30 até 8:30	De 7:30 até 8:30	De 7:30 até 8:30	De 7:30 até 8:30
<b>Treino no Campo</b>	Das 9:00 até 11:00	Das 9:00 até 11:00	Das 9:00 até 11:00	Folga	Folga	Das 9:00 até 11:00	Das 9:00 até 11:00
<b>Almoço</b>	11:30	11:30	11:30	11:00	11:30	11:30	11:30
<b>Treino na Academia*</b>	De 13:30 até 16:30	De 13:30 até 16:30	De 13:30 até 16:30	Jogo	Regenerativo	De 13:30 até 16:30	De 13:30 até 16:30
<b>Jantar</b>	18:00	18:00	18:00	17:00	18:00	18:00	18:00

\*Dividido em três grupos

O ônibus retornou com as jogadoras assim que as atividades da manhã tiveram fim. Quando desci, para minha surpresa, algumas meninas me convidaram para almoçar com elas. Perguntei se isso não causaria problema, mas elas me tranquilizaram: “almoça com a gente, moça. Pode ficar à vontade”. Aproveitei para conhecer a cozinheira – que aqui chamarei de Duda<sup>39</sup>. Sabia que ela também seria outra pessoa importante para a pesquisa, já que era bastante querida na casa. Bem-humorada, Duda apresentava-se sempre muito arrumada. Não revelava a idade, mas trazia um aspecto bastante jovial. De todas/os as/os integrantes da Ferroviária era quem mais conhecia o ambiente: sabia desde as brigas e afetividades dentro da casa, até os problemas relacionados às relações externas. Também era quem informava Zenon da lista de compras e dos reparos a ser feitos. Trabalhava das 9:00 até as 16:00, de segunda a sábado, sendo problemático quando jogavam em Araraquara nos domingos, pois precisavam sempre negociar o horário extra – o que parecia sempre gerar certo desconforto. Dizia que não iria ficar trabalhando ali para sempre. Queria ascender profissionalmente e

<sup>3939</sup> Referente a futebolista brasileira Eduarda Marranghello Luizelli (1971 - ) que atuou pelo Internacional, Milan e pela Seleção Feminina.

para isso contava com os ganhos financeiros como consultora de uma marca de cosméticos. Algumas das futebolistas também completavam a renda revendendo produtos da mesma marca.

A hora do almoço representa um momento de sociabilidade em que todas se encontram juntas para a refeição. O mesmo não é observado na hora do jantar, uma vez que Duda deixa a comida pronta para que as jogadoras aqueçam no horário da janta. Existe um cardápio semanal proposto por Carlos Alberto e Zenon, no qual, nem as meninas, nem a Duda parecem concordar: “Isso é coisa da cabeça deles, devia ser feito por nutricionista. [...] Hoje eles programaram lentilha, as meninas não gostam”. Certa vez confessou-me: “olha, quando o Nilton<sup>40</sup> (fisiologista) voltar vai acabar com isso aí”. Sobre o assunto, ouvi de uma das jogadoras: “os dois estudaram muito para isso”. A fala era um misto entre ironia – já que nenhum deles era formado em nutrição – e indignação pelo descaso de não contratar um serviço especializado. No entanto, Zenon afirmava que para os dias de jogos utilizavam o cardápio de nutricionistas. Basicamente, as refeições são compostas de uma proteína animal (bife, frango, peixe ou bisteca), um carboidrato (arroz ou massa), feijão/lentilha, uma leguminosa e salada.

Logo após o almoço, algumas jogadoras saíram para ir às piscinas do complexo aquático. Como já mencionei antes, era janeiro, então fazia muito calor. Acompanhei esse momento de mais intimidade e fui escalada para fazer as fotos: “*moça, tira foto nossa?* Mas não pode mostrar *pra ninguém*”. O recurso de utilizar câmera fotográfica e filmadora – mesmo sendo de uso mais caseiro, portanto menores – surtiu bom efeito. Primeiro, porque minha presença era justificada na cena ao fotografar/filmar esses momentos, tanto nos treinos quanto nos jogos ou noutros quais me fosse solicitado/permitido. Nesse sentido não era uma figura que destoava da paisagem. Estava representando um papel o qual era facilmente identificado por elas. No entanto, o mesmo não era permitido na casa e vestiário. Todas as fotos que tirei desses ambientes foram mediante autorização. Segundo, na maioria das vezes, futebolistas gostam de ser fotografadas. Nas primeiras idas ao campo, paravam e faziam poses quando percebiam que eu estava fotografando. Além disso, pediam para que passasse as fotos para que fossem postadas nas redes sociais, sucedendo de: “me segue lá no *insta*<sup>41</sup>”. A utilização

---

<sup>40</sup> Referente a Nilton Santos (1925 – 2013), eterno capitão do Botafogo, jogou pela seleção nas copas do Mundo de 1950, 1954, 1958 e 1962, sendo bicampeão.

<sup>41</sup> Referente ao *Instagram*. Esse aspecto vai ser melhor abordado no último

de máquinas fotográficas em etnografias tem se mostrado bastante exitosa em diferentes contextos (ZALUAR, 1984; RIAL, 1998; PISANI, 2018). Porém, o ato de fotografar é relacional, é um contato em que se deve respeitar os códigos culturais e vontades daqueles que estamos fotografando (RIAL, 1998). As únicas fotos que tenho do interior da casa – e que foram permitidas por elas – são de murais com horários de treinos/refeições, cardápios, rotina de limpeza/multas<sup>42</sup>, postais e frases motivacionais. O que mais chamou minha atenção foi uma colagem em bom tamanho com uma inscrição<sup>43</sup> que exaltava o título da Libertadores em detrimento ao São José – equipe tricampeã de tal competição (2011, 2013 e 2014) e campeã mundial em 2014, além de principal rival.

Na segunda viagem ao campo, a equipe já estava instalada no alojamento novo. Uma casa bem maior: possuía três quartos, uma suíte, três banheiros, uma edícula com dois quartos e banheiro, área de churrasqueira, sala e cozinha amplas. Além disso, tratava-se de uma construção mais nova, portanto não demandava tantos reparos de manutenção. Na visita anterior, havia acompanhado a vistoria com um grupo bem seleto de jogadoras, em que a capitã decidiu pela divisão dos quartos. Escolheu para si e suas amigas a suíte, único local da casa com ar condicionado e banheira. Perguntei mais tarde a Zenon sobre o processo de divisão dos cômodos, no que respondeu: “olha, não me meto nisso; prefiro que fique entre elas; assim não vêm reclamar depois”. Falou apenas que queria as argentinas juntas.

capítulo.

<sup>42</sup> A rotina de limpeza com multas em dinheiro – àquelas que não cumprissem foi instituída durante o ano de 2016, já na nova moradia. Acionei o recurso de nota de rodapé para explicar a situação: na visita anterior, conversava com Zenon sobre o local que estava “morando” em Araraquara; tratava-se de uma república de estudantes da UNESP – ao todo doze mulheres; contei a ele sobre como funcionava o sistema de limpeza da casa; nele, existia uma rotina de atividades e quem não a cumprisse estava sujeito a “multas”, tais como lavar a louça durante uma semana; coincidência ou não, na viagem seguinte me deparo com a tal tabela de multas, o que me fez refletir sobre os cuidados que temos que ter ao falar coisas na situação de campo.

<sup>43</sup> Prometi às jogadoras que não publicaria a foto, nem falaria o conteúdo escrito.



Figura 2 - Vista lateral do alojamento atual da equipe (Google Street View)

Na figura, o muro alto e as árvores cobrem muito da vista da casa. Dela pode-se ver os telhados da construção principal e da edícula, próximo ao portão de acesso lateral. Existe um portão principal na frente, que dá acesso ao jardim e a uma varanda. Algumas atletas possuem automóvel, que na maioria das vezes ficam estacionados fora do pátio. A preferência é concedida às motocicletas. Embora a moradia esteja cercada por grandes muros, o bairro, assim como a cidade em si, é bastante tranquilo.

Não muito distante desse local, encontra-se a academia de musculação onde as futebolistas treinam à tarde. O condicionamento físico<sup>44</sup> é planeado por Nilton – fisiologista da equipe e proprietário desse espaço. É ele também quem prescreve e prepara a suplementação oferecida tanto nos momentos de treinos de força, quanto para nos jogos. Torna-se importante salientar que nem todas as atletas recebem a mesma ou a mesma suplementação. Nilton procura realizar um trabalho bem individualizado nesse sentido. É bastante respeitado e querido pelo grupo, fazendo parte do seletº grupo chamado de *professores*.

Sobre os demais integrantes da equipe técnica, os outros professores, estavam o técnico, dois auxiliares e um preparador de goleiras. Ao todo foram três técnicas/os que comandaram a Ferroviária em 2016. O primeiro, que chamarei de Héleno, vinha desde 2014 e havia conquistado importantes títulos, como a Copa do Brasil (2014), Campeonato Brasileiro (2014) e Libertadores da América (2015). O planejamento da Ferroviária para o futebol feminino nesse ano envivia

---

<sup>44</sup> Não entrarei em maiores detalhes sobre a periodização do treinamento.

criar uma equipe competitiva, dinâmica e inteligente que pudesse se lançar vitoriosa nos campeonatos a disputar. Deparei-me diversas vezes com discursos que exaltavam o saber científico para obter sucesso no futebol. Era essa a “filosofia” – como é chamada no meio futebolístico – adotada pelo então técnico da equipe na época. Héleno<sup>45</sup>, todavia, deixou a equipe ainda no primeiro semestre do ano para assumir uma das categorias de base do Futebol Masculino da Ferroviária<sup>46</sup>. Tal filosofia é colocada em contraposição à “filosofia tradicional”, quase num sentido folclórico, com todas as superstições e que seria aquela majoritariamente adotada pela maioria das/os técnicas/os de futebol no Brasil. Tradicional também era a forma de trabalho do segundo técnico, Dario<sup>47</sup>. Tive pouco contato com ele, conversando apenas em dois momentos. Era ex-jogador de futebol e mantinha-se mais distante das meninas.

Por último, assumiu uma técnica que trato aqui pelo nome de Rosilane<sup>48</sup>. Era a primeira vez que a AFE contratava uma mulher para comandar o grupo. Perguntei ao Zenon sobre como chegaram ao nome dela. Segundo o coordenador, ela já havia enviado currículo para o clube. Vinha se destacando no curso da CBF e tinha experiência como auxiliar em equipes do Rio Grande do Sul. Com a saída de Dario para assumir uma equipe de também de Futebol Masculino no interior de São

<sup>45</sup> Héleno de Freitas (1920 – 1959) foi uma grande estrela do Botafogo. Atuou também pela Seleção durante a década de 1940 (período sem Copa do Mundo), além das equipes do Boca Juniors, Vasco da Gama, Junior de Barranquilla e Santos.

<sup>46</sup> Héleno preferiu sair de uma equipe de Futebol Feminino campeão para assumir o comando de uma equipe de base do Futebol Masculino. Isso demonstra que, o retorno oferecido no Masculino é muito mais garantido.

<sup>47</sup> Dario José dos Santos (1946 - ), mais conhecido como Dadá Maravilha, fez parte da seleção de 1970. Sua escalação na época gerou bastante polêmica, uma vez que o presidente do país na época – o ditador Emílio Garrastazu Médici – havia expressado que o queria na seleção. Por sua vez, o técnico, o jornalista esportivo – e comunista – João Saldanha, não gostou nada, ao passo que respondeu: “nem eu escalo o ministério, nem presidente escala time”. Após esse episódio, por imposição de Médici, João Havelange teria demitido Saldanha, contratado Zagallo e escalado Dadá. O jogador defendeu vários clubes, dentro deles Atlético Mineiro, Flamengo e Internacional.

<sup>48</sup> Rosilane Camargo Motta (1966 - ) era mais conhecida pelo apelido Fanta. Defendeu a Seleção Brasileira nas primeiras competições, despedindo-se no Mundial de 1999 sediado nos Estados Unidos. Também jogou pelo E.C. Radar e Vasco da Gama.

Paulo, a técnica gaúcha pareceu uma boa opção. Como mulher, Rosilane acaba por manter uma postura mais austera que os outros técnicos que havia conhecido. Quando a conheci, era meado de outubro e equipe treinava para a Libertadores. Algumas jogadoras que fizeram parte da Seleção Permanente haviam chegado como reforço e o grupo, aparentemente, parecia coeso. Obviamente que existia certa tensão em torno de quem seria escalada para os jogos no Uruguai. Um pouco mais à vontade em campo, conversava com algumas meninas sobre a novidade de se ter uma mulher no comando: “o bom é que a Rosilane entende a gente melhor; ela é mulher igual a gente”. Lembrei-me de quando “apliquei” o questionário, que entre uma pergunta e outra tentava puxar o assunto sobre a importância de mulheres na diretoria dos clubes e em cargos técnicos. As respostas vinham bastante em função de ter maior espaço e visibilidade às mulheres na área. Por vezes citavam o exemplo da técnica Emily Lima, na época dirigindo o São José.

Por mais que a Associação Ferroviária de Esportes seja um clube de tradição no Futebol Masculino, foi a partir da modalidade Feminina que passou a conquistar títulos nacionais e internacionais. As futebolistas são conhecidas e delas fala-se com orgulho. Acessam todas as zonas da cidade, se não pelos treinos e estudos, são durante os momentos de lazer em shoppings, restaurantes, praças, bares e danceterias. As igrejas também são locais bastante importantes. Em especial a Igreja Universal do Reino de Deus, onde um grupo – entre elas a própria Duda – frequenta os cultos. No que tange a circulação dessas atletas em função da prática desportiva, a movimentação fica mais restringida as zonas norte e nordeste, conforme a figura abaixo:



Figura 3 - Vista da região norte/nordeste de Araraquara (Google Maps)

A Igreja Universal possui uma grande sede no centro da cidade. Está um pouco mais afastada dessa área de circulação mostrada acima. As estrelas vermelhas no mapa ilustram um pouco os espaços por onde as futebolistas circulam na cidade de Araraquara, em função da rotina profissional imposta pelo clube, onde:

- A. Representa a antiga moradia;
- B. É o local onde se encontra a nova casa;
- C. Complexo esportivo da Arena da Fonte Luminosa, onde estão as piscinas, estádio, ginásio de esportes e sede da *Fundesport/Equipe da Ferroviária Feminina*;
- D. Academia de musculação do Nilton;
- E. Parque Pinheirinho, onde ocorre grande parte dos treinos.

### **2.1.2. Sendo pesquisadora em campo**

Se durante os treinos e jogos, o trabalho de campo parecia transcorrer bem – e era chamada por Carol –, em outras situações não – era apenas a *moça*. Foram desses ambientes, era vista sempre ao lado – e sob o controle de Zenon – acabei por despertar certa desconfiança entre a equipe. Existia uma linha muito tênue entre que dividia esses dois momentos – entre Carol e *moça* – e que diz respeito a maneira como esse grupo concede a ideia sobre o público e o privado. É durante os treinamentos e os jogos que a equipe recebe jornalistas, pesquisadores e demais visitas. Nesses lugares são profissionais, futebolistas que representam um clube. A partir do momento que o clube autoriza a “invasão”, a presença da/o pesquisadora/or passa a fazer sentido naquele local. O mesmo não acontece no ambiente da casa – e/ou nos horários de folga/ lazer. Trata-se de um aspecto relacional em que procuro pensá-lo um pouco através da ideia dos espaços da casa e da rua (DAMATTA, 1986). Para o antropólogo brasileiro, a rua representa um espaço que tende a ideia de igualitário, já que se parte do princípio que está aberta a todos. No Brasil essa indiferenciação atribuída ao indivíduo na rua adquire uma conotação negativa, uma vez que é o local onde se trabalha, sendo um misto entre exploração e cidadania. A casa, ao contrário, traz o sentido de lar, de lugar moral, no qual as pessoas que ali moram e frequentam compartilham:

Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente

como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social. Assim, na casa, somos únicos e insubstituíveis. Temos um lugar singular numa teia de relações marcadas por muitas dimensões sociais importantes, como a divisão de sexo e de idade [...]. Assim, a casa demarca um espaço definitivamente amoroso onde a harmonia deve reinar sobre a confusão, a competição e a desordem (*Idem.* pg. 20-23).

A casa da Ferroviária, embora um alojamento, assume características semelhantes. Existe uma hierarquia e regras, que não são impostas pela diretoria, mas são compartilhadas por todas que lá moram, permitindo com que haja uma harmonia no ambiente. Minha presença fora dos horários de almoço<sup>49</sup> e dos treinos da tarde<sup>50</sup> era vista forma invasiva. Isso ficou bastante claro quando, numa das primeiras vezes que estive na casa, perguntei a senha da internet. A resposta veio através da negativa: “Ela não está pagando a internet, então não pode usar”. As demais pareciam concordar com a situação, o que me fez ter a certeza de que não seria bem-vinda nesses momentos. Como bem escreveu DaMatta (*Op. Cit.* p. 28), casa e rua são distintos de sociabilidade diferenciada, sendo muito mais do que locais físicos: “são também espaços de onde se pode julgar, classificar, medir, avaliar e decidir sobre ações, pessoas, relações e imoralidades [...] E ainda eles não podem ser confundidos sob pena de grandes confusões e desordens”.

Estava feito: dali em diante seria compreendida durante grande parte do campo, como alguém que estaria junto da diretoria, observando-as de forma a relatar tudo o que se passasse. No entanto essa situação levou-me a pensar em estratégias que pudessem transpor o problema da desconfiança que causava, uma vez que notei ser impossível minha presença sem a ligação com os membros da diretoria, sobretudo o coordenador da equipe que quase sempre estava junto a mim. Assim, para a segunda visita a campo, montei um breve questionário<sup>51</sup> (em anexo), no qual trazia perguntas gerais sobre a

<sup>49</sup> O almoço pode ser considerado como parte do trabalho, uma vez que a rotina de treinos exige que essa refeição obedeça a um horário regular.

<sup>50</sup> Para os treinos da academia à tarde, o grupo era dividido em três horários diferentes para evitar espera entre um exercício/aparelho e outro.

<sup>51</sup> O questionário foi inspirado na estratégia utilizada por minha orientadora, professora Carmen Rial, para seu trabalho de campo durante o doutoramento numa cadeia de *fast food* em Paris, onde utilizava os questionários para aproximar-se dos clientes e poder manter uma conversação.

percepção e planejamento de carreiras no futebol. Isso facilitou até mesmo a minha relação com a diretoria, uma vez que uma pesquisa por *survey* dá uma aparência mais “técnica” ao trabalho. Assim, ligava o gravador e aproveitava para manter uma conversa entre as perguntas. Outra tática era a de entregar o questionário para que elas prenchessem, enquanto ficava conversando sobre outros assuntos. Dessa forma, minha presença na casa estava justificada e me sentia menos invasora. Na maioria das vezes mostravam-se bastante dispostas e salientavam a importância de ter voz, alguém que escute e se interessa pela carreira delas.

Evidentemente que algumas perguntas contidas no questionário foram pensadas de forma a possibilitar a condução da conversa. Meu intuito era saber um pouco mais acerca das perspectivas dessas atletas sobre carreiras, sobretudo no que se refere à configuração do Futebol Feminino do Brasil e ao “sonho” de atuar em clubes estrangeiros. A maioria das futebolistas com quem conversei sobre o assunto, mostrou-se otimista com relação à categoria no país. Por mais que a seleção não tenha conquistado medalhas nos Jogos Olímpicos do Rio, o cenário apresentava-se favorável ainda no segundo semestre de 2016: dois grandes campeonatos nacionais<sup>52</sup> que preenchiam o calendário dos clubes, a escolha de uma mulher para comandar a seleção, incentivo estatal aos clubes, entre outros. No entanto, quando perguntava se gostariam de defender alguma equipe estrangeira, a resposta positiva foi unânime<sup>53</sup>.

Por outro lado, enquanto pesquisadora em campo, também estava sujeita a interpretações alheias. Minha identidade foi construída pelas/os diferentes personagens que fazem parte dessa pesquisa. Para as futebolistas, durante o treino era aquela que fotografava, que auxiliava e que guardava os pertences<sup>54</sup>; em casa oscilava entre a entrevistadora e a invasora. Para os membros da diretora e parte da comissão técnica, por um lado era alguém que poderia fornecer algum auxílio sobre eventuais problemas com a equipe, mas por outro, precisava se vigiada. Descrevo três momentos que foram bastante importantes para essa reflexão:

- Primeiro momento: Carro

<sup>52</sup> A Copa do Brasil foi suspensa pela CBF em 2017, permanecendo apenas o Campeonato Brasileiro.

<sup>53</sup> Abordarei mais sobre esse assunto no terceiro capítulo.

<sup>54</sup> Era comum pedirem para que guardasse telefones celulares, correntes, brincos e *piercings* durante o treino.

Aconteceu na primeira viagem a campo. Estava de carro, auxiliando Zenon em alguma atividade. Conversávamos sobre a área de estudos que engloba a antropologia. Quando ele me perguntou: “Carol, você podia me ajudar a entender uma coisa. Por que no Futebol Feminino existem tantos casos de *homossexualismo*? ” Tinha já ideia para onde iria se encaminhar a conversa. Respondi de forma lacônica: Os homossexuais são parte da população, por isso estão em todos os lugares. A conversa continuou até chegar na equipe.

- Segundo momento: Churrascaria

Logo após uma partida contra o Rio Preto, em São José do Rio Preto, saímos do estádio e fomos a uma churrascaria jantar antes de pegar a estrada de volta a Araraquara. Havia um *buffet*, onde servíamos os acompanhamentos que queríamos para o churrasco. A carne, como é comum nesse tipo de restaurante, era servida na mesa. Esperei todas/os servirem os pratos. Vi que fizeram três mesas: duas delas compostas pelas jogadoras e a outra pela comissão técnica/dirigentes. Quando fiz o meu, fui em direção a uma das mesas onde estavam atletas. Minha intenção era de interagir um pouco mais com elas. Era um ambiente diferente, de repente, poderia fluir alguma coisa. Vendo a cena, Zenon chamou: “Carol, senta aqui com a gente”. Era a única mulher na mesa. A conversa girava em torno dos lances do jogo. Nilton, o técnico, discutia algumas formas de melhorar o desempenho tático do time. A conversa foi dividida entre as duas pontas da mesa. Quando perguntei a um dos auxiliares técnicos o porquê da exigência do uso de tênis pelas atletas. Ao que ele respondeu: “Como vai entrar num restaurante de chinelos”. Emendou que estavam tentando mudar o comportamento das jogadoras, pois, segundo ele, seriam muito rebeldes. Ainda disse que no Futebol Masculino esse tipo de coisas não acontecia, era “outro nível” e que eu não entenderia. Por isso estavam cortando algumas coisas como o que ele chamou de bagunças no ônibus e no vestiário. No final, Zenon pagou meu jantar, mesmo eu não querendo.

- Terceiro momento: Médico

Conheci o médico da equipe no primeiro jogo que

acompanhei. Era um senhor, aproximava-se dos oitenta anos, com especialidade em ginecologia e obstetrícia. Quando soube que era antropóloga e estava realizando uma pesquisa com a equipe da Ferroviária, veio até mim. Queria saber se eu, enquanto mulher e jovem, poderia me aproximar das atletas para estabelecer uma relação de intimidade. Falou que há tempos vinha também pesquisando o grupo e tentando introduzir o uso de pílulas contraceptivas entre elas. Perguntei se elas usavam. Ele respondeu que não. Falavam que a vida corrida de futebolista não permitia namoros.

A pergunta que surge após a exposição dessas três situações consiste em: até que ponto as interações criadas durante o campo foram influenciadas pelo fato de ser mulher? Peggy Golde escreve na introdução da coletânea *Women in the field* (1986) que os aspectos da subjetividade da/o antropóloga/o, como “gênero”, irão afetar diretamente no trabalho de campo. Os relatos colhidos no livro remetem a etnografias da primeira metade do século XX até meados da década de 1960, mostrando o que muitas antropólogas já haviam constatado o mesmo: que ser mulher e estar em trabalho de campo pesquisando uma cultura diferente da qual se pertence, acomete diferentes dificuldades daquelas enfrentadas pelos homens. Essa característica parecia ser negligenciada nos manuais de métodos etnográficos até então. Atenta a esse fato, Peggy Golde convida algumas etnógrafas estadunidenses a contribuir com relatos de campos em diferentes contextos culturais. Golde parte do princípio de que a ideia de “proteção” que permeia<sup>55</sup> de que em grande parte das culturas os homens assumem comportamentos mais ativos, mais agressivos, mais dominantes do que as mulheres:

Other supporting evidence can be found in Barry, Bacon and Child (1957), who found cross-cultural differences in the socialization of male na female children. Their study, based on ethnographic data from 110 societies, revealed that girls are trained to be nurturan, responsible, and obedient, while boys are trained for self-reliance (GOLDE, 1986. p. 7).

Diante dessa perspectiva, as mulheres necessitam de mais

<sup>55</sup> A partir de autores como Roy D'Andrade (*Sex Differences and Cultural Institutions*, 1966) e Herbert Barry, Margareth Bacon e Child (*A Cross Cultural Survey of some Sex Differences in Socialization*, 1957).

“proteção”, pois não podem ser autossuficientes. Como *outsiders*, antropólogas acabam por ser encaixadas em papéis sociais nativos. Ruth Landes é uma das escritoras que compõem essa coletânea. O texto intitulado *A Woman Anthropologist in Brazil*, traz o relato de seu trabalho de campo nas periferias do Rio de Janeiro e Salvador no final da década de 1930. Nele, a antropóloga narra as dificuldades de pesquisar no contexto brasileiro de ordem patriarcal e de como o antropólogo brasileiro Edison Carneiro tornou-se seu “protetor” durante a estadia. As diferentes formas pelas quais era vista – “americana indefesa”, artista de cinema, comunista ou prostituta – refletiam estereótipos que a colocaram em situações de vulnerabilidade, por isso a necessidade de proteção.

Oitenta anos mais tarde, encontrei-me diante de situações semelhantes. Em alguns momentos também sentia que me viam como hipossuficiente, frágil, incapaz. Por isso, talvez, os comentários de que eu não entenderia por parte do auxiliar e a insistência em pagar a conta do meu jantar por Zenon. O próprio grupo, gerido e comandado por homens, era responsável por determinar qual o comportamento que as futebolistas deveriam seguir: não escutar música alta no vestiário ou no ônibus, não utilizar chinelos enquanto estivessem representando a equipe, etc. Era bastante comum escutar frases como: “No *masculino* isso não acontece”; ou “Querem cobrar? Então que sejam profissionais”. Ora, não precisa ser do meio para saber que tais argumentos não se sustentam. O Futebol Masculino não é mais rentável e assistido em função das posturas mais “profissionais<sup>56</sup>” de seus jogadores. Ao contrário, é bastante comum encontrar em diferentes mídias notícias sobre a descontração dos futebolistas nos vestiários, concentração e ônibus. Um exemplo disso está na série de reportagens realizadas durante a Copa do Mundo de 2002 sobre como a música do cantor Zeca Pagodinho, *Deixa a vida me levar*, era tocada e cantada em coro pelos membros da Seleção Brasileira de Futebol Masculino nesses ambientes.

Por outro lado, sendo uma pesquisadora mulher, de certa forma, suscitou o entendimento de que eu poderia trazer uma explicação, dentro de um rigor científico, sobre a subjetividade dessas aletas. Algo que fosse além de relatos e fofocas. Assim, quando o médico queria que eu conversasse com as futebolistas do grupo a fim de convencê-las do uso de pílulas anticonceptivas ou quando Zenon queria que eu trouxesse

---

<sup>56</sup> Podemos pensar a categoria nativa de profissionais enquanto uma categoria polissêmica. Não possui um significado fixo. Depende do contexto no qual é evocada. Neste caso específico, ser profissional é ser disciplinada.

uma explicação para o grande número de lésbicas no Futebol Feminino, ambos me viam enquanto alguém que pudesse intermediar a solução do que acreditavam serem problemas da equipe.

### 2.1.3. Os jogos da Ferroviária

Acompanhei algumas partidas da AFE pelo Campeonato Paulista, Brasileiro e Libertadores. O dia de jogo assemelha-se a um ritual coletivo. Em *O Pensamento Selvagem*, Lévi-Strauss (2011) afirma que o ritual está para o jogo, assim como o pensamento mítico está para a ciência. Ambos são definidos por um conjunto de regras, mas o ritual somente se concretiza através do devido equilíbrio entre as partes. Tendo em vista a perspectiva de Lévi-Strauss, bem como de outros autores que escrevem sobre a teoria dos rituais, Martine Segalen (2002) irá contrapô-los a partir da ideia de que os ritos podem ser facilmente encontrados em situações da vida cotidiana na atualidade. Segundo a antropóloga, isso acontece devido a característica polissêmica e plástica na qual o rito encontra-se inserido. Com o passar dos anos, a função social dos ritos teria sido deslocada do centro para as margens. Dessa forma, acomoda-se a toda e qualquer mudança social. Assim, mais do que metaforicamente, a situação que envolve os esportes modernos é permeada de ritualizações. Pensando na dimensão simbólica e no caráter repetitivo no qual o rito opera, a rotina que envolve uma partida de futebol também está envolvida por rituais.

Para esses dias existe a necessidade de uma alimentação diferenciada e um rigor maior com relação ao horário. Além disso, o treino do dia anterior é mais leve, ficando a tarde livre – de acordo com o visto na tabela 1, mostrada anteriormente. Quando os jogos são na Arena da Fonte, as atletas chegam aos poucos no vestiário. Geralmente escutam músicas e utilizando fones de ouvido. À medida que vão chegando, cada jogadora senta no seu respectivo box, onde já se encontra previamente pronto o uniforme<sup>57</sup> que jogará. Esse processo, para algumas, é bastante individualizado. Trocam-se, preparam os tornozelos com faixas, retiram *piercings*, brincos e outros adornos. Algumas deixam imagens de santos e/ou realizam orações particulares.

Antes de proibirem a música alta no vestiário, as jogadoras davam preferência a ritmos como sertanejo, *funk* e *pop*. O ambiente era

---

<sup>57</sup> O serviço de roupeiro é realizado por Zenon e por um amigo voluntário. Auxiliiei algumas vezes também na tarefa de roupeiro.

mais descontraído e não parecia haver conflito entre aquelas que preferiam concentrar-se daquelas que preferiam as brincadeiras, danças ou *rachinhas*. Uma cena entre duas atletas chamou bastante minha atenção em meio ao ambiente diversificado. Tratava-se de um treino mental entre duas atletas numa situação de ataque, em que vislumbraram uma jogada de gol: tratava-se de uma troca de passes entre elas na pequena área.



Figura 4: Boxes do vestiário na Arena da Fonte

Na Arena da Fonte Luminosa, os homens permanecem todo o tempo no vestiário. Há uma divisão entre o vestiário e os chuveiros. Além de um espaço com grama sintética onde as futebolistas treinam passes curtos e realizam algumas brincadeiras antes dos jogos. Todas vestem tops e bermudas térmicas embaixo das roupas. Assim, tanto os auxiliares, quanto o técnico e Zenon circulavam pelo o ambiente. Era ali também onde Nilton, o fisiologista, preparava a suplementação necessária para o jogo. Quarenta minutos antes do início do jogo, elas sobem para iniciar o aquecimento no gramado. Após isso, retornam ao vestiário onde colocam a camisa que será utilizada na partida, reforçam o desodorante e arrumam os cabelos. O cuidado com o cheiro/transpiração e com os penteados é bastante notório, sendo descrito noutras etnografias sobre futebol praticado por mulheres no

Brasil (PISANI; 2012; KESSLER, 2016; PISANI, 2018). Os cabelos, na maioria dos casos, longos e lisos/alisados, estão sempre muito bem presos em coques no alto da cabeça ou rabos de cavalo.

Quando os jogos são fora de casa, a rotina é bastante semelhante, exceto pela chegada em conjunto de todas as jogadoras e da saída dos homens do vestiário ao fim da partida. Momento em que elas tomam banho. O transporte é realizado por um ônibus de viagem da Prefeitura de Araraquara nos jogos do Campeonato Paulista e regionais. O Campeonato Brasileiro é patrocinado pela Caixa Econômica Federal e administrado pela empresa de marketing esportivo *Sport Promotion*. Em 2016, o campeonato aconteceu entre os meses de fevereiro e maio e foi dividido em quatro fases:

- Primeira fase: os vinte melhores clubes<sup>58</sup> no *ranking* da CBF foram divididos em quatro grupos de cinco.
- Segunda Fase: oito clubes<sup>59</sup> divididos em dois grupos. É nessa fase que entrou o draft da CBF que será mais bem explicado no próximo capítulo.
- Terceira fase: semifinal - os dois melhores clubes de cada grupo – todos jogam entre si.
- Quarta fase: final

Para esses jogos, a *Sport Promotion* garantia as passagens aéreas – ou o frete do ônibus – e estadia para 25 membros da equipe que, normalmente, era dividida entre dezoito futebolistas, técnica/o, auxiliar e demais pessoas da comissão técnica. Além disso, era disponibilizada alimentação e translados na cidade que sedia o jogo.

Como sempre estava à disposição da diretoria, auxiliei em diferentes tarefas que me ajudaram a entender um pouco mais do funcionamento do Futebol Feminino no Brasil. Assim, ofereci-me para acompanhar o procedimento com a arbitragem. Nos jogos dos campeonatos nacionais, a equipe que sedia a partida é responsável pelos pagamentos dos árbitros<sup>60</sup>, conforme os valores tabelados pela CBF.

---

<sup>58</sup> América Mineiro (MG), Caucaia (CE), Centro Olímpico (SP), Corinthians (SP), Duque de Caxias (RJ), Ferroviária (SP), Flamengo (RJ), Foz Cataratas (PR), Iranduba (AM), Pinheirense (PA), Portuguesa (SP), Rio Preto (SP), Santos (SP), São Francisco (BA), São José (SP), Tiradentes (PI), Vasco da Gama (RJ), Viana (MA), Vitória (BA), Vitória das Tabocas (PE).

<sup>59</sup> Os dois mais bem colocados de cada grupo.

<sup>60</sup> Esse valor é repassado pela Caixa Econômica Federal, via *Sport Promotion*, aos Clubes.

Além disso, minutos antes da partida, a/o técnica/o entrega a escalação que deve trazer a sua assinatura, bem como da capitã da equipe. Também gravei e fotografei algumas partidas. Variava de acordo com o pedido das/os treinadoras/es. O técnico Héleno, certa vez, pediu que fotografasse as bolas paradas para que ele pudesse observar melhor o posicionamento das equipes.



Figura 5 - Fotografias de "bola parada" (Falta e Lateral) tiradas durante o jogo contra o Foz Cataratas pelo Campeonato Brasileiro (06/04/2016)

Os resultados influenciam diretamente na atmosfera do vestiário no pós-jogo. No geral, conversam bastante sobre os lances da partida. Além disso, a comissão técnica procura fazer pequenas confraternizações – não levando em conta o resultado – como forma de incentivo ao grupo. Estive presente numa delas: um jantar a base de pizzas no alojamento.

#### **2.1.4. A presença de estrangeiras no grupo**

Na primeira viagem, obtive melhor inserção entre as jogadoras argentinas, uma vez que, por estar de carro, pude auxiliá-las na retirada de documentações brasileiras, como CPF e inscrição na Federação Paulista de Futebol. Também porque como novatas – e estrangeiras – no time, acabavam por não estar ainda bem entrosadas com as demais. Além disso, compartilhávamos um hábito em comum: o mate. A roda de mate/chimarrão/tererê consiste numa prática de sociabilidade: a/o dona/o da cuia – ou aquela/e que preparou o mate – sempre bebe primeiro; em seguida vai passando ordinariamente para cada membro da roda; assim como numa mesa de bar, a roda de mate é um momento de conversas. Além disso, comprometer-me a levar erva específica para cuia e bomba<sup>61</sup> argentinas ajudou-me a manter certo vínculo com essas

---

<sup>61</sup> A erva-mate utilizada para preparar a bebida argentina é moída mais grossa

interlocutoras.

Como falei anteriormente, não dei muita atenção de início para a presença de estrangeiras na equipe. Estava bastante focada na carreira de futebolistas brasileiras que já tivessem atuado em equipes fora do Brasil. Ao acompanhar um pouco do cotidiano do clube, dei-me conta de que se tratava de uma novidade ali, pois não sabiam quais os procedimentos de regulamentação dessas atletas. Auxiliei na aquisição do Cadastro de Pessoa Física (CPF), mas restavam as inscrições na Federação Paulista de Futebol e da liberação no Boletim Informativo Diário<sup>62</sup> (BID) da CBF. Tendo em vista essa percepção, fui atrás de outras futebolistas estrangeiras que atuassem no país e encontrei uma pequena movimentação, porém significativa que procuro desenvolver melhor no capítulo sobre a circulação de jogadoras de futebol.

O fato de serem de nacionalidade argentina auxiliou bastante na inserção das três no grupo. Rivalidades futebolísticas à parte, a Argentina é um país vizinho no qual as/os brasileiras/os possuem bastantes referências – o contrário também acontece. Além disso, a semelhança entre o português e o espanhol facilita a comunicação. Logo, referiam-se a elas como *hermanas*, *hermanitas* e *chicas* e passaram a utilizar vocabulários do espanhol em forma de brincadeiras e zombarias consideradas enquanto típicas das relações pessoais de intimidade brasileira (BUARQUE DE HOLANDA, 2006; DAMATTA, 1986).

As três argentinas foram convidadas a participar da Ferroviária pelo técnico Heleno após a *Libertadores* da América de 2015. Queriam trazer a zagueira da equipe *Uai Urquiza* que também atuava pela Seleção. No entanto, ela teve receio de sair do país e o clube, via Heleno, acabou fazendo proposta a uma meia e uma atacante que pronto aceitaram. Tendo o retorno sobre a estrutura em Araraquara, zagueira argentina voltou atrás e decidiu aceitar também a proposta. As três formaram uma relação muito próxima e de amizade com Heleno e sua família, sendo sua saída do comando da equipe o principal motivo da quebra de contrato delas.

---

que as brasileiras mais comuns. Em alguns lugares, como em Florianópolis, consegue-se encontrar mais facilmente essa classe.

<sup>62</sup> O Boletim Informativo Diário foi criado em 2004 pela CBF como forma de conferir ordem e maior transparência às transferências de futebolistas em clubes nacionais. O clube que escalar alguma/algum atleta sem a devida liberação do BID, sofrer punição por irregularidade.

## 2.2. O Rio da Prata e a Copa Libertadores da América Feminina

Era minha terceira viagem ao Uruguai. Cheguei no aeroporto de Montevidéu cedo da manhã. Como o *check-in* do meu quarto só seria liberado ao meio dia, resolvi tomar café por ali e fazer tempo. Foi quando reparei numa imagem que possuía muita familiaridade para mim. Tratava de uma jovem mulher de porte atlético e algumas tatuagens distribuídas pelo corpo. Vestia *short jeans*, camiseta, um vistoso par de tênis de uma marca esportiva, um grande relógio no pulso esquerdo e o cabelo muito liso e longo amarrado num rabo de cavalo no topo da cabeça. Toda essa indumentária não deixava dúvida: era uma jogadora de futebol. Assim como as tribos urbanas de Manfesoli (1998), as futebolistas estão dentro de uma comunidade emocional, onde a identificação enquanto um microgrupo – ou o que também chama de tribos – perpassa aspectos que envolvem também a preferência por estilos de roupas. Compartilham – e são afetadas pelo – o mesmo estado de espírito compreendido no mesmo *habitus*. Assim, continuei acompanhando a cena: a mulher estava aguardando uma das delegações que iria participar da *Libertadores*.

A *Copa Libertadores da América de Futebol Feminino 2016* aconteceu nas cidades de Montevidéu e Colônia do Sacramento em dezembro. O país e as cidades sede foram decididos pela CONMEBOL com apenas um mês de antecedência entre todas as cidades que haviam se candidataram para servir de anfitriãs do evento. Ao contrário do campeonato de homens, a *Libertadores Feminina* é bem mais curta e acontece em formato semelhante ao de Copa do Mundo: fase de grupos, semifinal e final. Para conseguir vaga, a equipe precisa ganhar o torneio nacional de seu país. Além disso, o campeão do ano anterior e o vice-campeão do país sede também se classificam. Foram três grupos de quatro clubes cada:

- Grupo A: *Colón* (Uruguai); *Sportivo Limpeño* (Paraguai); *UAI Urquiza* (Argentina) e *Universitario* (Peru).
- Grupo B: *Nacional* (Uruguai), *Generaciones Palmiranas* (Colômbia), *Foz Cataratas* (Brasil) e *San Martín de Porres* (Bolívia).
- Grupo C: *Ferroviária* (Brasil), *Estudiantes de Guárico* (Venezuela), *Colo Colo* (Chile) e *Unión Española* (Equador).

A equipe da Ferroviária, por ter sido a primeira classificada através da conquista do título no ano anterior, era uma das cabeças de

chave, liderando o Grupo C. Os jogos desse grupo aconteceram em Colônia do Sacramento: uma cidade turística; de grande influência portuguesa; famosa pelo cenário tranquilo, bucólico e por ser rota – via barco – à Buenos Aires. Carlos Alberto consentiu que eu acompanhasse a equipe no campeonato e ficou acertado que os encontraria no hotel onde estavam hospedados. Adianto que a AFE foi desclassificada na primeira rodada, sendo o clube paraguaio *Sportivo Limpeño* campeão da competição.



Figura 6 - Última partida jogada pela Ferroviária na *Libertadores Feminina*: início de jogo e coletiva de imprensa.

### **2.2.1. Particularidades do trabalho de campo numa dupla situação de viagem: ou de como correr com os balineses.**

No ensaio sobre a etnografia nas brigas de galos em Bali, o antropólogo Clifford Geertz relata de que forma foi aceito entre seus interlocutores ao ter a mesma reação que eles com achegada da polícia: fugir. Evoco Geertz para pensar a viagem até Colônia do Sacramento enquanto um *turnpoint* na etnografia. Logo que encontrei com o grupo, no hotel, escutei de algumas jogadoras que era bom me verem ali. Uma delas ainda falou: “vi pelo insta que estavas aqui, que bom que *cê veio*”. Como foi realizada em dezembro, período de fim de contratos e férias da categoria, algumas atletas não me conheciam. Lembro-me de ouvir uma conversa em que uma dessas futebolistas perguntava quem eu era e o que estava fazendo ali. Assim como Geertz, escutei uma explicação que definia exatamente minha situação ali: “a Carol estão ano todo com a gente, pesquisando para o trabalho de doutorado dela”. Pela primeira vez, senti-me mais próxima delas.

No hotel, apresentei-me a Carlos Alberto e Rosilane. Ambas/os autorizaram minha presença nos treinos e estruturas onde estariam. Fiz

questão de frisar que estaria à disposição delas/es e ficou acertado que filmaria as partidas e depois repassaria à Rosilane. Só não poderia adentrar no vestiário porque não estava inscrita como membro da comissão técnica. Então acompanhava Carlos Alberto na arquibancada e aproveitava para filmar as partidas.

O Estádio Municipal Alberto Suppici possuía uma estrutura bem simples: possuía formato de ferradura, tendo dois vestiários e uma pequena cabine para a imprensa. Como os jogos dos grupos aconteciam no mesmo dia, o aquecimento era realizado no lado de fora, à beira do Rio da Prata. A comitiva da Ferroviária estava composta de vinte jogadoras, Carlos Alberto, a técnica Rosilane, o fisiologista Nilton, o preparador de goleiras, um auxiliar técnico, um responsável financeiro, uma fisioterapeuta e um médico. Em 2016, uma das exigências da CONMEBOL para a participação no campeonato era a presença de, no mínimo, duas mulheres na comissão técnica na equipe. Uma das cotas já havia sido preenchida por Rosilane. Assim, contrataram uma fisioterapeuta para compor o quadro.



Figura 7 - Aquecimento pré-jogo às margens do Rio da Prata.

Sendo também sede, a prefeitura da cidade de Colônia teve que arcar com as diárias do hotel, com a alimentação e com o transporte das equipes. Assim, havia um ônibus à disposição do grupo. O problema

deu-se com a alimentação. Dois dias após o primeiro jogo, as atletas começaram a sentir-se mal, apresentando vômito, diarreia, dores e febre. O mesmo acometeu as/os demais integrantes da equipe. O médico atribuiu a algo na alimentação. Falou que algumas pessoas reclamaram que o frango estava cru e que provavelmente haviam adquirido alguma infecção: “o problema é que eu não posso liberar qualquer remédio a elas”. A situação devia-se ao exame *antidoping*, no qual grande parte da medicação utilizada para esses casos é proibida. No dia seguinte, muitas das jogadoras entraram em campo sentindo-se doente, o que refletiu na derrota por um gol contra o *Estudiantes*. Rosilane, mais tarde, falou sobre o saldo da Ferroviária na competição à página oficial das Guerreiras Grenás: “Infelizmente contamos com alguns imprevistos que, de certa forma, deixaram as atletas desconfortáveis, como uma infecção alimentar, mas conseguimos manter o nosso padrão de jogo e saímos da competição com uma vitória<sup>63</sup>”.

Também estive doente durante o período, o que afetou diretamente a breve rotina de etnografia que já havia me habituado. Fiquei alguns dias com febre alta. Quando percebi que não iria passar tão rápido, fui até o hospital do município para que pudesse utilizar uma medicação eficaz. Nesse quadro, não poderia ter contato com o grupo, pois correria o risco de transmitir. Dessa forma, conversei com o Carlos Alberto e expliquei o ocorrido e marcamos rapidamente para que eu entregasse a gravação do jogo. Essas situações demonstram a imprevisibilidade que pode acometer o campo e que, como ressalta Mariza Peirano, fazem da antropologia, talvez, a mais artesanal das disciplinas.

### **2.3. Futebolistas brasileiras em Portugal: o Tejo enquanto um sonho.**

Durante o período de doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa pude realizar parte do trabalho de campo, agora acompanhando um pouco do cotidiano de brasileiras que jogam em clubes estrangeiros. Assim, limitei às futebolistas que atuavam em Portugal e da Espanha. No primeiro país, o Futebol Feminino apresenta-se ainda pouco explorado em relação ao segundo. Enquanto a Espanha mantém uma liga nacional de Futebol Feminino bastante disputada, tendo apoio de

---

<sup>63</sup> Encontrado em: <http://guerreiragrenas.com.br/2012/2016/12/23/technica-michele-faz-balanco-da-libertadores-positivo/>

parte das mídias esportivas e trazendo um bom público aos jogos, em Portugal a principal liga ainda é mais competitiva entre quatro clubes. Dentro dessa perspectiva, a composição das equipes difere um pouco entre os dois países, existindo na Espanha um maior número de futebolistas estrangeiras e, por conseguinte, de brasileiras. Apenas duas equipes que jogam a *Liga Futebol Feminino Allianz*<sup>64</sup> em Portugal possuíam brasileiras entre o elenco em 2017, sendo um total de quatro no país. A pesquisa foi realizada nas páginas dos clubes e, depois, confirmada pelas próprias interlocutoras<sup>65</sup>.

Por não ter autorização dos clubes para a pesquisa etnográfica, o contato presencial com as futebolistas de fora de Lisboa deu-se de forma bastante superficial em função da rotina de treinos e viagens e do retorno próximo ao Brasil – pelo fim da temporada/contrato. Assim, minha principal interlocutora acabou sendo aquela que estava mais próxima e que chamarei aqui de Sara<sup>66</sup>. Com exceção de Sara que havia imigrado com a família, todas as outras haviam sido contratadas por intermédio de agências de planejamento de carreiras. Dessa forma, optei por focar no contexto do Futebol Feminino em Portugal, onde tive melhor inserção.



Figura 8 - Um dos estádios utilizados na *Taça Allianz*.

<sup>64</sup> Composta dos doze melhores clubes no ranking da FPF.

<sup>65</sup> Nem todos os clubes participantes possuem sites com informações sobre a nacionalidade das integrantes.

<sup>66</sup> Em homenagem à Sara Custódio da Silva, ex-jogadora do Bangu condenada a sete meses de detenção por agressão a um árbitro na final do Campeonato Carioca de 1983. Na matéria da Placar Magazine de 28 de outubro de 1983 intitulada Futebol Feminino: a bela e as feras, o rosto de Sara estampou, de modo bastante pejorativo, a figura das feras (ALMEIDA, 2013; PISANI, 2018).

### 2.3.1. O Futebol Feminino em Portugal durante a temporada 2016/2017

Nina Tiesler descreveu a situação do Futebol Feminino português em 2012 enquanto ainda em vias de desenvolvimento. A socióloga apresenta Portugal, da mesma forma que o Brasil, enquanto um *talent exporter*: sexto lugar no mundo em exportação de futebolistas mulheres. Na Copa do Mundo de 2011, um pouco mais de 59% das atletas da Seleção Portuguesa jogavam em equipes estrangeiras. Por outro lado, o país sedia anualmente um torneio internacional Copa Algarve de Futebol Feminino (*Algarve Cup*): disputa entre doze Seleções Nacionais convidadas pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF).

O principal campeonato nacional entre clubes do país chama *Taça de Portugal Feminina Allianz*. A temporada compreende em torno de oito meses, sendo formado por seis eliminatórias. As duas primeiras são compostas pelos *Campeonatos de Promoção do Futebol Feminino*, dos quais participam 45 clubes, divididos em três regiões geográficas: série norte, série centro e série sul. Classificam-se vinte equipes, juntando a essas para a próxima etapa os doze clubes que fazem parte da *Liga Futebol Feminino Allianz*. As próximas etapas são: oitavas de final, quartas de final e semifinal.

Para a temporada de 2016/2017, as equipes do *Sporting Clube de Braga* e do *Sporting Clube de Portugal* ingressaram na competição, o que por um lado fortaleceu e atraiu maiores investimentos, por outro gerou protestos entre os participantes. Isso aconteceu em virtude da entrada direta de ambos na Liga, enquanto, pelo entendimento dos outros clubes, deveriam participar dos Campeonatos de Promoção. A polêmica fez com que o Sport Lisboa de Benfica, ao anunciar a criação de uma equipe de Futebol Feminino, frisasse a intenção de entrada no Campeonato de Promoção como qualquer clube em fase inicial.

O fortalecimento da *Taça de Portugal Feminina Allianz* com a entrada de clubes fortes e tradicionais no Futebol Masculino abriu o país enquanto um novo mercado para a entrada de estrangeiras. Os salários não são altos<sup>67</sup>, mas existem outros motivos que podem fazer com que futebolistas brasileiras se sintam atraídas a aceitar as propostas para atuarem em gramados portugueses. O primeiro refere-se a uma questão geográfica: é um país europeu e joga a *Liga dos Campeões da UEFA*, o que pode trazer visibilidade para futuros contratos em equipes que

---

<sup>67</sup> Nenhuma das atletas que atuavam nesses clubes quis falar o valor dos salários pagos.

jogam campeonatos mais fortes e rentáveis. O segundo diz respeito às facilidades com a língua, comida e costumes que não são totalmente desconhecidos devido à condição do Brasil ter sido colônia portuguesa. Por último está o fato de Portugal ser considerado um dos países mais seguros do mundo, atraindo pela qualidade de vida que é oferecida.

Como já falei anteriormente, meu universo de pesquisa nesse país compreendeu quatro atletas. Três delas tinham contratos assinados com o mesmo empresário que geria as suas carreiras e que havia conseguindo inclui-las no elenco de um dos principais clubes do país. As três possuíam uma rotina bastante cheia de treinos e alimentação, supervisionada por profissionais especializados na modalidade. Dessa forma, não conseguiam despendar tempo em viagens de lazer. Numa ocasião, havíamos marcado um encontro em Lisboa, pois elas queriam conhecer a cidade e teriam um dia livre. No entanto, acabaram cancelando porque a pessoa que iria acompanhá-las não pode ir. O clube possuía estrutura bastante completa com academia própria, refeitório, alojamento, etc. As três já haviam jogado juntas no Brasil e dividiam o mesmo apartamento na cidade portuguesa.

Por outro lado, Sara havia deixado o Brasil para trabalhar no café de uma prima na região de Lisboa. Além dela, dois primos também moravam na cidade. Sua irmã também imigrou mais tarde. Encontrei Sara na página oficial do clube do qual era integrante. Dali, eu procurei seu perfil no *Facebook* e entrei em contato. Marcamos um encontro num café próximo ao local onde ela morava. Por estarmos ambas fora do Brasil, tornou-se fácil a aproximação e posso dizer que criamos uma relação bastante pessoal de modo que frequentávamos uma a casa da outra. Sara jogava futebol no Brasil, e quando chegou ao novo país, foi indicada por um amigo do primo a equipe. Fez um teste e começou a treinar. Embora fosse considerado um clube de bairro, tinha bastante tradição no Futebol Feminino, tendo conquistado duas vezes a Taça Portugal.

#### **2.4. Considerações sobre o final do capítulo:**

Diversas/os antropólogas/os, ao longo de mais de um século de existência dessa disciplina, vêm chamando a atenção para o desafio da escrita etnográfica. Narrar uma experiência em campo foi também para mim um exercício de escrita bastante complexo. Enquanto historiadora de formação, reluto muito em me colocar abertamente num texto e, de fato, esse é meu primeiro trabalho de campo no sentido clássico. Sempre

me senti mais à vontade entre arquivos, talvez mais por introversão de minha parte. No entanto, o que acabo de apresenta nestas páginas resultam do desafio, tanto de tornar esse trabalho de campo num texto atraente a/ao leitora/leitor, quanto de fazer algo digno, que seja o mais próximo possível do universo vivido por minhas/meus interlocutoras/es. Trata-se, portanto de uma tentativa de balancear minha subjetividade, o campo, a teoria antropológica e os objetivos desta pesquisa.

Aproximar-se desse universo constituiu-se numa tarefa bastante delicada. Ao falar sobre brasiliidades, tanto Sergio Buarque de Holanda (2006), quanto Roberto DaMatta (1986) explicam que uma das formas de se conseguir maior intimidade – ou impessoalidade – nas relações sociais no Brasil é na hora de encontrar referências que possibilitem uma aproximação com o outro indivíduo. Tendo em vista essa perspectiva, utilizei entre minhas interlocutoras símbolos que pudessem facilmente ser compartilhados e entendido por nós, a fim de criar certa confiança. Destaco duas situações:

1. Jogadoras Argentinas: participar da roda de mate e levar erva-mate quando viajava a campo.
2. Técnica Rosilane: havia lido que Rosilane era natural de uma cidade vizinha a que nasci, situada no interior do estado do Rio Grande do Sul. Quando contei, ela passou a me tratar de outra forma. Parecia mais à vontade.

Dito isso, apresento algumas considerações sobre o capítulo, tendo em vista o eixo que orienta este trabalho: globalização, relação de poder e corpo.

## **A. Globalização:**

Diante do quadro exposto aqui, podemos inferir que o Futebol Feminino brasileiro, em relação à carreira de futebolistas mulheres, apresenta quatro das cinco dimensões propostas por Maguire (1999) que compõem fluxo global do esporte.

- Movimento internacional de pessoas: as equipes brasileiras contam com atletas que circulam por diferentes clubes, incluindo estrangeiras.
- Dimensão tecnológica: embora tenham orçamentos curtos, os clubes brasileiros de Futebol Feminino compartilham de tecnologias e informações utilizadas em diferentes centros de treinamento no mundo: suplementação, aparelhos de

musculação, testes de esforço físico, *scouts*/análise de desempenho, entre outros. Algumas vezes escutei das/os técnicas/os e auxiliares que o Futebol Feminino no Brasil tendia a ser mais técnico – a exemplo do voleibol – em função de estar mais aberto a experimentação e a novas tecnologias. Ao contrário do Futebol Masculino brasileiro que ainda se encontra muito amarrado a tradições.

- Dimensão midiática: os jogos da segunda rodada do Campeonato Brasileiro são transmitidos por uma rede de televisão aberta. Além disso, os números de audiência dos jogos da seleção bateram os vinte milhões de espectadoras/es, e nove milhões no Torneio Internacional de Manaus. Outro dado importante é relativo ao público dos jogos do Iranduba na arena Manaus em 2017, superando a média da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino. Tendo em vista esses números, o número de reportagens<sup>68</sup> sobre Futebol Feminino em dois dos maiores jornais do país aumentou 76% de 2014 a 2015 e 43% de 2015 a 2016.
- Dimensão ideológica: a resolução da FIFA, que procura extinguir as diferenças entre as categorias Masculina e Feminina, tem influenciado em medidas que promovam o Futebol Feminino, adotadas pelas confederações que representam a América do Sul (CONMEBOL) e o Brasil (CBF).

O aspecto que prioriza uma dimensão econômica global é que torna um pouco mais complicado. Não existem dados que contabilizem essa ordem no Futebol Feminino. Não há patrocinadores que injetem grandes quantias em clubes brasileiros ou exclusivamente nas equipes de mulheres<sup>69</sup>, muito menos nos campeonatos nacionais. Aliás, uma das queixas das jogadoras que tive contato estava relacionada à premiação das equipes nos campeonatos nacionais: “eles ganham premiação em dinheiro e até carro”, diziam. No entanto, tendo em vista a circulação de

<sup>68</sup> Em rápida pesquisa realizada nas páginas do Estado de São Paulo e da Folha de São Paulo, utilizando os mesmos critérios de busca, foram encontradas 172 reportagens para as palavras “Futebol Feminino” em 2014, 304 em 2015 e 436 em 2016.

<sup>69</sup> Com a criação de equipes de Futebol Feminino por grandes clubes brasileiros (em função da resolução da FIFA e CONMEBOL), as marcas patrocinadoras que outrora financiavam o Futebol Masculino, automaticamente passaram também a ser representadas pelas mulheres.

futebolistas mulheres em clubes estrangeiros, pode-se supor que exista algum tipo de circulação financeira discreta e periférica nesse sentido.

## B. Relações de Poder:

O trabalho de campo apresentou-se de forma bastante produtiva no que diz respeito a observação das relações de poder atuantes no Futebol Feminino. Constatei algumas sutilezas que não havia percebido, até então, e que não estavam, necessariamente, ligadas apenas às habilidades das futebolistas. O fator social influencia diretamente tanto nas relações das jogadoras com clube, quanto com as/os agentes. Assim como entre elas próprias. Conforme veremos a seguir, nas equipes que participam da Série A do *Campeonato Brasileiro*, existem um bom número de futebolistas provenientes das camadas médias. O próprio Zenon afirmou uma vez que na *Ferroviária* davam preferências a essas mulheres, pois, segundo ressaltou, “seria mais fácil manter o diálogo”. Entretanto, nota-se uma diferença grande entre as jogadoras do grupo no que diz respeito às negociações dos salários e dos contratos. Acompanhei um dia de pagamento<sup>70</sup> na casa. Foram duas reclamações sobre os valores recebidos e quatro avisos de quebra de contrato: todos realizados por jogadoras de camadas médias, entre elas as três estrangeiras. Zenon já sabia por Duda que essas futebolistas iriam deixar a equipe. Inclusive já havia comentado comigo a respeito. Quando indaguei sobre os contratos, ele respondeu: “No final não temos o que fazer. O contrato não tem valor nenhum”.

Ter atuado na Seleção Feminina também exerce influência na hierarquia do grupo. São mais respeitadas tanto pelas companheiras, quanto pelos próprios dirigentes e pela comissão técnica. Chegam a receber benefícios que outras jogadoras não alcançam. Durante o *draft* da CBF, algumas equipes tiveram dificuldades com as atletas da *Seleção Permanente* que se negavam a dividir a mesma casa com as demais. Além disso, nas situações na casa da AFE, percebi que duas pessoas mantinham papéis de liderança, sendo bastante respeitadas pelas demais: a cozinheira e a capitã do grupo. Dessa forma, procurei manter uma boa relação com ambas e que aproveitava para estreitar durante os almoços (após os treinos).

---

<sup>70</sup> Àquelas que recebiam via Caixa Econômica Federal. Zenon explicou-me que a caixa realiza o depósito total na conta dos clubes e que esses repassam às futebolistas.

### C. Corpo:

Foi durante o campo que pude visualizar a ideia de corpo das futebolistas enquanto uma forma de capital (WACQUANT, 1995). Se o corpo não apresenta bom desempenho, não são convocadas para os jogos e podem perder a vaga no time. Não vi nenhuma delas se negar a realizar algum exercício ou de ingerir alguma suplementação enquanto estive acompanhando os treinos da *Ferroviária*. Ao contrário, a figura do fisiologista sempre foi bastante respeitada. Não era raro algum membro da equipe fazer-lhe consultas com relação a formas de melhorar o desempenho físico a partir de exercícios, hábitos cotidianos ou alimentação. Aliás, esse último item é a principal transgressão cometida pelo grupo, que costumavam frequentar lojas de *fast food* às escondidas. Lembro numa ocasião de pegar carona com uma das jogadoras e ter uma embalagem de lanche para viagem no banco de trás, assim como de sua reação: “não vai me entregar para o Héleno, viu”?

Por outro lado, quando lesionadas, as jogadoras possuem certo apoio do clube, uma vez que uma das empresas patrocinadoras presta serviços de cobertura médica. As lesões de ligamentos da articulação dos joelhos são bastante comuns, sendo a causa da maioria das cirurgias realizadas. Logo que cheguei, Zenon comentou que era uma lástima não trabalhar com fisiologia do exercício, pois queriam muito entender porque existem tantas lesões desse tipo no Futebol Feminino. De fato, na equipe, só durante o ano de 2016, seis atletas passaram por cirurgia de joelho. Acompanhei uma delas a uma consulta ao anestesista antes do procedimento operatório. Era uma jovem de dezoito anos e estava bastante nervosa com a situação, já que nunca havia passado por uma cirurgia antes. Além disso, teria que ficar, pelo menos seis meses em recuperação e distante da família. No entanto, sua principal preocupação era quanto ao retorno a campo.

Dante de uma rotina bastante regrada, em que se exige que o corpo esteja em perfeito funcionamento, as futebolistas ainda têm que estar cientes de que não poderão consumir qualquer tipo de substância farmacológica sob o risco de punição pelo comitê *antidoping*. Assim, uma simples febre ou dor deve ser vista com cuidado. Além disso, deve cuidar a quantidade de ingestão de alimentos estimulantes, anti-inflamatórios, etc. As coletas de materiais para análise são realizadas aleatoriamente e sem aviso prévio. Assim, as/os agentes chegam ao término dos jogos ou nos alojamentos/hotéis com o nome das escolhidas para coleta: para evitar qualquer irregularidade, as atletas são obrigadas a urinar diante das agentes. Em Portugal, Sara contou-me que nunca

havia sido sorteada a realizar o teste, mas que era bem comum as jogadoras escolhidas terem dificuldades de realizar o procedimento:

Sara: - Às vezes, quando jogamos fora, atrasamos até duas horas para voltar. Não tem jeito de elas conseguirem fazer xixi na frente das agentes. Tranca e a gente tem que esperar.

Eu: - Mas nem tomado água?

Sara: - Quando está muito difícil, tem que correr atrás de cerveja. Aí, elas bebem uma ou duas e conseguem.

Durante a *Libertadores Feminina*, com a chegada do comitê *antidoping* de surpresa no hotel onde estavam hospedadas, o médico da equipe correu para entregar a lista de medicamentos utilizados pelas futebolistas em função dos problemas de saúde que acometeram o grupo.

\*\*\*\*

Mas afinal, qual a relevância das agências de gerenciamento de carreira diante de tudo o que foi exposto neste capítulo? O aumento no número de contratos entre futebolistas e agentes foi responsável por uma reconfiguração na ordem hierárquica do universo que constitui o Futebol Feminino no Brasil. Ao mesmo tempo em que as atletas adquiriram mais força diante de clubes/dirigentes e, em menor grau, de Federações/CBF e imprensa, as/os agentes de gerenciamento de carreira surgem como um personagem importante que irão reconfigurar essa essa rede de relações de poder.



### 3. CAPÍTULO TRÊS: DA LUTA PELA ANISTIA AO “RODAR”: CORPO E AUTONOMIA NA CARREIRA DE FUTEBOLISTAS MULHERES

Não se pode falar de Futebol Feminino no Brasil sem lembrar os anos em que esse esporte esteve proibido às mulheres. Trago isso porque todo o imaginário construído em torno das futebolistas no país foi fundamentado a partir de uma lógica primária que separa mulheres e futebol: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, instituía o Artigo 54 do Decreto-Lei que criou o Conselho Nacional de Desporto (CND) em 1941 (CASTELLANI FILHO, 1994; FRANZINI, 2005; RIAL, 2010; ALMEIDA, 2013). Pronto, estava concretizada a primeira barreira oficial.

Baseei a maior parte do argumento da pesquisa realizada durante o mestrado – *Boas de Bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Brasil durante a década de 1980* – nessa perspectiva. Na época, foquei no (re)início do Futebol Feminino no país, após a revogação da proibição em 1979 e regulamentação da categoria em 1983. Atualmente, tenho preferido utilizar o termo “Anistia ao Futebol Feminino”, aproveitando-me da expressão utilizada por uma interlocutora que participara do movimento pela legalização. A palavra advém do latim *amnestia* que traz na semântica a ideia de perdão, um perdão coletivo. Mas qual teria sido o fato punível associado ao Futebol Feminino? De acordo com os discursos higienistas da época, praticar atividades esportivas que concentrassem características consideradas viris e que, portanto, iriam contra a natureza do corpo de mulher. Voltar-se contra a natureza, é voltar-se contra a maternidade, contra o sagrado. A proibição à prática do futebol pelo Estado brasileiro em 1941 – e depois em 1965 – revela o que há muitos séculos têm se repetido: a restrição da autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos.

Além disso, acredito que a palavra anistia também represente melhor o contexto e o sentimento vivido entre fins da década de 1970 e início de 1980. Como na música de João Bosco e Aldir Blanc lançada em 1978: “um Brasil que sonha com a volta do irmão do Henfil, com tanta gente que partiu num rabo de foguete”. O Futebol Feminino também teve que “exilar-se” nos dois períodos de ditadura<sup>71</sup> que marcaram o século XX. Contudo a anistia ao Futebol Feminino não foi

---

<sup>71</sup> Durante os períodos conhecidos como Estado Novo ou Ditadura de Getúlio Vargas (1937-45) e Ditadura Militar (1964-85).

ampla e irrestrita, ela foi – e ainda é – condicionada ao crivo de todo um universo dominado por homens – ou, talvez buscando um sentido mais bordiano, dentro d’um *habitus* incorporado por uma masculinidade hegemônica<sup>72</sup> (VALE DE ALMEIDA, 1996).

Torna-se importante salientar que desde o seu processo de “anistia” até hoje, o Futebol Feminino, de certa forma, esteve presente em pautas de discussões dentro de movimentos feministas. Mulheres entrando em campo (e no campo) tornou-se símbolo de resistência às situações de dominação. Jornais feministas da década de 1980 abriam espaço para reportagens e entrevistas que envolviam a temática. Além disso, o *I Festival Nacional das Mulheres nas Artes*, promovido pelo Teatro Ruth Escobar, teve como encerramento uma partida de futebol com equipes de jogadoras dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo no Morumbi (ALMEIDA, 2013). O jogo havia sido proibido pela Federação Paulista de Futebol, uma vez que infringia a regulamentação que impedia mulheres de jogarem em estádios oficiais. A saída foi descaracterizar o formato de “jogo de futebol”, transformando-o numa apresentação: diminuíram o tempo e designaram um árbitro de fora do quadro da Federação. Ao final, ainda teve goleada das cariocas e a cena antológica de Ruth Escobar trocando camisas com uma das jogadoras.

É bem verdade que muitas mudanças ocorreram, sobretudo, nos últimos dez anos. Aliás, como já foi mencionada anteriormente, a emergência dos movimentos feministas para os grandes públicos ou o que ficou conhecido através dos grandes veículos de comunicação como a *Primavera das Mulheres* serviu como eventos catalisadores dessas transformações. Diante dessa premissa, o Futebol Feminino tornou-se um símbolo de luta e de transgressão. Contudo, o que por um lado abriu portas para a regulamentação, para a criação de clubes, campeonatos, etc., por outro, enredou-se enquanto objeto de classificação valorativa de um funesto jogo de dominação. Mas, para além de Bourdieu, se faz necessária uma análise que transcendia a rigidez das estruturas sociais dominação. Encontro no *Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway o que me parece ser a melhor epistemologia para analisar o contexto pelo qual o Futebol Feminino – e todas nós – esteve submetido durante o ano de 2016 no Brasil.

---

<sup>72</sup> Segundo Miguel Vale de Almeida, “a masculinidade hegemónica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador” (1996, p. 3).

### 3.1. Da violência simbólica ao despertar *ciborgue*

Donna Haraway escreve seu manifesto *ciborgue* propondo uma perspectiva epistemológica e política para o feminismo-socialista “em favor do prazer da confusão de fronteiras” (2009 p. 37), porém, levando em conta a responsabilidade que é inerente a uma construção que abranja, por assim dizer, uma ideia de unidade. É nesse momento que Haraway vai além de outras/os autoras/es como Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina*<sup>73</sup>. Esse último texto é bastante utilizado como referência em trabalhos que abordam o assunto futebol e mulheres no Brasil - algumas vezes, esses trabalhos padecem por banalizar essas discussões.

A obra de Bourdieu foi publicada sete anos após o *Manifesto Ciborgue*. Mesmo assim, o texto de Haraway parece antever argumentos apresentados pelo autor de forma a superá-los, apresentando outra possibilidade de interpretação que não aquelas que acabam por reduzir (ou limitar) a agência de mulheres nas situações de dominação. O pressuposto bourdiano atribui a agência às mulheres dentro de sistema de dominação simbólica em dois momentos:

1 – A partir do consentimento dessas à manutenção das estruturas de dominação que permitem, e que dão legitimidade, a violência simbólica: “Não se pode, portanto, pensar esta forma particular de dominação senão ultrapassando a alternativa da pressão (pelas forças) e do consentimento (às razões), da coerção mecânica e da submissão voluntária, livre, deliberada ou até mesmo calculada” (BOURDIEU, 2002. p. 49).

2 – A partir de atos de resistência das mulheres em situação de dominação (ou *tomada de consciência libertadora*).

Dessa forma, o autor atribui diferentes níveis de consciência das pessoas que sofrem dominação: desconhecimento, revelia, aceitação, etc. Por conseguinte, o corpo das mulheres aparece enquanto objeto numa relação social dominadora que é somatizada por condutas e gestos. Haraway não irá negar a ideia de que há estruturas sociais e

<sup>73</sup> No livro *A Dominação Masculina*, Pierre Bourdieu irá escolher os Bérberes da Cabília para sua socioanálise das estruturas de dominação masculina. Segundo o autor, tal cultura parece salvaguardar inalteradas estruturas de dominação masculina que são comuns a todas as sociedades mediterrâneas até hoje, porém, de forma parcial e fragmentada nas nossas estruturas cognitivas e em nossas estruturas sociais.

estruturas cognitivas que são históricas e que foram preponderantes à construção social dos corpos. Entretanto, seu diferencial recai na emergência da agência de mulheres – ou *feminina* (para utilizar a mesma categoria de Bourdieu) – que subverte, não somente o princípio das estruturas estruturadas, mas também, das próprias estruturas estruturantes. O prazer e a ironia da *confusão de fronteiras* são propostos pela antropóloga como uma forma de rompimento de estruturas: “as coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação”. Como *ciborgues*, somos prova desse rompimento. Não há fronteiras entre natureza e cultura, entre animal e máquina, nem entre o físico e o não-físico; e isso permite uma interpretação feminista sobre as agências das mulheres.

Bourdieu irá dizer que:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo (2002, p. 18).

Haraway, tendo em vista o viés feminista socialista, afirma:

As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos. Essas ferramentas corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres no mundo todo. As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isto é, como momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos também como instrumentos para a imposição de significados. A fronteira entre ferramenta e mito, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomias históricas dos corpos possíveis (incluindo objetos de conhecimento) é permeável.

Na verdade, o mito e a ferramenta são mutuamente constituídos (2009, p. 63).

Ora, partindo dessa perspectiva, podemos reafirmar a questão amplamente discutida que atribuí ao surgimento e a popularização da pílula contraceptiva, na segunda metade do século XX, como um dos principais fatores à dessacralização do corpo das mulheres. Da mesma forma, as práticas biomédicas de fertilização *in vitro* mudaram o próprio conceito de maternidade durante a década de 1990 em disputas jurídicas pela guarda da criança entre a doadora do óvulo e a pessoa que gestou (STRATHERN, 2014). Se esse corpo não está mais voltado à maternidade e se a própria ideia de maternidade pode ser contestada, não há mais motivo para protegê-lo, ou melhor, subjugá-lo em prol da reprodução, da natureza. As fronteiras entre humano e não-humano foram abaladas. A *magia* desencadeada pelo *poder simbólico* da dominação (BOURDIEU, 2002), ou nas palavras de Haraway, das velhas e confortáveis dominações hierárquicas: “não se trata apenas de que ‘deus’ está morto: a ‘deusa’ também está” (2000, p. 60).

Dito isso, apresento o fragmento literário abaixo:

Escreve-vos, irmãs, carta última, porque muito instou comigo uma de vocês para que o fizesse.

Falta-me, pois, a vontade de vos dizer: acabámos e tirámos isso conclusões, assim como me falta coragem de unir minhas mãos às vossas a fazer convosco uma roda de riso.

Também me falta a vontade de vos (nos) acusar, empurrar, cravando devagar as palavras na vossa (minha) pele.

O que nos resta depois disto? Mas o que nos restava antes disto? - Penso que bastante menos; muito menos, mesmo.

Solidão com vocês, nossa camaradagem que não tecemos em tear alheio e muito menos se de macho, pois de homem gostamos (e muito) mas jamais a esconsas e somente se não marialva (o que é muito difícil, convenhamos...) e afinal nos rimos.

Ah! Irmãs, se nos rimos!

E hoje (como tantas vezes) vos confesso a minha perplexidade perante o mundo, o meu medo, a minha raiva, a minha voracidade de tudo.

O meu amor nunca cansado, mas inútil.

Desacerto das coisas e nas pessoas...  
 E em boa verdade vos digo: que continuamos sós,  
 mas menos desamparadas.  
 (25/11/1971)

O texto traz o título *Terceira Carta Última*. É parte do livro *Novas Cartas Portuguesas*, escrito a seis mãos por Maria Isabel Barreto, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa em 1971. A ideia central do livro faz menção ao trissecular *Cartas Portuguesas*<sup>74</sup> - de Mariana Alcoforada – reeditado em Portugal poucos anos antes. Independente ao fato de Mariana ter nascido numa família influente e ter se tornado freira, pensar em mulheres expondo seus desejos e frustrações em cartas endereçadas a amantes seriam inconcebíveis durante o século XVII na Europa. À mulher expressar-se por si só – e enquanto mulher – através da escrita trazia bastante polêmica. Todavia, as cartas apresentam uma jovem angustiada, resignada, abandonada na solidão e no silêncio (AMARAL, 2010). Trezentos anos mais tarde, já no final o Estado Novo português, as três escritoras propõem através dessa obra uma nova narrativa em que a mulher aparece não mais passiva, mas no transgressor lugar de agente de suas ações. Através dos textos-cartas, denunciam situações de abusos, discriminação e humilhações as quais as mulheres estavam sujeitas em Portugal à época<sup>75</sup>.

A escolha dessa obra não é feita ao acaso, pois como nos ensina Bateson:

O artista contenta-se em descrever a cultura de tal modo que muitas de suas premissas e as inter-relações das partes que a compõem ficam implícitas na composição. Ele pode sugerir muitos dos aspectos mais fundamentais da cultura, não propriamente pelas palavras que emprega, mas pela ênfase que dá a elas. Pode escolher palavras cuja sonoridade seja mais relevante que o significado de dicionário e pode agrupá-las e

---

<sup>74</sup> *Lettres Portugaises* foi um compilado de cartas escritas supostamente por Mariana Alcoforado, uma jovem freira portuguesa, endereçada a seu amante, um oficial francês. O livro foi publicado anonimamente pela primeira vez em 1669 na França e ganhou em 1969 uma edição comemorativa de 300 anos em português.

<sup>75</sup> Ana Luísa Amaral organizou a última edição portuguesa do livro, onde escreve uma introdução que tanto contextualiza o período, quanto analisa as obras.

realçá-las de tal forma que o leitor, quase inconscientemente, receba informações que não estão explícitas nas frases e que o artista acharia difícil, quase impossível, expressar em termos analíticos. (BATESON, 2006: 69, 70).

Dessa forma, a obra das Marias – e o que ela significou na época do lançamento – é utilizada para buscar um compreendimento maior da ideia que se busca alcançar, de forma que se possa compará-la ao contexto em que o futebol para mulheres era visto como uma transgressão. O livro causou bastante polêmica e foi muito criticado nos setores mais conservadores. Tratavam de assuntos – considerados – delicados relativos às mulheres, como o casamento, maternidade e sexualidade, com duras críticas ao que era debatido na época enquanto “condição feminina”: a passagem daquela que se fala, que é intocada, pura, ingênua, passando pelo fetiche da amante ideal, até chegar naquela que agora expressa seus desejos, que age, que denuncia, que ama e que erra: a “minha senhora de mim” de Maria Teresa Horta. Ser dona de si, do próprio corpo, esse é o ponto que intersecciona a ideia que pretendo seguir sobre ciborgue, anistia, mulheres e futebol no Brasil.

As relações sociais são outras e estão – ou devem estar – sobrepostas às velhas contestações. Foi o que as “três Marias” quiseram mostrar nas *Novas Cartas Portuguesas*. A hibridização permitiu a profanação desse corpo outrora feminizado numa ideia de delicadeza, submissão, resignação, imposta pelo mundo social enquanto natural. Era o sentimento de tomada de consciência daquebra de fronteiras que submergia a essas três mulheres – e de tantas outras – no início da década de 1970 em Portugal. Continuam amando os mesmos homens, porém, agora não se deixam mais subjugar em silêncio e no completo abandono. Uma ideia de sororidade submerge e estimula o enfrentamento diante das situações de dominação. As artes, como a escrita, aparecem como forma de resistência feminista enquanto agentes dominantes das relações sociais homem e mulher, numa deliciosa brincadeira de “inversão de papéis”.

Outra fronteira entre a relação humano e não-humano difícil de ser permeada compreende o campo esportivo, mais propriamente, o futebol. Podemos pensar em diferentes momentos – de repente, diferentes escalas – para a essa tomada de consciência das mulheres no futebol. No Brasil do final dos setenta e início dos oitenta, assim como o Portugal das “Marias”, estava submerso em uma ditadura que, como já foi dito anteriormente, havia proibido as mulheres de praticarem

esportes que não fossem compatíveis com a natureza do corpo feminino. Ora, enquanto símbolo da cultura nacional<sup>76</sup>, o futebol estava entre eles: um futebol viril, forte e criativo, que se confundia com o imaginário da república brasileira. O velho argumento que separava mulheres e futebol, e que já vinha sendo contestado desde a primeira lei restritiva, passou a não fazer, mais sentido nos fins da década de 1970. Os jogos de mulheres acumulavam bom público nas praias cariocas e não demorou muito para que fossem organizados os primeiros campeonatos nos gramados<sup>77</sup> (ALMEIDA, 2013).

Faltava a regulamentação, o reconhecimento de que as mulheres poderiam sim jogar futebol. Assim, os primeiros anos da década de 1980 foram marcados pela luta a favor da *anistia* ao Futebol Feminino. Essa luta ganhou voz por diferentes movimentos feministas da época. Destaco aqui como fundamentais as intervenções no *I Festival Internacional das Mulheres nas Artes* (1982) e as publicações nos jornais feministas da época, tais como o *Mulherio* e *Chana-com-Chana*, que questionavam o porquê dessa proibição e abriram caminho para o debate tanto na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), quanto nos grandes veículos da imprensa esportiva (CAPUCIM E SILVA, 2015). As estruturas responsáveis por uma fronteira tão enrijecida, que afastava mulheres e futebol a partir da máxima da sacralização do corpo, não poderia ser conservada, uma vez que a transposição entre humano e não-humano já estava dada.

A pressão interna – e externa, representada pela FIFA – fez com que o Futebol Feminino fosse finalmente regulamentado em abril de 1983, mas com diferenças em algumas regras: o tempo da partida em 70 minutos com intervalos de 15 a 20 minutos; além das atletas estarem proibidas de trocar de camisas com as adversárias após a partida<sup>78</sup>. Em outras palavras, uma *guerra de fronteiras* em que as noções de corpo biológico – e social – aparecem no cerne da disputa: “as coisas que estão

<sup>76</sup> O governo Vargas ficou marcado pela exaltação de vários elementos considerados centralizadores da cultura nacional, entre eles, o futebol. Esse esporte passou a estar associado à identidade nacional, porém, este seria um futebol jogado por homens para homens (além de debatido por eles próprios).

<sup>77</sup> Todavia esses campeonatos não poderiam ser realizados em estádios oficiais, nem poderiam ter árbitros pertencentes às federações de futebol.

<sup>78</sup> Essa última regra se deve ao episódio ocorrido no Morumbi, descrito anteriormente, quando Ruth Escobar trocou de camisa com uma das jogadoras da seleção paulista.

em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação" (HARAWAY, 2009. p. 37).

Os velhos dualismos que cravam as noções de gênero ao sexo biológico aparecem ressignificadas em padrões de distinção entre os futebóis feminino e masculino. Trata-se de mais uma demonstração de dominação, também implícita do binarismo natureza/cultura em que o corpo é caracterizado como indiferente à própria significação (Butler, 2012). A descaracterização do Futebol Feminino através da diferenciação das regras<sup>79</sup> nesse primeiro momento tem a finalidade de tornar essa modalidade menos autêntica, ao passo que, quando alguma futebolista apresentava características – de força, agilidade, compleição, agressividade, etc. – semelhantes aos homens, sua sexualidade prontamente é questionada. O corpo continua sendo pensado como inerte, biológico, natural, passivo e anterior ao discurso, de forma que sexo, gênero e sexualidade continuam sendo hegemonicamente pensados como inseparáveis entre si. A ilustração do cartunista brasileiro Henfil para o jornal feminista *Mulherio* em 1981 caracteriza bastante esse sentimento: o peso que as mulheres carregam para que as estruturas sociais de dominação sejam mantidas ou ressignificadas.



Figura 1 - Ilustração Henfil (Revista Mulherio 1981): "Sou contra mulher jogar futebol, é muito pesado".

<sup>79</sup> Sabemos que muitos esportes trazem diferenciação entre as regras para a modalidade masculina e feminina. No voleibol, por exemplo, existem diferenças na altura das redes para homens e mulheres. Porém nenhum esporte carrega a mesma significação que o futebol, nesse caso de homens, no Brasil.

Mas a imagem atribuída aos *ciborgues* sugere outra forma de vislumbrar a situação e, enquanto híbridos, acaba por determinar também nossa política feminista. Por exemplo, numa reportagem sobre futebol feminino da edição de dezembro de 1982 do jornal lésbico-feminista *Chana-com-Chana*<sup>80</sup>, a repórter pergunta a uma jogadora de futebol o que ela achava de ser chamada de sapatão por homens durante os jogos. A resposta foi a seguinte:

Sapatão é o nome do momento... nós nunca brigamos por causa disso. Isso não é o mais importante, não ofende ninguém. Este preconceito nunca influiu sobre nós. Nossa “lance” é jogar bola. Não ligamos para isso. Quando os homens veem uma mulher jogando bola, eles têm, inicialmente, uma reação agressiva porque pensam que é sapatão, mas quando assistem uma boa jogada, eles aplaudem de qualquer jeito. O homem brasileiro que “adora mulher”, adoraria o futebol feminino.

A resposta da entrevistada representa um pouco da transgressão da fronteira que separa o imaginário que seria considerado feminino e masculino no meio social. O argumento colocado pela jogadora quebra a ideia de que as técnicas corporais das mulheres em campo, antes de ser relativas a gênero ou a sexualidade, derivam do próprio tipo de esporte (MAUSS, 2003). Da mesma forma que atletas de outros esportes também apresentam gestos e posturas que são peculiares às suas respetivas modalidades: de longe podemos perceber as diferenças tanto na composição corporal, quanto no jeito de movimentar-se entre um/a atleta de Ginástica Artística e um/a tenista, por exemplo.

Pode-se conjecturar que as mulheres *ciborgues* de Haraway são plurais e possuem consciência da construção social de seus corpos por aquelas mesmas estruturas de dominação masculinas apontadas por Bourdieu. Essa consciência é que permite epistemologia que saia do “labirinto dos dualismos” imposto pelo poder simbólico vigente. Cabe salientar que o *ciborgue*, enquanto híbrido, está imerso numa rede de relações que abrange tanto elementos humanos, quanto não-humanos. Isso faz com que a extensão dessa rede seja muito grande e, por isso, também contribuiria para dar legitimidade a outras muitas formas de

---

<sup>80</sup> Agradeço a Mariane Pisani, amiga e parceira de escrita, pela confiança e o compartilhamento dessa preciosidade.

poder e de dominação (STRATHERN, 2014). Tudo isso faz com que, nesse caso, as mulheres futebolistas brasileiras estejam em constante luta, ou estado de guerra entre fronteiras, apenas pela representatividade, seja nos campos, na opinião pública, nas mídias, nos órgãos esportivos, etc. Diferentes fronteiras surgem à medida que outras são transgredidas, mas mudanças significativas podem ser avaliadas ao longo desses quase quarenta anos de luta. O que muda a partir dessa epistemologia feminista não é a realidade social na qual essas mulheres estão inseridas, mas a perspectivas sobre ela o que, por sua vez, muda o próprio objeto.

Dentro de tudo o que foi exposto aqui até agora, torna-se evidente que as modalidades de futebóis feminino e masculino se desenvolveram em períodos diferentes e de maneira bem distintas no Brasil. Não vou me ater a essas comparações aqui. Cabe apenas ressaltar que desde a década de 1930, o futebol é tratado enquanto um símbolo nacional e um expoente de virilidade. Dentro dessa perspectiva, tanto a proibição das mulheres nos campos, quanto a sua invisibilidade, recai sobre uma tentativa do governo federal de controle de seus corpos e de regulamentação das condutas do que seria, buscando dentro de um sentido weberiano, um tipo feminino ideal. Essa perspectiva manteve-se nas décadas seguintes. Assim, pretendo entrar na discussão envolvendo a epistemologia *ciborgue* de Haraway para analisar as relações entre essas mudanças, a profissionalização do Futebol Feminino no Brasil e o uso de tecnologias no treinamento esportivo.

### 3.2. Por um futebol feminino<sup>81</sup>

Com regulamentação e, consequentemente, com a criação de campeonatos oficiais, o debate em torno do Futebol Feminino deslocou-

---

<sup>81</sup> Esse tópico surgiu a partir de reflexões que tiveram início na escrita do artigo Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil, realizado em conjunto com Mariane Pisani. Ambas trabalhamos em nossas teses com edições da revista Placar como forma de contextualizar a construção social do pensamento que define os padrões de estética e de comportamentos – bem como os reflexos desses – os quais as futebolistas estão submetidas até hoje. Como parceiras, dividimos nossas percepções sobre a temática, tendo em vista as problematizações e discussões realizadas em nossas teses. Trata-se de um trabalho em conjunto que ameniza a sensação de solidão da escrita, transformando-se numa aprazível experiência de autoconhecimento, companheirismo e amizade proporcionada pelos encontros na academia. À Mariane direciono minha profunda gratidão por essas reflexões.

se da “incompatibilidade biológica” para a emergência de uma feminização: as mulheres poderiam jogar, mas desde que fosse como “mulheres”. Aqui, a ideia central de ser mulher, de corpo de mulheres, recai num modelo hegemônico de feminino que, como bem descreveu Simone Beauvoir na icônica frase, não é inato, mas construído. Diferentes ações advindas de diferentes setores da sociedade ajudaram a suscitar e fomentar esse propósito durante as décadas de 1970 e 1980. Destaco três: a imprensa esportiva, os Clubes e as Federações, principalmente, através das empresas de *marketing* esportivo<sup>82</sup> que gerenciam as competições. Não por acaso, esses dois setores também são componentes do sistema de forças atuantes no Futebol Feminino brasileiro, descritos na introdução desta tese.

O papel dos meios de comunicação de massas na construção do pensamento social é correntemente debatido. No ensaio *O iluminismo como mistificação das massas*, escrito durante a década de 1940, Teodor Adorno e Max Horkheimer<sup>83</sup> os interpretam a partir da indústria cultural e de seu caráter ideológico, tendo em vista um sistema de verdades que obedece a uma lógica capitalista mercadológica. Dentro dessa perspectiva, tanto a indústria cultural, quanto os meios de comunicação de massa existentes seriam indissociáveis entre si e formariam um instrumento sutil, mas extremamente eficaz de imposição de um comportamento e do controle social. Essa forma de manipulação sutil manifesta-se a partir das ideias de liberdade e de divertimento – *amusement*. Os indivíduos sentem que são livres para escolher o que consumir: quais produções ou canais de imprensa que querem assistir, ler ou escutar. Essa diversidade, entretanto, é aparente, já que, segundo os autores, todas as produções que compõem o universo da indústria cultural acabam servindo à mesma ideologia. Consequentemente a essa liberdade, induz-se uma simulada sensação de divertimento. Contudo esse divertimento tem a indigesta função de desabituar os sujeitos do contato – no sentido de consciência – com suas subjetividades, fortalecendo o caráter publicitário da cultura:

---

<sup>82</sup> Empresa de *Marketing* Esportivo, criada em 1982, responsável pela organização e administração de campeonatos de Futebol Feminino (entre federações estaduais e CBF) desde a década de 1990.

<sup>83</sup> Torna-se importante salientar que esse ensaio foi escrito ao final da Segunda Grande Guerra. Assim, os dois autores estão dialogando diretamente com a indústria cultural que compôs o período, tanto na Alemanha, quanto entre os países que compunham os Aliados.

[...] O modo de se exprimir e de gesticular dos ouvintes e dos espectadores, chegando até a nuances que nenhum método experimental está em condições de captar, está mais do que nunca infiltrado pelo esquema da indústria cultural. A indústria cultural de hoje herdou a função civilizatória da democracia da *frontier* e da livre iniciativa, que de resto nunca manifestou uma sensibilidade muito refinada para com as diferenças espirituais. [...] A liberdade na escolha das ideologias, contudo, que sempre reflete a pressão econômica, revela-se em todos os setores como liberdade do sempre igual (ADORNO; HOKHEIMER, 2002. p. 214).

Sobre a questão da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, Umberto Eco (1973), vinte anos após o ensaio de Adorno e Horkheimer, irá apresentar uma visão mais problematizadora sobre a relação entre o consumidor e as produções. Eco analisa o papel da cultura de massas<sup>84</sup> chamando a atenção para suas características apocalípticas e integradoras. A dualidade presente nessa categoria é levantada na forma de crítica ao conceito de indústria cultural atribuído anteriormente pela Escola de Frankfurt, já que a cultura de massas não se trataria de um fenômeno meramente capitalista. Assim, chama de apocalíptica a visão pessimista, que condena a cultura de massas de forma a imputá-la o caráter catastrófico de *anticultura*. Para o autor, tal concepção resulta numa espécie de visão elitista que acaba por querer definir o que seria próprio e impróprio de ser consumido pelas massas. Essa visão acaba por limitar a autonomia das camadas mais baixas da população, reduzindo-as a mera massa de manobra.

Concomitante a isso, defende a ideia da cultura de massas enquanto integradora: elimina barreiras sociais ao reproduzir signos que são compreendidos pelos diferentes estratos da sociedade. Dessa forma, ela não é necessariamente conservadora. Além disso, Umberto Eco

---

<sup>84</sup> Umberto Eco chama a atenção para a expressão “cultura de massas”: “es un híbrido impreciso en el que no se sabe qué significa cultura ni que se entende por masa, queda claro, no obstante, que llegamos a ese punto no es posible pensar en la cultura como algo que se articula según las imprescindibles e incorruptas necesidades de un Espíritu que no viene históricamente condicionado por la existencia de la cultura de massas” (1973, p. 20)

argumenta a favor do espectador/leitor, tendo em vista a recepção ingênua ou crítica (*Op. Cit.*, p. 189-190).

Mas, o que me leva a essa discussão, diz respeito ao local em que as mídias esportivas estão inseridas no Brasil. As primeiras descrições das partidas de futebol impressas nos jornais, no início do século XX, eram identificadas enquanto crônicas (ALMEIDA; KLUG; RIAL, 2015), e seus escritores enquanto espécies de contistas-torcedores-locutores (SEVCENKO, 1994). As duas formas aproximam-se bastante de outros gêneros literários para além do meramente informativo/jornalístico. Além disso, o futebol é utilizado na pauta dos telejornais brasileiros como um amenizador, tornando essa questão motivo de piadas em programas de humor: quando as notícias se quedam demasiado tensas, a temática do futebol surge como uma quebra, um alívio que torna suportável a assistência pelo espectador. Tais características auxiliaram para a classificação das mídias esportivas também enquanto uma forma entretenimento de massas.

Embora concorde com a crítica à ideia de indústria cultural defendida por Adorno e Horkheimer (2002), gostaria de ressaltar um aspecto trabalhado por eles e que será bastante importante para pensarmos o processo de feminização do Futebol Feminino no Brasil. Esse aspecto diz respeito ao caráter publicitário da cultura de massas, de como os comportamentos e moralidades hegemônicas são propagandeadas nos chamados meios de comunicação de massa. Quanto mais os indivíduos estiverem em condição de dominação, maior será o efeito dessa propaganda sobre elas/es.

Desde o início da década de 1980 que a grande imprensa esportiva vem noticiando sobre campeonatos e clubes de Futebol Feminino. Percebe-se nesse primeiro momento, uma mistura entre exotização e fetichização das futebolistas, mas também existia uma grande preocupação com uma possível “masculinização”, tanto dos corpos, quanto dos próprios comportamentos. Dentro dessa perspectiva, essas primeiras matérias condenavam os comportamentos violentos, considerados masculinos, e enaltecia as características consideradas propriamente femininas: corpos arredondados, rebolado, beleza e simpatia<sup>85</sup> (ALMEIDA, 2013; 2016).

Durante a década de 1990, o espaço na imprensa esportiva destinado ao Futebol Feminino cresceu. Pesquisando as capas da *Revista*

---

<sup>85</sup> A clássica reportagem de Lemyr Martins “A bela e as feras do futebol feminino”, saída em outubro de 1983, coloca em oposição a jogadora do Esporte Clube Internacional, Isabel e Sara

*Placar*<sup>86</sup>, podemos perceber um aumento considerável no número de edições que trouxeram a temática mulheres que atuam no futebol como matéria principal: de uma para quatro capas. É importante levar em conta que a partir de 1991, a revista passou de tiragem semanal para mensal, diminuindo consideravelmente o número de edições. Abaixo, escrevo um pouco mais das capas:

- Revista *Placar* 13 de Julho de 1984: Chama a atenção para o número de mulheres que são praticantes da modalidade no Brasil. Mas a imagem é o que mais sobressai na capa. Traz Vandira, uma futebolista do *Cruzeiro* na cena do vestiário - traja camiseta do clube e calcinha, enquanto arruma as ataduras nos calcanhares. A futebolista tem seu corpo objetificado, tornando-se um conjunto atraente de pernas, bunda e rosto.
- Revista *Placar* Agosto de 1995: A imagem mostra quatro mulheres modelos – não futebolistas. Tocam-se entre si e trajam roupas bastantes curtas, que não condizem com os uniformes dos clubes de campo, meiões e chuteiras. A chamada diz: Futebol Feminino – As garotas batem um bolão (e até trocam as camisas depois do jogo).
- Revista *Placar* Janeiro de 1996: A capa é estampada por Cleidy Ribeiro, árbitra de futebol que atuava como auxiliar nos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino. Sobre Cleidy, a chamada diz: A juíza mais gostosa do Brasil.
- Revista *Placar* Setembro de 1996: Uma das capas mais famosas da história da revista. Nela está a atriz Susana Werner, na época também jogadora do Fluminense, com a frase: Acredite, ela joga bola! Susana traz apenas uma bola a frente dos seios.
- Revista *Placar* Março de 1997: a última das capas traz quatro jogadoras – Susana Werner e Fernanda Chuquer do *Fluminense* e Priscilla Ribeiro e Amanda Carreira do *Fogatas* (equipe feminina do *Botafogo*) – vestindo biquínis. Na chamada para a reportagem: Gostosas! Haja coração... Quem são as deusas do Futebol Feminino.

---

<sup>86</sup> A Revista Placar, do Grupo Abril, é considerada um dos mais importantes periódicos brasileiros na área esportiva (sobretudo sobre futebol). Lançada em 1970, a revista oferecia o Troféu Bola de Prata àqueles que se destacavam durante o Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino.



Figura 9: Revista Placar - Edições das décadas de 1980-90 que abordaram a temática de mulheres atuantes no futebol.

A maioria das capas foi publicada na segunda metade da década de 1990. Não abordam diretamente questões relativas às carreiras. Ao contrário, trazem como ponto principal as características corporais consideradas femininas, portanto atraentes para essa perspectiva. Enaltecem os atributos físicos de forma a sexualizar seus corpos. Todas as mulheres são “femininas” dentro da normatividade vigente na época: brancas, bonitas, têm cabelos compridos e soltos, são heterossexuais, estão maquiadas (PISANI; ALMEIDA, 2015) e pertencem a camadas medias e medias altas da população. Salvini e Marchi Júnior (2016) irão chamar a atenção para o caráter dicotômico das mulheres que praticam futebol nas reportagens da Revista Placar nesse período, dividido entre aquelas que têm habilidade - as *futebolistas federadas* – e aquelas que vêm no futebol um espaço “não esportivo”, trabalhando em outras atividades, enquanto modelos e atrizes.

A dicotomia da qual estamos tratando, estampava-se nos corpos e na forma de apresentação das jogadoras, sejam elas federadas ou modelos. Enquanto as jogadoras federadas tinham a aparência mais próxima daquela apresentada pelos homens, uniformes largos, cabelos curtos, preocupação com a performance e não com

atributos de beleza, as modelos – como o próprio nome sugere – demonstravam pouco conhecimento ou habilidade com o futebol, utilizando esse espaço somente como vitrine corporal (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016.p. 111).

A reportagem intitulada *O Futebol EnGatinha*<sup>87</sup> é bastante representativa nesse sentido. Logo na primeira página diz: “As bonitinhas costumam sentar no banco de reservas e os jogos ainda não são dos mais atraentes”. Sugere que, no caso, o Campeonato Paulista de Futebol Feminino, embora ainda seja considerado fraco e com uma média de público pequena nos estádios, deve ser olhado com mais atenção, uma vez que, na falta de bons lances durante os jogos, há belas mulheres que compõem a equipes. A já mencionada Revista Placar de Março de 1997, com a matéria de capa *Top de Bola*<sup>88</sup>, inicia da seguinte forma: “Quem disse que futebol carioca está em baixa? Basta examinar o timaço feminino que disputará o estadual e perceber que há bons motivos para lotar as arquibancadas” (p. 22 – 23). A introdução continua falando dos atributos físicos e profissionais – mas não com relação a uma carreira no futebol – de cada uma das jogadoras-modelos-atrizess-apresentadoras, até que termina com a seguinte frase: “Quem ganha com esse gracioso campeonato é a torcida, que, finalmente poderá ver o verdadeiro futebol-espetáculo” (p. 23).

As chamadas *jogadoras federadas* são tratadas de forma diferente. Os elogios, assim como as críticas, são pontuais e sintéticos. São mais cobradas que as demais. Subentende-se que a presença delas em campo aconteça somente em função de suas habilidades, enquanto as modelos nem precisariam tê-las para estar no jogo. A futebolista Sisleide do Amor Lima, a Sissi, aparece como principal referência na época. É bastante elogiada pelos jornalistas da *Placar* quando se trata de destacar aspectos positivos do Futebol Feminino relativos a habilidades técnicas: “estrela da seleção”; “única conhecida dos torcedores”; “artilheira”. Sem grandes badalações, é transformada em “herói” da equipe – não em heroína, mas utilizam de adjetivos semelhantes àqueles referenciados aos futebolistas homens. Quando existe a falha, as críticas parecem assumir maior intensidade, quando comparadas com as feitas

---

<sup>87</sup> Paulo Vinícius Coelho. Revista Placar de Maio de 1997, p. 38 – 40.

<sup>88</sup> De Sérgio Garcia.

aos homens: “está ultrapassada”, “parecia jogar em câmera lenta<sup>89</sup>”. Críticas semelhantes foram – e são – feitas à jogadora Marta Vieira atualmente. Porém, ao contrário de Sissi, quando há essas críticas à Marta, não há o deslocamento espacial entre as modalidades de futebol masculina e feminina<sup>90</sup>. O espaço do futebol nesse momento no país, é predominantemente ocupada por homens. As mulheres ainda são vistas como invasoras – forasteiras – e *outsiders* (de acordo com o sentido da sociologia do desvio de Howard Becker). Além disso, é importante salientar que a aparência de Sissi – cabelos muito curtos e uniformes largos – faz com que o deslocamento seja não somente de gênero, mas da própria ideia de sexo também (BUTLER, 2003).

No geral, quando abordam o futebol enquanto temática central, a maioria das reportagens da época despende mais tempo a tratar dos problemas estruturais e dos conflitos gerados entre as futebolistas e comissão técnica/clubes/federações. Também procuram sempre enfatizar a necessidade de rompimento com um passado sombrio do esporte, que apontam para um universo onde a homossexualidade, bem como as características que fujam desse feminino normativo, sofra uma valorização negativa.

Knijnik (2005), em sua pesquisa sobre futebolistas que participaram do Campeonato Paulista de 2004, destaca que a estereotipação de mulheres que praticam futebol enquanto homossexuais é definida apenas pelos aspectos aparentes. Não existe uma problematização profunda dessas categorias de gêneros nesse momento. Esse tipo de discussão só será observado mais efetivamente nos grandes meios de comunicação, a partir da década de 2010. No entanto, a naturalização de tal dualidade binária ainda permanece no imaginário social do Futebol Feminino no Brasil. O mesmo foi constatado por Cláudia Kessler (2015) em sua pesquisa de doutoramento sobre futebolistas no Rio Grande do Sul. A autora encontrou duas categorias nativas estereotipadas que dividiam informalmente o universo do Futebol Feminino gaúcho: as *Barbies* – hiperfeminizadas – e as *Ogras* – masculinizadas.

A novidade, nesse período, está compreendida na intenção de buscar soluções, bem como de incentivar um Futebol Feminino que

<sup>89</sup> Frases referentes à reportagem *Várzea na Austrália* de André Fontenelli para a *Revista Placar* de outubro de 2000. p. 72 – 73.

<sup>90</sup> A comparação com futebolistas homens adquire sempre valor positivo, como um elogio. Dificilmente a grande mídia irá tratar enquanto um demérito. Essa questão será melhor abordada a segui.

fosse feminizado – dentro dos padrões entendidos enquanto feminino da época. Frases como “usar chuteiras não ‘masculiniza’ as garotas”, são recorrentes. Nesse sentido, destaco aqui alguns fragmentos de reportagens. O primeiro diz respeito a uma entrevista realizada com o técnico da Seleção Brasileira de Futebol Feminino durante os Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, Zé Duarte<sup>91</sup>:

Placar: O senhor já assistiu a alguns desses jogos de modelos?

Zé Duarte: Não, não fui. Acho isso uma brincadeira. Acredito até que deva ter, no meio delas, alguma que saiba jogar um pouco de futebol. Mas acho que o que conta não é a beleza. O que brasileiro quer ver é um bom jogo de futebol.

Placar: As duas jogadoras mais bonita do futebol brasileiro, Bel e Duda, não estavam na Seleção que disputou a Olimpíada de Atlanta. Por que?

Zé Duarte: A Bel, a jogadora mais bonita do futebol dos últimos tempos, participou da nossa primeira fase de treinamentos. Na segunda, teve problemas de contusão e infelizmente não pudemos levá-la. Vi a Duda jogando na Taça Brasil, mas ela estava com o condicionamento físico muito ruim. Devia estar parada, por isso optamos por uma jogadora em melhor condição.

Placar: O senhor acredita que as histórias de homossexualismo no futebol feminino afugentam outras mulheres?

Zé Duarte: Eu sou novo no futebol feminino e não passei por nenhuma situação dessa. Confesso que todas as vezes que converso com o nosso grupo de jogadoras, digo que se sentirem problemas fora das quatro linhas do campo, eu não tenho nada a ver com isso. São problemas delas.

---

<sup>91</sup> Bate-Bola com Zé Duarte, Revista Placar de setembro de 1996, p. 49.

Essas três perguntas configuram uma preocupação manifestada pelo jornalista, transparecida como sendo também do/a leitor/a, por um Futebol Feminino que tenha características compatíveis com aquelas consideradas femininas. A relevância não está nas habilidades técnicas, nem nos resultados, mas na beleza e na sexualidade das mulheres que atuam na seleção.

O segundo fragmento encontra-se na mesma edição da revista (p. 47), intitulada *Meninas! E agora?* de Marcelo Duarte:

[...] “Garotas altas, fortes e de classe média estão substituindo as meninas que aprenderam a jogar bola na rua com os irmãos”, diz Romeu Castro, vice-presidente do Saad, uma das forças do futebol feminino, e assessor da *Sport Promotion*. “O que não falta hoje é garota bonita jogando futebol”, assegura a volante do Internacional, Duda, 25 anos.

Novamente a mesma ideia persiste: o que o Futebol Feminino brasileiro realmente precisa para obter êxito está na aparência física de suas jogadoras. Por outro lado, a fala do vice-presidente do *Saad Esporte Clube* à época é bastante significativa, encaminha-se em direção a preconceito de classe, além daquele de gênero já notoriamente identificado. O discurso elitista está no cerne da suposta ideia de que o processo de transição de jogadoras – de camadas baixas para camadas médias – representaria avanços no desenvolvimento da categoria. Esse discurso pode ser confrontado com o conceito de *distinção* e *classes* de Bourdieu (2007). Para o autor, as *classes* constituem-se num conjunto de agentes sociais que ocupam posições semelhantes e, se colocados em condições e condicionamentos semelhantes, apresentam atitudes e interesses muito parecidos. Baseiam-se no conhecimento relacional e condicional do *espaço das posições*<sup>92</sup>, previamente definido pelo local em que o sujeito está distribuído dentro de uma escala de poderes que assumirá diferentes configurações de acordo o campo contextual. Tal qualidade situacional irá revelar o *capital simbólico* ou o *capital de distinção*, sendo as posses – materiais ou simbólicas – responsáveis pelo suporte ao *capital* – econômico, social e cultural. Nesse sentido, as futebolistas de classe média, as *Barbies*, as *patricinhas*, detêm um

---

<sup>92</sup> “Um conjunto de campo social que permite pensar a posição de cada agente em todos os espaços de jogos possíveis” (2001, p. 135).

*capital simbólico* que se aproxima mais do tipo ideal, dentro de uma ideia weberiana, de mulheres que deveriam, segundo esses agentes, jogar futebol: as modelos. Dentro dessa perspectiva, percebe-se que a imprensa acaba criando uma categoria de *time de modelos* para definir melhor as equipes que adotaram essa prática.

A interseccionalidade entre gênero e classe social é descrita por Mariane Pisani (2014) enquanto um preponderante marcador social de diferenças no Futebol Feminino. A antropóloga identificou entre as jogadoras negras da periferia de São Paulo que, mesmo o futebol sendo um espaço de empoderamento, essas mulheres são submetidas a amplas redes de relação de poder – e que, de certa forma, atinge em menor escala aquelas que fazem parte de camadas sociais mais elevadas. Nesse sentido, Pisani dialoga diretamente com Avta Brah (2006), ao ligar a questão de raça e sexualidade como um dos fatores importantes e indissociáveis nessa interconexão. De onde despontam as próprias noções de identidade que tornam a mulher negra, lésbica, de periferia, bem mais vulneráveis do que mulheres brancas em mesma condição econômica e social. Dessa forma, o marcador classe acaba por se articular a outras vias de diferenciação, tais como o racismo e o heterossexismo (BRAH, Op. Cit. p. 342), exercendo grande influência sob as trajetórias de vida para categorias específicas de mulheres.

O último fragmento, diz respeito ao quadro abaixo:



Figura 10 - Revista Placar de Maio de 1997.

A ilustração sugere a emergência da mudança na vestimenta adotada no Futebol Feminino. Até pouco tempo atrás era bastante comum a reutilização de uniformes nos tamanhos pequeno do masculino. Recordo de acompanhar uma reunião entre jogadoras e dirigentes do *Club de Regatas Vasco da Gama* em que uma das preocupações apontadas pelas atletas era se haveria um uniforme feminino ou se iriam utilizar o masculino. No entanto, ao invés de propor um uniforme que fosse mais confortável e que se adaptasse melhor aos corpos das mulheres, a justificativa apresentada para a necessidade de mudança adquire caráter meramente estético – “são meninas vestidas de marmanjos” – e sexualizante – “não custava nada fazer algo mais sensual”. No fundo, todas essas reportagens estão fadadas a procurar soluções para que haja maior reconhecimento em relação ao Futebol Feminino, porém, o público-alvo reduz-se a homens que desejam ver a um show de belas mulheres.

Nesse momento, há a interação entre os outros setores responsáveis pela produção desse mesmo discurso: os clubes e as Federações – nesses casos, mais especificamente, através das empresas de *marketing* esportivo que gerenciam os campeonatos. As matérias apresentadas até agora contemplam também os discursos dessas duas áreas. Alguns clubes, como o *Fogatas/Botafogo*, o *Fluminense*, *Corinthians* e o *São Paulo* mantinham propositalmente uma parcela de jogadoras modelos na equipe:

Cléo começou a jogar futebol na escolinha do Rivelino e, desde então, decidiu tornar-se jogadora de verdade. Bem, ela mesmo garante que não é lá essas coisas, mas certamente nenhum marmanjão irá reclamar por vê-la em campo. Aos 29 anos, Cléo só conseguiu a vaga no Tricolor por ser um rostinho bonito na tv [...]. Nem precisou de teste. No São Paulo, a apresentadora irá jogar ao lado de craques como Sissi e Formiga, titulares da Seleção<sup>93</sup>.

O fragmento é referente à apresentadora, na época, do *Canal Bandeirantes*, Cléo Brandão. Nesse caso específico, Cléo divide o treino e os gramados com a melhor futebolista da época, Sissi. Parece bastante improvável pensarmos no *São Paulo* da década de 1990 contratando futebolistas homens apenas para preencher uma cota de masculinidades,

---

<sup>93</sup> Reportagem Virada à Paulista. Revista Placar de Março de 1997. p. 28 – 29.

ou de beldades, ou de celebridades. Enfim, não existe essa possibilidade: para fazer parte da equipe tem que ter bons resultados. Pretendo aqui salientar dois pontos. O primeiro está na necessidade emergente de enquadrar o Futebol Feminino num feminino aceitável socialmente. De ressignificá-lo, não a partir do empoderamento de futebolistas, mas a partir de modelos de feminilidade. O segundo, diz respeito a alguns clubes que, ao contrabalancear boas jogadoras – ou *jogadoras federadas* – com modelos como alternativa para angariar audiência, atenção das mídias e patrocinadores: “no *Flu*, não faltam garotas bonitas e, ideia genial, o patrocínio foi colocado na região mais valorizada pela torcida, o bumbum<sup>94</sup>”.

As Federações talvez possuam o maior peso nesse processo, uma vez que são as regulamentadoras dos campeonatos. A matéria *Meninas! E agora? (Op. Cit.)* inicia da seguinte forma:

Para a CBF, futebol é um esporte de macho. Tanto é que a entidade repassou para uma empresa, a *Sport Promotion*, os direitos de cuidar e de explorar a modalidade até o Campeonato Mundial de 1999. Foi só alguém dar um pouquinho de atenção e as meninas conquistaram um quarto lugar nos Jogos de Atlanta. A ideia agora é organizar, no começo do próximo ano, um Campeonato Paulista, o Paulistana.

A *Sport Promotion*, empresa fundada em 1982, até hoje mantém-se como organizadora e gerenciadora dos principais campeonatos de Futebol Feminino do país – Brasileiro, Torneio Internacional Copa Caixa, Campeonato Paulista de Futebol Feminino<sup>95</sup>. Entre fins do século passado e início deste, esteve envolvida na criação de regulamentos polêmicos, sobretudo, nos Campeonatos Paulistas. Em 1996, limitou o número de futebolistas com mais de vinte e três anos a três por equipe. A justificativa era de dar oportunidade a novas jogadoras e equilibrar as equipes, dividindo as mais experientes – aquelas que haviam participado da Seleção Olímpica. No entanto, a situação tornou-se controversa a partir da declaração – descrita acima – de um dos assessores da empresa e, também, do vice-presidente do Saad, Romeu Castro. Nela, Romeu

<sup>94</sup> Matéria de Sérgio Garcia. Oh Susana!!!! Revista Placar de Setembro de 1996. p. 40 – 45.

<sup>95</sup> Além desses, também organiza os Brasileiros Masculino séries B, C e D. além do Brasileiro Sub-20 e as Copas do Brasil Sub-17 e Sub-20.

afirma que é preciso diversificar o Futebol Feminino: “garotas altas, fortes e de classe média estão substituindo as meninas que aprenderam a jogar bola na rua com os irmãos” (op. Cit.). A ideia surgiu após a derrota do Brasil para a Noruega na disputa da medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Onde o assessor justifica o motivo do quarto lugar pelo biótipo das futebolistas brasileiras:

O biótipo das brasileiras que estiveram em Atlanta era uma mostra do desnível em relação às americanas e norueguesas. O tiro de mata da goleira do Brasil ainda não tinha força o suficiente para atravessar a linha do meio-campo. Lançamentos longos também não fazem parte do repertório de jogadas. Quando as atletas foram convocadas, em dezembro, passaram por um intenso trabalho muscular e alimentar. Tiveram também aulas de fundamento.

A solução, segundo Romeu, estava em futebolistas da classe média. A questão de classe aqui recai também num sentido diferente daquele que foi discutido anteriormente. Refere-se ou a um preconceito de raça ou a uma questão econômico-social. No primeiro caso, torna-se evidente que, para o referido dirigente e assessor, apenas mulheres com “biótipos” semelhantes ao de norueguesas e de estadunidenses<sup>96</sup>, ou seja, brancas, altas e fortes, poderiam alcançar êxito no futebol. Tendo em vista essa perspectiva, só poderiam encontrar mulheres dentro dessa qualidade nas camadas médias. Desconsidera que nas camadas mais baixas existam mulheres altas e fortes o suficiente para estar em campo. Segundo lugar, em nenhum momento reconhece a falta de categorias de base nos clubes brasileiros, dos anos de proibição, da péssima infraestrutura oferecida às mulheres na prática do futebol. No ano seguinte, a empresa manteve essa regra, mas foi criticada pela própria Revista Placar: “o tiro saiu pela culatra. Com atletas inexperientes, o espetáculo ficou pior<sup>97</sup>”.

Mas a maior polêmica foi causada pelo regulamento do Paulista de 2001, organizado pela empresa *Pelé Sports & Marketing*<sup>98</sup>. Entre os

<sup>96</sup> A equipe dos Estados Unidos tinha duas futebolistas negras.

<sup>97</sup> O futebol engatinha. Revista Placar, maio de 1997.

<sup>98</sup> A Pelé Sports & Marketing encerrou as atividades em novembro do mesmo ano, sob a acusação de corrupção.

objetivos<sup>99</sup> principais da competição está: "desenvolver ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino". Consistia na tentativa de mudar o perfil das futebolistas no Brasil. Afastar de uma masculinidade - "temos que tentar unir a imagem do futebol feminino à feminilidade", o que consistia na proibição de cabelos curtos e de uniformes largos. O *Ninfetão 2001*<sup>100</sup>, conforme ficou ironicamente conhecido esse campeonato por alguns setores, foi realizado a partir de seletivas, no estilo peneiras. A Federação de Futebol Paulista, a partir da *Sport Pelé*, selecionou cerca de 360 jogadoras, entre 16 e 23 anos de um total de 1620 candidatas. Após essa seleção, as meninas foram divididas nas doze equipes participantes. Entre os selecionadores estavam os ídolos corintianos Wladimir e Basílio. A revista Placar de setembro 2001 noticia o seguinte diálogo:

- Vocês viram? Eliminaram a mais gatinha, passou o time inteiro.

- Vai ver que o Basílio e o Wladimir não gostam de mulher bonita.

É mais provável que os dois mitos corintianos, contratados para selecionar as jogadoras, simplesmente tenham agido com profissionalismo ao escolher as jogadoras do próximo Campeonato Paulista Feminino (p. 42).

A questão é bastante inusitada. Um campeonato estadual, cuja Federação escolha que futebolistas poderiam ou não participar. Além de tirar a autonomia dos clubes na formação das equipes, também cria uma tipificação das atletas. A mesma matéria ainda destaca o controle mantido pela organização do campeonato: "o estranho torneio da Federação Paulista vai mudar a imagem das nossas jogadoras? Seja como for, elas não têm escolhas". Confrontado sobre o assunto, o vice-presidente da FPF, Renato Duprat, ainda sentencia: "Aqui, com cabelo raspado não joga. Está no regulamento<sup>101</sup>".

---

<sup>99</sup> Ver: Eduardo Arruda. FPF institui jogadora objeto no Paulista. Jornal Folha de São Paulo, 16 de setembro de 2001.

<sup>100</sup> Ver: André Fontenelli. Revista Placar, setembro de 2001.

<sup>101</sup> Ver: Eduardo Arruda. FPF institui jogadora objeto no Paulista. Jornal Folha de São Paulo, 16 de setembro de 2001.

Esses esforços todos para feminizar o Futebol Feminino brasileiro influenciaram as gerações de futebolistas que se seguiram. Mariane Pisani (2012) identificou que, na equipe do *Foz Cataratas*, todas as futebolistas preocupavam-se muito com a aparência durante os jogos: cabelos compridos cuidadosamente arrumados, sobrancelhas bem-feitas, unhas pintadas. O mesmo pude observar durante meu trabalho de campo na *Ferroviária* em Araraquara. Fora de campo, a grande maioria veste-se com roupas que realçam o corpo e usam maquiagem.

Por outro lado, a concepção de corpo feminino também sofreu mudanças nesse início de século. A antropóloga Mirela Berger (2006) irá identificar essa mudança de idealização do corpo de mulheres – de fragilizados a “sarados”. A perfeição está nos músculos torneados, o que levou a um crescimento exponencial de academias e produtos nutricionais voltados ao ganho de massa corporal. Ser sarada, ser *fitness*, tornou-se quase que uma obsessão entre as brasileiras, sendo bastante cobrado socialmente. Nesse sentido, a antropóloga Chiara Pussetti (2012) observa que as dinâmicas produzidas por marcadores sociais de diferenças tencionam em maior proporção a população mais vulnerável. Em geral, as pessoas despendem grande parte do capital econômico em intervenções no corpo. No entanto, quanto mais evidentes são esses marcadores, mais sensíveis estão com relação à insegurança e à competição do mercado de trabalho. O corpo apresenta-se enquanto um portfólio. Está diretamente ligado ao sucesso profissional, aumentando as possibilidades na competitividade. Para tanto, traz a ideia de cidadanias – tecnológicas, farmacêuticas e cosméticas – para pensar as alternativas a partir de intervenções no corpo, utilizadas pelas pessoas, tanto para melhorar a performance, quanto para tornar a aparência mais acordada com o contexto em que se está inserido. O foco na meta profissional seria a principal motivação.

De volta ao universo do Futebol Feminino brasileiro, a partir do momento em que os agentes de poder aqui especificados – grande mídia, clubes e Federações – instituíram um novo modelo de feminino no futebol, essas futebolistas tiveram que se adaptarem a essas novas exigências. Questionando ou não, o que se encontra hoje nos principais clubes – e tipifica, de certa forma, as profissionais do futebol no país – está ligado a um padrão, alcançado a partir dessas intervenções, sobretudo, cosméticas e farmacêuticas. Cosméticas, a partir do uso de alisadores e tonalizantes de cabelo, cremes *anti-aging*, técnicas de preenchimento de sobrancelhas, depilações, entre outros. Farmacêuticas, tendo em vista suplementos nutricionais que aumentam o desempenho físico.

E como as futebolistas são representadas na atualidade? Nos últimos dez anos, a imagem que une mulheres que jogam futebol à masculinização e homossexualidade ainda existe, mas perdeu bastante força. As atletas ganharam um pouco mais de visibilidade e seus corpos passaram a ser almejados por outras mulheres. A emergência de uma feminização ainda é sentida, mas quase fica restrita aos clubes<sup>102</sup>, e a objetificação do corpo das mulheres passou a ser condenado e bastante problematizado. Dentro dessa perspectiva, percebe-se uma brusca mudança nas capas da revista Placar que trouxeram futebolistas mulheres:



Figura 11 - Capas da Placar nos últimos dez anos.

A primeira capa é referente ao Jornal da Placar<sup>103</sup> de 24 de julho de 2012. Traz a futebolista Cristiane em campo, durante um dos jogos nos Jogos Olímpicos de Londres. Só por estar em situação de jogo, já representa um grande distanciamento do discurso apresentado pelo mesmo veículo de comunicação durante a década de 1990. A capa ressalta os onze gols de Cristiana em Olimpíadas, localizando-a enquanto maior artilheira da seleção. A capa da edição de agosto de 2016 tem Marta e Neymar, lado-a-lado. Colocam ambos em

<sup>102</sup> Essa questão será melhor abordada no quarto capítulo.

<sup>103</sup> Editados entre 2008 e 2012.

igualdade de resultado com a chamada “Marta e Neymar lideram o Futebol Olímpico, que parou na prata: caiu em cinco finais”. Nota-se que não há mais espaço para sexualização dos corpos. Trata-se de atletas competentes e profissionais, exemplos de um bom futebol.

### **3.3. “Marta é melhor que Neymar”: os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e o legado para o Futebol Feminino.**

*Women’s Football in Brazil: invisible but under pressure* é o título de uma conferência realizada por Carmen Rial em Copenhague no ano de 2010. A ideia da antropóloga traduz décadas de banimento do esporte às mulheres em função de um incentivo aos homens. Quando, em 1983, o futebol praticado pelas mulheres passa a ser regulamento no Brasil, o futebol dos homens está mais que consolidado como o esporte nacional, sendo o país reconhecido mundialmente como exportador de futebolistas. O tricampeonato mundial em 1970<sup>104</sup> e as propagandas ufanistas utilizadas pelo governo do General Médici sobre tal conquista na época contribuíram para tal reputação. Quando as mulheres retornaram aos campos, suas ações foram interpretadas a partir do escárnio, do espetáculo do grotesco. Os primeiros campeonatos – Taça Brasil de Futebol Feminino<sup>105</sup> – eram organizados pelos próprios dirigentes dos clubes participantes (ALMEIDA, 2013). Apenas em 1994, com o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino<sup>106</sup>, é que a modalidade teve um apoio mais efetivo da CBF. Em 2005, com a criação do *Bolsa Atleta*, as futebolistas puderam contar com um auxílio financeiro que, embora representasse um valor baixo<sup>107</sup>, era debitado

<sup>104</sup> Não podemos esquecer que o Brasil foi o primeiro país a conquistar um tricampeonato mundial no futebol praticado por homens, realização que rendeu a posse definitiva da taça Jules Rimet (roubada em 1983 e supostamente derretida).

<sup>105</sup> A Taça Brasil durou de 1983 a 1986, sendo o Esporte Clube Radar vencedor em todas as edições.

<sup>106</sup> O campeonato durou de 1994 a 2001.

<sup>107</sup> Existem diferentes categorias de auxílio no *Bolsa Atleta*: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpico/Paralímpico. Para os atletas com reais chances de medalhas nos Jogos Rio 2016, o suporte financeiro é garantido pela categoria Atleta Pódio, para as modalidades individuais (Lei 12.395/11). Ver: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>

mensalmente. No entanto ainda é comum aquelas que treinam e trabalham<sup>108</sup> ou que treinam e estudam (PISANI, 2012).

Mesmo diante desse panorama, as futebolistas - principalmente aquelas que atuam pela Seleção Nacional - são tão cobradas quanto os homens. É normal escutarmos frases do tipo: “O futebol feminino no Brasil é uma piada”; “Nunca ganharam nada importante”. Lembro de um jogo entre Avaí (SC) e Botafogo (RJ) pela primeira fase do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2014 em que assisti no Estádio da Ressacada em Florianópolis. A torcida era muito pequena, talvez umas setenta pessoas entre familiares, futebolistas homens das categorias de base, alguns homens idosos que identifiquei como moradores de região e crianças. O Avaí perdeu de 8 a 0. O aspecto principalmente dos homens presentes denotava zombaria: “cambada de ruim”; “que vergonha”; “vão lavar louça”. Conversei com a mãe de uma das jogadoras da equipe catarinense que me contou um pouco das condições do grupo durante a competição: a maioria das integrantes do Avaí F.C. teve que pedir autorização nos locais onde trabalham para se apresentar aos jogos. Além disso, treinavam apenas três vezes na semana, sempre após uma jornada de trabalho.

O desabafo de Marta, ao chorar em um dos programas de esporte de maior audiência da televisão brasileira em abril de 2015, reproduz um pouco desse sentimento ambivalente de ser invisível, porém, extremamente cobrada:

Porque emociona, muito. Porque a gente tá sempre procurando a sobrevivência do futebol feminino. Então, eu acho meio injusto quando se compara o masculino e o feminino. Porque a diferença é muito grande. É uma ou outra menina que consegue sobreviver jogando futebol, né. Então eu fico até sem palavras pra falar com relação a isso, porque é uma luta constante. É um momento de acordar, né, não só para o futebol feminino, mas para o esporte em geral.

Essa declaração gerou uma resposta da Presidenta Dilma em sua página oficial:

<sup>108</sup> Durante o último Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, a jogadoras da equipe do Avaí Futebol Clube dividiam-se entre treinos e trabalhos. Treinavam apenas três vezes na semana.

Hoje vi Marta, um dos orgulhos do nosso futebol, chorar numa entrevista ao Esporte Espetacular. Marta é uma das maiores personalidades do esporte nacional. Fiquei comovida com seu desabafo sobre como é difícil para uma atleta feminina sobreviver no país. Ela reclama da "luta constante" para que talentos se sobressaiam no futebol feminino. Marta está correta. Os clubes no Brasil ainda não apostam em equipes femininas. Apresentamos uma medida provisória para mudar esse cenário. Novas regras vão permitir aos clubes condições para renegociar suas dívidas. Em troca, os clubes terão de investir no futebol feminino, mantendo e incentivando as equipes e as atletas. Precisamos de mais talentos como a Marta, exemplo de mulher guerreira e vencedora. Vamos abrir os caminhos do esporte às meninas de uma nova geração do futebol nacional.

O apoio da Presidenta, tanto motivacional quanto na forma de uma medida provisória, em conjunto a medidas como as do Ministério do Esporte e do Museu do Futebol, podem ser vistas como ações de grande incentivo à prática do futebol pelas mulheres. Tratava-se de algo inédito para essa categoria. Mas por que esta mobilização? Podemos fazer uma especulação em torno dos diferentes motivos que levaram tais órgãos governamentais e instituições a colocar o Futebol Feminino no centro da discussão:

- 1 – Em 2015, ocorreu a Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada no Canadá;
- 2 – No ano anterior, o Brasil foi desclassificado da Copa do Mundo de Futebol (“Masculino”), na qual o Brasil era anfitrião, pela Alemanha com o placar de 7X1, considerada a maior derrota no esporte brasileiro de todos os tempos, abalando a já frágil popularidade do governo;
- 3 – Em 2016, a cidade do Rio de Janeiro seria sede dos Jogos Olímpicos e o Futebol Feminino era uma das apostas de medalha;

4 – O Futebol Feminino, por sua história de proibições e dificuldades, adquire signo de luta, sendo um potencial importante para propagandas do governo<sup>109</sup>.

A lista poderia continuar. Mas o fato é que 2015 pode ser considerado como um ponto de virada sob o aspecto da visibilidade do futebol feminino no Brasil. Isso decorre porque diversas instituições procuraram colocar a modalidade em pauta, dentro das quais destaco o *Ministério do Esporte* e o *Museu do Futebol*. O primeiro, desde 2011 vem apresentando ações que dão assistência ao Futebol Feminino. Já o Museu do Futebol lançou uma campanha chamada “#Visibilidade para o Futebol Feminino” que tem como objetivo divulgar a história da participação de mulheres no futebol através de pesquisa, exposição, programação cultural e ações educativas.

Além disso, o governo brasileiro e a CBF investiram em ações conjuntas para alavancar o Futebol Feminino no país, sendo a criação da *Seleção Permanente de Futebol Feminino* a de maior impacto para a categoria. A Seleção Permanente, criada no início de 2015, foi inspirada no modelo da Seleção de Futebol Feminino dos Estados Unidos. Visava um melhor entrosamento entre as futebolistas brasileiras, tendo em vista a possibilidade de pódios nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. A Seleção vinha de boas campanhas: duas pratas nos *Jogos Olímpicos* de Atenas (2004) e Pequim (2008); nos *Jogos Panamericanos*, ouro em Santo Domingo (2003), Rio de Janeiro (2007), Toronto (2015) e prata em Guadalajara (2011). Sob o comando do técnico Vadão, a seleção concentrava-se no Centro de Treinamento da *Granja Comary*, em Teresópolis (RJ), durante a maior parte do tempo, excetuando-se os períodos de folga e de *draft*<sup>110</sup> para o Campeonato Brasileiro. Na apresentação do programa, Vadão<sup>111</sup> afirmou que:

---

<sup>109</sup> Desde 2014 que o Governo Dilma vinha sendo sabotado e ameaçado pelo parlamento.

<sup>110</sup> O *Draft* consistia na divisão das futebolistas da Seleção Brasileira pelas equipes participantes da segunda fase do Campeonato Brasileiro, respeitando, na hora da escolha, o ranking de clubes da CBF. O Draft aconteceu entre em 2015 e 2016, período que durou a Seleção Permanente, e tinha como objetivo alavancar o Campeonato Brasileiro, tornando-o mais competitivo.

<sup>111</sup> <http://www.esporte.gov.br/m/index.php/ultimas-noticias/212-noticias-snft/49705-brasil-tera-selecao-permanente-de-futebol-feminino-ate-as-olimpiadas>

A Seleção permanente é um grande passo, no momento, para termos uma equipe mais competitiva. No curto prazo é a solução mais interessante. A CBF assume o compromisso com as atletas, que deixarão seus clubes para se filarem à Seleção. Daremos toda a estrutura disponível na Granja Comary.

[...] A partir do momento que escolhemos um grupo, que é mais ou menos a base que temos hoje, não significa que as outras atletas não terão chance, não queremos criar barreiras para as que não foram chamadas, nem uma zona de conforto para as que foram convocadas.

De fato, conforme a tabela abaixo, vemos que várias atletas passaram pela Seleção Permanente. As saídas dessas futebolistas envolvem o recebimento de propostas melhores em clubes – sobretudos, internacionais. O quadro de jogadoras procurava compor em torno de vinte vagas.

<i>Quadro de Futebolistas</i>	<i>Goleiras</i>	<i>Zagueiras</i>	<i>Laterais</i>	<i>Meias</i>	<i>Atacantes</i>
<b>2015</b>	- Bárbara	- Géssica	- Fabiana	-	- Andressa
	- Letícia	- Monica	- Poliana	Andressa	Alves
	Izidoro	Hickmann	-	- Formiga	- Maurine
	- Luciana	- Tayla	Rafaelle	- Thaís	-
		- Érika	-	- Darlene	Cristiane <sup>112</sup>
		- Bruna	Tamires	- Bia	- Travalão
			- Rilany	- Gabi	- Raquel
<b>2016*</b>			- Camila	Zanotti	
				- Juliette	
	- Bárbara	- Bruna	- Rilany	- Formiga	- Travalão
	- Letícia	- Géssica	- Camila	- Thaís	- Maurine
	Izidoro	- Tayla		- Bia	- Raquel
	- Luciana			- Juliette	
	- Aline				

\*Durante os Jogos Olímpicos

O governo federal entrou com a concessão de bolsas na categoria pódio<sup>113</sup>. No entanto, desde 2011, várias ações vêm sendo realizadas,

<sup>112</sup> Permaneceu pouquíssimo tempo na Seleção Permanente, saindo para defender O Paris Saint-Germain.

formando um grande projeto de incentivo ao Futebol Feminino, dentro dos quais, podemos destacar: criação de uma coordenadoria<sup>114</sup> e de um grupo de trabalho, retorno do *Campeonato Brasileiro*<sup>115</sup>, realização de campeonatos escolares sub-17 e da Copa do Brasil Universitário de Futebol Feminino, aprovação da construção de um Centro de Excelência de Futebol Feminino em Foz do Iguaçu através da Lei de Incentivo ao Esporte. O país ainda foi sede da *Copa Libertadores da América de Futebol Feminino*: Pernambuco (2012), Foz do Iguaçu (2013) e São José dos Campos (2014). O quadro abaixo, retirado do site do Ministério do Esporte, é bastante esquemático.



Figura 12 - Demonstrativo institucional de investimento para o Futebol Feminino do Ministério do Esporte<sup>116</sup>.

<sup>113</sup> No valor em torno de R\$ 9000.

<sup>114</sup> Em 2011, a ex-jogadora de futebol Michael Jackson foi empossada como coordenadora.

<sup>115</sup> O campeonato não era disputado no país desde 2001.

<sup>116</sup> <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/futebol-e-direitos-do->

O ano de 2016, quando realizei a maior parte do meu trabalho de campo, foi de muitas transformações, tanto no país, quanto no Futebol Feminino. Tirando os vários aspectos negativos, principalmente aqueles relativos à questão política brasileira, podemos extrair algo de positivo: nunca o Futebol Feminino obteve tanta visibilidade como durante os Jogos Olímpicos do Rio. Ressalta-se que por um curto período. Mas os motivos que levaram a esse súbito interesse da sociedade pelas futebolistas mulheres se devem aos maus resultados da Seleção Masculina na primeira fase da competição e ao papel, novamente, da grande imprensa, bombardeando o telespectador em horário nobre com debates e comentários que abordavam o assunto. Contudo, gostaria de ressaltar o papel dos *memes* nesse processo.

*Memes* são figuras que trazem alguma mensagem (escrita ou não), geralmente, de cunho moral, irônico, tendo efeito bastante semelhante aos das charges, tirinhas ou cartuns. Como tais, são formas tanto de reforçar as normas sociais, quanto de transgredi-las. São rapidamente compartilhados através das mídias sociais, sendo o *Facebook* e *Instagram* as principais vias. No livro *How the world changed social media*, Daniel Miller e sua equipe de pesquisadoras/es (2016) afirmam que um dos principais efeitos das mídias sociais está sobre a comunicação humana: tornou-se mais visual do que textual.

O uso de *memes* fez com que as pessoas passassem a expressar seus valores, desprezando os demais, de maneiras menos diretas e mais aceitáveis do que anteriormente. Para as/os autoras/es, resulta dessa comunicação mais visual, através de *memes* que circulam pelas mídias sociais, a característica de amenizar a crítica intencionada. Trata-se de uma maneira indireta de refletir sobre a sociedade sem que haja o constrangimento direto de uma postagem verbal. Assim, qualquer usuária/o pode transmitir sua opinião, gostos e valores, obtendo um alcance que não existiria se fosse feito de forma textual. Outras consequências podem ser destacadas a partir dessa pesquisa, tais como: o potencial expandido para pessoas com baixos níveis de alfabetização e que agora participam das mídias sociais; as pessoas com autoconfiança limitada encontram novas maneiras de expressar sentimentos, de forma indireta, através de *memes*; por fim, o desenvolvimento do *meme* como uma maneira poderosa, indireta e eficaz de patrulhar a "moralidade" no ciberespaço (MILLER et. al., 2016, p. 177).

Dito isso, os resultados da má campanha da Seleção Masculina na primeira fase dos Jogos Olímpicos em casa, tendo entre o elenco

jogadores-estrelas muito bem pagos, causou revolta entre as/os Brasileiras/os. Em contrapartida, a Seleção Feminina vinha alcançando a simpatia do público pela técnica e postura em campo: bom entrosamento, *fair play* e determinação nas jogadas. A maioria dos *memes* criados nesse período trabalhava com a oposição Marta e Neymar, comprometendo o futebolista em função de seu baixo rendimento nos jogos da seleção, do alto salário e do grande espaço despendido nos meios de comunicação:



Figura 13 - Memes criados durante os Jogos Olímpicos de 2016.

Na primeira figura está a foto que ficou muito conhecida de um garoto que veste a camisa da seleção. Nela, o nome Neymar está riscado

e, embaixo, está escrito Marta. Em entrevista, o garoto explica que trocou os nomes porque Marta merecia muito mais a camisa do que Neymar<sup>117</sup>. A segunda foto denuncia a falta de visibilidade do Futebol Feminino entre os veículos de comunicação. Por fim, Marta dá aulas de como se deve jogar futebol a vários Neymarares.

Nos jogos que transcorreram, a torcida brasileira entoou o coro: “Marta é melhor que Neymar”. Em entrevista, Marta declarou-se irritada com as comparações: “Marta é Marta, Neymar é Neymar”. Os *memes* acima representam um pouco desse sentimento. De acordo com Miller *et al* (2016), os *memes* podem ser divididos em categorias diversas, ajustando-se a um determinado contexto político e/ou sociocultural. Não foi a primeira vez que Marta foi evocada como forma de se desqualificar outros craques da seleção. Afinal, a derrota de 7X1 no Mundial de 2014 transformou- se em um trauma muito maior que a desclassificação no Maracanã em 1950. No lugar de um Barbosa<sup>118</sup>, foi uma seleção inteira. Mas Marta ganhou o prêmio de melhor futebolista da FIFA por cinco vezes, tendo sido indicada treze vezes a mesma categoria. Nenhum futebolista brasileiro alcançou números como esses.

Existe também um sentido de escárnio nessas manifestações. Não podemos esquecer que a constituição do pensamento social brasileiro é marcada por dualidades, entre elas, aquelas relativas a gênero. Por mais que se tenha contestado essas questões nos últimos anos, o país ainda pode ser considerado bastante conservador. Basta ter em vista a constituição do parlamento. O que pretendo evocar aqui se refere à ideia de desonra masculina, num sentido atribuído a Bourdieu (2010). A honra do homem está no recolhimento da mulher. A partir do momento que essas mulheres obtêm mais sucesso que os homens, a honra torna-se abalada, transformando-se em humilhação.

Mesmo que esse assédio e reconhecimento à equipe de mulheres tenham durado poucos dias, foi bastante significativo. A derrota nas quartas de final para a Suécia nos pênaltis, além do quarto lugar, obviamente foi criticada. Porém o público ficou dividido. De um lado estavam aqueles que mantinham os velhos discursos que relacionavam a incapacidade de mulheres para o futebol, enquanto festejavam a

<sup>117</sup> Ver: <https://extra.globo.com/esporte/rio-2016/marta-merece-essa-camisa-muito-mais-que-neymar-diz-garoto-que-rabiscou-nome-do-jogador-em-camisa-da-selecao-19881792.html>

<sup>118</sup> Referência a Moacir Barbosa Nascimento, goleiro da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 1950 e considerado o maior culpado da derrota contra o Uruguai na final.

reconciliação com o Futebol Masculino, agora vencedor. De outro, os que reconheciam o trabalho e a persistência das jogadoras diante das adversidades do Futebol Feminino brasileiro. Nas mídias sociais, as manifestações através de *memes* representaram bem essa dualidade:



Figura 14 - Memes pós desclassificação da Seleção Feminina.

Novamente o mesmo garoto aparece. Dessa vez, numa montagem em que risca o nome de Marta e escreve novamente o de Neymar. Em contraste, há uma mensagem de apoio às futebolistas brasileiras.

Muito foi falado sobre os problemas pelos quais as futebolistas brasileiras passam: baixos salários, péssima *infraestrutura* dos clubes, a luta pela profissionalização e a recorrente invisibilidade. Gostaria de salientar aqui o legado deixado pela atuação da Seleção Brasileira e que pode ser considerado positivo. Dentre as motivações que possibilitaram essas transformações, destaco:

- Era a primeira vez que o país sediava os Jogos Olímpicos e o futebol estava entre as modalidades que mais tiveram grande público;
- O país passava – e ainda passa – por um período tenso na política. A deposição da presidente e o governo de Michel Temer, julgado como ilegítimo por muitos, dividiu o país. Além de torcer, os brasileiros utilizaram as arenas esportivas também como palco de manifestações. A partir do momento que a seleção de Futebol Masculino, considerada um símbolo nacional de sucesso<sup>119</sup>, se torna ineficiente, desaba a já abalada autoestima das/os brasileiras/os. O foco nas mulheres – e a produção de Marta enquanto heroína – reproduz essa tentativa de encontrar pontos positivos que justifiquem a ideia do Brasil enquanto uma nação forte;
- A contestação das normas de gênero embaladas pelas manifestações feministas que, desde 2015, condenavam a violência e os assédios, chamou a atenção para invisibilidade pela qual as mulheres brasileiras passam. Apoiar o Futebol Feminino significa dar reconhecimento às mulheres.

A questão é que as brasileiras começaram a torcer pelo o Futebol Feminino. Um exemplo são os jogos do *Iranduba*<sup>120</sup> na Arena Manaus. Na segunda fase do Campeonato Brasileiro Feminino, o clube manteve uma média de 20.239 espectadoras/es, superando a média de público do Brasileirão Masculino – que é de 15.167<sup>121</sup>. Dessas/es, cerca de 82% são mulheres. Os ingressos são cobrados, ao contrário do que normalmente acontece no resto do país, onde as entradas são livres.

Outra mudança importante – e que representa uma conquista no universo do Futebol Feminino Brasileiro – é a contratação de Emily Lima para o comando da Seleção Brasileira, substituindo Vadão. Claro que essa escolha não foi feita ao acaso pela CBF, existem interesses bem claros na contratação de Emily, que queria melhorar sua imagem diante das denúncias sobre quebra de contratos, feitas por algumas futebolistas que saíram da Seleção Permanente. Essa medida também vai no sentido

<sup>119</sup> No futebol, o Brasil é referência de bons jogadores e a Seleção Masculina é a única pentacampeã do mundo.

<sup>120</sup> Referente ao Esporte Clube Iranduba da Amazônia.

<sup>121</sup> Ver: Guilherme Padin. Manaus, a capital do futebol feminino no Brasil. El País Brasil. In: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/30/deportes/1498857210\\_827721.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/30/deportes/1498857210_827721.html)

de se adequar à nova norma da FIFA que prevê que as confederações realizem ações que promovam a igualdade de gênero. No entanto, a escolha de uma mulher é bastante significativa e representa um importante avanço para o Futebol Feminino brasileiro.

### 3.4. Considerações finais sobre o capítulo

Este capítulo debateu os caminhos percorridos pelo Futebol Feminino Brasileiro, desde sua regulamentação até os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O recorte contempla mais de trinta anos, quando as mulheres saíram do banimento das atividades futebolísticas para a maior artilharia da história das Olímpiadas<sup>122</sup>. De lá para cá, observaram-se mudanças na própria *infraestrutura* do esporte: foram criadas ligas e todo um planejamento que incluía o incentivo à categoria até 2016. A falta de reconhecimento na modalidade ainda concentra grande parte das queixas atuais das futebolistas, que se sentem invisibilizadas pela CBF, pelos clubes e pela imprensa. Dessa forma, procurou-se discutir as relações e fronteiras entre corpo e poder refletidas na prática do futebol de mulheres nesse período.

#### A. Globalização

Desde a sua regulamentação, o Futebol Feminino vem buscando seu espaço no país. Conhecido enquanto celeiro de craques e exportador de pés-de-obra (DAMO, 2005), a categoria Feminina começou a assumir dimensões globais a partir dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, quando a Seleção Brasileira ficou em quarto lugar. No final dos anos de 1990 e início de 2000, observou-se o primeiro aumento na movimentação de futebolistas para o exterior. Já, nos últimos quinze anos, as habilidades das atletas brasileiras passaram a ser reconhecidas no panorama futebolístico internacional, o que fez com que fossem vistas enquanto mercadorias em potencial.

#### B. Relações de Poder

Mesmo sendo artilheira das Olímpiadas, Cristiane Rozeira ainda é comparada na imprensa a um jogador homem: é a *Ronaldinha* do Futebol Feminino. A comparação com o Ronaldo veio em função da futebolista ter igualado o feito realizado pelo *Fenômeno* em quatro

---

<sup>122</sup> A atacante Cristiane Rozeira tornou-se a maior artilheira – independente de gênero – das Olímpiada, com 14 gols.

Copas do Mundo. O torneio não é o mesmo, mas a necessidade de fazer referência a um homem parece superar a comparação com outra mulher: em 2012, Marta já possuía quatorze gols, igualando a alemã Birgit Prinz, artilheira do torneio até então. Esse tipo de atitude, comum à grande parte da imprensa brasileira, revela a falta de espaço que o Futebol Feminino ainda possui no Brasil, onde o futebol “de verdade”, aquele que é modelo de comparação, é o praticado por homens. Para se ter uma ideia, o futebolista brasileiro que mais marcou em Olímpiadas é Bebeto, com oito gols.

A questão de gênero é apenas um dos marcadores sociais de diferenças que atravessam o futebol brasileiro. Outros fatores preponderantes e que criam uma hierarquia da exclusão estão presentes nas categorias de raça, classe social e sexualidade. Gayle Rubin (1999), chama a atenção para a sexualidade enquanto vetor de opressão, sendo o principal fator da estigmatização:

The system of sexual oppression cuts across other modes of social inequality, sorting out individuals and groups according to its own intrinsic dynamics. It is not reducible to, or understandable in terms of, class, race, ethnicity, or gender. Wealth, white skin, male gender, and ethnic privileges can mitigate the effects of sexual stratification. A rich, white male pervert will generally be less affected than a poor, black, female pervert. But even the most privileged are not immune to sexual oppression (RUBIN, 1999, p. 160-161).

No Futebol Feminino brasileiro, ao que tudo indica, o fator raça e classe social parece atribuir mais valores negativos à futebolista do que a sexualidade em si. As discussões sobre a ineficiência da modalidade destacadas durante a década de 1990 e início de 2000, tomaram rumos bastante semelhantes àquelas – de ordem higienista – realizadas nos parlamentos do país no século XIX: a mistura das raças, sobretudo com a negra, era responsável pela “degeneração” do indivíduo (SCHWARCZ, 1993). Assim, jornalistas e dirigentes de clubes e federações debatiam que futebolistas de camadas médias obteriam mais sucesso no esporte ao apresentarem biótipo mais parecido às escandinavas e estadunidenses – respectivas campeãs e vice-campeãs dos Jogos de Sidney. A sexualidade, obviamente, também foi regulamentada a partir da especificação de um padrão estético de atletas pelas federações e veículos da imprensa. Noutras palavras: apenas uma equipe de mulheres

altas, brancas, de longos cabelos e femininas seria aceitável para dividir espaço com o Futebol Masculino.

### C. Corpo

Este capítulo procurou levantar a desconstrução da ideia de um corpo fragilizado – e curvilíneo – atribuída a um padrão de feminino, diretamente anexado à mulher, sobretudo, através das capas da *Revista Placar* nos últimos 35 anos. Esse corpo deu espaço a musculaturas mais desenvolvidas, conquistada com a prática de exercícios físicos, dentro daquilo que ficou popularmente conhecido enquanto “corpo sarado”. Essa mudança permitiu com que esse tipo de corpo passasse a ser almejado por muitas mulheres nas academias de ginástica do país.



#### **4. CAPÍTULO QUATRO – PROFISSIONALIZAÇÃO, AGÊNCIAS DE PLANEJAMENTO DE CARREIRAS E MÍDIAS SOCIAIS: COMO AS ATLETAS OPERAM A TRANSFORMAÇÃO DO CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO ATUALMENTE.**

Até o momento, esta tese vem analisando a constituição da ideia de carreira de futebolistas mulheres no Brasil, mais especificamente, desde a regulamentação em 1983, até os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. No entanto, o processo no qual se contextua o *Rio 2016* ainda está em andamento. Nesse sentido procuro pensar o momento, até então, a partir de uma sequência de tempo em função do agente – nesse caso, o futebol Feminino no Brasil. Não procuro levantar aqui a bandeira de uma historiografia do tempo recente, meramente baseada em fatos. Ao contrário, o que proponho vem no sentido de pensarmos esta tese como um texto escrito num contexto de transição. Neste exato momento, podemos vislumbrar diferentes rumos para o Futebol Feminino no Brasil que vão desde um quadro bastante otimista em que as futebolistas brasileiras sejam reconhecidas enquanto profissionais, ganhando espaço e notoriedade nos meios de comunicação do país, até o polo oposto onde existe o retrocesso no calendário da campeonatos e completo sucateamento da categoria. Este capítulo irá tratar de elementos – profissionalização do Futebol Feminino, agentes/empresários esportivos, e mídias sociais – que alteram o cenário futebolístico da categoria feminina no Brasil até o momento em que este ensaio foi enviado para a banca. Assim, abordo aqui assuntos que, à primeira vista, parecem totalmente diferenciados, mas que a complexidade intensificada pelo fator tempo os tornam, a meu ver, quase que inseparáveis no universo da pesquisa: como as futebolistas operam a transformação do cenário esportivo atualmente? Como impulsionam a ideia profissionalização? Como tudo isso condiciona as maneiras e formas das jogadoras se expressarem através das mídias sociais? Essas são algumas das questões que pretendo discutir no decorrer do texto.

É neste capítulo também que abordo um dos elementos centrais da tese: os agentes/empresários que gerenciam as carreiras das atletas. Essa figura surge num momento em que o Futebol Feminino se encontra mais bem estruturado no país: com calendários definidos, com fluxos identificados de circulação de atletas no espaço nacional e no exterior e com incentivos – mesmo que estatais – que permitem o andamento dessa categoria de futebol no Brasil. Contudo, a profissão de agente esportivo não é algo novo. Remete às primeiras décadas do século XX,

no contexto dos Estados Unidos (SHROPIshire; DAVIS, 2003; EZABELLA, 2009), mais propriamente a um empresário chamado Charles C. “Cash and Carry” Pyle:

*Pyle, the agent for many athletes in the early part of this century, most notably the legendary football star Harold “Red” Grange, the “Galloping Ghost,” was a charter member of the NFL Hall of Fame. It was Pyle who negotiated a \$3,000-per-game contract for Grange to play professional football with the Chicago Bears in 1925. In addition, he negotiated for Grange to receive more than \$300,000 in movie rights and endorsements including a Red Grange doll, a candy bar, and a cap. Other Pyle sports clients included tennis stars Mary K. Brown and Suzanne Lenglen. Lenglen was the Wimbledon singles champion from 1919 to 1923 (SHROPIshire; DAVIS, 2003. p. 9).*

Assim, torna-se importante salientar que é exatamente entre o fim do século XIX e início do XX que o esporte ganha característica de espetáculo. Pyle, por sua vez, antes de tornar-se empresário no universo desportivo, já era uma espécie de *show man*. Transitava pelo meio artístico de Chicago, tendo casado com a atriz Elvia Allman em 1937. Com esse *know-how*, não demorou muito tempo para que ele descobrisse o potencial de mercado dos eventos esportivos – e claro, dos próprios esportistas. O mais interessante nessa história, e que está na temática que alicerça esta tese, é que, ao agenciar a carreira da tenista francesa Suzanne Lenglen<sup>123</sup>, o empresário pode ter inaugurado também a atividade entre as atletas mulheres – e a primeira dentro de uma perspectiva transnacional da atividade.

---

<sup>123</sup> A vitoriosa carreira da tenista Suzanne Lenglen (1899-1938) inclui duas medalhas de ouro (Jogos Olímpicos de Antuérpia), dezesseis títulos em Roland Garros e quinze em Wimbledon – entre as categorias simples, duplas e duplas mistas.

#### **4.1. Existe um caminho que leva à profissionalização do Futebol Feminino no Brasil?**

No início de 2015, a CBF e o Ministério do Esporte anunciaram a criação da Seleção Permanente de Futebol Feminino. As atletas foram contratadas, em regime de dedicação exclusiva com a promessa de contrato formal, carteira assinada, plano de saúde, *Fundo de Garantia por Tempo de Serviço* (FGTS) e 13º salário. Segundo algumas futebolistas, havia um acordo verbal em que seriam oferecidos salários diferenciados – divididos em três categorias<sup>124</sup> – e diárias iguais<sup>125</sup>. As *Carteiras de Trabalho* foram recolhidas, contudo, passados os *Jogos Olímpicos do Rio*, a situação não foi regularizada. Além disso, a CBF depositava os salários com variações todo o mês, afirmando tratarem-se dos descontos relativos ao vínculo empregatício. O resultado foi que várias jogadoras desistiram de contratos em clube e cancelaram os planos de saúde. Ao final, nunca tiveram os benefícios prometidos ao apostar na segurança de uma estabilidade de pelo menos um ano e meio na CBF. O primeiro impasse entre CBF e futebolistas surgiu quando, em maio de 2015, se aproximou o prazo final para a inscrição do *Bolsa Atleta*. Um grupo foi até os dirigentes com dúvidas a respeito do contrato. Questionavam se a assinatura de contrato com a CBF inviabilizava o recebimento do benefício. A dúvida não foi esclarecida, nem pelo órgão, nem pelo *Ministério do Esporte*. Assim, algumas atletas pediram a *Carteira de Trabalho* e se inscreveram no programa de incentivo do Governo Federal. De lá para cá, mais dois impasses emergiram. O segundo, às vésperas da *Rio 2016*, quando o caso veio à tona através da denúncia ao portal *ESPN W* de Gabi Zanotti, Andréia Suntaque e Rosana Augusto, todas demitidas da seleção permanente. A gota d’água foi a demissão da Técnica Emily Lima<sup>126</sup> do comando da seleção em setembro de 2017.

A CBF argumentou que as jogadoras, desde o início, sabiam das condições para a vaga da seleção e que, tanto Andreia, quanto Rosana e Gabi, estariam mentindo como represália às respectivas demissões da seleção. No entanto, Marco Aurélio Cunha, coordenador do Futebol

<sup>124</sup> De acordo com o tempo de atuação no futebol.

<sup>125</sup> Para mais: <https://claudia.abril.com.br/noticias/selecao-feminina-de-futebol-esta-jogando-sem-contrato-assinado-pela-cbf/> e <http://espnw.espn.com.br/cbf-nao-cumpre-promessa-e-deixa-jogadoras-sem-carteira-assinada-e-beneficios/>

<sup>126</sup> Com a demissão de Vadão, após os Jogos Olímpicos, Emily assumiu o comando da Seleção.

Feminino, declarou que os descontos nos salários eram em razão de erros comuns de contabilidade, mas que haviam ocorrido antes de sua gestão. Sobre a saída de Emily, afirmou tratar-se de motivos relativos aos maus resultados, à dificuldade de diálogo e à intransigência da técnica.

O que se sabe é que, para as mulheres, o valor das diárias pagas é metade daquela oferecida aos homens<sup>127</sup>. Quando os jogos são no exterior, as futebolistas recebem o mesmo valor pago nas diárias nacionais, enquanto os escalados da Seleção Masculina o recebem em dólar (US\$ 500,00). Além disso, os valores pagos à Seleção Permanente eram parte da verba do programa *Plano Brasil Medalha*, criado pelo *Ministério do Esporte* em vista aos Jogos do Rio. Sobre o benefício do *Bolsa Atleta*, a *ESPN W* entrou em contato com o Ministério a fim de esclarecer as dúvidas. Segundo as informações fornecidas pelo órgão, o contrato e carteira assinados não invalidaria a bolsa, uma vez que os critérios exigem apenas que as atletas realizem treinamentos, participem de competições e estejam inscritas em federações e/ou confederações. O canal ainda traz como exemplo o caso da equipe de Futebol Feminino do *Santos*, onde todas as jogadoras são registradas e recebem o benefício. De fato, o texto da Lei que instituiu o programa fala apenas da obrigatoriedade da/o atleta, ao inscrever-se, informar ao Ministério sobre demais vencimentos e prestar contas dos gastos relativos à Bolsa<sup>128</sup>:

Art. 3º Para pleitear a concessão da Bolsa-Atleta, o atleta deverá preencher, cumulativamente, os seguintes requisitos:

[...]

IV - Apresentar declaração sobre valores recebidos a título de patrocínio de pessoas jurídicas públicas ou privadas, incluindo-se todo e qualquer montante percebido eventual ou regularmente, diverso do salário, assim como qualquer tipo de apoio em troca de vinculação de marca;

[...]

<sup>127</sup> É de R\$ 250,00 para as mulheres e R\$ 500,00 para os homens. Para mais, ver: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/10/1923731-mulheres-ganham-ate-menos-de-um-quinto-do-que-homens-na-selecao.shtml>

<sup>128</sup> De acordo com a LEI No 10.891, DE 9 DE JULHO DE 2004, encontrada em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm)

Art. 13. Os atletas beneficiados prestarão contas dos recursos financeiros recebidos na forma e nos prazos fixados em regulamento.

As punições e impedimentos de que diz respeito o texto da Lei, versam apenas sobre condenações e suspenções derivadas de irregularidades por *doping*. Tendo em vista essa interpretação, todas as futebolistas da Seleção Permanente teriam direito à concessão da bolsa, sem que seu contrato com a CBF fosse prejudicado.

A descrição inicial demonstra o quanto é difícil para uma futebolista brasileira, mesmo que atuando em um contexto de esporte de auto-rendimento, se tornar profissional do futebol de acordo com os critérios das leis trabalhistas vigentes até agora no país. Dados da própria CBF, apontaram que, das/os mais de 48 mil futebolistas<sup>129</sup> registradas/os na confederação durante o ano de 2016, quase 26 mil não possuíam contrato assinado<sup>130</sup> com o clube. Essa maioria, embora mantenha uma rotina de treinamentos e receba alguma espécie de salário para defender o clube, encontra-se inscrita na categoria amadora. Dos 25 primeiros clubes presentes no ranking de Futebol Feminino da CBF em 2016<sup>131</sup>, apenas a equipe do Santos<sup>132</sup> inscreveu todo o elenco na categoria profissional, ou seja, 33 atletas possuíam as Carteiras de Trabalho assinadas nesse ano. Calculando que os demais clubes tivessem vinte jogadoras registradas, seriam pelo menos 420 futebolistas – cerca de 99% do total – eram registradas enquanto amadoras.

A historiadora Jean Williams (2011) classificou o profissionalismo no Futebol Feminino na Europa em três fases:

1. *Microprofissionalismo*: corresponde a um período inicial, entre as décadas de 1960 e 1980. É caracterizado pelo

<sup>129</sup> A soma contempla todas as modalidades de futebol filiadas a CBF.

<sup>130</sup> Registrados em Carteira de Trabalho. Para mais ver: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/transacoes-nacionais-movimentaram-r-81-milhoes?ref=more#.WmD5N6inHIU>

<sup>131</sup> RNC/FF - Ranking Nacional dos Clubes 2016, encontrado em: [https://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151211161344\\_0.pdf](https://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151211161344_0.pdf)

<sup>132</sup> Em 2016, os registros na Federação Paulista de Futebol (FPF) apareciam em três categorias: amador, profissional e estrangeiro. A penas a equipe do Santos possuía todas as jogadoras na categoria profissional. A partir do ano passado, a FPF passou a apresentar os registros na forma de profissional, amador e feminino.

pioneirismo de algumas mulheres ao defender clubes em países estrangeiros e pelo amadorismo das competições.

2. *Mesoprofissionalismo*: caracteriza-se pelo período subsequente, a partir de meados da década de 1980, quando os campeonatos de Futebol Feminino de parte da Europa já estavam sobre competência da FIFA e da UEFA – criação da *UEFA Women's Champions League* e da *Copa do Mundo de Futebol Feminino*.
3. *Macroprofissionalismo*: marca o estágio seguinte, até 2011<sup>133</sup> - ou até a atualidade. Tem como característica a intensificação dos fluxos de talentos em diferentes países e o fortalecimento dos campeonatos. As futebolistas passam a ter contratos remunerados, possibilitando a perspectiva sobre uma carreira no futebol.

Ao refletir sobre a trajetória do Futebol Feminino no Brasil durante minha pesquisa de Mestrado<sup>134</sup>, vislumbrei que o caminho que leva a profissionalização passa por quatro estágios. Esses estágios seriam impulsionados a partir da noção de Gilberto Velho sobre *projeto – campo de possibilidades – metamorfose*, podendo ser representados pela tabela abaixo:

**Tabela 2 - Reconhecimento no futebol praticado por mulheres no Brasil (ALMEIDA, 2013).**

ESTÁGIOS	METAMORFOSE/ LUTA	PROJETO/ ALCANCE	REPRESENTAÇÃO
Primeiro	Segurança no poder “ser” jogadora de futebol dentro de casa.	Família	Acompanhar os jogos.
Segundo	Ser jogadora de futebol o ano inteiro.	Campeonatos	Calendário de Campeonatos que preenchesse todo o ano.
Terceiro	Ser apenas jogadora de futebol.	Profissionalismo	Conseguir manter-se com o futebol.

<sup>133</sup> Ano em que o *paper* foi escrito e apresentado.

<sup>134</sup> A dissertação - Boas de Bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980 – abordou o contexto do Futebol Feminino na década de 1980 no Brasil

<b>Quarto</b>	Ser vista como atleta do futebol pela sociedade, empresários e imprensa.	Público	Equidade ao futebol de homens, ao futebol de mulheres na Europa/EUA ou a outras modalidades como o vôlei.
---------------	--	---------	---

A *metamorfose* aparece evocada nos discursos das futebolistas dentro da concepção de luta: luta para liberar e regulamentar o Futebol Feminino; luta para que a família aceite; luta para existam campeonatos; luta para que haja uma remuneração justa; etc. Na época tentei enquadrar o significado da profissionalização do Futebol Feminino no Brasil a partir das fases de Williams, na medida em que estariámos desde a década de 1980 vivendo o estágio de *mesoprofessionalismo*. Contudo, dois anos mais tarde, escrevi, junto com a colega Mariane Pisani, o artigo intitulado *Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil*<sup>135</sup>, onde concluímos que pensar o Futebol Feminino brasileiro a partir do histórico da modalidade na Europa constituía num grande erro por três motivos principais:

1. Diferente dos países abordados por Williams, durante as décadas de 1960 e 1970, o Brasil não possuía campeonatos de Futebol Feminino. Ao contrário, a prática da modalidade por mulheres ainda permanecia proibida.
2. Por mais que, na atualidade, o Futebol Feminino brasileiro compreenda uma melhor estrutura entre equipes e campeonatos, grande parte do investimento ainda advém do Estado. Por enquanto, não há grandes envolvimentos do setor privado.
3. O último argumento compreende o fato de que o Brasil se caracteriza como um *talent exporter* (TIESLER; 2010). Mesmo havendo uma movimentação se atletas estrangeiras para o país, o número de saída de atletas ainda é muito superior ao de entrada.

No Brasil, embora a categoria de profissionalismo no Futebol Feminino abranja uma gama de significados próprios, a questão do reconhecimento parece estar sempre presente – seja de forma oblíqua ou

---

<sup>135</sup> Artigo publicado na Revista Labrys/Estudos Feministas, Julho-Dezembro de 2015. Encontrado em: <https://www.labrys.net.br/labrys28/sport/caroline.htm>

enfatizada –, conforme mostra a tabela. No entanto, ao contrário da projeção de Jean Williams, a ideia de ser reconhecida não leva, necessariamente, a uma escala global. A concepção de ser uma atleta de futebol profissional transita entre diferentes níveis: inclui discursos que refletem sentimento de injustiça diante do quadro atual do esporte no país, mas, ao mesmo tempo, reconhece grandes melhorias na situação atual.

Como já pudemos observar no decorrer desta tese, a categoria profissional no universo do Futebol Feminino brasileiro é polissêmica. É utilizada conforme as formas de interação social. Assim, para as/os diferentes atrizes/atores aqui apresentadas/os, ela pode ser caracterizada de várias formas:

- Para os membros da comissão técnica da *Ferroviária*, quando oportuno, caracterizam-na a partir do modelo de gestão dos grandes clubes brasileiros de Futebol Masculino;
- Para a CBF constitui nos registros nas Carteiras de Trabalho e nas Federações;
- Para as mídias e público, ela oscila entre resultados obtidos, visibilidade e fluxo financeiro gerado;

Mas, e quanto às futebolistas? Quais são os aspectos que determinam a elas o que é ser uma jogadora de futebol profissional?

Durante meu trabalho de campo em Araraquara, os discursos das jogadoras da *Ferroviária* demonstraram a compreensão de que o Futebol Feminino no Brasil estaria em uma fase de transição: entre amador e profissional. Torna-se evidente pensar que, num país de grandes dimensões como o Brasil, existem diferentes realidades entre os clubes<sup>136</sup>. Ao questionar as jogadoras sobre a configuração desse esporte no país, as respostas ressaltaram essa consciência acerca de melhorias significativas nos últimos anos. Contudo, ainda faltaria muito para chegarmos a um “nível bom”. Apresento, a seguir, quatro fragmentos de conversas sobre a questão.

---

<sup>136</sup> Existem casos de futebolistas da Seleção Permanente reclamarem da falta de estrutura das equipes em que foram alocadas pelo draft da CBF. Quando perguntei a Zenon sobre o critério de escolha das jogadoras no draft, ele respondeu que preferiam aquelas que já haviam passado pelo clube e que já conheciam. Segundo o coordenador, seria para evitar casos de reclamações e atritos com as atletas.

Narrativa um:

Não é falta de respeito, é [...]. Ah, não tem a palavra exata. É muito inferior ao do masculino. Se nós tivéssemos pelo menos 10% do que o masculino tem, daria bastante. Faltam alojamentos melhores, salários [...]. A gente não recebe um salário. A gente recebe ajuda de custo. Pra gente treinar embaixo do sol quente todo dia. Dois períodos. A gente não reclama de nada porque acho que é mais amor pelo futebol mesmo.

Dez por cento da receita dos clubes de Futebol Masculino da Série A do Brasileirão em 2016 corresponde a mais de quinhentos milhões de Reais<sup>137</sup>. A maior parte dessa receita (51%) advém dos direitos de transmissão. O restante compreende as quantias arrecadas através dos patrocinadores, das bilheterias, das vendas de produtos oficiais e das mensalidades de sócios-torcedores. A Soma fica extremamente longe do investimento total do *Ministério do Esporte/Caixa Econômica Federal* com o Futebol Feminino, entre o *Bolsa Atleta* e o *Campeonato Brasileiro* – em torno de R\$ 12,5 milhões. Os números são bastantes discrepantes, revelando tratar-se de realidades distintas entre si, quase incomparáveis (se não fosse pela constante evocação das próprias atletas).

Narrativa dois:

Eu já peguei o Futebol Feminino em situação bem precária. Que as pessoas menosprezavam, assim, falavam: “para com isso”; “não vai levar a lugar nenhum”. Dos dez anos que eu jogo futebol, melhorou muito, evoluiu muito. Tá engatinhando ainda. É uma criança, mas nos últimos cinco anos, assim, é que teve uma crescente muito boa.

Essa segunda narrativa é bastante semelhante aos depoimentos de jogadoras de futebol brasileiras em diferentes momentos da história pós-regulamentação dessa categoria (PISANI, 2012; ALMEIDA, 2013;

---

<sup>137</sup> O estudo apresentado pela *Amir Somoggi Marketing e Gestão Esportiva* mostra a receita total dos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino foi de R\$ 5,409 bilhões. Para mais, ver: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/clubes-tem-receitas-recorde-em-2016-mas-consultor-avisa-2017-sera-ano-da-verdade.ghtml>

MORAES, 2014; KESLER, 2015). Além disso, reflete o entendimento de se estar passando por um período de transição, onde se vislumbra um porvir de mais prosperidade.

Narrativa três:

Acho que tem muita carência. Agora que começou a divulgar um pouco mais, mas ainda assim é muito carente. Se investe muito pouco. [quando passa da TV] são canais que não todo mundo que assiste. Se fosse na Band, na Globo, é uma coisa. Agora, me sendo transmitido, não divulgam muito. Aí o que adianta você colocar “quarta-feira vai ter jogo”, mas ninguém sabe que vai ter. Como que as pessoas vão assistir se não sabem?

Esse é um tipo de discurso que reforça tanto a emergência, quanto o desejo de maior visibilidade para o Futebol Feminino.

Narrativa quatro:

Vim para o Brasil porque o futebol aqui é profissional. Em Argentina jogávamos numa equipe boa, mas competíamos praticamente com três equipes no campeonato nacional. aqui o futebol é mais competitivo, está mais desenvolvido tecnicamente. Vim para cá para aprender e para jogar.

No campo também é distinto, aqui joga muito a um toque. Lá é mais difícil jogar um toque, porque a jogadora não está acostumada a esse tipo de treino.

A forma de trabalhar deles é muito boa, de treinar todos os dias, de treinar futebol, de fazer academia [...].

Aquilo que mais me surpreendeu foi o manejo que as meninas têm da bola. Aqui as meninas têm muito mais técnica. Todas meninas têm técnica. E lá, têm meninas de todo o tipo: meninas que não jogam, meninas que recém começam e meninas com experiência. Aqui todas as meninas têm técnica, todas podem jogar a um toque.

O “jogar a um toque” compreende alguns dos fundamentos técnicos básicos do futebol, divididos em: passe, chute e domínio de bola. Isso pode ser um indicativo de que as brasileiras já estão chegando às equipes de futebol com essas habilidades trabalhadas previamente, desde cedo em escolinhas. Além disso, remete ao *tiki-taka*, sistema de jogo adotado pelo *FC Barcelona* que prima pelos toques curtos, bom domínio de bola, calma e fluidez. Em que os jogadores se movem rapidamente pelo campo sem a posse de bola (BODKER, 2016). É considerado bastante eficaz, se todos em campo estiverem em excelente forma física. Na visão das futebolistas argentinas, a vinda para o Brasil representou uma oportunidade de jogar num lugar onde o Futebol Feminino estaria mais bem organizado, onde poderiam competir em temporadas mais longas e onde teriam maior visibilidade. As três afirmaram que essas características seriam, na opinião delas, indicativas de profissionalismo.

A falta de palavra exata, destacada no primeiro depoimento, ressalta que, mesmo diante de uma imprecisão terminológica, submerge um sentimento de amargura diante da depreciação na qual o Futebol Feminino no Brasil está exposto há anos. Demonstra que as atletas não estão, nem de perto, satisfeitas com a atual situação. Embora o quadro de jogadoras de futebol no Brasil apresente uma ampla maioria de registros de amadoras, a concepção de profissional envolve principalmente a ideia reconhecimento: visibilidade, patrocínio, instalações, *infraestrutura* de qualidade, planos de treinamento, planos de carreira, salários justos, campeonatos fortes, etc. Dentro dessa perspectiva, a *Carteira de Trabalho* assinada representa um grande passo em direção à profissionalização. Algo que, na prática, se aproxime muito da realidade do Futebol Masculino, exceto pelas enormes cifras que circulam no cotidiano desse esporte entre os homens – mais propriamente sobre os patrocínios e os direitos de imagem. No entanto, outras categorias de premiação/pagamentos poderiam ser igualadas entre as categorias e é a partir desse argumento que se sustenta os movimentos feministas de futebolistas, fortalecidos nos últimos anos.

#### **4.1.1. Profissionalismo é igualdade entre as Categorias Feminina e Masculina?**

O Artigo 23 do Estatuto da FIFA<sup>138</sup> de março de 2016, já mencionado nesta tese, versa sobre como devem ser formulados os Estatutos das Confederações, tendo o texto abaixo:

*Los estatutos de las confederaciones deberán cumplir con los principios de gobernanza y, en particular, deberán incluir como mínimo, determinadas disposiciones relativas a las materias siguientes:*

- a) declaración de neutralidad en cuanto a política y religión;*
- b) prohibición de toda forma de discriminación;*
- c) independencia y prevención de injerencias políticas;*
- d) garantía de la independencia de los órganos judiciales (separación de poderes);*
- e) aceptación de las Reglas de Juego, de los principios de lealtad, integridad, deportividad y juego limpio por parte de los grupos de interés, además de los Estatutos, reglamentos y decisiones de la FIFA y de la confederación correspondiente;*
- f) reconocimiento de la jurisdicción y autoridad del TAD por parte de los grupos de interés y concesión de prioridad a la mediación como vía de resolución de disputas;*
- g) responsabilidad de las federaciones miembro a la hora de regular materias tales como arbitraje, lucha contra el dopaje, registro de jugadores, licencias de clubes, imposición de medidas disciplinarias —incluidas las resultantes de conductas éticas inapropiadas— o medidas destinadas a proteger la integridad de las competiciones;*
- h) definición de las competencias de los órganos responsables de la toma de decisiones;*
- i) prevención de conflictos de interés en la toma de decisiones;*
- j) constitución de los órganos legislativos de acuerdo con los principios de representatividad*

---

<sup>138</sup> O texto completo do Estatuto da FIFA de 2016 pode ser encontrado em: [http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/78/29/07/fifastabutbtswebes\\_spanish.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/generic/02/78/29/07/fifastabutbtswebes_spanish.pdf)

*democrática, teniendo presente la importancia de la igualdad de género en el fútbol;  
k) auditoría de cuentas independiente todos los años.*

A grande mudança aconteceu no item J, no que diz respeito à igualdade de gênero. Foi a primeira vez que a FIFA incluiu a palavra gênero entre suas proposições. Aliás, a palavra é repetida mais quatro vezes no documento:

- No Artigo 2, sobre os objetivos da FIFA: “*hacer todo lo posible por garantizar que todos aquellos que quieran practicar este deporte lo hagan en las mejores condiciones, independientemente del género o la edad*”;
- Artigo 4 “*Igualdad de género y lucha contra la discriminación y el racismo*”, em que proíbe qualquer ação de discriminação, seja por questões étnicas, religiosas, sociais, políticas, relativas a gênero, sexualidade, etc.
- Quando versa sobre as funções das Federações no Artigo 15 – em texto bastante semelhante ao destacado acima;
- A inclusão, no Artigo 49, de gênero na pauta da Conferência Anual do Órgão.

Essa mudança no texto, além de ter proporcionado algumas ações de promoção do Futebol Feminino por confederações e federações, também foi responsável pelo fortalecimento de movimentos de mulheres futebolistas – e de outras profissionais do futebol – em diferentes partes do mundo. Dito isso, procurarei explicar esses movimentos que influenciaram – e ainda influenciam – fortemente o entendimento da própria categoria de mulheres profissionais do futebol no Brasil.

Em janeiro de 2017, a CONMEBOL anunciou novas regras aos clubes participantes da *Copa Libertadores da América* e da *Copa Sulamericana*: a partir de 2019, para jogar na competição, os clubes teriam que possuir uma equipe de Futebol Feminino participante de campeonato oficial, além de uma equipe de base dessa categoria em mesma situação:

*El solicitante deberá tener un primer equipo femenino o asociarse a un club que posea el mismo. Además, deberá tener por lo menos una categoría juvenil femenina o asociarse a un club*

*que posea la misma. En ambos casos el solicitante deberá proveer de soporte técnico y todo el equipamiento e infraestructura (campo de juego para la disputa de partidos y de entrenamiento) necesarias para el desarrollo de ambos equipos en condiciones adecuadas. Finalmente, se exige que ambos equipos participen en competiciones nacionales y/o regionales autorizadas por la respectiva Asociación Miembro<sup>139</sup>.*

A ação foi decidida em comum acordo com as associações nacionais filiadas: entre elas a CBF que enviou o Diretor de Futebol Feminino, Marco Aurélio Cunha como representante. Na mesma data, também foi lançada pela *Confederação Sulamericana* o *Regulamento do Programa de Evolução*<sup>140</sup>, com o intuito de permitir o crescimento de todas as categorias de futebol membros da instituição. A medida prevê o destino de 20% do fundo do programa à criação e manutenção de torneios de Futebol Feminino, de abrangência nacional e internacional.

À primeira vista, a CBF parecia estar disposta a auxiliar na promoção do Futebol Feminino no país. Em novembro de 2016, a Confederação já havia assinalado uma direção a favor da igualdade de gênero ao anunciar pela primeira vez uma mulher para o comando da Seleção Feminina, depois de quase trinta anos de existência da categoria no país. Ao mesmo tempo, a CBF havia aberto um canal de comunicação com outros setores ligados ao Futebol Feminino: o *Grupo de Trabalho de Futebol Feminino*. Dele faziam parte, além de Vadão, Emily Lima e Marco Aurélio, dirigentes, jogadoras, ex-jogadoras, jornalistas, acadêmicas/os, membros do *Ministério do Esporte* entre outras/os. Segundo uma das jornalistas que compunha o grupo – e que se tornou também interlocutora dessa pesquisa – algumas reuniões foram realizadas. Mantinham comunicação quase que diária por *whatsapp*: “não gosto de lidar com essas pessoas (dirigentes da CBF); mas, mesmo desconfiada, pensei que haveria uma movimentação que fosse trazer benefícios para a categoria”.

<sup>139</sup> *Reglamento de Licencia de Clubes – Confederação Sulamerica de Futebol (CONMEBOL).* Encontrado em: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://www.conmebol.com/sites/default/files/reglamento-de-licencia-de-clubes-espanol.pdf>

<sup>140</sup> Encontrado em: [https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://www.conmebol.com/sites/default/files/reglamento\\_de\\_uso\\_de\\_p.evolucion.pdf](https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://www.conmebol.com/sites/default/files/reglamento_de_uso_de_p.evolucion.pdf)

Com os resultados insatisfatórios obtidos pela Seleção nos *Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro*, a CBF optou pela demissão do então técnico Vadão. Em seu lugar, contratou Emily Lima, que na altura comandava o São José (SP). Cabe lembrar que o plano que envolvia a Seleção Feminina vislumbrava o pódio. Para tanto, o próprio *Ministério do Esporte* havia investido grande soma. Além disso, o quarto lugar repercutiu negativamente nas mídias esportivas. Diante de todo o alarde, a Confederação precisava agir<sup>141</sup>.

Com o anúncio das mudanças nos regulamentos da CONMEBOL no início do ano seguinte – e em preocupados com a preservação da imagem da CBF –, o diretor de Futebol Feminino, Marco Aurélio, declarou amplo apoio às novas medidas:

Se os dirigentes do futebol masculino não errarem em duas contratações por ano, isso paga um time de uma comissão técnica de bom nível de futebol feminino. A Fifa vai exigir isso de todos. Eu reconheço a dificuldade dos clubes, mas com 5% dos recursos do futebol masculino é possível montar um time feminino<sup>142</sup>.

No entanto, o que se viu nos meses seguintes foi um grande retrocesso, que levou a jornalista a abandonar o grupo e denunciar as atitudes impositivas da Confederação e do diretor de Futebol Feminino. Em setembro de 2017, passados dez meses da contratação, Emily foi demitida. Para o cargo, foi recontratado o ex-técnico, Vadão. A atitude gerou revolta entre as futebolistas: afirmaram que a treinadora não havia tido tempo hábil para mostrar resultados<sup>143</sup>. Emily atuou em treze jogos amistosos pela Seleção. Obteve sete vitórias, um empate e cinco derrotas. Em sua defesa as atletas destacaram o fato de não terem

<sup>141</sup> Também é importante lembrar que os casos de corrupção envolvendo ex-dirigentes em decorrência da Copa do Mundo de 2014 no Brasil já vinham mais que manchando o prestígio da CBF.

<sup>142</sup> Ver FERNANDEZ, Martin. Clube sem futebol feminino ficará fora da Libertadores a partir de 2019. Encontrado em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2017/01/clube-sem-futebol-feminino-ficara-fora-da-libertadores-partir-de-2019.html>

<sup>143</sup> COSENZO, Luiz. Retorno de Vadão surpreende clubes femininos do Brasil. Folha de São Paulo: 26 de setembro de 2017. Encontrado em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/09/1921720-retorno-de-vadao-surpreende-clubes-femininos-do-brasil.shtml>

participado de nenhum campeonato, sendo os amistosos apenas experimentações – já que o grupo de convocadas era propositadamente diversificado. Dirigentes de diferentes clubes também se pronunciaram contra a demissão, entre eles, membros do *Iranduba* (AM), do *Santos* (SP) e do *Rio Preto* (SP). Uma carta contendo a assinatura de 24 jogadoras foi entregue ao então presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, pedindo que a demissão da técnica fosse revista. Cinco delas<sup>144</sup> anunciaram que não voltariam a atuar pela seleção enquanto tal situação fosse mantida.

Newcastle, dia 19 de setembro de 2017

Prezado senhor presidente Marco Polo del Nero

Viemos por meio desta apresentar nossos agradecimentos pelo apoio e oportunidade que nos têm sido concedidos.

Gostaríamos de comunicar ao senhor, que foi feita uma reunião com o senhor supervisor Marco Aurelio Cunha no dia 19/09/2017 em Newcastle, Austrália, afim de expressar o sentimento das atletas em relação ao trabalho da comissão técnica da seleção brasileira feminina principal.

As atletas concordam que essa comissão seja , a mais bem preparada para a continuação desse novo ciclo.

Sabemos que os últimos resultados não foram os esperados, mas devemos levar em consideração o tempo hábil para se trabalhar, as seleções que foram enfrentadas, e principalmente a mudança de conceito em relação a treinamentos e jogos para resgatar novamente o futebol brasileiro, que se foi perdendo ao longo dos anos.

Entendemos que isso demanda tempo, e estamos cientes de que hoje, é feito um trabalho de excelência, que gerarão bons frutos a médio prazo.

Agradecemos a vossa compreensão.

Figura 16 - Carta das atletas da Seleção à Marco Polo Del Nero (Fonte: *Guerreiras Project*).

A essa altura, uma rede de discussão voltada ao desenvolvimento do Futebol Feminino já havia se formado em razão do *Grupo de Trabalho de Futebol Feminino*. Essas pessoas não ficaram satisfeitas com o caminho contrário abraçado pela instituição e no mês seguinte à demissão da técnica, a ex-seleção Sissi levou a situação da modalidade no Brasil à FIFA, na ocasião da premiação *The Best" FIFA 2017*<sup>145</sup>.

<sup>144</sup> Marine, Cristiane, Rosana, Fran e Andreia Rosa são algumas das atletas que anunciaram a saída da Seleção Brasileira.

<sup>145</sup> Sissi do Amor, ex-futebolista brasileira, recebeu da FIFA o convite para

Diante do impasse, a posição da CBF levou a um “racha” entre essa rede: em outubro, ainda, convidou algumas futebolistas para integrarem a *Comissão para o Desenvolvimento do Futebol Feminino no Brasil*. Foram realizadas três reuniões e, dois meses depois, em dezembro, a confederação extinguiu essa comissão.

Tendo em vista toda a trajetória apresentada aqui, nota-se a existência de um “telhado de vidro” no que diz respeito às carreiras de mulheres nos órgãos constitutivos da CBF e, de certa forma, na própria constituição do Futebol Feminino no Brasil. Às mulheres, por enquanto, só é permitido chegar até um ponto em que seja possível o controle pela direção geral. Não é de se estranhar, diante do histórico da instituição, que as mudanças anunciadas não fossem de fato realizadas. Fundada, no modelo atual<sup>146</sup>, em 1979, tendo o apoio do governo militar e sob forte pressão da FIFA<sup>147</sup>, a CBF coleciona, nesses quase quarenta anos de existência, uma série de escândalos envolvendo corrupção e prisões de dirigentes. O ex-presidente Renato Teixeira permaneceu 23 anos no comando, sendo substituído em 2012, após envolvimento em atividades ilícitas de desvio de verbas, pelo vice José Maria Marín, também condenado por corrupção e banido do futebol pela FIFA. Depois da saída de Marín, Marco Polo Del Nero tem alternado o cargo com seu vice, Coronel Antônio Carlos Nunes de Lima, em função das intervenções da FIFA<sup>148</sup>.

No jogo de admissão de Emily, a confederação de futebol conseguiu contornar os julgamentos negativos não somente da imprensa e de parte da sociedade brasileira, como da própria FIFA: com isso, a CBF demonstrou uma movimentação contrária às velhas e obscuras políticas admitidas até então. Ao assumir o comando, a técnica bateu de frente com a Direção de Futebol Feminino devido a exigência de criar sua própria equipe. Tal atitude foi barrada e como represália, a diretoria declarou possuir graves problemas de comunicação com a treinadora. O

integrar o *FIFA Legends*. Para mais, ver BARLEM, Cíntia. Sissi fala de reunião com a CBF a presidente da FIFA: <https://globoesporte.globo.com/blogs/donado-campinho/post/sissi-fala-de-reuniao-com-cbf-a-presidente-da-fifa-disse-o-que-esta-acontecendo-no-brasil.ghml>

<sup>146</sup> Antes de 1979, a gestão do futebol brasileiro estava ligada a Confederação Brasileira de Desportos, fundada em 1914, na qual conglomerava todos os esportes competidos pelo país.

<sup>147</sup> Um decreto da FIFA na década de 1970, exigia que todas as entidades nacionais de futebol deveriam atuar somente nesse esporte.

<sup>148</sup> A federação internacional já decretou o afastamento de Marco Polo em duas ocasiões: em 2016 e em dezembro de 2017.

que se sabe é que Emily é uma profissional bastante reconhecida: conquistou a *Libertadores Feminina*, além do título mundial a frente do *São José*. Sua saída, como já foi dito anteriormente, motivou protestos entre vários setores que constituem o Futebol Feminino no Brasil, dentro dos quais, destaca-se uma carta aberta de futebolistas veteranas:

Carta aberta das veteranas do futebol feminino  
endereçando a situação atual no Brasil

Nós, ex-jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino (SBFF), estamos muito tristes e angustiadas pelos recentes acontecimentos na CBF no que concerne o futebol feminino e a nossa seleção brasileira, dentre os quais:

- O péssimo tratamento das mulheres como líderes e jogadoras por muitos anos. Esses são apenas alguns exemplos recentes: a técnica Emily Lima, apesar do apoio das jogadoras, expressado numa carta endereçada à CBF, datada de 19 de setembro, foi abruptamente demitida; e cinco jogadoras de destaque - Cristiane, Rosana, Andreia Rosa Francielle e Maurine - se aposentaram, exaustas dos anos de desrespeito e falta de apoio.

- O fracasso da CBF ao longo de vários anos em providenciar oportunidades relevantes para as jogadoras avançarem até uma posição de liderança - mesmo quando nós ganhamos nossas qualificações de técnicas, a um alto custo e com o encorajamento da CBF. Até o presente momento, nós tivemos uma ex-jogadora da SBFF (Daniela Alves) trabalhando com a configuração da SBFF, e, apesar das promessas, apenas Emily Lima teve a chance de ter um papel de liderança na seleção feminina.

- A falta de mulheres em papéis de liderança na CBF; a ausência de qualquer estrutura dentro da CBF que permita que mulheres façam parte da gerência e da administração do futebol; e a ausência de voz daquelas que vivenciaram o

futebol feminino, em decisões sobre o futebol feminino.

- O fracasso em apoiar e estimular o futebol feminino em todos os níveis do esporte, desde a grama do campo até o Brasil como um todo. Nós, as jogadoras, investimos anos das nossas próprias vidas e toda a nossa energia para construir essa equipe e criar toda essa força que o futebol feminino tem hoje. No entanto, nós e quase todas as outras mulheres brasileiras, somos excluídas da liderança e das tomadas de decisão relativas à nossa própria equipe e ao nosso esporte.

Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil. No ano passado, a FIFA fez grandes reformas, como a inclusão obrigatória de mulheres em seu próprio Conselho, e a adição de mulheres em todos os níveis de administração do futebol. Membros como a CBF são obrigados a levar em conta a importância da igualdade de gênero na composição de seus órgãos legislativos.

A CBF ainda não tem nenhuma mulher no seu conselho de administração. Não há quase nenhuma mulher na sua assembleia legislativa e administração senior. Não há nenhum caminho relevante para ex-jogadoras entrarem na CBF e ajudarem a gerir o próprio jogo delas.

Nos últimos anos, nós temos vivido e assistido horrorizadas enquanto as mulheres brasileiras foram negligenciadas pela CBF. Os eventos da última semana -- onde as vozes das jogadoras foram ignoradas, e algumas agora estão se aposentando em protesto -- são o resultado de um longo histórico de portas fechadas.

Enquanto alguns validamente escolhem permanecer dentro da equipe e buscam mudar a partir de dentro, o fato de jogadoras terem que fazer tal escolha traz à tona alguns problemas mais graves. Isso nos deixou decididas a falar sobre isso e exigir uma mudança. É chegado o

tempo da CBF rever as suas práticas, em linha com as reformas e os princípios da FIFA.

Especificamente nós pedimos a CBF que:

(1) Respeite as reformas internacionais de governança, incluindo mulheres em todos os níveis de tomada de decisão, especialmente no seu Conselho.

(2) Construa um caminho inclusivo para o jogo para as mulheres que praticaram o esporte durante toda a vida delas, por meio da:

a) Criação de um Comitê de Futebol Feminino dentro da CBF, composto de experts em futebol feminino, e que tenha poderes para construir a estrutura de como o futebol feminino deve ser desenvolvido, organizado e gerenciado no Brasil.

b) Criação de caminhos relevantes para mulheres ocuparem posições administrativas, gerenciais e como técnicas, dentro da CBF.

Nós somos gratas pela oportunidade de ter jogado pelo nosso amado país por tanto tempo. Nós permaneceremos gratas pelo resto das nossas vidas pela chance de servir nossa nação e nossa equipe, e de chegar tão perto de realizar nosso sonho de sermos campeãs do mundo. As ações que estamos tomando agora são motivadas por um desejo de que todas as mulheres e meninas que seguem os nossos passos possam ser capazes de alcançar mais do que nós, dentro e fora do campo.

Marcia Tafarel

Sissi do Amor Lima

Juliana Ribeiro Cabral

Miraildes Maciel Mota (“Formiga”)

Cristiane Rozeira

Francielle Manoel Alberto (“Fran”)

Rosana dos Santos Augusto

Andréia Rosa de Andrade

Essa carta foi enviada a diversos veículos de comunicação, tendo repercutido fora do país: o jornal *The New York Times* publicou uma reportagem intitulada “*Brazil’s Women Soccer Players in Revolt Against Federation*<sup>149</sup>” onde trazia fragmentos da carta. O jornal ainda deu destaque à produção de estrelas brasileiras no Futebol Feminino, ao descontentamento pela demissão de Emily Lima e à saída da artilheira Cristiane da Seleção. A reportagem terminou com as frases proferidas por Cristiane em seu vídeo-protesto endereçado ao presidente da CBF: “*Why didn’t she have the same opportunity? Because she’s a woman?*”. As palavras também marcam o fortalecimento do movimento de futebolistas brasileiras diante da disparidade entre as modalidades feminina e masculina recorrente em diversas associações nacionais.

O fortalecimento desse movimento tem mobilizado jogadoras de futebol ao redor do mundo. Mesmo nos Estados Unidos, onde o Futebol Feminino é considerado exemplar por diversas profissionais desse esporte, as futebolistas tiveram que acionar a justiça para obter ganhos equivalentes aos homens.

No início da década de 1970, após pressões de movimentos feministas que pediam a igualdade de acesso à educação, o Senado estadunidense aprovou o seguimento da Lei de *Civil Rights*, de 1964, incluindo o *Title IX - Equal Rights Amendment e Education Amendments*. O texto trazia escrito: “*No person in the United States shall, on the basis of sex, be excluded from participation in, be denied the benefits of, or be subjected to discrimination under any education program or activity receiving Federal financial assistance*” (WILLIAMS, 2007; BRAKE, 2010). Acontece que a Lei de 1964 instituía a proibição de qualquer forma de desigualdade em função de raça, cor, religião, sexo e origem social no ambiente de trabalho. A mesma Lei não previa a igualdade de direitos – indiferente ao sexo – no ambiente educacional. Como a prática de esportes, nos Estados Unidos está diretamente ligada aos programas escolares, o próprio acesso ao esporte também permanecia dificultado às mulheres. Além disso, grande parte das bolsas de estudo nas universidades estadunidenses destina-se a atletas. Dessa forma, não havendo tal modalidade de bolsas às mulheres, entendeu-se que o acesso de jovens estudantes às universidades também estaria limitado. Por esse motivo, tornou-se pauta das lutas dos movimentos feministas naquele país (BRAKE, 2010).

---

<sup>149</sup> PANJA, Tariq. *Brazil’s Women Soccer Players in Revolt Against Federation*. *The New York Times*: 6 de outubro de 2017. Encontrado em: <https://www.nytimes.com/2017/10/06/sports/soccer/brazil-women-soccer.html>

Essa medida aumentou muito o número de mulheres atletas nas escolas: passou de uma em cada vinte e cinco em 1970, para uma em cada três em 2006. Nas universidades, esse número aumentou de 2,8% para 88,6% no mesmo período. No futebol (*soccer*), a quantidade de mulheres praticantes na década de 1970 não passava de cinquenta mil. Quarenta anos depois, estava em torno de nove milhões (WILLIANS, 2007). No entanto, como mostra Deborah Brake (2010), ainda é muito cedo para afirmar que existe, de fato, uma igualdade (*equality*) entre gêneros no universo esportivo dos Estados Unidos. Voltamos ao caso das futebolistas da Seleção<sup>150</sup> que entraram na justiça contra a *US Soccer* no início de 2016, evocando o *Civil Rights* para obter igualdade de salários. As mulheres geram cerca de US\$ 20 milhões a mais que seus pares homens à Confederação Estadunidense<sup>151</sup>. Além disso, a maior audiência da história do futebol (*soccer*) no país foi registrada na final da Copa do Mundo de 2015, contra o Japão. Mesmo assim, as mulheres recebiam apenas 40% do valor oferecido aos homens para entrar em campo<sup>152</sup>. Tendo em vista todo esse histórico, somados aos tricampeonatos mundiais e às quatro medalhas olímpicas, as futebolistas estadunidenses conseguiram apenas 30% de aumento. A *US Soccer* alegou que, mesmo trazendo mais lucro à confederação, as diferenças do bônus pago pela FIFA e das receitas dos clubes – nas categorias feminina e masculina – ainda são muito grandes. Em contrapartida, os valores equivalentes aos patrocinadores e direitos de imagem recebidos pela *US Soccer* colocam as mulheres a frente. No final, prossegue a luta das futebolistas contra a discriminação salarial.

No ano seguinte, as norueguesas também se rebelaram contra a *Norges Fotballforbund* (NFF). Em outubro de 2017, as futebolistas entraram contra a associação norueguesa exigindo igualdade de salários entre as categorias feminina e masculina. Contudo, ao contrário das atuais campeãs mundiais, as jogadoras da Noruega conseguiram algo inédito na história do futebol mundial: a paridade de salários. A

<sup>150</sup> Entre elas, Hope Solo, Megan Rapinoe, Rebecca Sauerbrunn, Alex Morgan e Carli Lloyd. Todas atuaram pela seleção na Copa do Mundo do Canadá.

<sup>151</sup> MEDONÇA, Renata. Greves, ação na justiça e protestos: como jogadoras estão conseguindo mudar a desigualdade de gênero no futebol. BBC – Brasil: 27 de outubro de 2017. Encontrado em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41784257>

<sup>152</sup> DAS, Andrew. Top Female Players Accuse U.S. Soccer of Wage Discrimination. The New York Times: 31 de março de 2016. Encontrado em: <https://www.nytimes.com/2016/04/01/sports/soccer/uswnt-us-women-carli-lloyd-alex-morgan-hope-solo-complain.html>

negociação envolveu os membros da Seleção de Futebol Masculina, que aceitaram a redução dos salários para que fosse atingida a igualdade<sup>153</sup>. A NFF ressaltou que irá destinar 25% da receita para as duas categorias, porém, o valor dos bônus oferecidos pela UEFA e FIFA continuarão a diferir em quinze vezes entre campeonatos femininos e masculinos.

Ao mesmo tempo, as dinamarquesas sofreram grande derrota contra a *Dansk Boldspil Union* (DBU) ao entrar em greve de treinamento pela equiparação dos salários entre as categorias. A DBU, em retaliação, anunciou o cancelamento da partida contra a Hungria pelas eliminatórias da Copa do Mundo. A Federação Dinamarquesa, em severo comunicado, afirmou que as jogadoras da seleção não queriam jogar e que, portanto, a partida não seria realizada. A atitude da DBU comprometeu a equipe e as atuais vice-campeãs europeias estão correndo o risco de não jogar o mundial em 2019.

Na Austrália, um acordo entre a *FA Australia* e o sindicato que representa as futebolistas beneficiou todas as atletas da liga nacional de futebol ao criar um piso salarial para a categoria<sup>154</sup>. O país é o sexto no ranking da FIFA de Futebol Feminino.

Além das brasileiras, das estadunidenses, das norueguesas, das dinamarquesas e das australianas, movimentos de jogadoras pela igualdade de tratamento entre homens e mulheres nas federações nacionais de futebol também têm ocorrido na República da Irlanda, Escócia e Nigéria<sup>155</sup>. Esses movimentos significam mais do que o aumento de salários, exprimem – para essas futebolistas – a garantia de reconhecimento profissional.

## 4.2. As agências de gerenciamento de carreiras

No final de um jogo, FULANA/O veio falar comigo. Falou do trabalho da agência e de como minha carreira poderia

<sup>153</sup> Norway's historic pay deal for women's team shows it can be done. The Guardian: 8 de outubro de 2017. Encontrado em: <https://www.theguardian.com/football/blog/2017/oct/17/norway-historic-pay-deal-for-womens-team-shows-it-can-be-done>

<sup>154</sup> MENDONÇA, Renata. *Op Cit.*

<sup>155</sup> Norway's historic pay deal for women's team shows it can be done. The Guardian: 8 de outubro de 2017. Encontrado em: <https://www.theguardian.com/football/blog/2017/oct/17/norway-historic-pay-deal-for-womens-team-shows-it-can-be-done>

melhorar. Assinei um contrato de seis meses com eles e já colocaram o vídeo no ar.

Quando uma futebolista assina um contrato com algum agente<sup>156</sup>, coloca nesse ato a esperança da progressão de suas carreiras. Existe grande ansiedade por contratos com grandes clubes nacionais ou estrangeiros, o que significa o ganho de maior visibilidade, de aprendizado e, também, de melhores salários. Esse serviço de especialização da profissão é algo bastante recente no Futebol Feminino, aparecendo mais efetivamente em pesquisas realizadas a partir de 2009 (BOTELHO; SKOGVANG, 2014). Durante a década de 1980, no Brasil, a existência de empresários entre jogadoras de futebol estava mais ligada a um gerenciamento da imagem daquelas que se destacavam em função da aparência (ALMEIDA, 2013), não importando as questões relativas às habilidades dentro de campo. A partir da década seguinte, não era raro encontrar agentes representantes de universidades estadunidenses que recrutavam jovens futebolistas, entre dezoito e vinte anos, para atuarem pela Liga Universitária: a *National Collegiate Athletic Association* (NCAA). Além disso, em seu trabalho realizado sobre a equipe de Futebol Feminino do *Clube Foz Cataratas*, a antropóloga Mariane Pisani (2012) comenta rapidamente uma conversa com algumas futebolistas sobre a possibilidade de ser agenciada por empresários.

Segundo o antropólogo Enrico Spaggiari (2015) a profissão de agente/empresários no gerenciamento de carreiras de futebolistas (em geral) é antiga. Entretanto, tornou-se mais intensa na primeira metade da década de 1990, com o balizamento de cláusulas que restringiam a liberdade de ação dos futebolistas, após o *Caso Bosman*. No ano anterior, em 1994, a FIFA já havia criado o primeiro regulamento da profissão de agente esportivo: o *Player's Agent Regulations*. Com essa atitude, a instituição já previa o crescimento dessa atividade no meio futebolístico. O aparecimento, ou melhor, a proliferação de profissionais dessa área, representou um dos quesitos fundamentais ao processo de intensificação da globalização do futebol (ROBERTSON; GIULIANOTTI, 2009).

---

<sup>156</sup> Utilizo a terminologia agente enquanto uma categoria êmica. O antropólogo Arlei Damo (2005), ao longo de sua pesquisa sobre o tema não faz diferenciação entre agentes e empresários, aparecendo no texto como agentes/empresários.

Para a FIFA, agente é qualquer pessoa física que desempenha função remunerada, com base no regulamento, de intermediação de negociações entre clubes e futebolistas (EZABELLA, 2009). Em março de 2014, tendo em vista as diferentes especializações da carreira de empresários atuando em nome de futebolistas, a Federação Internacional aprovou a *Regulations on Working with Intermediaries*. A medida alterou, pela primeira vez, a nomenclatura dessa categoria, que passou a ser conhecida enquanto “intermediário<sup>157</sup>”. A regulamentação versa principalmente sobre o conceito de intermediário. Assim, extingue a categoria *Agente FIFA*, e institui regras para que as associações nacionais passem a regulamentar e gerenciar os registros desses profissionais. Sobre os objetivos e os princípios gerais, a FIFA determina:

#### *I Scope*

1. *These provisions are aimed at associations in relation to the engagement of the services of an intermediary by players and clubs to:*
  - a) *conclude an employment contract between a player and a club, or*
  - b) *conclude a transfer agreement between two clubs.*
2. *Associations are required to implement and enforce at least these minimum standards/requirements in accordance with the duties assigned in these regulations, subject to the mandatory laws and any other mandatory national legislative norms applicable to the*

<sup>157</sup> Tecnicamente, a FIFA não faz diferenciação entre agentes e empresários. A definição permaneceu a mesma: *A natural or legal person who, for a fee or free of charge, represents players and/or clubs in negotiations with a view to concluding an employment contract or represents clubs in negotiations with a view to concluding a transfer agreement. [...] Terms referring to natural persons are applicable to both genders as well as to legal persons. Any term in the singular applies to the plural and vice-versa.*

Com essa cartilha, a Fifa instituiu a substituição do regulamento anterior – *Player's Agent Regulations* – pela *Regulations on Working with Intermediaries*. Sugerindo, dessa forma, uma substituição de termos a fim de que se amplie mais o leque de categorias dessa classe de profissionais. *Regulations on Working with Intermediaries*. Encontrado em: [https://www.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/36/77/63/regulationsonworkingwithintermediariesii\\_neutral.pdf](https://www.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/36/77/63/regulationsonworkingwithintermediariesii_neutral.pdf)

*associations. Associations shall draw up regulations that shall incorporate the principles established in these provisions.*

*3. The right of associations to go beyond these minimum standards/requirements is preserved.*

*4. These regulations and potential additional provisions going beyond these minimum standards/requirements implemented by the associations shall not affect the validity of the relevant employment contract and/or transfer agreement.*

## *2 General principles*

*1. Players and clubs are entitled to engage the services of intermediaries when concluding an employment contract and/or a transfer agreement.*

*2. In the selection and engaging process of intermediaries, players and clubs shall act with due diligence. In this context, due diligence means that players and clubs shall use reasonable endeavours to ensure that the intermediaries sign the relevant Intermediary Declaration and the representation contract concluded between the parties.*

*3. Whenever an intermediary is involved in a transaction, he shall be registered pursuant to article 3 below.*

*4. The engagement of officials, as defined in point 11<sup>158</sup> of the Definitions section of the FIFA Statutes, as intermediaries by players and clubs is prohibited.*

Além dos dois capítulos aqui apresentados, o regulamento ainda traz mais nove, divididos nas seguintes temáticas: sistemas de registro; contrato de representação; comunicação e publicação de informação; pagamentos a intermediárias/os; conflitos de interesses; sanções e cumprimento das obrigações das associações. A FIFA exige que as

---

<sup>158</sup> O item 11 da seção Definições do Estatuto FIFA, podem ser considerados oficiais todo o membro de cargo diretivo: junta ou comissão, árbitros, dirigentes, treinadores e qualquer outro responsável técnico, médico ou administrativo da FIFA, seja numa confederação, associação, liga ou clube, assim como todos aqueles que são obrigados a cumprir com o Estatuto da FIFA (com exceção dos futebolistas).

associações nacionais mantenham um canal público de transparéncia<sup>159</sup>, onde estejam publicados os nomes – e/ou razões sociais – de todas/os as/os intermediários atuantes no país. As/os futebolistas ou clubes que realizarem algum contrato através de intermediárias/os, devem: registrar a ação na associação nacional<sup>160</sup> tanto do país de origem da/o jogadora/or, quanto dos países em que estão alocados os clubes que saída e de entrada da atleta; entregar a *Declaração de Intermediário* (de Pessoas Física e Jurídica – no modelo da FIFA – em anexo); e especificar a natureza da relação jurídica entre as partes (dentro da definição estabelecida pela FIFA). A declaração versa sobre a idoneidade tanto da reputação da/o intermediária/o, quanto das transações executadas por ela/e. A comissão paga à/ao agente não deve ultrapassar 3% da remuneração total bruta recebida pelo/ao atleta, em função dos valores descritos no contrato. Assim, à/ao intermediária/o é proibida a recebimento de comissões “por fora” das transações legais. A FIFA ainda exige para a inscrição a garantia de que a/o intermediária/o não tenha sofrido condenação por crime econômico ou qualquer outra sanção penal.

Sobre o contrato de representação em si, o regulamento define que deve constar escrito os principais pontos da relação jurídica entre o clube/futebolistas e a/o intermediária/o, além dos seguintes dados: nomes das partes, alcance dos serviços, a duração da relação jurídica, o valor total atribuído à/ao intermediária/o, as condições gerais do pagamento, as cláusulas de rescisão, a data da assinatura e as assinaturas das partes<sup>161</sup>.

Nesse ato, a FIFA “ lava as mãos” sobre as polêmicas denúncias que envolvem o recebimento de valores indevidos e passa toda a responsabilidade de fiscalização para as associações filiadas. A transferência de Neymar para o *Barcelona*<sup>162</sup> pode ser utilizada como

<sup>159</sup> Os nomes registrados nas associações nacionais devem ser atualizados no canal todos os anos – ao final de março.

<sup>160</sup> A exigência da FIFA recai sobre as declarações. A Federação também ressalta a importância de registro de Pessoas idôneas – de “reputação irrepreensível” – na atividade, sendo também responsabilidade das associações nacionais essa verificação de procedência dos profissionais registrados. Cabe a cada associação decidir quais outras documentações devem ser entregues no ato do registro.

<sup>161</sup> Se a/o jogadora/or for menor de idade, a/o tutora/or legal também deve assinar o contrato.

<sup>162</sup> MORELLI, Robson. O ‘agente Fifa’ deixa de existir nesse 1º de abril. O Estado de São Paulo: 31 de março de 2015. Encontrado em: <http://esportes.estadao.com.br/blogs/robson-morelli/o-agente-fifa-deixa-de->

exemplo: o pai do jogador foi acusado pela justiça espanhola de receber pagamentos fora dos valores estipulados no contrato. A partir do novo regulamento, esse caso passaria a ser decidido entre a CBF e a *Real Federación Española de Fútbol* (RFEF). Além disso, o órgão internacional transfere a responsabilidade sobre os conflitos de interesses às/aos futebolistas e clubes, indicando, como forma de evitar futuros problemas, que essas partes orientem as/os intermediárias/os a colocar por escrito as possibilidades de conflitos.

Em 2001, a CBF aprovou a primeira regulamentação nacional, na qual considerava o “Agente FIFA” como a pessoa/empresa responsável pelas transações que envolviam clubes e jogadoras/es. Para a Confederação Brasileira, as atividades atribuídas a essa classe de profissionais estão divididas entre nacionais – operações que envolvem somente a CBF – e internacionais – quando envolvem outra associação nacional além da CBF. Após a circular da FIFA de 2014 que instituiu a nova regulamentação, a CBF também corrigiu a norma brasileira<sup>163</sup>. Entre os pontos que diferem do Regulamento da FIFA estão:

1. Registros de intermediárias/os Pessoa Física: Declaração de Intermediário com firma reconhecida; cópias autenticadas do documento de Identidade, CPF e comprovante de residência; certidões negativas originais distribuições criminais, civis, de protesto de títulos e de interdições e tutelas, incluindo-se o serviço federal de distribuição (se alguma das certidões anteriores seja positiva, há a necessidade de uma certidão de Objeto e Pé de Inteiro Teor para cada processo elencado); declaração de idoneidade validada por uma instituição financeira com firma reconhecida; Cópia de apólice de seguro de responsabilidade civil (no nome do Intermediário), de completo acordo com o exercício da atividade, cobrindo responsabilidade por danos até o montante de R\$ 400 mil e com abrangência mundial; pagamento da taxa de registro no valor de R\$ 1500,00; e cópia de todos os instrumentos contratuais envolvendo direitos econômicos de jogadores dos quais seja parte o Intermediário ou pessoa jurídica de que este seja sócio.

<sup>163</sup> existir-nesse-1o-de-abril/

<sup>163</sup> Regulamento Nacional de Intermediários 2018 – CBF. Encontrado em: [https://cdn.cbf.com.br/content/201712/20171221163653\\_0.pdf](https://cdn.cbf.com.br/content/201712/20171221163653_0.pdf)

2. Registros de intermediárias/os Pessoa Jurídica: o que muda em relação ao item anterior é que todos os documentos, contratos e certidões pedidos devem ser expelidos no nome da sociedade e devem ser estendido a suas/seus representantes legais; além disso, a CBF exige cópia autenticada do ato constitutivo da sociedade e alterações já realizadas; cópia CNPJ; comprovante de endereço da sede; Declaração de Intermediário (firma reconhecida); a taxa de registro e o valor da apólice de seguro de responsabilidade civil são os mesmos estipulados para a Pessoa Física.
3. Registros de intermediárias/os não-residentes no Brasil: cópia autenticada de passaporte (no caso de Pessoa Jurídica, das/os representantes legais da sociedade); documentação comprobatória de que é Intermediária/o regularmente registrada/o na associação nacional de seu país de origem; cópia de apólice de seguro de responsabilidade civil (no nome da Pessoa Física ou Jurídica), cobrindo danos até o montante de U\$ 100 mil; certidão de antecedentes criminais em nome da/o(s) representante(s) legais.
4. Inserção da Câmara Nacional de Resolução de Disputas (CNRD): seção da CBF responsável pela fiscalização da atividade no país.
5. É vedado à/ao intermediária/o a assinatura de contratos com clubes (no Brasil ou no exterior) no qual seu cônjuge ou parente até segundo grau obtenha participação acionária (direta ou indiretamente).
6. A CBF exige que todas as transações sejam devidamente registradas na instituição e que seja anexado o contrato contendo a integralidade do acordo entre as partes.

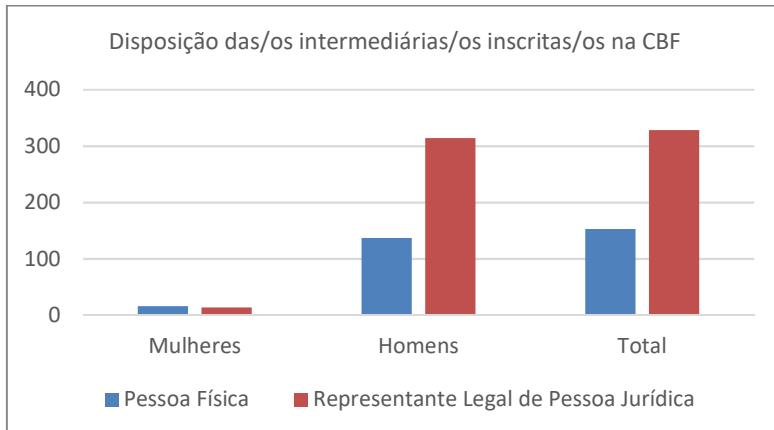
A criação de novas regras – tanto pela FIFA, quanto pela CBF e demais associações nacionais – para intermediárias/os no cenário futebolístico gerou um aumento no registro dessas/es profissionais. A medida simplificou esse processo de inscrição, outrora fornecido apenas pelo órgão internacional, o que atribuía a essa categoria o status de “Agente FIFA”. Essa mudança também pode ser vista como um dos motivos para a proliferação de agentes – ou intermediárias/os – que atuam no futebol, sobretudo na categoria feminina. Aliás, a título de curiosidade, o próprio pai de Neymar está cadastrado como intermediário no quadro da CBF.

#### 4.2.1. Quem são essas/es “agentes” que atuam no Brasil?

Durante quase todo o texto contido nesta tese, refiro-me às/-aos profissionais que atuam na área de gerenciamento de carreiras de futebolistas como agentes. No entanto, viu-se no tópico anterior que a indicação da FIFA – e da CBF – consistia na renomeação da terminologia para intermediárias/os. “Agente” aparece em minha escrita, primeiro, enquanto uma categoria êmica, já que a palavra continua a ser utilizada no universo futebolístico. Em segundo lugar, porque, como veremos mais adiante, muitas dessas empresas não se encaixam, necessariamente, à definição da FIFA.

Mas afinal de contas, quem são essas pessoas? No quadro de registros da CBF<sup>164</sup>, em novembro de 2017, o número de intermediárias/os girava em torno de 481. No entanto, a confederação não faz grandes especificações quanto a procedência dessas pessoas/empresas. Trata-se, basicamente, de uma lista não numerada de nomes: consegue-se apenas diferenciar Pessoas Físicas de Pessoas Jurídicas. Tendo em vista essa situação exposta, apresento abaixo um gráfico da divisão de intermediárias/os no país, em função do sexo e da natureza da Pessoa:

Gráfico 1 - Intermediários CBF



<sup>164</sup> Intermediários Cadastrados, encontrado em: <https://www.cbf.com.br/abcf/registro-transferencia/intermediarios-cadastrados#.Wo85PKjwbIU>

No que se refere ao número de mulheres, o gráfico mostra um total de dezesseis – para 137 homens – inscritas enquanto Pessoa Física e quatorze – para 314 homens – como representantes legais de alguma empresa. Entretanto, torna-se importante salientar dois pontos. O primeiro é referente aos nomes: o número de mulheres e de homens no quadro pode variar, uma vez que se torna bastante difícil atribuir sexo a alguns nomes estrangeiros. O outro ponto leva em conta as sociedades com mais de um representante legal: das quatorze mulheres, existem duas que dividem a representação das empresas com homens.

Durante meu trabalho de campo, tive contato com cinco agentes, representantes de quatro empresas diferentes, sediadas tanto no Brasil, quanto em Portugal e de ambos os sexos: duas mulheres e um homem. Como já falei anteriormente, soube da existência desse tipo de atividade no Futebol Feminino através de breves passagens em textos acadêmicos (PISANI, 2012; BOTELHO; SKOGVANG, 2014) e, já em campo, na *Ferroviária*, quando uma das futebolistas me contou que havia assinado um contrato de seis meses com uma/um agente. Depois, perguntando às demais jogadoras do grupo, descobri que esse tipo de contrato já era uma atividade comum na área. Grande parte das transações anteriores era efetuada a partir da indicação de pessoas que fazem parte da densa rede que envolve essa categoria no Brasil. Uma vez conhecendo a “novidade”, consegui o contato de uma agência que realizava esse tipo de trabalho. Aos poucos fui conhecendo outras empresas que atuavam no Futebol Feminino, sendo uma delas especializada apenas nessa modalidade.

A categoria de agentes (ou intermediários, conforme estabelece a FIFA) acaba englobando inúmeras funções: recrutamento de atletas, assessoramento de imagem, construção de portfólios, contatos e negociações com clubes. Muitas vezes, torna-se inviável uma mesma pessoa ou empresa realizar todas essas tarefas. No Brasil – e pelo o pouco que acompanhei em Portugal também – é bastante comum haver a terceirização de atividades entre empresas/agentes. Existe uma ampla rede de relações que envolvem essas/es profissionais e empresas a outras/os no exterior – e que analisarei melhor no próximo capítulo.

#### **4.2.2. Agenciamento de futebolista: as diferenças de operação entre as categorias Feminina e Masculina e a constituição da atividade no Brasil.**

Em sua tese de doutoramento<sup>165</sup>, o antropólogo Arlei Damo (2005) pesquisou os caminhos que levam à formação de futebolistas brasileiros nas categorias de base. Entre os vários personagens estão os agentes/empresários<sup>166</sup>. Nessa etnografia, aparecem como figuras importantes no progresso das carreiras dos homens. Desde muito cedo, os meninos contam com empresário/agentes que administraram seus passos. A densa relação que inclui pais, jovens jogadores, clubes e agentes/empresários é formada a partir de aspectos que envolvem as representações de confiança e de retribuição – dentro dos preceitos *maussianos* da dádiva e da reciprocidade. Dessa forma, precisam da aprovação dos responsáveis legais – nesse caso mais especificamente, o pai. Esse é o ponto chave que sustenta o argumento do antropólogo:

Nem todos os pais de meninos que conheci aceitaram entregar a tutela do filho em troca de emprego. Para entregá-lo, será preciso, além de ter prodígio na família, haver alguém interessado e capaz de oferecer uma compensação por ele, um pai, um desempregado e, sobretudo, um dado estatuto simbólico um tanto diverso dos padrões vigentes na família burguesa, em relação ao qual introduzir um filho no circuito de reciprocidade múltipla não implica em qualquer mobilidade de sanção mora, culpa, arrependimento ou coisa que valha. Se os agentes/empresários são bem-sucedidos no estabelecimento de vínculos com os meninos e seus familiares, quase sempre com o pai, não é porque os assediados, sobretudo de classes populares, sejam incapazes de gerir seus projetos, ainda que por vezes enfrentem obstáculos dados pelas diversas ordens de carencias de capitais (simbólico, social, econômico, etc.). Deve-se antes, à capacidade dos agentes/empresários de manipular os códigos

<sup>165</sup> Intitulada Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França (2005).

<sup>166</sup> Sem flexão de gênero, pois no texto – e durante o campo de Arlei – foram encontrados apenas homens na função.

desses grupos dos quais eles próprios são, muito frequentemente, egressos. Os agentes/empresários estão numa linha de continuidade em relação aos dirigentes, de quem eles herdaram a tarefa de apadrinhamento dos boleiros. Embora se diga que o futebol seja um esporte moderno e as instituições que lhe dão suporte estejam na vanguarda da globalização, como já foi arguido a partir da organização FIFA-I, o apadrinhamento, a patronagem e o clientelismo seguem-no de perto, ao menos no Brasil (IDEM, p.125).

O valor simbólico atribuído pelos pais, nem sempre corresponde ao preterido pelos agentes/empresários, que precisam possuir grande habilidade para manter essa relação. O mesmo acontece quando a relação passa para o lado dos clubes. Enquanto intermediários – e diante da dependência criada em torno dessa figura tanto pelos clubes, quanto pelos pais/futebolistas – do processo, os agentes/empresários, detêm grande parte do poder na hierarquia que compreende o universo do futebol profissional no Brasil. Dentro dessa perspectiva, o emprego dos pais representa um ponto importante no sistema simbólico de reciprocidade no qual está sendo direcionada a carreira do jovem jogador. É um passo em direção da representação do filho jogador e a possibilidade de fechar um bom contrato com um clube. Dedicar-se a carreira de um jovem talento, tendo a irrestrita confiança dos pais, pode gerar grande lucro ao agente – lembrando que a FIFA/CBF estipulam o valor de 3% sobre o valor total pago ao futebolista pelo tempo do contrato.

Algo muito semelhante pode ser apontado no trabalho de Enrico Spaggiari (2015) sobre a formação de futebolistas na periferia de São Paulo. Para o antropólogo, a família confunde-se com a carreira do filho: aquilo que trará benefícios ao jovem jogador, também será usufruído pela família. O agente também precisa entrar fazer parte dessa família e, para isso, necessita da confiança, sobretudo, dos pais. O diálogo apresentado pelo autor demonstra a relevância de se construir um bom relacionamento com os pais, tratado dentro da categoria nativa como “amarra”:

I: Faça isso, porque esse 97 é bom pra cacete. Um jogador que nós temos que amarrar com a gente. Nós temos que arrumar uma pessoa, um advogado bom ali, que você conheça. Precisa amarrar o pai

direto com a gente. Levar o jogador pro treino, ir buscar...

A: Você lembra do Taison, que estava lá no Inter?  
Esse moleque é do nível dele ou para mais.

I: É por aí mesmo. Eu não entendi como um moleque dessa qualidade passou em tantos clubes e não ficou. Mas isso aí é outra história. O importante é a gente conversar com ele e com o pai dele.

Enquanto um projeto familiar (DAMO, 2005), grande parte do orçamento da casa – e do tempo – é investido na carreira do filho. Carmen Rial (2008) identificou que grande parte de seus interlocutores – futebolistas brasileiros que atuavam em clubes europeus – eram filhos caçulas. O *caçulismo*, conforme chamou, decorre de um contexto de famílias integrantes de camadas subalternas, onde os filhos mais velhos necessitam ajudar no sustento da casa. A partir do momento que o filho mais novo se destaca no futebol, mães, pais, irmãs/ãos e avó/ôs podem acompanhá-lo nos treinos e investir alguma quantia no talento do menino: chuteiras, passagens de ônibus para treinos e peneiras, alimentação diferenciada, entre outros. Assim, quando Spaggiari transcreve a conversas entre os dois intermediários, ele mostra que todo esse contexto é bem conhecido e explorado pelos agentes. Em outras palavras, “amarrando” o pai, consegue-se manter a representação de um jogador “de futuro”. Além disso, pelos regulamentos de intermediários da FIFA e da CBF, o jogador menor de idade não pode firmar um contrato de trabalho sem a assinatura da/o tutora/or legal.

Partindo do panorama que envolve a formação de futebolistas homens no Brasil e das observações realizadas durante o trabalho de campo, podemos levantar algumas questões para refletir de que formas acontecem as contratações de mulheres por agências/agentes de gerenciamento de carreiras:

1. Formas de aproximação (pais)
2. Assinaturas de contratos de representação
3. Legalidade dos contratos
4. Transferências

A forma de abordagem realizada às mulheres difere bastante das descritas até agora. Por ser uma atividade que se intensificou apenas nos últimos anos, é bastante comum que o recrutamento aconteça após os

jogos. Esse tipo de aproximação exige rapidez da/o profissional, pois há a necessidade de plantar o interesse pela atividade na atleta. Por outro lado, a maioria das jogadoras parecia ansiar por esse momento. A abordagem consiste basicamente numa conversa rápida: envolve elogios à atleta em campo, uma breve explicação das atividades de assessoramento realizadas pela empresa, as oportunidades para a carreira e o interesse da agência/agente em realizar um contrato. Ao final, deixam um cartão para contato.

Existe a forma de recrutamento fora de campo também, em que a/o agente entra diretamente em contato com jogadora. Geralmente acontece com futebolistas que já possuem destaque no cenário futebolístico, seja durante os campeonatos ou atuando pela Seleção Feminina. Nesse tipo abordagem existe a atuação de uma terceira pessoa, geralmente, jornalistas, membros do corpo técnico e/ou dirigentes dos clubes, ou ainda uma colega. Uma/um agente com quem conversei denunciou a existência de uma prática recorrente entre algumas pessoas/empresas que atuam no gerenciamento de carreiras no Futebol Feminino, que se resume na contratação por meio de ameaças: diante da negativa ao acordo proposto a/o agente “queima” a esportista. Como o universo que envolve esse esporte está bastante interligado, é habitual que haja facilidade de comunicação. Não é raro comentários do tipo “aquela atleta é bem problemática”. As próprias futebolistas têm noção do enredo que se cria nesse meio, conforme podemos observar no diálogo abaixo:

Pessoa 1: Cada clube é diferente, tem sua política.  
Não dá para fazer como a FULANA que saiu do clube falando mal.

Pessoa 2: Não dá pra sair do clube falando mal, depois fica feio.

Pessoa 1: O mundo roda né, tem que sair bem.  
Deixar as portas abertas.

Existe certo cuidado para manter as “portas abertas” e, tendo ciência disso, algumas/uns agentes utilizam da coação para “amarra” a futebolista. Numa conversa, uma/um agente declarou: “Fulana/o sempre consegue as jogadoras que quer; senão, espalha um monte de boatos até acabar com ela”.

Com as menores de idade, o recrutamento acontece de forma bastante similar aos meninos: as/os agentes têm que entrar em contato e cativar os pais. Conheci a mãe de uma jovem jogadora que aqui

chamarei de Kátia<sup>167</sup>. Katia tinha apenas quinze anos e recém havia assinado contrato com um clube de São Paulo quando conversei pela primeira vez com sua mãe. Desde muito pequena frequentava escolinhas de futebol numa cidade da região sul do Brasil. Seu irmão mais velho também sempre jogou futebol e hoje faz parte da categoria de base de um clube do Rio Grande do Sul. A primeira convocação para a Seleção Brasileira veio aos doze anos, quando também assinou contrato com uma agência de gerenciamento de carreira e de imagem de atletas:

Essa empresa viu as publicações da Kátia nas redes sociais e, inclusive, da Seleção Brasileira e fez contato pelo *face* mesmo. Na época a sede da empresa era no Rio. Hoje já tem em Porto Alegre. E eu estava acompanhando uma convocação da Malu na Seleção Brasileira no Rio. Ela estava na *Granja Comary* em treinamento e eu fui no mesmo voo. Sim, fiquei com receio de deixá-la sozinha no Rio. Ela só tinha 12 anos e era a primeira convocação, então não sabia como funcionava. Aí comprei uma passagem no mesmo voo e fui até lá para saber e ver quem e como a receberiam (risos). Quando vi que ela estava bem amparada com o pessoal da Seleção fui pra casa de uma amiga no Rio e ela foi pra *Granja* treinar. Como eu estava no Rio, já tive a primeira reunião com a empresa lá mesmo. Então foi supertranquilo. Eles ofereceram gerenciamento de carreira e assessoria de imagem.

Como denota a declaração da mãe, Kátia faz parte de camadas médias brasileiras. Seus pais sempre apoiaram a escolha da filha. Logo que foi convocada para a Seleção pela primeira vez, seus pais transformaram a carreira da filha num projeto familiar – assim como a de seu irmão. Para os pais de Kátia, o dispêndio não é considerado um sacrifício, como sua mãe mesmo revelou:

No final do ano passado ela ainda estava em Porto Alegre onde a estrutura era quase zero para o futebol feminino, aí sentamos para planejar o ano

<sup>167</sup> Referente à Kátia Cilene Teixeira da Silva, ex-atacante da Seleção Brasileira medalhista de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007. Atuou em equipes na França e Rússia.

dela e ela disse que queria dar salto na carreira indo jogar num clube profissional em 2017. Mesmo que para isso precisasse sair de casa e da zona de conforto dela. Aí montamos um material como portfólio, currículo e vídeos e enviamos para alguns contatos. Assim, ela recebeu proposta do Criciúma e Internacional no Sul, mas mesmo antes de conhecer a proposta desses times, entrou em contato com a gente um olheiro do CLUBE que havia visto ela jogando. Ele a convidou para fazer uma avaliação no time profissional do clube. Era a chance que ela queria, pois é a melhor estrutura de futebol feminino no Brasil. Porém, não tem categoria de base só time profissional e ela teoricamente é da categoria sub-17. Mesmo assim topamos o desafio e viemos pra cá com ela, eu e meu marido. Enquanto ela treinava tiramos umas férias na praia aqui. Unimos o útil ao agradável. Seria uma semana de treinamento e avaliações e no final eles dariam o resultado. E ela foi aprovada e contratada através de um contrato de formação até 31/12/17 com uma bolsa auxílio e benefícios como plano de saúde e alimentação no clube.

Foi assim, que viemos parar aqui. Como temos condições de acompanhar a carreira dela, alugamos um apartamento e estamos morando aqui: eu e ela. Meu esposo vem uma vez na semana e eu revezo com minha irmã que mora em Curitiba e vem ficar com a Kátia para eu poder voltar a Porto (Alegre) e ver meu filho que continua morando lá, pois joga no Internacional: ou seja, uma força tarefa para que ela possa ficar jogando aqui.

A realidade de Kátia quase a transforma numa exceção. Estar entre as camadas médias, permite a ela planejar a carreira junto com seus pais. Torna-se importante salientar novamente que a origem social é um marcador de diferença importante no que consiste aos casos narrados até então, bem como nos exemplos apresentados por Damo (2005) e Spaggiari (2015).

Durante esses sete anos que pesquiso Futebol Feminino, tenho visto uma quantidade considerável de pais e mães que apoiam a carreira

das filhas no futebol<sup>168</sup>: levando a peneiras, comprando chuteiras e roupas para o esporte, indo atrás de contatos, assinando contratos, entre outras formas de auxílio. A grande diferença entre as categorias Masculina e Feminina incide sobre a valorização do *contradom* atribuído pelos pais/mães que, no feminino, quase sempre é resumida na possibilidade de estar jogando, ter moradia e alimentação de qualidade e receber, mesmo que pequenas quantias, por isso. Como podemos perceber em seu depoimento, a mãe de Kátia contenta-se pela filha estar jogando num dos melhores clubes do país. Não existem grandes expectativas sobre o valor dos salários pagos. Conheci apenas uma jogadora – da Seleção Permanente – que auxiliava os pais todo o mês: fato muito comum entre os jogadores de futebol homens num nível equiparável (clube médio, seleção brasileira).

O contrato assinado depende de cada empresa. Uma/um das/os agentes com quem conversei revelou que o primeiro contrato assinado com a atleta é de no máximo seis meses. De acordo com essa pessoa: “preferimos conhecer primeiro com quem estamos trabalhando; [...] muitas vezes achamos melhor assinar contrato com poucas jogadoras; aquelas que podemos confiar”. A queixa deve-se ao fato de que muitas futebolistas, depois que assinam com um clube, não pagam a comissão acordada à agência. Tal agente ainda enfatizou: “elas querem ser tratadas como profissionais, mas não agem como profissionais”.

Acontece que algumas/uns agentes e/ou empresas, para não serem enquadradas/os no regulamento da CBF – e da FIFA –, trazem dentro da razão social a assessoria de imagem de esportistas. Na prática, entretanto, agem da mesma forma que as/os intermediárias/os, mediando transações entre as futebolistas e clubes. Por isso, não possuem aparato

<sup>168</sup> Acompanhei a colega antropóloga Mariane Pisani num treino-peneira da equipe do Centro Olímpico em São Paulo. Era meado de 2013 e naquela altura, o Centro Olímpico despontava entre os primeiros lugares do recém-criado Campeonato Brasileiro – a equipe tornou-se campeã meses depois. Estábamos na arquibancada assistindo ao treino junto a uma mãe e um pai que acompanhavam suas filhas. Ambas tinham dezesseis anos. O pai havia migrado de Pernambuco quando jovem. Moravam na Zona Leste da cidade. Contou que incentivava a filha desde que percebeu que ela possuía talento para o futebol: “vi que com meu filho mais velho não daria em nada; ele não estava mais interessado; mas a menina levava jeito, gostava; então resolvi apoiá-la”. A mãe da outra jogadora-candidata incentivava sua filha desde pequena. Era professora de Educação Física numa escola pública e sempre estava atenta por oportunidades para a menina no futebol. Planejavam participar de uma seletiva que levaria jovens para atuar em equipes de universidades nos Estados Unidos.

legal para cobrar quando os serviços prestados não são financeiramente restituídos. A assessoria de imagem também está focada nas mídias sociais em que as futebolistas recebem instruções de postagens: “a ideia é tornar elas um produto; [...] o clube tem que querer ter ela na equipe”.

Logo após a assinatura do contrato, a empresa ou a/o agente monta um portfólio com informações da atleta: local de nascimento, idade, posição que joga, peso, altura, escolaridade, clubes pelos quais atuaram, campeonatos jogados, quantidade de gols, reportagens realizadas, entre outros. Ao mesmo tempo, gravam um videoclipe com lances realizados em campo, tendo uma trilha sonora que atribua a ideia de força/poder às imagens. Esse material é enviado a outras/os agentes/empresas, ou mesmo, diretamente a clubes. Assim, essa/e profissional procura ampliar ao máximo sua rede: “nós que conseguimos Israel, por exemplo; conseguimos o contato como uma agência que atuava no mercado de lá e começamos a trabalhar com eles”. Conseguir novos mercados, significa ampliar a rede já existente.

O mercado português, por exemplo, é um dos espaços onde mais atuam essas empresas e agentes. O relatório anual de registro de transferências da CBF apontou que em 2016, o país captou cerca de 164 dos totais de transações – envolvendo ou não valores, entre as categorias amadoras e profissionais. Ambas/os agentes de origem portuguesa com quem tive contato atuavam<sup>169</sup>, de certa forma, no Brasil. Foi através dessas transações que a maioria das futebolistas brasileiras conseguiram assinar com clubes portugueses. Aliás, esse tipo de prática é bastante comum quando se trata da entrada de estrangeiras nesse país.

O contrário, quando se refere às portuguesas, ainda parece ser um campo não muito explorado. Quando perguntei à Sara se ela já havia sido abordada por alguma/um agente, ela me contou que isso ainda não era muito comum entre suas companheiras de equipe. Contudo, as informações divulgadas na página da FPF apontam para a existência de 315 intermediárias/os registradas/os atuando no país. Considerando que no Brasil, um país vinte vezes mais populoso, possui 237 intermediárias/os a mais, numa proporção de um clube português para quase dez brasileiros<sup>170</sup>. Os números sugerem que a atividade no país ibérico é bastante intensa. Entre os brasileiros, no entanto, das 770 transferências internacionais realizadas para o exterior, em 2016, mais de 33% foram realizadas sem contratos<sup>171</sup>.

---

<sup>169</sup> De forma direta ou indireta – fazendo negociações com agentes brasileiras/os

<sup>170</sup> Dados referentes ao ano de 2017.

<sup>171</sup> Até o momento, a CBF ainda não divulgou esses números com relação ao

#### 4.3. “Me segue lá no *Insta*”: a profissionalização também está na rede.

No final de 2016, uma das futebolistas interlocutoras, fez a postagem de um *meme* em seu perfil do *Instagram*. Nele, aparecia uma criança escrevendo uma carta para o Papai Noel, vestida em trajes que simbolizam o natal. Na figura estava escrito: “Querido Papai Noel, nesse natal eu quero um joelho novo”. Esse *meme*, obviamente, pode ter significados diversos dependendo da pessoa e do contexto em que é publicado. No universo do Futebol Feminino, o joelho é uma das principais causas de afastamentos e cirurgias. Manter o joelho sadio é uma forma de continuar jogando, de manter o contrato com uma agência que pode inseri-las em clubes com melhor *infraestrutura*. É uma forma de continuar adquirindo novas experiências, de *rodar* (RIAL, 2008), de aumentar seu *capital-futebolístico*. Como já foi citado anteriormente, a maneira pelas quais as pessoas se mostram nas mídias sociais, nada mais representa do que um prolongamento do *self*: como essa jogadora quer ser vista por suas/seus seguidoras/es. Os perfis também acumulam a função de portfólio. Consequentemente, tornam-se ferramentas importantes para as agências de planejamento de carreira e, também, pelos clubes. Dentro dessa perspectiva, busco apresentar dois momentos de análise – não totalmente separáveis entre si – do meu universo de pesquisa, separados pela assinatura de um contrato com essas empresas ou agentes.



Figura 15 - Meme postado o *Instagram* da futebolista

O diálogo entre a representação do *self* de Goffman e o grupo de pesquisadoras/es da *University College London* é bastante produtivo nesse sentido, uma vez que os conteúdos exibidos nas mídias sociais são predominantemente visuais, na medida que um indivíduo tenta usar de associações visuais para negociar com os outros quem se pode ser (MILLER et al., 2016. p. 156). Existe toda uma normalização moral, para além da noção de *glocalização* (ROBERTSON, 1995), que confunde as ideias de local e global com o virtual. Ademais, torna-se importante salientar que é bastante comum as pessoas apresentarem diferentes tipos de *self* em diferentes mídias sociais. Durante todo o trabalho de campo percebi que as futebolistas utilizam, basicamente, três plataformas: *Snapchat*, *Facebook* e *Instagram*. O *Twitter* não despertava tanto interesse. Muito pelo fato das outras mídias já incluírem o serviço oferecido por essa plataforma.

Como já foi mencionado, o *Snapchat* era, em 2016, uma plataforma de uso mais reservado. Enquanto estive em campo entre as jogadoras da Ferroviária, não atingi proximidade suficiente para compartilhar conteúdos pelo *Snap* com minhas interlocutoras. Por vezes, acompanhava alguns comentários sobre as postagens que circulavam entre o grupo. Confesso que, passado um tempo, desisti desse aplicativo.

O *Facebook* possui uma característica bastante interessante no universo do Futebol Feminino e que pode, de certa forma, dar algumas pistas sobre o sentido da categoria de profissional. Diz respeito à criação de páginas oficiais das futebolistas. Ao contrário dos perfis, que necessitam obrigatoriamente a aprovação, as páginas abertas são livres: qualquer pessoa pode curtir e começar a seguir. Existe uma diferenciação entre o que é conteúdo público e o que é privado. Trazendo novamente DaMatta (1986), o que diz respeito ao público, relaciona-se à rua, ao trabalho e, portanto, à profissão. O privado tem foro mais íntimo, representa aquilo que é permitido apenas aos “de casa”. No universo das mídias sociais segue-se um princípio semelhante. A página, muitas vezes, é alimentada por terceiros e não possuem restrição de seguidores. Já para os perfis há um limite de cinco mil “amigos”. No entanto, o *Facebook*, diversas vezes, aparece enquanto um reproduutor de postagens de outras mídias, no qual as futebolistas aplicam critérios de seleção cuidadosos ao realizá-las.

O *Instagram*, por outro lado, parece misturar essas duas dimensões – íntima e popular – com a profissional. Além de possuir as ferramentas específicas, cada mídia também adquire uma significação diferente, tendo em vista o contexto em que está inserida. Uma pesquisa realizada na periferia de uma grande cidade do nordeste do Brasil

(SPYER, 2017) mostrou que a forma de utilização de diferentes plataformas assume características diferenciadas em função da camada social na qual o indivíduo encontra-se inserido. Assim como o *Twitter*, o *Instagram* é compreendido enquanto uma plataforma mais sofisticada, atribuída às celebridades e jovens, de alto grau de escolarização, pertencentes às camadas médias e altas das grandes cidades brasileiras. Existe a necessidade de mostrar um padrão que acompanhe os gostos considerados mais refinados (BOURDIEU, 2007) e que possam ser consumidos. O motivo está no número de seguidoras/es que podem estar relacionadas tanto às “amizades<sup>172</sup>” do *Facebook*, quanto a pessoas que compartilham dos mesmos gostos e interesses. É, portanto, muito utilizado para seguir celebridades e *digital influencers*<sup>173</sup>. Essa última categoria compõe, também, uma forma de mobilidade social: o indivíduo sai do anonimato e passa a influenciar seguidoras/es através de seu estilo de vida. Também podemos pensar numa categoria de anônimo<sup>174</sup>, que compreenderia as/os demais usuárias/os dessa rede e que, muitas vezes, são *digital influencers* em potencial. Assim, essas três classes de usuários do *Instagram* poderiam ser organizadas de acordo com a tabela abaixo:

**Tabela 3: Categorias do Instagram**

USUÁRIOS	CARACTERÍSTICAS	O QUE DETERMINA	EXEMPLOS
<b>Celebridades</b>	Pessoas que ganharam alguma notoriedade em função das atividades que desempenham.	Tem a ver com o local na sociedade em que a pessoa ocupa.	Cantoras/es, atrizes/atores, jornalistas, escritoras/es, atletas.
<b>Digital Influencers</b>	Ex-anônimas/os que passaram a ser conhecidos em função de suas postagens.	O número de curtidas, seguidoras/es e visualizações.	<i>Blogueiras/os, youtubers, etc.</i>
<b>Anônimos</b>	O restante de usuárias/os da plataforma, muitas	O número de curtidas, seguidoras/es e	As/os demais usuárias/os

<sup>172</sup> O aplicativo do *Instagram* sugere os perfis das pessoas que estão como amigas no *Facebook*.

<sup>173</sup> Pessoas que possuem muitos vínculos com outros perfis, podendo influenciá-los a partir de suas ideias, hábitos e comportamentos

<sup>174</sup> Estar numa mídia social já comprehende uma ideia contrária ao anonimato. Utilizo a palavra anônimo no sentido oposto ao de celebridade.

---

vezes aspirantes *digital influencers* visualizações.

Existe uma mobilidade entre as categorias que faz com que qualquer pessoa possa se tornar um *digital influencer* e um *digital influencer* possa se tornar uma celebridade. No primeiro caso é determinado pelo número de *likes*, seguidoras/es e visualizações. No segundo, está mais ligado a visibilidade atribuída ao respectivo indivíduo nos veículos de comunicação. Existem vários exemplos de pessoas que se tornaram famosas em função das publicações que mostram um estilo de vida que possa almejado por outras, seja no que diz respeito à moda, alimentação, locais de lazer, esportes, religião, decoração, etc. Está muito ligado àquilo que pode ser mostrado visualmente.

Em cada mídia social, as noções entre público e privado ganham diferentes dimensões. Tendo em vista esses argumentos aqui mencionados, o *Instagram* acabou sendo a mídia social enfatizada no decorrer deste trabalho, já que procura reproduzir o sentido do que é ser uma futebolista brasileira, dentro de um padrão do que seria uma verdadeira profissional do futebol. Esse é o universo da cibercultura: um universo de hibridismos onde o *self* construído – aquele que quer ser mostrado – é prolongado através de inúmeros códigos binários que são traduzidos no perfil da/o usuária/o. A ficção científica, que há muito já antecedia a essa realidade (HARAWAY, 2013), atingiu diretamente as relações sociais, onde a cibertecnologia tornou-se fator primordial no atual campo das negociações cotidianas.

#### 4.3.1. Instagram de “boleiras”

As futebolistas brasileiras, ao utilizarem a plataforma, acabam também por se inserir nas categorias de anônima, de *digital influencer* e, alguns casos, de celebridade. Enquanto celebridades, são seguidas por um amplo público. Marta é a jogadora brasileira com maior número de seguidoras/es – em torno de 639 mil. A sua frente estão as jogadoras da Seleção Estadunidense, Hope Solo (873 mil), Sidney Leurox (1,1 milhão) e Alex Morgan (5 milhões)<sup>175</sup>. A atacante da Seleção Brasileira,

---

<sup>175</sup> A lutadora de UFC, Ronda Rousey é a atleta em atividade mais seguida no *Instagram*, com 9,8 milhões de pessoas, enquanto a tenista Serena Williams possui em torno de 7,5 milhões. Cristiano Ronaldo, o atleta mais seguido no *Instagram*, possui 120 milhões de seguidoras/es. Usain Bolt tem 7,9 milhões e

enquanto celebridade, acaba por influenciar outras pessoas, sobretudo, outras jogadoras brasileiras. No período em que acompanhei o grupo da Ferroviária, eram bastante comuns comentários com relação às publicações da atacante. Os objetos de maior desejo eram as chuteiras. Mas outras publicações também exerciam influência no meio, como aquela que expunham um estilo de vida mais simples:



Figura 17 - Publicações no *Instagram* de Marta

Nas duas postagens, Marta, uma das futebolistas mais bem pagas do mundo na atualidade, procurou mostrar que possui um estilo de vida que não parece distanciar muito da necessidade cotidiana, no que se refere a consumo (BOURDIEU, 2007). Há uma distinção, isso é evidente. Afinal, com seu salário, mesmo morando nos Estados Unidos, ela teria a opção de contratar uma empregada doméstica ou mesmo de ter um carro mais novo – e é provável que o tenha. No entanto, em seu perfil no *Instagram*, Marta opta por reproduzir valores morais de

desapego ao material a partir de um *self* focado na modéstia e na simplicidade (MILLER *et al.*, 2016).

Outras atletas do futebol também influenciam públicos diferenciados. Criam quase como um *círculo* (MAGNANI, 2012) virtualizado de pessoas que compartilham e compreendem os signos desse universo e que não são, necessariamente, jogadoras de futebol. Desses circuitos, fazem parte jornalistas, familiares, “marias-chuteiras”, amigas/os, parceiras/os, público, atletas e profissionais do futebol. Podemos pensar em alguns padrões de publicações realizadas pelas jogadoras de futebol, entre os quais apresento abaixo:

### a) Agradecimentos:

Incluem conquistas em campeonatos, boas temporadas, novas oportunidades na carreira, gols e recuperações de lesões, doenças ou cirurgias. Enfatizam discursos morais que valorizam a ideia de que somente o trabalho levado a sério traz retorno. Geralmente, nessas postagens, marcam a agência na qual possuem vínculo: seja diretamente na imagem ou em hashtags ou, ainda, no próprio texto do agradecimento. As atletas também aproveitam esses momentos para demonstrar a fé na religião, predominantemente cristã.

*I just want to say thank you all so much for this amazing season! I'm so proud of you all. It doesn't end here... fans, I don't have words to describe how wonderful you are. Thanks!*

Grande vitória hoje estamos classificadas para as quartas de final da *Champions*. Feliz por mais um gol e para celebrar a vitória. #Gratidão #DeusNoComando

Feliz demais por ter feito parte desse grupo. Só tenho que agradecer a todos, meninas, comissão, torcedores, amigos que torceram por mim e claro minha família que é minha base. Obrigada Deus por tudo. Agora é só comemorar. #carimbaqueotítuloénosso.

### b) Amizade:

Mostram momentos de intimidade com amigas/os, sendo bastante comuns as poses com outras futebolistas, companheiras em algum momento da carreira. Os comentários enaltecem a parceria e a cumplicidade. No entanto, nota-se uma diminuição dessas postagens após a assinatura de contratos com agentes e/ou durante as temporadas, exceto quando se trata de amizades dentro da equipe defendida pela futebolista.

Aquela parceria de sempre!

“Faz e me abraça” #QueGirada #QuePasse  
#FazAí #SouFã

A parceria é forte, a curtição é louca e a amizade é eterna

### c) Família:

Fotos publicadas com a família são encontradas no período entre dezembro e janeiro, quando as futebolistas recebem folga/férias das atividades nos clubes. Também aparecem no decorrer do ano, porém exprimindo o sentimento de saudade de casa e/ou gratidão, principalmente, aos pais:

Dia dos pais da minha vida! Os pais que mais fazem falta nos meus dias. Os pais que são meu orgulho, os meus melhores amigos e são o motivo de muita felicidade em minha vida! Amo muito vocês Pai e Irmão (Pai)... vocês são tudo pra mim.

Ser tia é saber amar muito mais do que palavras conseguem explicar. #Saudade

### d) Relacionamentos afetivos:

Possuem características semelhantes às postagens de família, traduzidas em declarações de amor, saudade e gratidão. É nessa plataforma que as relações homoeróticas mais aparecem. Nesse sentido, as escolhas das parcerias afetivos-sexuais incluem relações entre jogadoras de clubes diferentes<sup>176</sup>, outras atletas ou ainda outras mulheres

---

<sup>176</sup> Quando acontece de uma atleta envolver-se afetivamente com uma colega de

que estão dentro do *círculo* do Futebol Feminino no Brasil. Essas mulheres, nem de longe, se assemelham às marias-chuteira descritas no universo que concerne o Futebol Masculino<sup>177</sup>. Durante meu trabalho de campo – Brasil e Portugal – encontrei essas mulheres que acompanham o Futebol Feminino, tanto frequentando os jogos nas arquibancadas, quanto as casas, em momentos de lazer e em festas.

A antropóloga Jainara Oliveira (2016) ao analisar a construção identitária produzida pelas práticas homoeróticas de suas interlocutoras na cidade de João Pessoa (PB), apontou que, tanto as identidades, quanto as subjetividades dessas mulheres, estão sempre em fluxo, sendo ressignificadas e reorganizadas em função das experiências sexuais homoeróticas e dos discursos morais existentes nos diferentes espaços sociais pelos quais elas transitam. Questões semelhantes podem ser observadas pelas postagens das futebolistas pesquisadas, partindo do princípio de que o *Instagram* representa um espaço virtual, onde a reprodução de discursos morais que condenam sexualidades tidas como dissidentes exerçam menos influência.

Para tanto, descrevo uma postagem que, infelizmente, não poderei publicar por pertencer a um perfil privado<sup>178</sup>. A imagem reproduz uma cena bastante recorrente entre usuárias/os dessa plataforma que possuem relacionamentos afetivos heterossexuais e querem assumir publicamente: a fotógrafa – que também é dona do perfil na plataforma – capta o momento em que segura o telefone celular com uma das mãos, enquanto mantém a outra estendida, segurando a mão da parceira – que está agindo como guia dentro na paisagem mostrada. Esse tipo de fotografia “viralizou” nas redes sociais nos últimos anos, uma vez que a imagem gera também certo mistério em torno da/o parceira/o. Tendo em vista o contexto no qual o Brasil encontra-se inserido, onde o discurso moral ainda induz à naturalização da heterossexualidade, o *post* da atleta vem como uma

clube, o relacionamento tende a ser mais sigiloso. Os clubes/dirigentes/corpo técnico não veem costumam criticar essas situações. Durante uma conversa, Zenon afirmou que achava prejudicial ao desempenho da equipe, já que os desentendimentos poderiam ser levados para o campo.

<sup>177</sup> Categoria êmica trabalhada pelo antropólogo Enrico Spaggiari (2015) enquanto mulheres cujo estereótipo está associado à futilidade e ao interesse financeiro. São semelhantes às tietes/groupies, porém têm por objetivo o casamento com futebolistas bem remunerados.

<sup>178</sup> Que precisa de autorização da/o usuária/o para começar a seguir. Esse tipo de perfil é bastante raro entre as futebolistas brasileiras.

desconstrução da narrativa imagética outrora remetida apenas a casais heterossexuais.

Existe uma diversidade de momentos que são reproduzidos através de imagens e que acompanham declarações à parceira:

Encontramos um jeito nosso de viver felicidade!

Eu quero ter ver até nas outras vidas [...]. Te amo e estou morrendo de saudades já.

#### e) Lazer:

Também são mais comuns no período de férias, remetendo a viagens com fotos de paisagens ou de descontração em praias e lugares turísticos. Durante as temporadas, essas fotos demonstram momentos de descanso em casa e/ou na cidade em que trabalham, sendo comum a presença de animais de estimação.

Ser feliz pra mim não custa caro!

#### f) Profissão:

São imagens de treinos, jogos, testes físicos ou *concentração*. geralmente estão associadas a frases e hashtags motivacionais e de cunho religioso. Na maioria das fotos, as atletas aparecem com o semblante sério, denotando concentração ou grande esforço físico. Salientam-se valores morais relativos a merecimento por esforço e perseverança.

Mentalize seu sonho, trace uma meta, esteja pronta par cada obstáculo e encare de frente seja ele qual for. #ForçaFocoFé #BomDia #Futebol #Trabalho

*Hacer lo que te gusta... es libertad. Te gusta lo que haces... es felicidade.*

*Excited to play the last home match.* Que Deus nos abençoe e nos proteja. #ChinaSuperLeague #ForçaFocoFé #LivingThe Dream

Faça da sua fé o maior estímulo para seguir em frente todos os dias. A dor que você sente hoje será sua força amanhã! #BeStrong

Acredito em você! Você é mais forte do que pensa... desfie-se, lute, tenha fé, acredite! Deus não abandona os seus, apenas creia!  
#Deusnocontrole

#### g) Comerciais:

São os famosos *posts* pagos. Geralmente estão ligados a serviços, sendo bastante comum nas áreas de estética – salões de beleza, esteticistas, tratamentos odontológicos, tatuadoras/es, academias de esporte – e de saúde – médicas/os, fisioterapeutas, nutricionistas, fisiologistas, entre outros. Também encontrei postagens relativas à centros universitários, sobretudo àqueles que patrocinam clubes nos quais essas atletas representam. As postagens de propagandas de produtos são mais raras entre as futebolistas brasileiras<sup>179</sup>. Também entra nessa categoria as publicações relacionadas às agências de gerenciamento de carreira.

Obrigada EMPRESA por contribuir com minha preparação para a temporada de 2017 e proporcionar qualidade a meu treinamento, trabalho individualizado, específico no futebol visando otimizar os resultados e objetivos específicos. #Temporada2017  
#TreinamentoFísico #FutebolFeminino  
#AltaPerformance

Bom dia, meus amores. Sábado também é dia de @UNIVERSIDADE estudar. Aulinha de bioquímica. #SonhoDeCadaDia #Faculdade

Quero agradecer a @EMPRESA. Pelas maravilhas que me mandaram, tem vários sabores entre elas doce e salgadas... Meus filmes ficaram

---

<sup>179</sup> Encontrei postagens, dentro dessa categoria, relativos a produtos como: suplementos nutricionais, snacks, cosméticos e chinelos.

mais interessantes. #recomendo  
#jáestouapaixonada

#### h) *Selfies*:

Esse tipo de publicação pode estar associado a qualquer uma das anteriores. Procuro pensá-las a partir da perspectiva da equipe de pesquisadoras/es de Miller (2016): não apenas como mera atitude narcisista, mas como um auto expressão. As *selfies* podem ser vistas mais como uma forma de socialização, pois está associada à circulação de imagens e compartilhamento de experiências e memórias. Trata-se de uma ferramenta de análise importante para entender questões de identidade, desejos e aspirações.

Se você pode sonhar, também pode tornar o seu sonho realidade.

O coração é meu, mas tem um pouquinho de você em cada cantinho

Quando a energia é boa... o universo não falha!!!

Porque eu sou feita pro amor da cabeça aos pés.  
#love #smile #happy

Ao contrário do *Facebook*, o *Instagram* das futebolistas dificilmente é administrado por terceiros. Segundo um dos agentes de carreira com quem conversei, as jogadoras, recebem uma orientação de como e o que devem postar. Além disso, devem marcar as agências nas publicações ou nas *hashtags* que acompanham os comentários. É comum uma atleta, após assinar contrato com alguma agência de gerenciamento de carreira, mudar o tipo de postagem. Passam a submeter mais fotos e vídeos de treinos, jogos e exames, no sentido de mostrar uma rotina de profissional do futebol. As frases motivacionais que acompanham as cenas também ensejam esse mesmo conceito. Dentro dessa perspectiva, as *hashtags* e os *emojis*<sup>180</sup> são utilizadas como forma de reforçar as fotos e as legendas.

---

<sup>180</sup> São também chamados de *emoticons*. Trata-se de ideogramas utilizados para atribuir algum sentimento nas mensagens eletrônicas ou apenas para comunicar através de uma ilustração.



**Figura 18 - Exemplos de postagens de amizade e família. A foto de Marta com a afilhada é a campeã de *likes* em seu perfil.**



**Figura 19 - Exemplos de *selfies* relativas à profissão.**

Tendo em vista tudo o que foi visto aqui, podemos compreender o porquê as mídias sociais também representam ferramentas importantes para a promoção de uma futebolista. Tirando a quantidade de curtidas, é nesse momento em que essas mulheres mais se aproximam aos

\* \* \*

companheiros de modalidade homens, uma vez que os padrões de postagens aqui apresentados – agradecimentos, amizade, família, relacionamentos afetivos, profissionais, lazer, comerciais, *selfies* – também são reproduzidos nos perfis dos futebolistas brasileiros. Isso demonstra que, a forma como as atletas de futebol operam as mídias sociais é fruto de um padrão que é incorporado no *ethos* dessa categoria. Isso faz com que, quando a futebolista fale “me segue lá no *insta*”, ela está também te convidando para outra forma de socialização, onde não irá somente compartilhar suas experiências, mas também irá interagir com uma outra representação de seu *self*.

#### **4.4. Considerações finais sobre o capítulo.**

Este capítulo procurou refletir sobre os caminhos que levam à profissionalização do Futebol Feminino, sendo a proliferação e especialização de agentes de gerenciamento de carreiras consideradas parte fundamental nesse processo. Dessa forma, o texto foi dividido em três eixos: profissionalização do Futebol Feminino, agências/agentes de gerenciamento de carreiras e mídias sociais. As agências/agentes atuam de forma direta para que uma noção de profissionalização se torne conhecida. São profissionais que, dentro do contexto capitalista, acabam por fiscalizar e exigir melhores condições de trabalho às suas atletas contratadas. Uma futebolista insatisfeita com a/o agente pode desistir do contrato ou não renovar. As mídias sociais, por sua vez, são utilizadas como ferramentas, tanto pelas agências, quanto em prol da profissionalização. No primeiro caso como meio de contato, visando novos contratos, bem como uma forma de divulgação das “peças” que fazem parte do elenco da empresa. Já quando o objetivo foca na profissionalização, as mídias sociais aparecem como um canal de manifestação de protestos, campanhas e autopromoção. Como exemplo, podemos citar: o vídeo de Cristiane sobre a saída de Emily Lima da Seleção; a carta escrita pelas futebolistas denunciando a mesma situação; além da campanha #visibilidadeparaofutebolfeminino.

Embora, quando se fala em esportes no Brasil, evita-se comparações diretas com o Futebol Masculino, quando o assunto é profissionalização, os regulamentos acabam sendo os mesmos. Os anseios e as lutas caminham pela ideia de igualdade entre as categorias. Mas como podemos pensar esse capítulo, tendo em vista os três eixos desse trabalho – globalização, relações de poder e corpo?

## A. Globalização:

Se a teoria feminista tem há anos negligenciado o esporte (BRAKE, 2010), os movimentos feministas aos poucos estão consolidado a igualdade de gênero no esporte nas pautas de luta. Nos últimos anos, movimentos de futebolistas vêm reivindicando igualdade de direitos, de acesso e de salários nas associações nacionais de diferentes países. Em 1995, Joseph Blatter declarou que “o futuro do futebol é feminino”. No entanto, a FIFA demorou vinte anos para implantar a igualdade de gênero em seu estatuto, após muita pressão de movimentos feministas ligados ao esporte. Soma-se a isso, a tentativa da instituição internacional desviar o foco dos escândalos envolvendo o desvio de dinheiro nas realizações das Copas do Mundo de futebol Masculino da África do Sul (2010) e Brasil (2014). Além disso, a grande audiência da última Copa do Mundo – *Canadá 2015* – em países da Ásia, da Europa e nos Estados Unidos também contribuiu para que a FIFA ampliasse o foco ao Futebol Feminino. Afinal, tratava-se de um mercado em potencial.

A inserção da palavra gênero abriu o precedente que faltava às mulheres para gerarem ofensivas mais fortes contra as confederações e associações nacionais. As jogadoras de futebol dos Estados Unidos foram as pioneiras no processo de contestação de salários diferenciados entre integrantes das categorias Feminina e Masculina. Após as estadunidenses, movimentos semelhantes ganharam força na Noruega, Dinamarca, Irlanda, Brasil, Escócia e Nigéria. Na última edição da *Eurocopa Feminina*, ocorrida em 2017 na Holanda, várias equipes nacionais denunciaram as dificuldades vivenciadas cotidianamente por mulheres que praticam futebol em diferentes partes do mundo. Esse enfoque também foi explorado pelas campanhas publicitárias dos patrocinadores do evento – e das equipes –, com slogans como:

*Never let adversity prevail: Unstoppable for Iceland (Icelandair);*

*Women's Football isn't being celebrated enough.  
We built something to tackle that.*

*Mastercard presents:*

*Hayley (Wales & Bristol City WFC)*

*Stevie (Barry Town UTD Ladies FC)*

*Hannah (Cardiff City Ladies FC)*

*Anais (Thornhill athletic FC)*

*Changing perceptions. One goal at a time. We call it priceless (Mastercard)*

No Brasil, como em muitos outros países, a luta pela igualdade de gênero na CBF continua dentro do que Jean Williams (2007) chamou de “integração negativa” das mulheres no futebol. A confederação acenou mudanças em cumprimento às regras da FIFA, porém, na hora de colocá-las em prática, mostrou que a real intenção era meramente preencher uma exigência formal imposta pela instituição internacional.

## B. Relações de poder:

Dentro do esquema das relações de poder no universo do Futebol Feminino, vemos surgir e ascender as categorias de agentes e agências, a partir da criação de uma nova regulação da FIFA. Essa figura surge a partir da prerrogativa já existente no Futebol Masculino e se insere no Feminino vislumbrando um novo mercado. São pessoas que atuam como intermediárias/os entre futebolistas e clubes – nacionais e estrangeiros – e que possuem uma ampla rede de relações, permitindo que as negociações ocorram de maneira mais rápida e, de certa forma, mais segura para as partes.

Na hierarquia do Futebol Feminino, a/o agente aparece como alguém que, muitas vezes, está acima dos clubes. Aliás, agentes, clubes e futebolistas possuem posições que parecem flutuar em consequência da fragilidade dos contratos. Os contratos, tanto com os clubes brasileiros, quanto com muitas/os agentes, não possuem base legal. Dessa forma, torna-se muito comum as jogadoras mudarem de agência/agente, assim como, de clubes, sem que isso acarrete alguma punição ou multa.

Este capítulo também abordou o movimento das mulheres contra as imposições da CBF. Se por um lado as relações entre futebolistas, clubes e agentes sofrem certa fluidez. No tocante à associação brasileira, as posições têm se mantido intactas, conforme se pode perceber no episódio que envolveu a demissão da técnica da seleção.

## C. Corpo:

No decorrer deste texto pode-se ter alguma ideia de como estão estabelecidas as relações entre corpo e profissionalismo no Futebol

Feminino. À vista disso, as noções de capital-corpo (WACQUANT, 2002) e de capital-futebolístico (RIAL, 2008; 2014) acabam adquirindo grande proporção: deve-se manter o equilíbrio entre a exploração das habilidades e a saúde física. Os diferentes pontos de vistas sobre a concepção de profissionalização refletem sobre as diferentes formas de como o corpo das futebolistas é – e pode ser – explorado e controlado.

Esse corpo, que já se encontra envolto no rígido regramento cotidiano produzido por um *biopoder* atuante, ganha mais uma amarra: aquela da/o agente que irá gerenciar a carreira da atleta e, por conseguinte, sua imagem.



## 5. CAPÍTULO CINCO: A MOBILIDADE/CIRCULAÇÃO DE FUTEBOLISTAS BRASILEIRAS PARA O EXTERIOR E A TRANSFORMAÇÃO NO PARONAMA DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO

Transferências de jogadores começaram a ser percebidas após a primeira Copa do Mundo de futebol, em 1930, principalmente entre os uruguaios (Campeões do Mundo), porém, intensificou-se apenas na década de 1980 (RIAL, 2008). Desde então, o Brasil tem se caracterizado como grande exportador de pés-de-obra (DAMO, 2007) ou, nas palavras de Mário Filho, um “celeiro de craques”. Mais que uma emigração, essas transferências representam melhor a ideia de “circulação” por terem como característica o curto período que a maioria dos casos de vínculo com clubes comprehende. Além disso, o estágio final do projeto de carreira – da circulação ou do “rodar” – quase sempre está expresso na vontade de retorno ao Brasil e/ou ao clube de origem (RIAL, 2008). Do outro lado, após ser proibido por décadas no país, o Futebol Feminino tem seus primeiros casos de transferências conhecidos na década de 1980, sendo impulsionados nas décadas seguintes. Mas, ao contrário do que ocorre com os homens, grande parte dessa circulação não era acompanhada por representações esportivas oficiais – no caso brasileiro, a CBF (AGERGAARD e BOTELHO 2011; RIAL, 2014). As contratações e acordos<sup>181</sup>, até o início da década atual, eram realizados através de redes informais existentes entre as futebolistas que atuam dentro e fora do país (PISANI, 2012):

Segundo as Poderosas<sup>182</sup> que já atuaram fora do Brasil, essas redes funcionam da seguinte forma: quando uma jogadora é descoberta por um olheiro e recebe o convite para jogar ela geralmente aceita a oportunidade e migra. Chegando ao exterior, o técnico do time estrangeiro menciona a necessidade de alguma outra jogadora e elas prontamente indicam uma atleta que esteja no Brasil. O técnico contata a atleta indicada, que geralmente é amiga da jogadora que já está no exterior, e faz o convite para que ela também jogue no time. As atletas entrevistadas deixaram

---

<sup>181</sup> Torna-se importante salientar que muitas atletas não possuem contratos com as equipes estrangeiras pelas quais estão atuando.

<sup>182</sup> Referente ao apelido atribuído às jogadoras do Foz Cataratas do Iguaçu – “Poderosas do Foz”.

bem claro que, mais do que ser uma boa jogadora, é preciso ter um círculo de convivência e de relacionamento muito bom (PISANI, 2012. p. 127).

Williams (2011) verificou que as redes internacionais de migração futebolistas são acompanhadas desde meados da década de 1960, tendo como principal destino a Itália. Agergaard e Botelho (2011), por sua vez, afirmam que esse tipo de migração se tornou mais perceptível com a organização formal do jogo na década de 1970 em torno da Europa e América do Norte. Entretanto a partir de 1990, equipes de diversos países como o Japão e a Rússia começaram a atrair jogadoras estrangeiras. Em 2011, a socióloga Nina Tiesler apontou a existência de mais de 30 milhões de futebolistas em 168 países listados. Entretanto, esses dados indicam que ganhar a vida como futebolista somente é possível em 17 desses países. O Brasil, segundo esse estudo, é considerado como um *talent exporter* aparecendo em quinto lugar na porcentagem de jogadoras da Seleção Nacional que atuam no exterior – em torno de 68% da seleção durante os Jogos do Rio jogavam em clubes no exterior.

No entanto, desde de 2014, essa perspectiva vem sofrendo mudanças no que tange tanto à reconfiguração os países receptores, quanto na velocidade com que esses deslocamentos acontecem. O fator que prepondera sobre essas mudanças está bastante ligado ao surgimento – e proliferação – de agências/agentes de planejamento de carreiras esportivas para a gestão de carreiras das futebolistas mulheres. Por conseguinte, percebe-se também uma reconfiguração das redes de relações responsáveis por essas movimentações. Outra questão que também pode ser observada consiste no despontamento do Brasil enquanto país receptor de atletas estrangeiras, sobretudo, de outros países da América do Sul.

### **5.1. Características da circulação de futebolistas**

Em *Moving for the love of game?*, Agergaard e Botelho (2011) apresentam um panorama sobre a migração de futebolistas mulheres<sup>183</sup>, dando ênfase aos países escandinavos como polos convergentes. Segundo esse estudo, desde 1990, Dinamarca, Noruega e principalmente

---

<sup>183</sup> A pesquisa escolheu como foco jogadoras da América do Norte e da África

a Suécia têm constituído um dos destinos preferidos para jogadoras em função de lá existirem ligas mais bem consolidadas. As pesquisadoras fazem um levantamento dentro de diferentes perspectivas teóricas sobre as motivações de atletas para migrar. A tabela a seguir representa um esquema dessas categorias:

Tabela 4 - Categorias de migrantes no esporte/futebol

<b>AUTORES</b>	<b>CATEGORIAS</b>	<b>ESPORTE</b>
<b>Maguire</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pioneiro/a</li> <li>- Settlers (interessados em ficar no país de acolhimento)</li> <li>- Mercenárias/os (motivados por ganhos de a curto prazo)</li> <li>- Cosmopolitas nômades (quer experimentar outras culturas e cidades)</li> <li>Repatriadas/os (pretendem voltar para a casa)</li> </ul>	Esportes
<b>Lanfranchi e Taylor</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Settlers</li> <li>- Mercenária/o</li> <li>- Itinerantes (cosmopolitas nômades)</li> </ul>	Futebol
<b>Magee e Sugden</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mercenária/o</li> <li>- Settlers</li> <li>- Cosmopolita Nômade</li> <li>- Exilada/o (devido a razões políticas, optou por deixar o seu país e conseguiu manter sua carreira no estrangeiro)</li> <li>- Expulsa/o (devido a uma combinação de problemas de comportamento e exposição na mídia, são “forçados” a migrar para outro país)</li> <li>- Ambicioso</li> </ul>	Futebol (Inglaterra)
<b>Yoshio e Horne</b>	Provador: a) jogadoras/es jovens e mais velhas/os que querem experimentar a vida em uma cultura futebolista mais consistente; b) “futebol-maníacas/os	Futebol
<b>Agergaard e Botelho</b>	“trabalho por amor”	Futebol (praticado por mulheres)

Os conceitos elaborados sob a perspectiva do futebol foram pensados a partir da categoria “Masculina”. Portanto, torna-se importante salientar a discrepancia nos valores movimentados nessas transações – entre o chamado Futebol Feminino e Masculino. Tendo em

vista essas diferenças, Botelho e Agergaard fazem a inclusão – a fim de examinar os processos de migração de futebolistas mulheres – de uma abordagem alternativa baseada na ideia de “*labour of love*”. O trabalho por amor ao futebol abrangeira o que elas chamam de “motivos irracionais” para a prática do futebol como profissão. Isso implica questões relacionadas à identidade no sentido tanto de ser jogadora, bem como questões mais objetivas relacionadas a possibilidade de assumir o futebol como uma profissão.

Mas afinal de contas, o que levaria essas mulheres a deixar seus países para jogar no exterior? Ainda de acordo com Agergaard e, as motivações que levam à mobilidade de atletas estavam relacionadas aos ganhos econômicos, ao estabelecimento (relacionado ao estado de bem-estar e qualidade de vida existente nesses países), experiência cultural (cosmopolitismo), experiência/ambição no futebol e a ideia de *labour of love*: fazer o que amam mesmo correndo os riscos pelas incertezas da profissão. A historiadora britânica Jean Williams (2014) segue por uma perspectiva semelhante. De acordo com a autora, existe um senso de amor ao futebol que acomete as futebolistas e que se sobrepõe a ideia de estabilidade financeira. Porém, o uso dessa categoria pode revelar uma problemática que levaria à noção inversa ao sentido de profissionalismo atribuído pelas próprias futebolistas.

Assim, trago as categorias de mais duas autoras para o debate. A primeira é referente às classificações de Nina Tiesler (2011; 2014; 2016). A socióloga irá trabalhar com perspectivas que abarquem o deslocamento configurado enquanto transnacional. Nesse sentido, apresenta os conceitos de *expatriate players*; *diaspora players*; *Transnational sojourners*. A primeira categoria – *expatriate as a transnational players* - está associada a diversos tipos de interesses. Inclui o desejo de ganhos econômico, bem como de ampliação de experiências, seja de ordem cultural ou técnica. São diversas as motivações que levam a futebolistas aceitar a proposta de um clube no exterior. Desde a decisão de jogar uma temporada, seja numa liga muito forte, seja naquelas com menos expressão:

*Playing football abroad is seen as a means of transforming yourself into a more mature player and has been described as rites of passage [...]. All migrant (or expatriate) players who, at the sametime, are part of the national squad of their home country can be considered transnational players. But this experience is not an exclusive*

*feature of expatriate players only* (TIESLER, 2016, p. 204-205).

A categoria *diaspora player* é atribuída àquelas futebolistas que atuam em seleções nacionais das quais possuem cidadania, mas não possuem, necessariamente, alguma afinidade com o país que estão representando. Muitas vezes, a nacionalidade não é adquirida pelo local de nascimento, sendo comum o desconhecimento sobre o idioma oficial. No entanto, as narrativas costumam ser fortes na afirmação de que estão na defesa da pátria onde os pais nasceram e onde estão presentes suas raízes. As seleções nacionais do México e Portugal são exemplos desse tipo de mobilidade: as jogadoras permanecem na seleção – e no país – apenas pelo tempo de treinamento e/ou da competição/jogo; depois retornam ao local onde vivem. A ideia consiste numa forma de inversão de fronteiras, em que a ida para o “exterior” consiste no retorno às origens e defesa da seleção na qual possuem cidadania.

Já a ideia de *transnational sojourners* (Novas cidadãs) envolve o exemplo clássico de projeto de emigração, quando a atleta tem como projeto a permanência – por um período específico – no local onde irão jogar, porém vislumbram um retorno: seja em função de uma melhor qualidade de vida, matrimônio ou para realizar uma graduação (no caso das jovens que viajam para atuar nas ligas universitárias). A introdução da perspectiva de “novas cidadãs”, pode ser pensado a partir do caso do grande número de futebolistas brasileiras – e de outras nacionalidades – que se naturalizaram equato-guineenses, porém não fixaram residência nesse país.

Por fim abordo a categoria utilizada por Carmen Rial (2008; 2012; 2014). A antropóloga afirma que, quando se trata de futebolistas brasileiras/os, nem sempre cabe a categoria de emigrante. O termo que mais se adapta, nesse sentido, é o de circulação: o “rodar”. Rodar é uma categoria êmica, conhecida no meio futebolístico brasileiro, mais propriamente entre os homens, e que diz respeito à carreira no futebol dentro de um sistema de circulação entre diferentes clubes. Segundo a antropóloga, a/o atleta, na maioria das vezes, atribui uma valorização positiva nesse tipo de movimentação, uma vez que adquire mais “experiência”. Porém, dentro da categoria nativa, o valor positivo só é atribuído se o futebolista rodar por grandes clubes e conseguir se manter em foco.

O “rodar”, a efemeride de suas permanências nas instituições de trabalho e nos países no

exterior, caracteriza essa emigração como uma circulação e poderia ser chave explicativa para a manutenção do sentimento nacional. Essa situação de provisoriação também pode ser observada em outras etnografias de emigração, mas ao contrário de estudos como o de Sayad (1992), aqui o provisório não é dissimulação. Essa circulação, como busquei mostrar, ocorre em circuitos particulares, zonas, que podem abranger diversos Estados- Nações, sem que suas fronteiras sejam especialmente relevantes RIAL, 2008. p. 58).

Assim, os homens ao rodar por clube globais – ou mesmo um pouco menores – circulam. “Ganham experiências” dentro de zonas protegidas, que a autora irá chamar de *bolhas institucionais*: ao cruzar fronteiras geográficas, o futebolista não precisa necessariamente ultrapassar fronteiras culturais nos países onde estão sediados os clubes que defenderão. Levam o Brasil a qualquer lugar onde irão morar: seja na comida, no idioma, na música e entre outros fatores.

Sobre as motivações que levam as brasileiras a jogar em clubes estrangeiros, Carmen Rial (2014) relaciona a busca por um incremento tanto no capital econômico, quanto no simbólico (cultural) e futebolístico (2015). Além disso, a antropóloga chama a atenção para outras motivações subjetivas como a possibilidade de manter relações homoeróticas com outras mulheres em aberto, o que corrobora a percepção de Gláucia de Oliveira Assis (2007) de que as mulheres também migram devido à vontade de rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada. Cabe lembrar que a percepção de ser uma mulher que joga futebol no Brasil foi construída no decorrer do século XX, a partir da ideia de que apenas lésbicas *butchies* se interessariam pela bola (RIAL, 2014). Embora muitas não escondam seus relacionamentos, atitudes que reforçam esse estigma ainda são encontradas mesmo dentro dos próprios clubes brasileiros, já que condenam as relações entre as atletas do grupo.

De acordo com os sites pesquisados<sup>184</sup>, a idade das futebolistas brasileiras que jogam em equipes no exterior varia. As mais novas (entre dezoito e vinte anos) são recrutadas (ou procuram no caso das agências especializadas em intercâmbio esportivo) por instituições universitárias. Em sua pesquisa, realizada no início desta década, Carmen Rial (2014)

---

<sup>184</sup> Tais como homepages de clubes, blogs, portais de notícias e perfis em redes sociais.

observou que a saída de futebolistas para clubes estrangeiros estava ligada a um estágio avançado na carreira. Nos últimos anos, no entanto, tem sido cada vez mais comum mulheres na faixa etária dos vinte deixarem pela primeira vez o Brasil.

## 5.2. As agências de gerenciamento de carreiras esportivas e os fluxos migratórios

Mas afinal, por onde as futebolistas circulam? O questionamento, à primeira vista, parece banal, visto que é bem difundida por mídias esportivas a ideia que o futebol praticado por mulheres nos Estados Unidos e Europa Ocidental está bem consolidado. Das vinte e duas jogadoras convocadas para a Seleção Olímpica em 2016, apenas uma delas nunca atuou fora do Brasil.

Tabela 5 - Futebolistas que aturam nos Jogos Rio 2016

<b>Futebolista</b>	<b>Posição</b>	<b>Clubes estrangeiros que já atuaram</b>	<b>Clube durante os jogos 2016</b>	<b>Clube atual</b>
<b>Aline</b>	Goleira	Preparadora de goleiras na Liga Universitária nos Estados Unidos (NSCAA)	Seleção Permanente	Preparadora de goleiras na equipe da UCLA (NSCAA)
<b>Andressa Alves</b>	Atacante	Montpellier Hérault Sports Club (França 2015 - 2016) Barcelona (Espanha 2016 - 2017)	Barcelona (Espanha)	Barcelona (Espanha)
<b>Andressinha</b>	Meio Campo	Houston Dash (EUA 2015 - 2017)	Houston Dash (EUA)	Houston Dash (EUA)
<b>Bárbara</b>	Goleira	Sunnanå SK (Suécia 2009- 2010) BV Cloppenburg	Seleção Permanente	Kindermann (Caçador/SC)

			(Alemanha 2014)			
<b>Bia Zaneratto</b>	Atacante	Steel Angels (Coreia do Sul 2013-2017)	Red Angels (Coreia do Sul)	Steel Angels (Coreia do Sul)	Red Angels (Coreia do Sul)	Red Angels (Coreia do Sul)
<b>Bruna Benites</b>	Zagueira	Avaldsnes (Noruega 2016)	Houston Dash (EUA 2016 - 2017)	Seleção Permanente	Houston Dash (EUA)	
<b>Camilinha</b>	Lateral	Houston Dash (EUA 2015) Orlando Pride (EUA 2017)		Seleção Permanente	Orlando Pride (EUA)	
<b>Cristiane</b>	Atacante	Turbine Potsdam (Alemanha 2004 - 2005) VFL Wolfsburg (Alemanha 2005 – 2007) Linköping FC (Suécia 2008 - 2009) Chicago Red Stars (EUA 2009 - 2010) Rossiyanka (Rússia 2012) Icheon Daekyo WFC (Coreia 2013) Paris Saint-Germain (França 2015 – 2017) Changchun Dazhong (China 2017)	Paris Saint-Germain (França)		Changchun Dazhong (China)	
<b>Darlene</b>	Atacante	SV		Changchun	Rio	Preto

		Neulengbach (Áustria 2011 - 2012)	Club (China)	(SP)
		FSK St. Pölten (Áustria 2012 - 2013)		
		Changchun Club (China)		
<b>Debinha</b>	Atacante	Avaldsnes IL (Noruega 2013 – 2016)  Dalian Quanjian (China 2016)	Dalian Quanjian (China)	Dalian Quanjian (China)
		Western New York Flash (EUA 2017)		
<b>Erika</b>	Zagueira	FC Gold Pride (2009 EUA), Paris Saint-Germain (França 2015 - 2017)	Paris Saint-Germain (França)	Paris Saint-Germain (França)
<b>Fabiana</b>	Lateral	Sporting De Hueva (Espanha 2007-2008)  Boston Breakers (EUA 2009 – 2010) Rossiyanka (Rússia 2011 - 2013)  Tyresö FF (Suécia 2014) Dalian Aerbin (China 2016)	Dalian Aerbin (China)	Corinthians Audax (SP)
<b>Formiga</b>	Meio Campo	FC Rosengard (Suécia 2004 – 2005)  New Jersey Wildcats (EUA 2006) Quickstrike	Seleção Permanente	Paris Saint-Germain (França)

		Lady Blues (EUA 2007)		
		FC Gold Pride (EUA 2009)		
		Chicago Red Stars (EUA 2010)		
		Paris Saint- Germain (França 2016 - 2017)		
<b>Luciana</b>	Goleira		Seleção Permanente	Associação Ferroviária de Esportes (SP)
<b>Marta</b>	Atacante	Umea IK (Suécia 2004 – 2008)  Los Angeles SO (EUA 2009)  FC Gold Pride (EUA 2010)  New York Flash (EUA 2011)  Tyresö FF (Suécia 2012 – 2014)  FC Rosengard (Suécia 2014 – 2017)  Orlando Pride (EUA 2017)	FC Rosengard (Suécia)	Orlando Pride (EUA)
<b>Mônica</b>	Zagueira	SV Neulengbach (Áustria 2007- 2014), Orlando Pride (EUA 2015-2016)  Adelaide United (Austrália 2016)  Orlando Pride (EUA 2017)	Orlando Pride (EUA 2017)	Orlando Pride (EUA 2017)

<b>Poliana</b>	Lateral	Stjarnan (Islândia 2015 - 2016) Houston Dash (EUA 2016-2017)	Houston Dash (EUA)	Houston Dash (EUA)
<b>Rafaelle</b>	Zagueira	Changchun Dazhong (China 2016 - 2017)	Changchun Dazhong (China)	Changchun Dazhong (China)
<b>Raquel</b>	Atacante	Changchun Dazhong (China 2016)	Changchun Dazhong (China)	Associação Ferroviária de Esportes (SP)
<b>Tamires</b>	Lateral	Fortuna Hjørring (Dinamarca 2015 - 2017)	Fortuna Hjørring (Dinamarca)	Fortuna Hjørring (Dinamarca)
<b>Thaís</b>	Atacante	Steel Red Angels (Coreia do Sul 2013; 2015 - 2017)	Steel Red Angels (Coreia do Sul)	Steel Red Angels (Coreia do Sul)
<b>Thaisa</b>	Meio Campo	Featherriver College (EUA 2007-2008) Golden Panthers (EUA 2009-10) Tyresö FF (Suécia 2014) Grindavík (Islândia 2017)	Seleção Permanente	Grindavík (Islândia)

O quadro talvez não abranja toda a trajetória dessas atletas, uma vez que os portais especializados no assunto ou em perfis não trazem informações completas, sendo comuns encontrar “hiatos” durante as carreiras. Além disso, a CBF – e a FIFA – não disponibiliza a maioria dessas informações. Das quinze brasileiras, quatro jogam nos Estados Unidos e duas na Suécia. O número de jogadoras da Seleção Nacional e que atuam em equipes estrangeiras sofre variações no decorrer do ano. Isso se estabelece pela característica de circulação (RIAL, 2008) entre diferentes países/equipes que essas futebolistas exercerem durante suas trajetórias. Aquilo que se pode identificar como “jogar por temporada” e que Agergaard e Tiesler (2014) irão constatar como:

*[...] studies of women's soccer migration have already helped to identify that athletic migrants continue to engage in cross-border activities, for instance, through regular communication and travel (Botelho e Agergaard 2011, Agergaard e Botelho 2003). Athletics may be living and working/playing in one country/club during the season (or if the season is short playing in several countries/clubs a year) and also concurrently representing their home country as a part of the national squad on various occasions during the year.*

Na tabela 5 podemos perceber (ou supor) algumas situações em que há esse tipo de movimentação. Existem, porém, casos tratados por “emprestimos”, em que o clube pelo qual a/o futebolista mantém contrato a/o cede, mediante acordo, a outras equipes. O caso mais conhecido entre as brasileiras é o da atacante Marta que entre 2009 e 2011, período no qual atuou nos EUA, foi “emprestada” pelos clubes – Los Angeles Sol, FC Gold Pride, Western New York Flash – ao Santos F.C. Com o aparecimento de profissionais de gerenciamento de carreiras, os destinos para onde essas futebolistas viajam foi ampliado: países do continente asiático, como Coreia do Sul e China despontam nas contratações de atletas da seleção.

Carmen Rial (2014) observou, através de dados disponibilizados pela CBF<sup>185</sup> entre os anos de 2004 a 2009, que 46 mulheres partiram do Brasil. Aparentemente, os números apresentados pela confederação estão longe de configurar um número real de futebolistas brasileiras que atuaram no exterior. A maioria delas com destino aos Estados Unidos e Espanha. No entanto Áustria, Alemanha, Itália, Canadá, Portugal, Inglaterra, Rússia, Coreia, Finlândia, Dinamarca, Suécia também apareceram na lista.

Desde de 2010, a FIFA tem utilizado o *Transfer Matching System* (TMS), regido integralmente pelo Regulamento de Transferência de Atletas da FIFA, como forma de manutenção do controle sobre as transações envolvendo as transferências de futebolistas. O sistema busca integrar todas as confederações e associações nacionais a partir das informações submetidas pelos clubes. Ao realizar um contrato, os clubes devem preencher um formulário *online*, nas associações as quais estão

---

<sup>185</sup> Lembrando que, na época, a grande maioria das transferências de futebolistas não era registrada pela CBF.

filiados, com informações sobre o contrato, valores, prazos e cópias de documentações. O sistema armazena os dados de todas as associações e, ao final de cada *janela de transferência*<sup>186</sup>, a instituição emite um relatório geral dessas atividades. No entanto, tal relatório não publica números diferenciados entre as categorias Feminina e Masculina. Cada associação nacional também apresenta seus próprios relatórios finais sobre essas informações, seguindo o modelo de transparência estipulado pela FIFA. A CBF, por exemplo, vem apresentando esses números em curtíssimos relatórios desde 2015.

Existe um grupo de futebolistas brasileiras ainda que se naturalizaram equato-guineenses e defenderam o país na Copa das Nações Africanas Feminina de 2008 a 2012, sendo campeãs em 2008 e 2012, e vice em 2010. Ao todo, foram treze jogadoras brasileiras naturalizadas: Bruna Amarante da Silva, Camila Nobre, Carol Carioca, Ana Cristina da Silva, Drika Parente, Dulce, Ju, Ninja, Tiganinha, Mari, Jussara, Miriam e Vânia. Essas mulheres aparentemente permaneciam no país africano apenas durante os campeonatos nos quais iriam representar o país pela seleção local. Esse movimento para a Guiné Equatorial também ocorreu entre os jogadores homens – foram vinte e cinco jogadores brasileiros naturalizados e de outras nacionalidades, o que levou à abertura de um processo movido por outras Seleções Africanas junto à FIFA.

Cabe ainda ressaltar que, por outro lado, as brasileiras não procuravam (ou não eram encaminhadas) equipes de países próximos ao Brasil. Constatei tal fato quando verifiquei informações sobre transferência de futebolistas para o exterior (em sítios eletrônicos), percebi que até 2016, entre os clubes que participaram da *Libertadores da América*, bem como entre os principais times da região do Cone Sul, não há registro de brasileiras. Os números de 2017 já mostram alguma movimentação de jogadoras brasileiras no Paraguai e na Colômbia. Por outro lado, futebolistas sul-americanas que defendem clubes brasileiros, são encontradas com certa facilidade desde meados da década de 2000, como será visto mais além.

---

<sup>186</sup> Porém também são realizadas transferências fora das janelas. A Federação também emite um relatório mensal referente a essa atividade.

### **5.2.1. “Se for para melhorar a técnica, nos Estados Unidos; se for para ganhar dinheiro na Coreia ou na China”: a circulação de futebolistas brasileiras em 2016 e 2017.**

O recorte temporal escolhido para observar os fluxos nas movimentações de jogadoras brasileiras envolve o mesmo período em que estive em trabalho de campo: durante os anos de 2016 e 2017. Mesmo após a instituição do TMS, os dados mais específicos referentes à circulação de futebolistas, em geral, ainda são de difícil acesso. A FIFA divulga um relatório anual geral que engloba todas as categorias filiadas à instituição. O mesmo acontece entre as confederações e associações nacionais<sup>187</sup>. Além disso, não são especificados o gênero e a modalidade em que essas/es atletas estão inscritas/os.

Dados da FIFA afirmam que o número geral<sup>188</sup> de transferências de brasileiras/os para clubes no exterior atingiu um total de 806 em 2016. No ano seguinte, a cada cinco transferências realizadas no mundo, uma envolvia brasileiras/os, argentinas/os ou colombianas/os. O total de transações – implicando quantias financeiras ou não – de brasileiras/os contabilizou 1755: mais de dez por cento do valor mundial total. Dessas, 821 foram do Brasil para o exterior. As/os brasileiras/os – seguido das/os inglesas/es – foram as/os que mais circularam, chegando a gerar, em 2017, um total de U\$ 1,06 bilhões. O principal destino das/os futebolistas brasileiras/os foi Portugal, seguido por Japão e Tailândia. No que concerne as confederações, a maior movimentação ocorreu – da CONMEBOL – para países da UEFA.

Para conseguir atingir informações mais direcionadas à circulação de atletas dentro do universo do Futebol Feminino, acompanhei durante esses dois anos as transferências realizadas a partir das páginas de agências e de bases de dados especializadas em futebol, bem como perfis de mídias sociais de futebolistas e reportagens saídas em diferentes veículos de comunicação. Ao final, foram dois anos de informações desconectadas que apresento a seguir, na tentativa de compreender um pouco sobre a formação dos fluxos criados a partir dessa movimentação. Ao todo, foram encontradas 60 transferências em 2016 e 67 em 2017, nas principais ligas de quatro confederações<sup>189</sup>:

---

<sup>187</sup> A CBF, por sua vez, apresenta um relatório anual ainda mais enxuto que é chamado de *Raio X*.

<sup>188</sup> Incluindo transações com e sem contratos, envolvendo valores em dinheiro, amadoras/es e profissionais.

<sup>189</sup> Não tenho a pretensão de mostrar aqui o número real de futebolistas

UEFA, AFC, CONMEBOL e CONCACAF. A seguir, apresento esse quadro mais detalhadamente.

- *Union of European Football Associations* (UEFA):

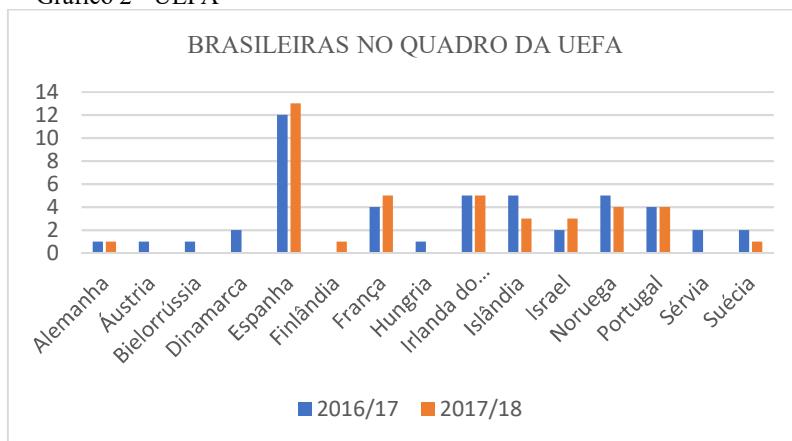
A instituição congrega 55 países dos continentes europeu e asiático, dentro dos quais, clubes de pelo menos quinze países receberam um total de 45 brasileiras na temporada de 2016/17 e 40 na temporada seguinte. A Espanha é o destino que mais tem recebido jogadoras do Brasil nesses últimos dois anos: doze (2016/17) e treze (2017/18). O país, inclusive ficou à frente da região da Escandinávia, conhecida como principal polo receptor na Europa, que somando o mesmo período, reuniu, respectivamente, em torno de nove em 2016/17 jogadoras e sete, na temporada seguinte. Dentre as associações ligadas à UEFA, a liga espanhola é a que mais reúne equipes na primeira divisão do campeonato. Ao todo são dezesseis clubes, sete deles com representantes brasileiras.

Em 2011, Nina Tiesler havia classificado a *infraestrutura* do Futebol Feminino da França enquanto mediana, caracterizada por ser de tradição acadêmica. Passados cinco anos, o país tornou-se um receptor de atletas. A final da *Liga dos Campeões* de 2016/17 foi disputada por dois clubes franceses: Lyon e Paris SG. Ambos possuíam cerca de 40% de estrangeiras nos elencos. Dentro das categorias que nivelam o profissionalismo no Futebol Feminino (Williams 2012), essas características demonstram um alto grau de desenvolvimento na área.

---

brasileiras jogando no exterior. Primeiramente, porque pesquisei equipes das principais ligas das confederações e das associações nacionais ligadas a elas. Em segundo lugar porque existe uma enorme quantidade de equipes que atuam nessas ligas e que não possuem informações sobre as atletas. Por último, destaco a questão da dificuldade de pesquisa nas páginas chinesas, tanto da Associação de Futebol da República Popular da China, quanto dos próprios clubes em si.

Gráfico 2 - UEFA



Existem alguns países de pouca representação no cenário futebolístico que acabam atraindo pequenas quantidades de futebolistas de nacionalidades diversas (TIESLER, 2016), dentro dos quais se encontram também brasileiras. Podemos observar no gráfico, clubes da Sérvia, Hungria, Áustria e Bielorrússia. Nina Tiesler (2016) reflete sobre esses casos, associando tais acontecimentos a um planejamento de carreira que inclui viver fora do país de origem:

*As with other expatriate players, her football mobility projects involve negotiating an offer by a club abroad, migration decision making, settling in a foreign country and living away from home, adapting to different cultural codes on and beyond the pitch, identifying with her team in the host society, keeping contact to people and places left behind via information technologies, a few visits, as well as during training camps and matches of her national squad (TIESLER, 2016. p. 204).*

Além dos pontos levantados por Tiesler, acrescentaria outros dois: a facilidade de alcançar destaque profissional ao atuar numa liga

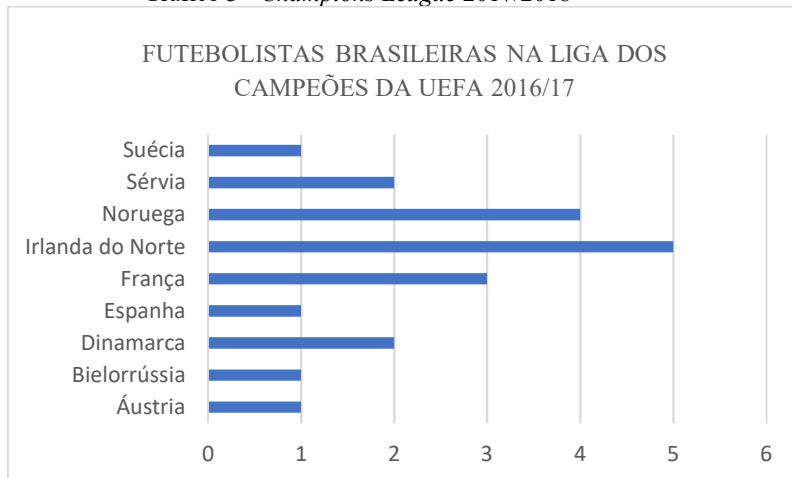
menor; e a segurança pública que esses países representam às atletas<sup>190</sup>. Na maioria dos casos, os dados sugerem passagens muito rápidas, principalmente em clubes que disputam a *Liga dos Campeões*, o que demonstra que essas atletas são contratadas como um reforço para o campeonato.

A grande novidade entre os países receptores diz respeito à tríade Israel, Irlanda do Norte e Portugal. São países cujas equipes – entre uma ou duas – apresentam duas ou mais brasileiras no elenco. Os três casos provêm de acordos entre agências de gerenciamento de carreiras e clubes. Israel, como já foi citado anteriormente, é um mercado novo que começou a ser explorado há pouco tempo por uma mesma empresa: no primeiro ano essa agência enviou duas jogadoras brasileiras e uma argentina para dois clubes; para a temporada seguinte, entrou mais um clube na lista, totalizando três atletas brasileiras em três clubes.

Durante o campo na *Ferroviária*, conversei com algumas atletas que ainda não haviam defendido equipes estrangeiras sobre a possibilidade de jogar no exterior. Uma das futebolistas do grupo assinou contrato com um clube em Israel e, certa vez, estava conversando com uma de suas amigas sobre o assunto. Ao passo que ela me revelou: “antes não iria, de jeito nenhum; tinha medo dos ataques terroristas; mas depois que FULANA foi e eu comecei a ver as fotos de lá, que ela postava, mudei de ideia”. O imaginário sobre o local é, em muitos casos, construído a partir das postagens das companheiras de profissão nas mídias sociais. Mostram os treinos, a descontração nos clubes estrangeiros, as paisagens das cidades, os locais de lazer. Tudo isso fomenta a aspiração de outras futebolistas a atuar em outros locais, fora do circuito hegemônico do Futebol Feminino.

---

<sup>190</sup> Durante as “entrevistas” que realizei com algumas das jogadoras da AFE, perguntava sobre as motivações das pessoas para jogar no exterior. Entre vários motivos, quase sempre surgia a preocupação com a violência existente no Brasil.

Gráfico 3 - *Champions League* 2017/2018

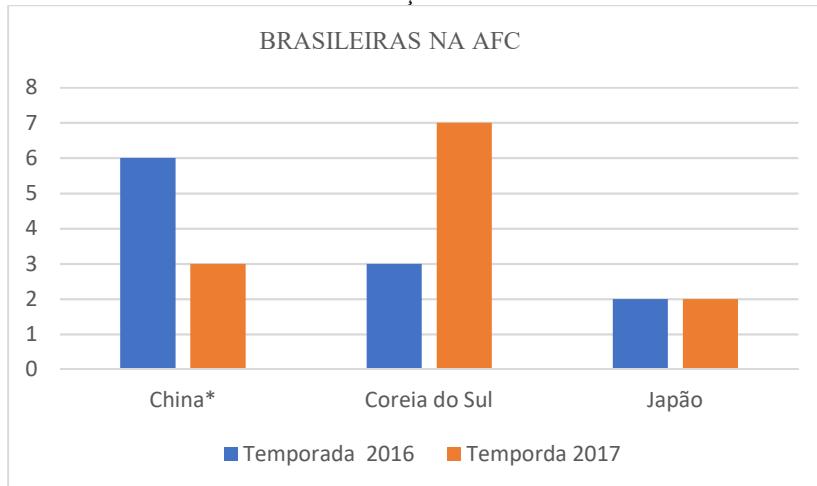
A Irlanda apresentou cinco brasileiras na mesma equipe para disputar os jogos da liga europeia: duas vieram do *Iranduba* (AM) e três do *Sampaio Correia* (MA). Esse dado demonstra que existe uma relação que envolveu essas duas regiões do Brasil (N e NE) à equipe irlandesa de *Newry City* e que, provavelmente, foi explorado por uma/um mesmo/o agente. Portugal, por outro lado, apresenta-se enquanto um mercado que deve ascender nos próximos anos em virtude do fortalecimento da liga com a entrada de grandes clubes nos últimos anos: *Sporting Clube Braga*, *Sporting Clube de Portugal* e o *Sport Lisboa Benfica*. O último já anunciou a contratação de duas brasileiras para a temporada 2018/19, quando pretende iniciar as atividades no Futebol Feminino. Enquanto principal destino de futebolistas brasileiros<sup>191</sup>, o país apresenta um bom número de agentes/agências especializadas/os em transferência de atletas. Muitas dessas empresas/pessoas estão inscritas também no quadro de intermediárias/os da CBF e/ou possuem convênios com equivalentes brasileiras.

- *Asian Football Confederation* (AFC):

<sup>191</sup> De acordo com o último relatório da FIFA/BF referente ao ano de 2017, Portugal.

O Mercado que evolue clubes de Futebol Feminino na Ásia tem aumentado na última década, sobretudo, na China e na Coreia do Sul. De acordo com o relatório de transferências da FIFA/CBF sobre 2017, o Japão apresenta-se enquanto o segundo maior receptor de brasileiras/os<sup>192</sup> no futebol. Na categoria feminina, trata-se de uma movimentação mais antiga, descrita em diferentes análises sobre a migração de futebolistas brasileiras (RIAL,2014; TIESLER, 2016). Além disso, o país é considerado forte no que diz respeito à *infraestrutura* do Futebol Feminino, com cerca de 1138 times (TIESLER, 2011). No entanto, mesmo mantendo casos de transferências regulares de estrangeiras, nos últimos anos, o país parece atrair bem menos que as vizinhas China e Coreia. Os clubes recrutadores nesses dois países, oferecem salários bem mais altos que a média, sendo comum entre minhas interlocutoras, ao serem questionadas sobre “onde vocês gostariam de jogar”, a resposta: “se for para melhorar a técnica nos Estados Unidos, se for para ganhar dinheiro na Coreia ou China”.

Gráfico 4 Confederação Asiática de Futebol



Durante meu campo, em conversa com a mãe de Kátia sobre a possibilidade de a jovem atuar em clubes no exterior, ela afirmou que a filha gostaria muito de jogar nos Estados Unidos, já havia entrado em contato com uma empresa que recruta jogadoras para estudar naquele

<sup>192</sup> Não existe a diferenciação por gênero.

país. Contudo, havia surgido a chance de contrato com um grande clube brasileiro que, para a mãe, traria mais visibilidade à carreira da filha. Quando perguntei sobre a Ásia, a resposta foi a seguinte:

Ásia, numa havíamos pensado na possibilidade até fevereiro desse ano, quando um empresário entrou em contato comigo solicitando um vídeo e o currículo da Kátia. Mandamos tudo, na cara e na coragem. Se acontecesse não sei o que faríamos (risos). Mas, enfim, como ela é menor de idade não passou na seleção.

A China apresenta o mercado mais promissor no Futebol Feminino na atualidade. Os clubes investem grandes quantias e são caracterizados por privilegiar um futebol bastante técnico. A transferência de Cristiane<sup>193</sup> para o *Changchun Dazhong Zhuoyue* foi anunciada como o maior salário na categoria<sup>194</sup>. No entanto, os dados encontrados sobre estrangeiras na China são bem escassos em virtude da dificuldade em acessar as páginas dos clubes e da Federação Chinesa, bem como da proibição – ou restrição – de uso de algumas mídias sociais existentes no país. Por outro lado, o gráfico mostra um crescimento nas transferências de brasileiras também para a Coreia do Sul em 2017. Esses países atraem tanto em função do ganho em capital-futebolístico, quanto em capitais econômico e cultural.

- *Confederação Sul-Americana de Futebol* (CONMEBOL) e *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football* (CONCACAF)

Jogar futebol nos Estados Unidos é quase unanimidade entre as futebolistas brasileiras com quem tive contato. As motivações que levam essas mulheres a querer atuar em alguma das ligas estadunidenses giram em torno, sobretudo, do aumento no *capital-futebolístico*. Não que os ganhos financeiros sejam considerados baixos. Mas o país acaba

---

<sup>193</sup> A atleta é considerada a maior artilheira da história do futebol – Feminino e Masculino – em Jogos Olímpicos, com 15 gols.

<sup>194</sup> Os valores não foram divulgados. Para mais, ver: Brasileira Cristiane deixará PSG para jogar na China. Revista Veja: 13 de fevereiro de 2017. Encontrado em: <https://veja.abril.com.br/esporte/brasileira-cristiane-deixara-psg-para-jogar-na-china/>

atraindo mais pela oportunidade de ampliar a habilidades futebolísticas e de jogar num lugar onde “as jogadoras de futebol são respeitadas”. Essa perspectiva pode ser pensada a partir da discussão compreendida no capítulo anterior, que engloba a noção de reconhecimento no universo do futebol: bons salários e grande visibilidade, o que corrobora com o que Booth e Liston (2014) irão chamar de “*zone of prestige*” do Futebol Feminino no mundo. Além disso, as futebolistas mais jovens almejam atuar na liga universitária<sup>195</sup> a fim de unir o aprendizado técnico a uma graduação em alguma instituição de ensino superior no país.

Embora os Estados Unidos sejam considerados um dos lugares onde o Futebol Feminino esteja mais consolidado (o país é bicampeão mundial), a Liga Profissional demonstra-se bastante frágil. A primeira Liga (*Women's United Soccer Association*- WUSA), criada em 2000<sup>196</sup>, teve apenas três edições. Apenas em 2009 uma nova Liga Profissional (*Women's Professional Soccer* – WPS) foi criada, sendo extinta em 2012<sup>197</sup>. A partir de 2013, foi criada a *National Women's Soccer League* (NWSL) que conta com dez equipes participantes.

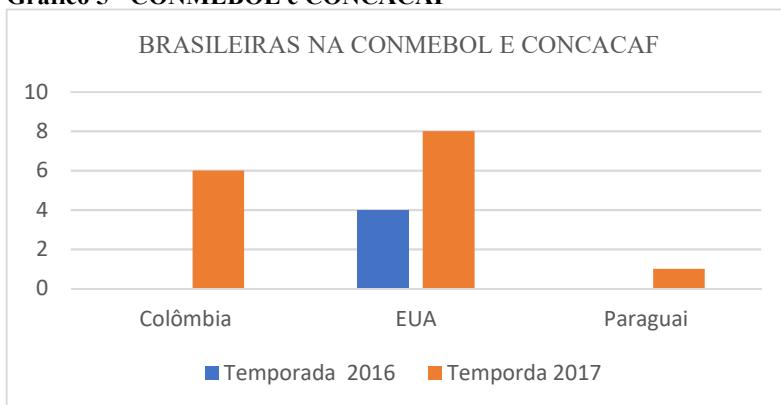
O fluxo de atletas brasileiras para os Estados Unidos é bastante antigo em função da liga universitária. No profissional, o crescimento remete ao início de 2000, quando futebolistas que defendiam a Seleção Brasileira, tais como Sissi e Maycon, passaram a atuar na WUSA. O gráfico abaixo mostra um grande aumento no número de brasileiras na NWSL entre os anos de 2016 e 2017. O principal motivo deve-se à criação e estabelecimento da equipe de Futebol Feminino do *Orlando Pride* em 2015. O clube pertence ao empresário brasileiro Flávio Augusto da Silva que, no último ano, investiu na contratação de quatro futebolistas da seleção: Marta, Monica, Camilinha e Poliana.

---

<sup>195</sup>A Liga Universitária (NCAA) sustenta grande parte das transferências de jogadoras estrangeiras. Isso faz com que o tempo de permanência no local seja maior. Bem diferente do que parece acontecer com a maioria das futebolistas que partem para outros locais (ou para equipes participantes da NWSL).

<sup>196</sup> Embora tenha sido criada em 2000, a primeira edição do WUSA foi no ano seguinte.

<sup>197</sup> Foram apenas duas edições.

**Gráfico 5 - CONMEBOL e CONCACAF**

O mercado de transferências com os países vizinhos já é explorado há algum tempo no sentido exterior-Brasil. As movimentações de brasileiras por clubes sulamericanos representam algo bastante recente no Futebol Feminino. Ao todo, em 2017, foram sete transferências, seis para equipes colombianas nos últimos meses do ano período em que foi realizada a *Copa Libertadores de Futebol Feminino 2017*.

### **5.2.2. Jogadoras transnacionais: o estar fora do Brasil**

Conheci Sara num café em Belém. Desde o primeiro contato, via *Facebook*, havia mostrado-se bastante acessível e, sem demora, marcamos um encontro em um dia de que teria folga. Sara foi logo se desculpando pelo atraso. Havia acompanhado a irmã, que recém chegara para morar em Lisboa, ao local de trabalho. Sara morava com o primo, com o companheiro dele e, agora, com a irmã. Quando soube que Sara jogava futebol no Brasil, o companheiro do primo conversou com conhecidos de um clube da região e conseguiu que ela treinasse com a equipe. Tratava-se de um clube de bairro, de pouca *infraestrutura* (TIESER, 2011), onde não ofereciam pagamento a todas. Falou que permaneceu quase três anos no banco até virar zagueira titular. Ficamos um pouco mais de uma hora conversando sobre a situação do Futebol Feminino em Portugal. Era o primeiro ano da estreia dos grandes clubes, *Sporting* e *SC Braga*, na liga portuguesa e Sara achava injusto as duas equipes terem sido beneficiadas com a entrada já na segunda fase do

campeonato. Contou-me também um pouco da sua vida. Havia deixado sua cidade, na região Nordeste do Brasil, há quatro anos para trabalhar no café de uma prima, que era casada com um português. Dizia sentir muitas saudades das/os amigas/os e família, mas não pensava em retornar para o país. Pelo contrário, ansiava pela chegada do ano seguinte: quando poderia iniciar o pedido para obter cidadania portuguesa. Tinha o desejo, embora que remoto, de um dia ser convocada para a Seleção Portuguesa de Futebol Feminino.

A história de Sara representa a de muitas/os imigrantes brasileiras/os em Portugal. Além da motivação econômica, a atleta dizia querer viver num lugar melhor, ter mais oportunidades e, também, iniciar uma graduação. Disse que quando as/os primas/os convidaram para trabalhar em Lisboa, não pensou duas vezes e, assim que conseguiu dinheiro suficiente para as passagens, embarcou. O futebol não estava no projeto inicial. O capital-futebolístico de Sara que possibilitou a negociação com o inesperado – no caso a oportunidade de jogar futebol no clube lisboeta -, gerando a mudança no *projeto*. Mas, ao mesmo tempo, dizia que iria investir apenas mais dois anos na carreira de futebolista. Caso não conseguisse se manter do futebol, iria estudar. Assim, Sara conciliava o trabalho na cafeteria aos treinos, agora, diários. Os treinos aconteciam à noite, das 21:00 às 23:00, e o estádio ficava distante do trabalho e de sua casa. Diante disso, utilizava uma motocicleta como meio de locomoção. Gostava de sair à noite. Frequentava danceterias e bares com o primo, a irmã e/ou com as companheiras da equipe. Durante os campeonatos, esses momentos de lazer ficavam mais escassos, já que uma noite mal dormida poderia interferir no desempenho em campo.

A trajetória de Meg<sup>198</sup> difere bastante. A futebolista deixou o Brasil para jogar numa equipe portuguesa, tendo um contrato de seis meses assinado com o clube por intermédio de uma/um agente. Disse que um dia, essa pessoa foi até ela, depois de um jogo, perguntando se teria interesse em jogar no exterior e que poderia representá-la, caso a resposta fosse positiva. Era a primeira vez que defendia um clube estrangeiro. Dizia não se sentir só, pois há muito morava em alojamentos distantes da casa de seus pais. Além disso, havia outras brasileiras no grupo e todas moravam na mesma casa. A rotina de treinos e de jogos era intensa, sobrando pouco tempo para o lazer. Dizia não frequentar bares e/ou danceterias em Portugal. Estava no país para

---

<sup>198</sup> Referente à Margarete Pioresan. Goleira da primeira Seleção Brasileira, tendo atuado como futebolista até os Jogos Olímpicos de Atlanta.

jogar futebol. Num raro momento de maior tempo livre, marcamos de um encontro em Lisboa. Meg e as companheiras brasileiras queriam conhecer melhor a cidade. No entanto, no dia combinado, Meg mandou uma mensagem falando que a pessoa que as acompanharia até a capital não iria mais e que estavam cancelando o encontro.

Essas duas trajetórias mostradas aqui, não representam apenas dois *projetos* diferentes, mas duas maneiras diferentes de colocar esse *projeto* em prática. São dois modos de se inserirem no *campo de possibilidades* e duas formas de negociar com a profissão e com o país estrangeiro. Meg já possuía o futebol enquanto sua profissão. Defendia um clube com alta *infraestrutura*. Tinha a moradia e a alimentação custeadas por esse clube e recebia salários previamente acertados por um contrato temporário. Sua/seu agente a auxiliava diante de alguma dificuldade. Possuía seu tempo controlado pela instituição que representava, sendo que, assim que o campeonato teve fim, sua passagem de volta para o Brasil foi comprada. Meg não conheceu muito do país onde morou durante esses seis meses. Nem mesmo se relacionou com pessoas locais, fora do convívio do clube. Além disso, dependia de outras pessoas para pequenas viagens durante as folgas.

Sara, por sua vez, ainda não tinha o futebol como profissão. Trabalha oito horas num café, onde dividia o balcão com a prima. Quando fechavam o local, voltava para sua casa. Descansava um pouco para, depois, pegar sua motocicleta e enfrentar o trânsito até o estádio onde aconteciam os treinos. Treinava duas horas por dia. Quando chegava em casa, perto da meia-noite, dizia só dar tempo para jantar, tomar um banho e dormir. No café onde trabalhava, era conhecida por jogar futebol. Das vezes que estive no local, várias/os clientes conversavam com ela sobre o campeonato em andamento. Durante os jogos, na arquibancada do estádio, era conhecida pela pequena torcida que acompanhava as partidas. Lembro-me de um jogo em que estava a mãe de uma das atletas em campo. A mulher utilizava um megafone para puxar os gritos de guerra e se comunicar com as atletas – e com a arbitragem – em campo. No intervalo, ela veio conversar comigo. Percebeu que não pertencia ao grupo habitual e encaminhou-se até mim para saber o que eu fazia naquele local. Contei a ela sobre minha pesquisa, que estava acompanhando Sara. Ela prontamente, passou informações sobre a brasileira: disse que era muito simpática e focada; havia esperado pacientemente no banco por quase três anos, mas agora estava na melhor fase. Sara havia construído tanto uma rede de relações na cidade, quanto um vínculo com a própria cidade. Quando não havia

jogos nos fins de semana, gostava de sair “para uns copos” com as/os amigas/os no Bairro Alto.

Por outro lado, a jogadora não possuía contrato de trabalho. Para alguns jogos, ganhava uma pequena ajuda de custo para as despesas de trajeto. O transporte e a alimentação nos dias de jogos “fora de casa” eram providenciados pela federação portuguesa, via clube. Quando foram campeãs nacionais, ganharam da *Junta de Freguesia* do bairro onde se localizava o clube uma viagem a uma reserva ambiental próxima a Lisboa.

Dentro dessa perspectiva, as relações de poder as quais Sara se encontra submetida são bem mais brandas daquelas que envolvem Meg. Porém, ambas se enfrentaram em campo pelo mesmo campeonato.



Figura 20 - Jogo pela Taça Portugal Futebol Feminino Allianz 2016/17

### **5.3. O contrário também acontece? O Brasil para além de um *talent exporter*.**

A atuação de futebolistas estrangeiros em clubes brasileiros não é novidade. Desde meados do século passado, jogadores de outras nacionalidades compuseram o hall dos grandes ídolos do futebol brasileiro. Quem não se lembra de Romerito, Figueroa, Gamarra e Petkovic? Tal movimento foi intensificado a partir de 1979 em decorrência da substituição da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD) pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Era

um grande passo em direção à autonomia da instituição, a fim de escapar do controle direto governamental (SARMENTO, 2006.). O projeto foi apoiado e, de certa forma, idealizado por João Havelange, então presidente da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). Consistia, mormente, no fortalecimento de campeonatos nacionais e na abertura e regulamentação comercial da marca CBF e dos clubes nacionais. A entrada de capital privado possibilitou também um aumento na folha de pagamento dos clubes, tornando o Brasil um lugar atraente para jogadores estrangeiros, sobretudo, de países da América do Sul. Concomitante a isso, o futebol praticado por mulheres voltava à legalidade e era regulamentado.

Como já foi levantado anteriormente, a trajetória do futebol feminino no Brasil, a partir de sua *Anistia*, contou com boas campanhas das mulheres brasileiras em competições internacionais e com um profundo sentimento de invisibilidade<sup>199</sup> experimentado por elas. Campeonatos nacionais surgiam e desapareciam, mostrando grande fragilidade dessa modalidade em manter-se ativa diante de um calendário esportivo (ALMEIDA; PISANI, 2015). Políticas de incentivo governamental só foram implantadas a partir de 2005 com a criação do *Bolsa Atleta* e, dois anos mais tarde, com a *Copa do Brasil de Futebol Feminino*. Essas ações, na verdade, estavam ligadas a um conjunto de ações visando a reformulação geral do esporte e que levaria a escolha da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Dessa forma, grande parte do capital que mantém os clubes/equipes de futebol feminino no Brasil provém do incentivo governamental. Mesmo assim, o país tem atraído futebolistas de outros países para os clubes brasileiros, fazendo com que o país deixe de ser apenas o que Nina Tiesler (2011) identificou como um *talent exporter* e engatinhe também em direção a um centro receptor. Este ensaio é parte de algumas reflexões sobre meu trabalho de campo que está sendo realizado junto a uma equipe do interior de São Paulo – a Associação Ferroviária de Esportes (AFE) de Araraquara. Busca analisar a chegada de três futebolistas argentinas para compor o elenco da temporada de 2016. O clube foi fundado em 1950 por funcionários da Estrada de Ferro Araraquara (EFA). Numa iniciativa da Prefeitura Municipal/Fundesport (Fundação de Amparo ao Esporte de Araraquara) em 2001, foi criada a equipe de futebol feminino da Ferroviária. Nesses quinze anos, a equipe grená já coleciona vários títulos, entre eles, o de campeão da Libertadores da América.

---

<sup>199</sup> Ler Carmen Rial, Invisible but under Pressure. ReVista, Spring: 25–28, 2012.

Assim, além da etnografia, utilizei de fontes documentais – tais como súmulas de jogos e registros de atletas – encontradas nas páginas da CBF e de Federações Estaduais. A escolha do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino para a análise se deu em função de dois motivos principais:

1. Facilidade de adquirir informações mais precisas, já que as súmulas dos jogos de todas as edições do Campeonato Brasileiro estão disponíveis no site da CBF para conferência.
2. A Ferroviária não participou da Copa do Brasil de Futebol Feminino em 2016.

O Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino foi criado em 2013, organizado pela CBF em parceria com a Caixa Econômica Federal<sup>200</sup> sob o nome Brasileirão Feminino Caixa. O formato contempla os vinte primeiros clubes brasileiros no *Ranking* da CBF de Futebol Feminino. Consiste em duas fases, semifinal e final. A primeira fase, ou fase de classificação, é composta por quatro grupos com cinco participantes cada. Os dois melhores de cada grupo serão divididos em dois grupos, onde cada time irá decidir as duas vagas para a semifinal. Desde 2015, o campeonato conta com um incentivo a mais, o *Draft* da CBF que tem a finalidade de tornar a disputa mais competitiva. Trata-se da distribuição das atletas que compõem a Seleção Permanente (CBF) entre as equipes participantes a partir da segunda fase do torneio.

### **5.3.1. Entrando em campos brasileiros**

Para o Campeonato Brasileiro de 2016, a equipe da Associação Ferroviária de Esportes (AFE) apresentou como reforços a vinda de três futebolistas argentinas. A Ferroviária vinha da conquista da Libertadores da América e, por conseguinte, trazia a expectativa de um calendário bastante cheio: *Campeonato Brasileiro*, *Campeonato Paulista*, *Jogos Regionais*, *Libertadores da América* e um possível *Mundial Interclubes*<sup>201</sup>.

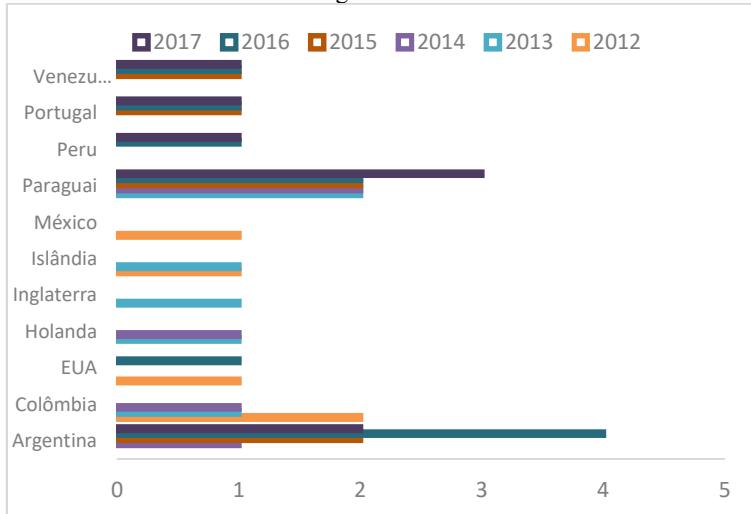
---

<sup>200</sup> Para a realização do Torneio, a Caixa disponibiliza R\$ 10 milhões que são administrados pela empresa de marketing esportivo *Sport Promotion*. Ver: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/futebol-e-direitos-dotoredor/futebol-feminino> e <http://www.sportpromotion.com.br>.

<sup>201</sup> Ainda não existe a confirmação que ocorrerá um Mundial Interclubes

A presença de estrangeiras entre equipes brasileiras não era, necessariamente, uma novidade. Em 2004, a antropóloga e ex-futebolista estadunidense, Caitlin Fisher chegava ao *Santos F.C.* para jogar na equipe. O choque e o estranhamento de Caitlin diante da realidade de mulheres que jogavam futebol no “país do futebol” fizeram com que fundasse o *Guerreiras Project*<sup>202</sup> como uma ferramenta de denúncia e combate aos preconceitos de gênero no esporte. O que chama a atenção depois desses doze anos, mais particularmente nesses últimos quatro, é a quantidade crescente de jogadoras nas equipes que compõem os campeonatos oficiais no país. Aliás, desde a década passada, clubes como *Santos F.C.* e o *Vitória das Tabocas* (PE) têm recebido futebolistas de outras nacionalidades, sobretudo vindas dos Estados Unidos e da Islândia. De acordo com os registros<sup>203</sup> encontrados, as estrangeiras permaneciam curtas temporadas nesses clubes. O gráfico abaixo corresponde às participações de futebolistas estrangeiras a partir de 2012<sup>204</sup> no Brasil:

Gráfico 6 - Estrangeiras em clubes brasileiros



Feminino pela FIFA.

<sup>202</sup> Para mais, ver: <http://www.guerreirasproject.org/>.

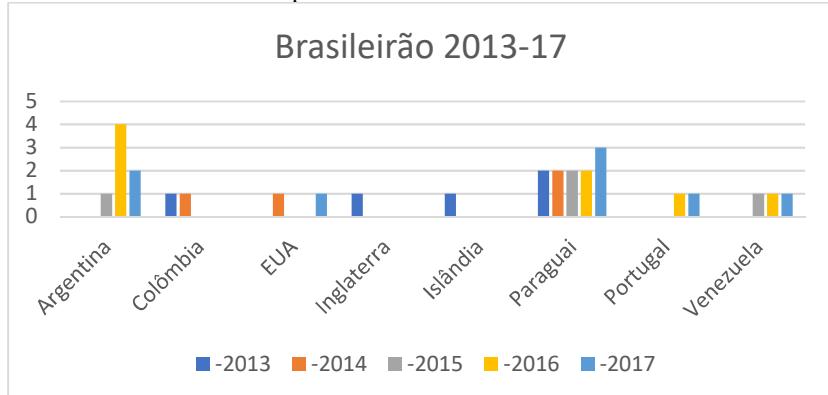
<sup>203</sup> Súmulas de campeonatos.

<sup>204</sup> O ano de 2012 aparece como marco em função da disponibilidade das súmulas dos jogos da Copa do Brasil na página oficial da CBF.

O gráfico demonstra que desde de 2012, existem estrangeiras atuando em clubes brasileiros. No entanto, o fluxo que caracteriza essa mobilidade tem se deslocado. De 2012 a 2015, havia maior variedade nas confederações de origem dessas atletas: CONCACAF, CONMEBOL e UEFA. A partir de 2015, percebe-se a formação – e fortalecimento – de um fluxo específico entre os países filiados à CONMEBOL. Análises sobre a atuação de estrangeiras no Brasil já foram realizadas tanto por Carmen Rial (2014), quanto por Nina Tiesler (2016). No entanto, as pesquisas procuravam dar luz a uma quantidade considerável de futebolistas da Guiné Equatorial no quadro brasileiro e a recategorização do país também enquanto um polo receptor. Como já foi mencionado, cerca de onze brasileiras se naturalizaram equatoriano-guineenses para disputar a Copa do Mundo de 2011, quando o país conquistou a segunda vaga destinada ao continente africano. A vinda de estrangeiras para o Brasil passou a ser mais frequente a partir da reformulação do calendário desse esporte e deve intensificar-se com a criação de equipes de Futebol Feminino nos grandes clubes<sup>205</sup>. Além disso, no último ano, as próprias agências/agentes brasileiras/os especializadas/os em transferências de futebolistas têm assinado contrato com sul-americanas tanto em solo brasileiro, quanto nos próprios países de origens.

O próximo recorte faz referência a todas as edições do Campeonato Brasileiro:

Gráfico 7 - Campeonatos Brasileiro de Futebol Feminino



<sup>205</sup> Em função da nova exigência da CONMEBOL para os clubes de Futebol Masculino.

O aumento de atletas provenientes de países da América do Sul pode demonstrar que a *Libertadores da América* tem assumido um papel importante nas negociações que levam às transferências. Segundo os relatos adquiridos em campo, o convite para que as três futebolistas argentinas viessem foi feito após o torneio: “nós jogamos a semifinal contra elas (*UAI Urquiza*), depois o Léo (técnico) tinha o contato delas no *Facebook* e fez o convite”. Necá e Betina chegaram quase um mês antes de Miriam<sup>206</sup>, o que auxiliou bastante a adaptação da última. Quando perguntei a uma delas o porquê de aceitar a proposta da Ferroviária, ela respondeu:

Vim para o Brasil porque o futebol aqui é profissional. Na Argentina jogávamos numa equipe boa, mas competíamos praticamente com três equipes no campeonato nacional. Aqui o futebol é mais competitivo, está mais desenvolvido tecnicamente. Vim para aprender e para jogar.

A circulação de futebolistas mulheres envolve aspectos que podem contrariar os fluxos migratórios de trabalhadoras/es, concentrados geralmente em direção aos grandes centros urbanos (SASSEN, 1991). Os clubes que mais recrutam no Brasil estão no interior, sobretudo, do estado de São Paulo. O estado apresenta o campeonato mais competitivo do país: das vinte equipes participantes da última edição do Brasileirão Feminino, sete advinham de São Paulo. Ao fazer um recorte das equipes paulistas que receberam atletas estrangeiras nos últimos anos, deparamos com o seguinte quadro:

Tabelas 6 - Estrangeiras que atuaram pelo Campeonato Paulista (2013 - 2017).

Clubes	2012	2013	2014	2015	2016	2017
<b>Audax</b>						Argentina 1
<b>Ferroviária</b>					Argentina 3	
<b>Santos</b>	Sem atividade	Sem atividade	Sem atividade		Argentina 1	Argentina 1
<b>São José</b>				Venezuela	Venezuela	
<b>São Paulo*</b>	Sem atividade	Sem atividade	Sem atividade	Argentina 1	Sem atividade	Sem atividade
				Paraguai 1		

<sup>206</sup> Referente à Miriam Soares, goleira da Seleção Brasileira na década de 1990.

Taubaté		Argentina 1
XV de Colômbia Piracicaba*	1	Paraguai 1

\*Clubes que desde 2012 jogam apenas o Campeonato Paulista.

O quadro mostra que, mesmo que participem apenas no campeonato estadual, os clubes também investem em estrangeiras para compor o elenco. Entretanto, os salários são considerados baixos. Poucas atletas recebem acima de dois salários mínimos. Outro ponto importante está na insegurança dos contratos (ou de não haver contratos) já que, muitas vezes, não preveem nenhum tipo de seguro contra eventuais lesões e acidentes.

Contudo o que pareceu ter chamado a atenção de Necá, Betina e Miriam está mais próximo a uma ideia que misturaria o conceito de *labour of love* a busca por um incremento técnico e de maior visibilidade internacional. São três estratégias de carreira dentro de um mesmo projeto: ser futebolista. Apresentam semelhanças e desenvolvem-se a partir da *trajetória de vida* dentro do *campo de possibilidades* (VELHO, 2003) de cada uma. Em entrevista, todas afirmaram querer jogar na Europa e que jogando no Brasil teriam maior chance de conseguir isso.

As três argentinas assinaram um contrato de seis meses com uma agência de planejamento de carreiras esportivas de São Paulo. Entre as atribuições da empresa está a divulgação de vídeos demonstrativos das habilidades das jogadoras a outras agências semelhantes, ou diretamente a clubes de futebol, na Europa, Ásia e Estados Unidos.

Desde que chegaram ao Brasil, as futebolistas Betina, Necá e Miriam participaram do Campeonato Brasileiro – chegando às semifinais - e do Campeonato Paulista – ainda em andamento. Betina tornou-se artilheira e principal atacante da Ferroviária, mas deixou o clube para jogar em Israel; Necá retornou à Argentina e agora defende a antiga equipe; e Miriam assumiu vaga no *Fylde Ladies* da Inglaterra. O Brasil, como foi dito pelas três atletas, representou tanto uma oportunidade de crescer tecnicamente no futebol, quanto uma vitrine para que suas habilidades pudessem atrair os olhares de outras equipes no mundo. Isso corrobora com a observação de Carmen Rial (2008) de que futebolistas se movimentam circularmente, rodam, como forma de agregar experiências.

Dentro dessa perspectiva apresentada, mais do que um insucesso, a rápida permanência de futebolistas estrangeiras pode representar uma nova configuração no futebol brasileiro. O Brasil pode ser visto não

mais como um *talent exporter* apenas, mas enquanto uma etapa dessa circulação de futebolistas estrangeiras ou do que Williams (2014) irá chamar de intercâmbio de habilidades. Tal perspectiva viria de acordo com o crescimento no último ano de atletas vindas de países da América do Sul, onde o futebol feminino não apresenta um calendário anual competitivo.

Por outro lado, jogar futebol em um país próximo faz com que a atleta tenha mais segurança. Nina Tiesler (2012) percebeu que as futebolistas europeias com aspirações de jogar no exterior, iniciavam a trajetória em lugares mais próximos geograficamente. Isso permite que adaptação em termos socioculturais seja mais tranquila. No caso aqui estudado, mesmo que exista uma barreira linguística, ela é facilmente derrubada pela semelhança entre os dois idiomas. Essa facilidade também auxiliou no entrosamento com as brasileiras, seja dentro ou fora de campo. O conflito maior se deu em relação à comissão técnica e à diretoria do clube.

#### **5.4. Considerações finais sobre o capítulo**

O sonho de ganhar a vida como jogadora de futebol, com o que amam fazer, em um lugar onde o futebol praticado por mulheres seja mais estimulado e/ou possua melhor *infraestrutura*, leva muitas futebolistas a atuarem em equipes fora do Brasil. No entanto, cabe ressaltar mais uma vez que as possibilidades estão bem aquém das ofertas existentes no Futebol Masculino. Mesmo assim, parte dessas futebolistas consegue ajudar seus familiares, ou ainda comprar algum imóvel no Brasil. A conversa que acompanhei entre um auxiliar técnico e uma futebolista durante um treino de campo na *Ferroviária* exemplifica bem a situação. A atleta já havia jogado nos Estados Unidos e, naquele momento, fazia parte da *Seleção Permanente*.

Auxiliar: - Ah, mas agora você está esbanjando aí, né?

Futebolista: - *Tô* nada. Ajudo meus pais. Sempre ajudei. Até quando estava jogando nos Estados Unidos. Eles precisam. Moram bem no interior. Lá não tem nada.

De um modo geral, a literatura existente sobre migração e futebol tem enfatizado a importância de ganho financeiro como a força motriz para a expansão de fronteiras nesse esporte. Mas no caso do Futebol Feminino, vê-se um intercâmbio global ainda em desenvolvimento, ainda que os ganhos econômicos sejam modestos e a atenção da mídia seja baixa. Durante grande parte da minha pesquisa, trabalhei com a perspectiva de que essas jogadoras circulavam por diferentes clubes simplesmente para puder viver do futebol. No entanto, depois desses anos acompanhando futebolistas mulheres, acredito que a opção por circular em campos ao redor do mundo leva em conta outros aspectos.

Entre as várias classificações relativas ao processo de migração de atletas, de acordo com os diferentes projetos de mobilidade, encontrei durante esta pesquisa algumas futebolistas que poderiam ser encaixadas nas categorias de *settlers*, *transnational expatriates* e *transnational sojourner*. Enquanto *settlers*, apresentei o caso de Sara, que emigrou para Portugal com parte da família, sendo o futebol uma surpresa que não fazia parte do projeto inicial – mas que, no momento em que a conheci, era seu foco. *Transnational expatriates* pode estar associada àquelas que saem para atuar em equipes estrangeiras pelo tempo de contrato. Emendam um contrato no outro, de forma a conseguir fazer do futebol sua fonte de renda. As estratégias relacionados a esses casos, levam em conta os ganhos de capital econômico, cultural, corporal e futebolístico. Por fim, as *transnationals sojourner* referem-se às jogadoras que tinham como parte do projeto inicial, a realização de uma graduação – ou parte de uma – em universidades no exterior. Também podemos encaixar nessa categoria, futebolistas estrangeiras – sobretudo, de países onde o Futebol Feminino está bastante desenvolvido – que vêm para atuar em clubes brasileiros como forma de adquirir experiência. Essa última categoria está bastante associada à perspectiva de Botelho e Agegaard (2011) de *moving for the love of the game*.

A grande maioria desses casos está caracterizada pela ideia de circulação – pelo *rodar* (RIAL, 2008) – em vistas ao projeto de estar circulando por diferentes campos, seja no país de origem/residência ou no exterior, mas com planos de terminar a carreira no local de início. Nos últimos anos, esse tipo de movimentação tornou-se mais dinâmica em função da intensificação do trabalho de agentes que passaram a gerenciar a carreira dessas futebolistas.

A intersecção deste capítulo com os três eixos que envolvem esta tese pode ser pensada da seguinte forma:

#### **A. Globalização:**

Podemos perceber que a circulação de jogadoras de futebol brasileiras tem assumido diferentes trajetos. Dessa forma, admitindo essa categoria dentro de um processo de migração laboral, poderíamos pensá-la enquanto rede, de acordo com a proposta de Castells (2002). À primeira vista, a visualização de futebolistas homens enquanto mãos-de-obra/pés-de-obra altamente especializados a clubes de futebol globais (RIAL, 2008) se torna mais evidente. Afinal, todo o Brasil acompanhou as negociações entre Neymar/Santos e Barcelona, assim como de tantos outros craques homens. A comparação é atribuída pela concepção já bastante difundida do grande número de jogadores de futebol que circulam por clubes globais, dos altos valores originados dessas transações e do enorme impacto simbólico que isso proporciona. As mulheres, como já foi dito anteriormente, são contratadas por clubes que nem de longe possuem a mesma emergência estrutural, econômica e midiática. No entanto, fazem parte de um sistema global de economia de serviços<sup>207</sup> bem definido dentro do campo esportivo.

Por outro lado, o panorama que envolve o Futebol Feminino global tem se transformado nos últimos anos. Os fluxos que orientam essas movimentações são efêmeros e dependem da manutenção das redes entre clubes, agentes e jogadoras de futebol. Os números sofrem mudanças de acordo com essa rede, o que faz com que muitas vezes haja uma quantidade, considerada alta em termos de elenco, de brasileiras atuando num mesmo clube – como o caso da Irlanda do Norte, apresentado no gráfico da UEFA. Tudo irá depender da rede de relações, sobretudo, das/os agentes.

No que se refere ao Brasil, observa-se uma mudança significativa: além de um país exportador de aletas, têm apresentado fluxos inversos também, recebendo atletas. Entre os fluxos existentes, podemos destacar as movimentações ocorridas dentro da área que comprehende a CONMEBOL. Além disso, outros fluxos, até então inéditos entre os países da América do Sul, bem como para países como Portugal e Israel, tem promovido a expansão fronteiras.

## B. Relações de Poder

Durante o período que a futebolista se encontra no exterior as relações de poder nas quais ela se encontra envolvida ganham outra configuração que levará em conta tanto o contexto do local, quanto sua

---

<sup>207</sup> Segundo Castells, no setor de serviços está tudo aquilo que não pertence aos setores agrícola e industrial.

própria trajetória de vida. Nos exemplos de Meg e Sara, observa-se grande diferença na forma como as atletas se relacionam com o local onde estão jogando. A interação social de Sara com pessoas que vivem em Lisboa, bem como com a própria cidade, é muito mais intensa: possui amigos lisboetas, percorre vários pontos da cidade, viaja por outras regiões do país, frequenta locais para além daqueles que possuem relação direta com o clube que defende. Meg, por outro lado, vive em função do clube, dentro de uma perspectiva semelhante às “bolhas institucionais” observadas por Carmen Rial (2008) entre os jogadores de clubes globais. Dentro dessas bolhas, sente-se mais segura. Essa é uma das razões pelas quais muitas equipes contratam mais de uma brasileira ao mesmo tempo. Em locais onde existe a dificuldade de comunicação devido ao idioma, essa dependência aumenta.

Nas situações de viagem, as relações com as/os agentes tornam-se mais intensas e é nesse momento que muitas das jogadoras fortalecem os laços de amizade e de confiança com essas pessoas. Dessa relação deriva, muitas vezes, o deslocamento da ideia de propriedade: faz com que as/os empresárias/os delimitem, assim, as redes de relações das futebolistas (STRATHERN, 2014). Numa determinada ocasião, um jornalista publicou uma pequena reportagem com uma jovem atleta que havia deixado o Brasil para jogar em um país da Europa Ocidental. Tratava-se de uma pequena entrevista, com poucas perguntas. Ao tomar conhecimento do ocorrido, o agente acusou o jornalista de assediar a jogadora, afirmando: “minha atleta não foi autorizada a dar entrevista para o seu site”. Ao final, ameaçou tirar a reportagem do ar via medida judicial.

Outra questão que também interfere nas relações de poder envolvendo futebolistas brasileiras no exterior, diz respeito à restrição de uso das mídias sociais, existentes, sobretudo, na China. O país possui, a maior comunidade virtual do mundo e, também, uma das legislações mais rígidas para o uso de plataformas na internet. A China possui suas próprias plataformas de mídias sociais e restringe – ou mesmo proíbe – o uso de aplicativos estrangeiros. Em geral, as futebolistas que vão para o país continuam postando, mas em menor frequência.

## C. Corpo

A situação de mobilidade talvez seja a situação em que a condição de “peça” esteja em mais evidência. Como mercadorias, elas são negociadas entre clubes e intermediárias/os, de acordo com suas

habilidades. O portfólio apresentado pelas agências as expõe de forma direcionada ao mercado pretendido:

*“The player 1” is a Left Back as the best “European Style”. She is **Balanced**, as supports and defends with the same intensity. In addition, she has a good **Technique**, is a good passer – both in short and long Passes – and she has a very qualifid **Free Kick**. “The player 1” is very **Versatile** and can also act in the field, either as Winger, Offensive Midfielder or Midfielder.*

A atleta em questão possui dupla cidadania (brasileira e espanhola), o que é ressaltado no perfil. No entanto, ao contrário dos boxeadores de Wacquant (2000), as futebolistas parecem não ter consciência da exploração de seu corpo e de suas habilidades no mercado da bola – ou, ao menos, não a expressam. Não estou querendo, contudo, atribuir ingenuidade às minhas interlocutoras. A diferença entre essas duas qualidades de atletas está na própria concepção de carreira atribuída às jogadoras de futebol. Ao contrário do boxe, a carreira de futebolista está atrelada a diversas transferências: é assim que alimentam o capital futebolístico e que passam a ser reconhecidas enquanto profissionais. “Peças” ou não, as jogadoras de futebol fazem da sua força de trabalho a mercantilização de seus próprios corpos.

## 6. CONCLUSÃO

Esta tese procurou discutir como as futebolistas operaram as transformações ocorridas no cenário futebolístico nos últimos anos no Brasil, a partir das mudanças na própria concepção de carreira. Nos últimos anos, as noções sobre amadorismo e profissionalismo passaram a ser questionadas. Essa especialização da profissão tem, ao mesmo tempo, influenciado no surgimento de diferentes atrizes/atores – tais como as/os agentes de gerenciamento de carreira esportiva – e pressionado a FIFA – e associações nacionais – a criarem regulamentações que visem a igualdade de gênero no futebol. No entanto, essas mudanças também refletem nas relações de poder que constituem esse universo do Futebol Feminino, reconfigurando o papel de dirigentes de clubes, empresários e atletas. O resultado tem sido observado no aceleração do ritmo das movimentações por transferências de clubes: as atletas estão se tornando “rodadas” mais cedo.

Das quarenta e cinco futebolistas que passaram pela Associação Ferroviária de Esportes em 2016, apenas quatorze permaneceu na equipe até o final da temporada de 2017. Dessas, cinco atuaram como reforços a outros clubes nesse intervalo de tempo. Das restantes: três encerraram a carreira; quinze deixaram a Ferroviária para defender outros clubes brasileiros; e quatorze foram para o exterior – quatro para Portugal, duas para Israel, uma para a Argentina, três para os Estados Unidos; uma para Islândia, três para a Espanha e uma para a Inglaterra. Diante desses dados, e de outros apresentados no decorrer dessa tese, podemos observar que, durante os últimos dois anos, houve um alargamento das fronteiras e fluxos de transferências ligadas diretamente à expansão das redes de relacionamentos entre empresárias/os, clubes, associações nacionais e futebolistas.

Quando nos deparamos com o cotidiano de uma atleta de alto rendimento nos deparamos também com todo um aparato biotecnológico utilizado pelos clubes: equipamentos de musculação; testes de esforço físico; suplementos alimentares; etc. Tudo isso em busca de melhores resultados. Dentro dessa perspectiva, pensar as futebolistas a partir do conceito de *ciborgue*, vai muito além de transpor a ideia entre natureza e tecnologia. Envolve uma série de outras questões que, de certa forma, não parecem ser compreendidas pela equipe técnica e pela diretoria. Algumas delas já foram abordadas no decorrer da tese.

Nesse momento, destaco cinco dessas questões que estão interligadas: o princípio de hierarquia; o controle dos corpos, *projeto, trajetórias de vida e campo de possibilidades*. Torna-se importante salientar que, embora crescente, ainda existem poucas mulheres dentro da área técnica dos clubes/equipes de futebol feminino. Encontramos algumas atuando enquanto massagistas, fisioterapeutas e preparadoras físicas. É muito raro uma mulher estar no comando do time. Portanto o futebol feminino no Brasil, majoritariamente, é pensado e gerido por maioria de homens, seja nos clubes, nas federações estaduais ou na própria CBF.

Atletas, em geral, não têm muita dificuldade em reconhecer e lidar com hierarquias. Ela está presente nos princípios éticos do esporte. Técnica/o e fisiologistas, são chamadas/os respeitosamente de professoras/es. Agentes assumem, muitas vezes, o papel de tutela. Durante esse período em que estive acompanhando a Ferroviária, nunca presenciei nenhuma atleta questionando o saber científico dessas/es mulheres e homens. O que permite um controle mais fácil do grupo, mesmo nos dias de folga. Elas ingerem a suplementação, pré e pós treinos/jogos, seguem a dieta para o grupo, dormem e acordam no horário estipulado.

Acontece que como *ciborgues*, as futebolistas – e todas/os nós – se autoconstroem, constroem seus mundos, em função de um emaranhado de redes nos quais estão interligadas. O que difere as futebolistas brasileiras das estrangeiras que aqui competem, por exemplo, refere-se ao que Haraway identifica como formas de contestação da *informática da dominação*: transição das “velhas e confortáveis dominações hierárquicas” para uma realidade possível ao sistema capitalista altamente informatizado da atualidade. No caso do futebol feminino envolve principalmente as incertezas em relação a cobertura médica e aos ganhos salariais – dia de pagamento, valores, aumentos e *bixos*. Como não existem contratos oficiais, essas questões não ficam totalmente claras entre “contratante” e “contratada”.

Não quero dizer aqui que as brasileiras desconheçam ou estejam passivas às redes que constituem essa *informática da dominação*. A diferença é que as brasileiras sentem muito mais o efeito dessa dominação, quando comparadas às jogadoras estrangeiras no Brasil. Isso fica bastante claro em dois momentos que acompanhei junto ao grupo da Ferroviária:

1º Momento - Diálogo sobre relação entre clube e atleta:

Pessoa 1: Cada clube é diferente, tem sua política. Não dá para fazer como a FULANA que saiu do clube falando mal.

Pessoa 2: Não dá pra sair do clube falando mal, depois fica feio.

Pessoa 1: O mundo roda né, tem que sair bem. Deixar as portas abertas.

## 2º Momento – Entrevista com uma futebolista do grupo:

O futebol feminino no Brasil tem muito que mudar. A maneira como tratam a atleta. A gente tem que limpar a casa (alojamento) por que é mulher. Vai ver se no masculino é assim? Aqui não é profissional. No masculino passa de fase, ganha premiação, no feminino não existe premiação se ganha o campeonato. Mas como que a gente vai falar, entrar na justiça como fizeram as americanas? Não dá. Nunca mais vai puder jogar. Isso tem que vir da torcida. Os torcedores têm que apoiar.

Para as futebolistas brasileiras, a segurança de estar em clube que paga salário, mesmo que seja baixo e nem sempre em dia, acaba desencorajando uma atitude mais enérgica. Além disso, contestar e denunciar pode significar banimento – temporário ou não – do futebol no país. Por outro lado, as estrangeiras no Brasil não sentem o peso dessas ameaças. Se o clube não cumpre com o que combinou, nada as impede de ir embora. Existe a noção que o clube investiu bastante para que elas estivessem na equipe. Existe também o conhecimento de que estão interligadas a outras redes que possibilitam a diferenciação na *negociação* dessa realidade (VELHO, 2003). É nesse ponto que retomo o diálogo com a teoria de Haraway e, também, com a fenomenologia que influenciou, de certa forma, a ambos. Como bem disse a autora, os corpos *ciborgues* são nossos eus, são mapas de poder e de identidade. Eles não são inocentes. São construções e, dessa forma, também podem ser desconstruídos e reconstruídos.

Nas situações em que essas futebolistas brasileiras se encontram em clubes estrangeiros, novamente a forma com que irão interagir com os outros e conceber o *self*, dependerá do quanto envolvida ela se encontra nessa rede em que está inserida e quais forças de dominação atuam sobre ela. Dentro dessa perspectiva, trago novamente a noção das

hierarquias nas relações de poder no Futebol Feminino. As conexões que envolvem clubes, agentes, mídias esportivas e futebolistas, possuem diferentes graus de dominação em função da rede de relações sociais nas quais cada uma/um dessas/es atrizes e atores estão inseridas/os. Os elementos que tornam essa cadeia variável levam em conta as fragilidades legais dos contratos, a manipulação da chamada opinião pública e os movimentos feministas levantados pela igualdade de gênero do campo futebolístico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina C. Current fluxes in women's soccer migration: towards an understanding of circularity of athlete mobility and skills-exchange. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina C (Org). **Women, soccer and transnational migration**. London, New York: Routledge; 2014a. p. 33-49.
- AGERGAARD, Sine; BOTELHO, Vera L.; TIESLER, Nina C. The typology of athletic migrants revisited: transnational settlers, sojourners and mobiles. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina C (Org). **Women, soccer and transnational migration**. London, New York: Routledge; 2014. p.191-215.
- AGIER, Michel. "I. A cidade dos antropólogos" in Agier, Michel. Antropologia da cidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011, págs. 45-100.
- ALMEIDA, Caroline S. **Boas de Bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980 (dissertação). Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS). Florianópolis: 2012.
- ALMEIDA, C.; KLUG, J.; RIAL, C. A excelentíssima torcida e os virtuosos sportsman: higienismo e práticas sociais no Club Sportivo Annita Garibaldi. In: Alexandre Fernandez Vaz; Norberto Dallabrida. (Org.). **O futebol em santa Catarina**: histórias de clubes (1910-2014). 1ed. Florianópolis: Insular, 2014.
- APPADURAI, A. Disjuntura e diferença na economia cultural global. In: **As dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004. Pp 43 – 70.
- ASSIS, Gláucia Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. In: **Revista Estudos Feministas**. v.15 n.3 Florianópolis Sept./Dec. 2007.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; KOSMINSKY, Ethel V. Gênero e migrações contemporâneas. **Revista Estudos Feministas**. 2007, vol.15, n.3, pp. 695-697.

BALE, J.; MAGUIRE, J. **The global sports arena**: athletic talent migrationin an interdependent world. London: Cass; 1994.

BATESON, Gregory. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. São Paulo: EDUSP, 2008. 384 p.

BHABHA, Homi. A outra questão: estereótipo, discriminação e discurso do colonialismo. Da mímica e do Homem: a ambivalência do discurso colonial. IN: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. pp.: 105-149.

BERGER, Mirela. **Corpo e Identidade feminina**, tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2006.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **No reino do quero-quero**: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido. 332 f. Tese (Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BOAVENTURA LEITE, Ilka. Escrever o texto, polir o olhar. In: BOAVENTURA LEITE, Ilka (Org). **Ética e estética na antropologia**. Florianópolis: PPGAS/UFSC/CNPq, 1998.

BOTELHO, Vera; AGERGAARD, Sine. Moving for the love of the game? International migration of female footballers into Scandinavian countries. In: **Soccer & Society**. 12:6, 806-819. 2011

BOTELHO, Vera; SKOGVANG, Bente O. Leaving the core? The imigration of Scandinavian women soccer. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina C (Org). **Women, soccer and transnational migration**. London, New York: Routledge; 2014, p. 117 – 139.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

. **Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_ **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRAH, Avtar. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação. In: **Cadernos Pagu** (26), jan/jun: pp.329-376.

BRAKE. Deborah L. Getting in the game: Title IX and the women's sports revolution. New York: New York University Press, 2010.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAPUCIM E SILVA, Giovana. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista:** entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Mestrado em História – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas, Papirus, 1988.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação:** economia, sociedade e cultura: vol. 1: a sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** 3<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DAMO, A. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França (Tese). Doutorado em Antropologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2005. 332 pp.

ECO. Umberto. **Apocalípticos e integrados ante la cultura de masa.** Barcelona: Editora Lumen, 1973.

EZABELLA, Felipe L. **O agente FIFA à luz do Direito Civil Brasileiro** (Tese). Doutorado em Direito – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009. 148 pp.

FEATHERSTONE, Mike. Genealogies of the global. In: **Theory, culture & Society**, Vol. 23(2–3): 387–419.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. n. 50, vol. 25. São Paulo. p. 316 – 328.

FISHER, Caitlin D.; DENNEBY, Jane. **Body projects**: making, remaking, and inhabiting the woman's futebol body in Brazil, Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. p. 154.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. **Globalization & Football**. London: SAGE, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: Revista Brasileira de Educação Física. v. 19, n. 2. São Paulo: abr./jun. 2005. P. 143-151.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Editora Vozes. Petrópolis 2009

GOLDE, Peggy. **Women in the field**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1970.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

\_\_\_\_\_. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinvención de la naturaleza**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana** [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 7-39.

HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que Barbies e Obras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 375 p.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e Masculinos no futebol brasileiro**. 2006. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. São Paulo. 492 p.

KUNZRU, Hari. **Você é um ciborgue**. Encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 17-32.

LANDES, Ruth. A woman anthropologist in Brazil. In: GOLDE, Peggy. **Women in the field**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 2011.

LINS RIBEIRO, Gustavo. Antropologia da Globalização. Circulação de Pessoas, Mercadorias e Informações. In: **Série antropologia**, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro:** trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo. Editora Terceiro Nome, 2012.

MAGUIRE, J. **Global sport:** identities, societies civilizations. Cambridge: Polity Press; 1999.

MAGUIRE, J. Sport. Labour migration research revisited. **Journal of Sport and Social Issues** 2004;28(4):477---82.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. In: **Annual Review of Anthropology**, Vol. 24, 1995, p. 95 – 117.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, 2003. p. 185- 318.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabeta; HAYNES, Nell; McDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shiriram. **How the world changed social media**. Londres: UCL Press, 2016.

OLIVEIRA, Jainara G. **Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres**. Curitiba: Appris, 2016.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PISANI. Mariane da S. **Foz Cataratas Futebol Clube:** trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol

(Dissertação). Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS). Florianópolis: 2012.

\_\_\_\_\_. **Futebol feminino:** espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. In: Ponto Urbe [online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 21 julho 2017.

\_\_\_\_\_. “**Sou feita de chuva, sol e barro**”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo (Tese). Universidade de São Paulo (PPGAS). São Paulo: 2018.

PISANI, Mariane da S.; ALMEIDA, Caroline S. de. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. **Labrys, Estudos Feministas**, jul./dez. 2015.

RIAL, Carmen. **Circulation, borders, bubbles, returns:** the mobility of football players. Working Paper 111º American Anthropological Association Meeting. São Francisco, november, 2012.

1.

Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./Dez. 2008.

\_\_\_\_\_. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português”: a circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2009. p. 1-22.

\_\_\_\_\_. New Frontiers: The Transnational Circulation of Brazil’s Women Soccer Players. In: Sine Agergaard and Nina Clara Tiesler (eds.). **Women, Soccer and Transnational Migration**. London, New York: Routledge, 2014.

\_\_\_\_\_. **Women’s Football in Brazil:** invisible but under pressure. Copenhagen: Sport as a Global Labor market; Male and Female athletes as migrants, 2010.

RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia G.; THEIL, Larissa Z.; AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em

1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3. Campinas: mai. 2008. P. 73-86.

ROBERTSON, Roland. Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity In: FEATHERSTONE, Mike, ROBERTSON, ROLAND & LASH, Scott. **Global Modernities**. London: Sage Publications, 1995. p. 25-44.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Culture, Society and Sexuality**: a reader. Londres: UCL Press, 1999.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Registros do Futebol Feminino na Revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99 – 113, dezembro/2016.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF/Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SASSEN, Saskia. **The Global City**. New York, London, Tokyo. Princeton. Princeton University Press, 1991: 03-34.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças**: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SEGATA, Jean; RIOFIOTIS, Teophilos (Orgs.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, nº 22, jun/ago. 1994.

SHROPSHIRE, Kenneth L.; DAVIS, Timothy. **The business of sport agentes**. Philadelfia: University of Pennsylvania Press, 2003.

SPAGGIARI, Enrico. **Família Joga Bola:** constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana (Tese). Doutorado em Antropologia Social – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. 470 p.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. **O gênero da dádiva:** problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: UNICAMP, 2006.

TIESLER, Nina. Main trends and patterns in women's football migration. Foomi-net **Online Sources;** 2011. Disponível em:[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6139/1/ICS\\_NCTielerMainTrends\\_SITEN.pdfTiesler](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6139/1/ICS_NCTielerMainTrends_SITEN.pdfTiesler)

\_\_\_\_\_. Three types of transnational players: differing women's football mobility projects in core and developing countries. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2016

\_\_\_\_\_. Um grande salto para um país pequeno: o êxito das jogadoras portuguesas na migração futebolística internacional. **Futebol Português - política, gênero e movimento.** Porto: Editora Afrontamento, 2012

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo o caso do sul de Portugal. In: **Anuário Antropológico**, 95: 1996, p. 161 – 190.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. In: **Maná**, v. 17, n.1, 2011. p. 161 – 185.

\_\_\_\_\_. Cultura enquanto heterogeneidade: biografia e experiência social. In: VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. **Projeto e Metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WACQUANT, L  ic. **Corpo e Alma**: notas etnogr  icas de um aprendiz do boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_. Putas, escravos e garanhões: linguagens de explora  o e de acomod  o entre boxeadores profissionais. **Mana**, v. 6, n. 2, out. 2000. p. 127-146

WILLIAMS, Jean. **A beautiful game**: international perspectives on women's football. 2007.

\_\_\_\_\_. Current fluxes in women's soccer migration: towards na understanding of circulary of athletic mobility and skill-exchange. AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara. **Women, Soccer and Transnacional Migration**. London, New York: Routledge, 2014.

\_\_\_\_\_. “**Women’s Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labor Markets**”, foomi-net Working Papers No. 1, 2011. Disponível em: <http://www.diasbola.com/uk/foomi-source.html>.

## ANEXOS

### Questionário – Ferroviária

1. Nome:
2. Posição:
3. Idade:
4. Local de nascimento:
5. Com quantos anos e como começou a jogar futebol:
6. Clube de origem:
7. Clubes que já defendeu:
8. Perspectivas sobre carreira:
  - a. Já atuou em algum clube no exterior    Sim ( )    Não ( )
    - i. Se SIM, o que levou a jogar em uma equipe estrangeira?
    - ii. Se NÃO, gostaria de defender alguma equipe estrangeira? Por quê?
  - b. O que acha do futebol da configuração/situação do futebol feminino no Brasil?

**Regulamento de Intermediários – FIFA/CBF****ANEXO 1****DECLARAÇÃO DE INTERMEDIÁRIO  
PESSOA FÍSICA**

Nome(s):

Sobrenome(s):

Data de nascimento:

Nacionalidade(s):

CPF:

Endereço Completo (incl. Tel. / Fax e celular):

Natureza da Operação:

Partes Envolvidas:

Cliente(s):

Remuneração Total do Intermediário:

EU,

(Nome completo do Intermediário)

Declaro:

**1.** que, no exercício das minhas atividades como intermediário, acatarei e cumprirei as disposições imperativas de direito nacional e as leis internacionais, incluindo, em particular, as relativas aos serviços de intermediação. Além disso, no contexto do exercício da minha atividade de intermediário, prometo cumprir os Estatutos e regulamentos da CBF, das confederações continentais, assim como os da FIFA.

**2.** que atualmente não exerço nenhum cargo diretivo, na forma estabelecida no item 11 da seção Definições do Estatuto da FIFA, nem exercerei um cargo desse tipo em futuro próximo.

**3.** que gozo de reputação ilibada e asseguro que nunca fui condenado por crime econômico ou por qualquer delito outro que tenha gerado sanção penal.

**4.** que não mantenho qualquer relação contratual com ligas, associações, confederações ou a FIFA que possa resultar em um potencial conflito de interesses. Em caso de incerteza, comprometo-me a revelar o conteúdo do respectivo contrato. Reconheço, ainda, que não há qualquer contrato que possa implicar, direta ou indiretamente, a existência de ajuste contratual ligado às minhas atividades como intermediário, com ligas, associações, confederações ou a FIFA.

**5.** em conformidade com o art. 7, item 4 do Regulamento sobre relações de Intermediários da FIFA, declaro que não aceitarei pagamentos de um clube a outro clube em relação a indenização de transferência, indenização de formação ou contribuições de solidariedade.

**6.** nos termos do art. 7, item 8 do Regulamento das relações de Intermediários da FIFA declaro que eu não aceitarei pagamentos de terceiro, se o jogador for não profissional menor de idade, conforme estabelecido no item 11 da seção de Definições do Regulamento do Estatuto e Transferência de Jogadores.

**7.** que não participarei, direta ou indiretamente, ou estarei associado, de alguma forma, com apostas, loterias, jogos e atividades similares ou negócios vinculados a jogos de futebol. Reconheço, ainda, que não tenho interesse, seja ativa ou passivamente, em empresas, parcerias, organizações, etc., para promovam, coordeneem, organizem ou dirijam referidas atividades ou operações.

**8.** em obediência ao art. 6, item 1 do Regulamento das relações de Intermediários da FIFA, autorizo a CBF a coletar informações de todos os pagamentos de qualquer espécie por mim recebidos de clubes ou jogadores, referentes aos meus serviços como intermediário.

**9.** de acordo com o art. 6, item 1 do Regulamento sobre relações de Intermediários da FIFA, dou meu consentimento às ligas, associações, confederações ou FIFA para obter, se necessário, e com o fim de realizar investigações em todos os contratos, acordos e registros relacionados às minhas atividades como intermediário. Além disso, autorizo as mencionadas entidades a obter documentação de qualquer outra parte que dê assessoria, assista ou participe das negociações pelas quais sou responsável.

**10.** em conformidade com o art. 6, item 3 do Regulamento sobre relações de Intermediários da FIFA , autorizo a CBF a processar e conservar todos os tipos de dados a mim pertinentes com a finalidade de publicação.

**11.** em conformidade com o art. 9, item 2 do Regulamento sobre relações de Intermediários da FIFA, autorizo a CBF a tornar públicas eventuais sanções disciplinares que me forem impostas e informar à FIFA.

**12.** que estou plenamente consciente e concordo que esta declaração seja disponibilizada para os membros dos órgãos competentes da CBF.

**13.** Acrescentar quaisquer observações que possam ser relevantes:

Esta declaração é firmada de boa fé e sob as penas da lei, e, sua veracidade é baseada em informações e documentos que tenho disponíveis. Concordo que a CBF tem o amplo direito de efetuar as averiguações necessárias para verificar as informações aqui contidas. Reconheço ainda que, em caso de alterações nos dados fornecidos após a assinatura desta declaração, que, de imediato, notificarei o fato à CBF.

---

(Local e data)

---

(Assinatura)

\*A Declaração de Intermediário que consiste à Pessoa Jurídica traz o mesmo texto.